



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANTÔNIO MELO FILHO

**VISÕES JORNALÍSTICAS DO URBANO: CIDADE E JORNALISTAS NA
LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA EM TERESINA (1950-2000)**

RECIFE

2017

ANTÔNIO MELO FILHO

**VISÕES JORNALÍSTICAS DO URBANO: CIDADE E JORNALISTAS NA LUTA PELA
SOBREVIVÊNCIA EM TERESINA (1950-2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito obrigatório à obtenção
do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Paulo Moraes
Rezende

RECIFE

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M528v Melo Filho, Antônio.
Visões jornalísticas do urbano : cidade e jornalistas na luta pela sobrevivência em Teresina (1950-2000) / Antônio Melo Filho. – 2017.
222 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Antônio Paulo Morais Rezende.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.
Inclui Referências e anexos.

1. História. 2. Jornalistas. 3. Imprensa. 4. Jornalismo – Aspectos sociais. 5. Capitais (Cidades). 6. Civilização moderna. 7. Representações sociais. 8. Análise do discurso. 9. Representações e discursos. I. Rezende, Antônio Paulo Morais (Orientador). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-100)

Antônio Melo Filho

**VISÕES JORNALÍSTICAS DO URBANO: CIDADE E JORNALISTAS NA LUTA PELA
SOBREVIVÊNCIA EM TERESINA (1950-2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito obrigatório à obtenção
do título de Doutor.

Área de Concentração: História do Brasil.

Trabalho Aprovado em: 13 / 03 / 2017

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antônio Paulo Morais Rezende - UFPE
Presidente

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento - UFPI
Examinador Interno

Profa. Dra. Tanya Maria Pires Brandão - UFPE
Examinadora Interna

Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima - UFPI
Examinadora Externa

Prof. Dr. Jaison Castro Silva - IFPI
Examinador Externo

A meu pai e minha mãe, pelo exemplo de vida pautada na ética e na honestidade.

À minha esposa Simonelly Melo, por seu amor, carinho e doação em todos os momentos. Em especial, aos meus dois lindos e amáveis filhos: Guilherme Santos de Melo e Alexssander Santos de Melo.

AGRADECIMENTOS

O processo de elaborar uma tese tem como característica básica a construção em rede, ou seja, “uma andorinha só não faz verão”. E como em tantas outras realizações, assim se constrói uma tese. A partir desta assertiva:

Agradecemos às muitas pessoas que nos ajudaram; e, neste momento de ansiedade, por causa da conclusão do trabalho, tememos ser injustos, deixando escapar da memória algumas daquelas que contribuíram com a melodia da nossa orquestra.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Paulo Morais Rezende, pela paciência nos momentos em que precisei de sua orientação.

Ao Prof. Dr. coorientador, Francisco de Assis Nascimento.

À Universidade Federal do Piauí e à CAPES, como instituições de apoio.

Aos professores do Doutorado, por se disponibilizarem a se fazerem presentes no Piauí e pelas disciplinas ministradas, bem como a recepção sempre calorosa na Instituição sede – a UFPE.

A todos os colegas do DINTER, em especial Bernardo e Julinete, pelo companheirismo e solidariedade nos momentos difíceis.

À Dona Eliete, com sua eterna simpatia e eficiência no labor da coisa pública.

Aos Professores Doutores da Universidade Federal do Piauí, Carlos Sait, Antônio Fonseca dos Santos Neto e Francisco Alcides Nascimento, pelas indicações bibliográficas, especialmente pelas de fontes primárias disponibilizadas.

Aos meus familiares, por tantas ausências em momentos especiais; entre essas pessoas meu pai, minha mãe e meu irmão Eulálio.

A todos os funcionários do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito – por sua dedicação e comprometimento com os pesquisadores que chegam tão aflitos.

RESUMO

O estudo “As visões jornalísticas do urbano: cidade e jornalistas na luta pela sobrevivência em Teresina (1950-2000)” exige que se analisem aspectos vivenciados no cotidiano dos jornalistas, para que se tenha um outro olhar histórico do citado período, principalmente no que se refere às transformações urbanas e como estes profissionais da imprensa atuavam como profissionais em Teresina. Contudo, para entendê-los, se fez necessário compreender como se deram as mudanças urbanas nas cidades, tendo em vista que se lutava em meio aos desafios e confrontos da modernização da cidade. Para atingir este objetivo, foram reconstruídas as reformas urbanas modernizadoras, os discursos da modernização e como os jornalistas teceram olhares sobre tais transformações. Na segunda metade do século XX, o jornalismo empreendeu novas percepções da notícia, ocasionando mudanças na condução de sua construção, visto que essa passa a estabelecer estreitas relações com o mercado. A notícia passa a agregar à sua natureza um novo valor, que a caracteriza como bem de consumo e de valor mercantil. Ressalte-se que até a década de 1950 a notícia mantinha estreitos laços com a literatura, além de se envolver diretamente com as disputas político-partidárias. Com os diários de notícias tornando-se de natureza expressamente empresarial, a partir da década de 1970, mudam-se os olhares do jornalismo sobre Teresina.

Palavras-chaves: Cidades. Jornalistas. Modernidade. Representações e discursos.

ABSTRACT

The study "The journalistic views of the urban: city and journalists on the struggle for survival in Teresina (1950-2000)" requires that we analyze aspects experienced in journalists' daily life, so as to take another historical view of the period, especially towards urban transformations and how these professionals of the press acted in Teresina. However, in order to understand them, it became necessary to understand how the urban changes in the cities occurred, given that they were fighting amidst the challenges and confrontations of the modernization of the city. To achieve this goal, modernizing urban reforms, discourses of modernization, and how journalists have looked at such transformations have been rebuilt. In the second half of the twentieth century, journalism undertook new perceptions of the news by causing changes concerning its building, as the news began to establish close relations with the market. The news adds to its nature a new value, which characterizes it as a good of consumption and commercial value. It should be noted that until the 1950s the news had close ties with literature, as well as being directly involved in political party disputes. With news diaries becoming of an expressly entrepreneurial nature from the 1970s Teresina's journalism expressions changed.

Keywords: Cities. Journalists. Modernity. Representations and speeches.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 1 | – Avenida Maranhão..... | 110 |
| Figura 2 | – Linotipo..... | 148 |
| Figura 3 | – Jornalista <i>versus</i> Computador..... | 148 |
| Figura 4 | – Documentos de arquitetura moderna..... | 150 |
| Figura 5 | – Documentos de arquitetura moderna..... | 150 |
| Figura 6 | – Concurso de Reportagens..... | 150 |
| Figura 7 | – Greve de 1992..... | 159 |
| Figura 8 | – Greve na TV Antena 10..... | 160 |
| Figura 9 | – Concurso de Reportagens..... | 166 |
| Figura 10 | – Concurso de Reportagens..... | 166 |
| Quadro 1 | – Os maiores contribuintes - Teresina – 1995..... | 39 |
| Quadro 2 | – Presidentes do Sindjor-PI - década de 1980..... | 135 |
| Quadro3 | – Pauta comparada..... | 174 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1.1 | Cidade, modernidade e modernização..... | 13 |
| 1.2 | As fontes..... | 18 |
| 1.3 | Divisão do trabalho..... | 20 |
| 2 | CIDADE E IMPRENSA EM TEMPOS DE MODERNIZAÇÃO..... | 22 |
| 2.1 | Evolução urbana de Teresina e seus desdobramentos em tempo de modernização..... | 23 |
| 2.2 | A economia estadual e expansão urbana no Piauí..... | 24 |
| 2.3 | Rumos da expansão urbana de Teresina..... | 33 |
| 2.4 | Rumos da modernização da imprensa das grandes às médias cidades..... | 40 |
| 2.5 | Quando as peças se transferem do Estado para o mercado..... | 43 |
| 3 | A ATUAÇÃO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PIAUÍ – FORMAÇÃO. TEMPOS CONFLITANTES E A ARTE DA SOBREVIVÊNCIA NA CIDADE EM TRANSE..... | 47 |
| 3.1 | Ser jornalista em Teresina na década de 1980 e as injunções dos tempos.. | 49 |
| 3.2 | A formação do jornalista..... | 50 |
| 3.3 | O ingresso e afastamento da profissão..... | 52 |
| 3.4 | Em busca da veia histórica: resgatando representações associativas como instrumento da luta dos jornalistas por mais espaços e direitos..... | 55 |
| 3.5 | Tentando romper amarras: uma saída chamada alternativa..... | 64 |
| 3.6 | A formação na redação e no exercício da profissão – perfil das redações, continuidades e discontinuidades..... | 68 |
| 3.7 | Jornal empresa, a vez do cliente – mercado publicitário quando o governo é o maior cliente..... | 73 |
| 3.8 | Cidade, jornalismo e jornalistas entre dois fronts: embates políticos e embates econômicos..... | 76 |
| 3.9 | Do jornalista intelectual a assalariado cidadão e as fronteiras espinhosas entre ser jornalista e ser cidadão..... | 78 |
| 4 | JORNALISTAS PELAS VIAS DA TERESINA CENTRO – A INVENÇÃO DA CIDADE METRÓPOLE..... | 82 |
| 4.1 | Teresina na distância – pontos e contrapontos entre passado, presente e futuro..... | 82 |

| | | |
|--------------|--|------------|
| 4.2 | Imagens projetadas para o passado: Teresina provinciana, pacata e bucólica..... | 84 |
| 4.3 | Teresina na distância..... | 85 |
| 4.4 | Teresina a capital interestadual, a metrópole nordestina..... | 86 |
| 4.5 | Por um passado que renove, reconstrua e aceite as conquistas realizadas na Teresina setentista..... | 91 |
| 4.6 | Da cidade portuária à cidade de entroncamentos das rodovias: espaços simbólicos da partida na “Teresina antiga”..... | 96 |
| 4.7 | Olhares reflexivos sobre quadras, largos, praças e ruas da cidade..... | 99 |
| 4.8 | Olhares reflexivos da cultura, costumes e lazer..... | 102 |
| 4.9 | Olhares sobre a gente humilde – pobres urbanos..... | 105 |
| 4.10 | Entre práticas e representações na busca da metrópole integradora – governo em ação – entre desejos saciados e o ovo da serpente..... | 106 |
| 4.11 | Urbanismo, paisagem e edificações urbanas – desencarnando o passado | 109 |
| 4.12 | “Um fraco rei faz fraca a forte gente”..... | 112 |
| 4.13 | Participação popular – futebol como veia da ação civilizadora seus contrastes na cidade confronto..... | 113 |
| 4.14 | Antecipando-se aos fatos: do início das obras símbolos – cidade incompleta, ou metrópole que não aconteceu..... | 117 |
| 4.15 | A construção do Albertão: da concepção do projeto e seus vínculos com a ideia de moderno para Teresina..... | 120 |
| 4.16 | Entre retoques, ajustes e a reinvenção da cidade – imagens ajustadas entre espelhos..... | 128 |
| 5 | COTIDIANO E JORNALISMO: (DES)ENCANTOS E SOBREVIVÊNCIA DOS JORNALISTAS EM TEMPOS DE PROGRESSO EM TERESINA..... | 133 |
| 5.1 | Imagens do jornalismo entre modernos e antigos em Teresina..... | 133 |
| 5.1.1 | Reconstruindo imagens entre o novo e o antigo..... | 133 |
| 5.2 | As cenas do viver em Teresina..... | 141 |
| 5.2.1 | A cidade é do povo como o céu é do condor..... | 141 |
| 5.2.2 | A cidade dos aprendizes de jornalistas: da oficina ao topo da redação..... | 144 |
| 5.2.3 | Dias que correm, o tempo não para!..... | 147 |
| 5.2.4 | Uma cidade no divã dos tempos modernos: a regressão - duas gerações entre três tempos..... | 151 |
| 5.3 | Imagens do jornalismo e a luta pela sobrevivência..... | 156 |
| 5.3.1 | Invertendo o cenário: quando os jornalistas ocupam a cena..... | 157 |
| 5.3.2 | A greve de 1992: O dia em que a terra parou..... | 158 |

| | | |
|------------|--|------------|
| 5.3.3 | A “censura” na democracia e a luta pela sobrevivência..... | 161 |
| 5.4 | Instituições jornalísticas: ação, promoção e assistência /dependência..... | 165 |
| 5.4.1 | As novas formas de regulação e o rearranjo das instituições públicas e privadas em torno das práticas dos jornalistas..... | 165 |
| 5.4.2 | Formação profissional, instituições e jornalistas..... | 170 |
| 5.4.3 | Poder público enquanto externalidades..... | 173 |
| 5.4.4 | Mulheres, cidade e cotidiano – a pluralidade nas novas gerações de jornalistas..... | 176 |
| 5.4.5 | Mulheres jornalistas: novo tema ou novas atrizes..... | 178 |
| 5.4.6 | Eficácia, terceirização e maximização dos lucros..... | 179 |
| 5.4.7 | As mulheres entre as tiranias do tempo: indignações arrebatadas em casa, no trabalho e na cidade..... | 183 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 186 |
| | REFERÊNCIAS..... | 189 |
| | ANEXOS..... | 208 |

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado **VISÕES JORNALÍSTICAS DO URBANO - CIDADE E JORNALISTAS NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA EM TERESINA (1950-2000)**, busca facilitar a compreensão do tema e da problematização proposta; deste modo, tentar-se-á sinalizar, ao leitor, a delimitação do tema.

Em primeiro lugar, são apresentados os jornalistas que atuaram no campo do Jornalismo, na cidade de Teresina, na segunda metade de século XX. O contato com as fontes se fez necessário para, aos poucos, selecionar aqueles que foram capazes de sobressair-se no campo profissional em razão do espaço que desfrutavam na imprensa da cidade.

Desta forma, os jornalistas José Vieira Chaves, A. Tito Filho,¹ Roberto John, Zózimo² Tavares e Kenard Kruel³ foram eleitos os atores principais por representarem falas sobre a cidade, entre práticas e representações na cena jornalística. Para entendê-los, pelo centro e pelas franjas, termina-se por dialogar com outros jornalistas; estes, no entanto, sem a envergadura dos cinco supracitados.

Portanto, entre os nossos personagens selecionados, vê-se uma clara divisão entre duas gerações de jornalistas. Segue-se a lista, sem querer tornar o texto enfadonho, mas pela necessidade de se fazer uma configuração possível entre conflitos e atores da imprensa, ressaltando que suas inquietações não se circunscreviam a uma geração, mas em função da elaboração de suas identidades, acabam por repercutir além de seu tempo. Nesses termos, há de

¹ Jornalista, cronista, advogado, orador, professor, político, Arimathéa Tito Filho nasceu em Barras (PI), em 27 de outubro de 1924 e faleceu em 23 de junho de 1992. Ocupou o cargo de presidente da Academia Piauiense de Letras do Piauí por três mandatos. Destacou-se como uma das “memórias vivas” da história da imprensa do Piauí.

² Zózimo Tavares, entre 1980 e 2000, teve uma história de destaque no jornalismo teresinense, construiu uma trajetória de sucesso como jornalista, foi líder sindical; publicou vários livros de humor político que trouxeram a público memórias referentes ao Estado do Piauí e a capital piauiense. Trabalhou nos jornais *O Dia* e *A Hora*, e, neste, por um período de dois anos. Teve participação na Rádio Difusora; posteriormente volta ao Jornal *O Dia*. Atuou na TV CLUBE – como editor do Bom Dia Piauí; foi Secretário de comunicação da Prefeitura de Teresina (Gestões Wall, Francisco Gerardo, e dois anos da gestão Firmino Filho); ainda atuou como correspondente do Correio Brasiliense.

³ KENARD KRUEL, nasceu em São Luís (MA), a 30 de julho de 1959, formado em Letras Português e Letras Inglês pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Jornalista, presidiu o Sindicato dos Jornalistas do Piauí (três mandatos). Foi diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (Brasília). Foi assessor do presidente da Organização Internacional dos Jornalistas – Armando Rollemberg. Foi coordenador do Projeto Petrônio Portella, do Plano Editorial da Fundação Cultural do Piauí. Foi diretor da Biblioteca Pública Estadual Des. Cromwell de Carvalho, da Fundação Cultural do Piauí, na gestão da professora Aldenora Mesquita, no segundo Governo Hugo Napoleão; foi editor do Jornal da Manhã e do Correio do Piauí. Secretário Adjunto e titular da Secretaria da Comunicação da Prefeitura de Teresina na Administração Heráclito fortes. Obras: em parceria, os livros em Três Tempos (1979); O rio (1980); Dança do Caos 1981); Baião de todos (1996) e Nordeste (1999); Individual: Victor Gonçalves Neto – um anjo Escarlata (1998); Torquato Neto ou a Carne Seca é Servida (2001); e Djalma Veloso – o político e sua época (2006); Os jornalistas e a renovação do sindicalismo no Piauí em parceria com Gervásio Santos.

se considerar a relação histórica entre continuidades e discontinuidades ao se tentar entendê-los na condição de grupo que representa visões significativas sobre Teresina. Se por um lado a ausência de fontes impunha limites a uma melhor compreensão do que se propunha, por outro lado, o contato com falas de outros jornalistas, que se distribuía pelas franjas dos discursos, terminava por contribuir para a nossa análise.

Entre atores da primeira geração, foram encontrados Walter Alencar, Simplício Dias, Celso Pinheiro, Eurípedes de Aguiar, Arthur Passos, Petrarca Sá, Camillo da Silveira Filho, Fabrício Arêa Leão, Alberoni Lemos, Cunha e Silva, João Mendes Olímpio de Melo, Aurino Nunes, Bugyja Brito, Araújo Mesquita, José Lopes dos Santos, Deoclécio Dantas, José de Mesquita, Luiz Belo. Todos afinados e mais inclusos à primeira geração de jornalistas. Esta geração vai sendo engolida, tragada, pela idade, uns já octogenários na década de 1980. Ao longo desta exposição, será possível vislumbrar-se que, além da idade, outros abandonaram o ofício em função de conflitos de ideias. A nova geração chega assim disputando espaços.

A partir de 1980, um novo grupo – na faixa etária de vinte e cinco a trinta e cinco anos, profissionais a desfrutar o vigor da juventude, e no momento da efervescência – ocupa o cenário. Cursos superiores têm início em 1979, com Especialização em Jornalismo; vivencia-se a crise e o fim do regime militar; a globalização em curso no mundo, que se propagava a partir da Inglaterra e Estados Unidos; a sociedade se mobiliza através dos novos movimentos sociais, exigindo participação; realizam-se congressos estaduais de Jornalismo em Teresina; e surge o primeiro Curso de Comunicação Social do Piauí em 1984.

Esses fatos representam assim o combustível para a eclosão de uma nova geração de jornalistas, que se expressa por meio de Roberto John, Kenard Kruehl e Zózimo Tavares, que, entre os profissionais de imprensa, ganharam destaque pela liderança e pela implementação de novo viés nas práticas jornalísticas. Jovens que sonhavam mudar as práticas jornalísticas na cidade de Teresina.

1.1 Cidade, modernidade e modernização

Em Teresina, a *modernidade*, como em outras partes do Ocidente, apresentou certa intensidade. Assim, torna-se interessante analisá-la, em seu cotidiano, práticas e representações, visto que o moderno tem sido fenômeno que marcou os destinos da cidade na segunda metade do século XX. Portanto, este estudo propõe enveredar pelos caminhos (in)certos da cidade, no intuito de relatar historicamente como um grupo de profissionais da imprensa vivenciou tal experiência. Os jornalistas, para sobreviver em meio aos turbilhões das mudanças, são

desafiados pelos tempos modernos, restando-lhes três caminhos: o enfrentamento, a convivência mediada ou a acomodação.

Na imprensa, percebem-se discursos norteadores, nuances, especificidades de tal processo. A cidade dispõe de jornalistas e imprensa que debatem, divulgam e pensam projetos e olhares conflitantes. Nestes, as palavras “*progresso* e *modernização*” guardam a marca distintiva e balizadora dos conflitos de então. A urbe bela, moderna e progressista busca incansável pelo novo. São termos que se fazem reproduzir e alimentar *enunciados* dos discursos que acompanham o desenvolvimento da cidade.

O tão ensejado *progresso* – rumo à *modernidade* e à *modernização* – despertou o interesse de historiadores através de importantes pesquisas realizadas em torno da História da cidade.

Araújo⁴ chama a atenção para o ideário progressista que serve de filtro aos olhares da elite local. A cidade, entre 1877-1914, recebe migrantes vítimas da seca. A historiadora também acena para um possível olhar da imprensa “republicana”, esta, imbuída de certa visão taylorista disciplinadora, termina por rejeitar os pobres urbanos flagelados da seca. Estas levas de “indigentes” eram vistas como corpos estranhos e incômodos às ideias de higienização postas em prática pelo poder público. Civilização e progresso consistiam em matrizes das quais se alimentavam e cultivavam. O cotidiano dos migrantes é visto como forma de resistência àqueles princípios advindos do que se entendia por evolução e progresso no final do século XIX.

Nascimento⁵ chama a atenção para as reformas urbanas ocorridas em Teresina na gestão de Leônidas Melo, mais precisamente no período de 1937-1945. Ele, com singular propriedade, destaca a ação policial do Estado que encetou um projeto de modernização da cidade, chegando a levantar controvérsias em torno da autoria dos incêndios de casas de palhas. Em sua visão, a maioria da população vivia em casa de palha, uma vez suscitando o terror a perspectivas reais de serem consumidos por incêndios criminosos protagonizados, quiçá, por representantes do próprio poder público, num desvio de função, levando aquelas vítimas ao *medo urbano* constante.⁶ A narrativa histórica traz à tona as controvertidas repressões policiais que são associadas à ação do Estado. O Estado Novo é colocado como protagonista de um projeto de modernização e reformas urbanas que tem nas autoridades municipais e estaduais aliados importantes.

⁴ ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino. **Cotidiano e pobreza: A magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Teresina: a cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Melo Filho,⁷ em pesquisa sobre cidades e saber médico, destaca as ações do poder público sob o olhar da higienização. Um projeto nacional de saneamento faz arranjos com os poderes locais, no sentido da construção de uma identidade nacional, que ocasionava reformas e modernização da cidade. O trabalho ressalta o surgimento de políticas públicas, agências de saúde e formas de resistências aos novos hábitos e costumes que negavam as ideias da medicina social urbana.⁸ As ações de saneamento eram impostas à população, bem como as formas de resistência a esses novos paradigmas. Em nome desse progresso, há quem atribua a ele a justificativa da “medicina social urbana” como causa dos incêndios das edificações das casas de palhas, cenário não compatível com a modernização que se desenhava.

Queiroz,⁹ partindo das práticas e representações de intelectuais republicanos que atuaram no final do século XIX e início do século XX, mostra que a relação entre projeto civilizador, reformas urbanas e novas formas de sociabilidades tem aceitação e resistências no meio social. Conflitos se dão entre novos e antigos pensamentos entre literatos de tendências diferentes. A economia mundializada – proporcionadora de novos objetos de consumo e desejo, como o gramofone, a bicicleta, louças e tecidos vindos da Europa – estimulou uma possível *belle époque* em Teresina. O processo civilizador traz uma das primeiras ondas de discussão sobre pensamentos e hábitos modernos desafiadores da modernidade posta em prática na capital, com as transformações urbanas da capital.

Esta ideia de modernidade e de progresso que impregna a cidade de Teresina é perceptível ao longo do século XX. Contudo, a cada geração, acontecimentos e processos, mesmo com aparência de que já existisse ou continuasse, há ressignificação dessa modernidade em razão dos níveis de apropriação dessas matrizes por cada geração de jornalista. Cada tempo torna-se assim desafiador para o historiador discernir suas diferentes periodicidades. O referido século tem mostrado períodos em que se apresentam diversas formas de apreensão e apropriação do que se entende por moderno, novo, antigo e velho. Até mesmo com a transferência da capital em 1852, em que a história oficial elege o conselheiro Saraiva como seu fundador, já se permeavam inquietações entre o novo e velho. Se, num tempo maior, são encontrados períodos diferentes, Chartier pode auxiliar no entendimento dessa diversidade, apropriações e ressignificações:

⁷ MELO FILHO, Antônio. **A Santa Casa**: a República à espera da misericórdia. Teresina, Ano XIV n. 34, nov. 2002. p. 74-83.

⁸ Consultar: FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996. p. 79-98; HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.

⁹ QUEIROZ, Teresinha. Civiliza-se! In: **Os literatos e a república – Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tirantias no tempo**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 28-56.

A apropriação tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) inscritas nas práticas específicas de quem as produzem.¹⁰

As fontes pesquisadas revelam a persistência destes signos do moderno e progresso. Governos que se sucedem mostram-se em busca de projetos para a cidade, em que não se esgota a sensação de sede pelo “novo”, pois os seus governantes, na segunda metade do século XX, dão continuidade a essa busca da modernidade, e vê-se que os atores se multiplicam neste sonho de cidade moderna. No entanto, sente-se que havia algo de diferente no ar, outras questões se faziam motivos de reflexões a nos rodear.

Isso fica patente quando se deita o olhar sobre a problemática sucessória em que se constata a quase obsessão com que os governos se atiram na implementação de projetos e políticas públicas que tragam as marcas do “novo”. Na segunda metade do século XX, esta realidade e a busca pelo sonho de cidade moderna tornam-se visceralmente patentes. Por outro lado, há questões prementes ligadas à realidade cidadina que passam a inquietar o fazer jornalístico.

Neste contexto de efervescência, o *Jornal Retranca* sinaliza, no seio da comunidade jornalística, fortes tenções, embates e posturas nada amistosas, que tinham como origem as mudanças e leitura que marcavam o novo desenho arquitetônico da cidade, que se autotransforma e abre janelas à criatividade.

O *Jornal Retranca* sinaliza fortes tensões entre os jornalistas, sensação de angústia atribuída às mudanças, ressentimentos, às novas tecnologias que passavam a medir forças com o poder e a criatividade jornalística, a nova formação profissional.

— Como historicamente concepções de modernidades contribuíram para tais sentimentos no profissional de imprensa? Como se comportavam cotidianamente os jornalistas, visto que desafios impostos, muitas vezes sem as condições de trabalho, eram dados frente às exigências, como velocidade, capacidade e qualidade da notícia? Como se revelava a cotidianidade tendo que conciliar vida privada e vida pública?

Nesta rede de acontecimentos, o governador Alberto Silva reacende a ideia de progresso e modernização em seus dois mandatos: um na primeira metade da década de 1970 e o outro, na segunda metade da década 1980. A cidade, neste período, é atingida por um conjunto de medidas, notórias quanto à intenção dos poderes públicos em modificá-la. Nesta perspectiva,

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 1990.

torna-se pertinente questionar, ponderar, interpelar como o poder público participava como agência produtora e promotora do progresso.

Assim, a imprensa se envolve significativamente com as propostas de intervenção dos governos na paisagem urbana. Com sua posição já consolidada, e, numa perspectiva de lógica de mercado/mercadoria, chama a atenção para essa nova dinâmica; assim, o lado social do fazer jornalístico não a impedia de se ajustar a esse binômio mercado/mercadoria. Na esteira dessa equação, trabalhadores na área se multiplicavam.

A mídia, em meio à sua já consolidada percepção a partir da lógica de mercado/mercadoria, mais uma vez chama a atenção, para os veículos da comunicação social transformados em empresas logradoras de lucros, como também a contratação de vários trabalhadores assalariados, inclusive jornalistas. Os trabalhadores na área se multiplicavam e daí a necessidade de ver que *novos* olhares poderiam emergir a partir desta *nova* realidade que envolvia o ato e o ator elaboradores da notícia. Neste quadro, sob que ambiente de trabalho ocorria a confecção da notícia?

Pode-se dizer que as tensões claramente atingiam o coletivo dos jornalistas, chegando a afetar-lhes a vida privada. As décadas analisadas trazem a marca da exacerbação do individualismo (não confundir individualidade com individualismo).¹¹ Este parece promover o distanciamento do indivíduo do seu próprio “eu”. Um homem perdido de si mesmo, isolado e na solidão.¹² Esta foi uma das faces amargas da modernidade clássica. Já nos anos 1980, jornalistas parecem travar uma luta em busca de seus direitos, não só trabalhistas, mas de algo que o dignificassem como ler mais, assistir a filmes, promover cultura, viajar, ter educação continuada.

Algumas linhas discursivas apontam claramente para uma visão de que o progresso seria o caminho para a abundância, a liberdade e a felicidade. Alain Touraine,¹³ em *Crítica da modernidade clássica*, faz severas críticas a este tipo de entendimento. Embora o modernismo já tenha lançado críticas ao modelo clássico da modernidade, veem-se sobreviver, de forma

¹¹ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 9-13; 214-225; SADER, Eder. De estruturas as experiências. In: SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências de lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 37-46. Do caráter de classe às configurações sociais. In: SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências de lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 46-60.

¹² TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 9-13/214-225; CASTORIADIS, Cornelius. As significações imaginárias sociais. In: **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982. p. 385-413.

¹³ TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 9-13; 214-225.

utilitária, fortes indícios de uma visão de progresso, numa espécie de continuidade histórica, do qual as cidades modernas se alimentam entre essas Teresina.

Conquanto a ideia de que abundância, liberdade e felicidade estejam intimamente ligadas como a base da modernidade, para Touraine, isso não passa de uma abordagem ideológica constantemente desmentida pela história.

As grandes e médias cidades, por serem submetidas a vultosos projetos de urbanização e expansão de suas malhas urbanas, são sujeitos promotores de discursos em prol do progresso e da sua modernização. São vários os estudos realizados para tentar compreender criticamente as investidas dos defensores do progresso e da modernidade. Se o foco central desses estudos não trata exclusivamente sobre as reformas urbanas e seus atores, termina por evidenciar as teias da modernização experimentadas por cidades como Recife, Teresina, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.¹⁴

Os jornalistas se constituem em peças fundamentais, se autoavaliando nesse processo de modernização, que se faz sentir em todos os âmbitos da vida social, penetrando o cotidiano daqueles que a experimentam, a vivenciam. Chartier,¹⁵ inclusive, vê a possibilidade de o homem reinventar a sua própria história de vida e social ao se apropriar das circularidades dos discursos dados e falados. Suas apropriações por atores diferentes, uma vez associadas às suas práticas sociais, conduzem a mudanças ou à conservação.

Como o jornalista pode conservar, mudar e/ou criar? Em se tratando da *História e o Cotidiano*, Agner Heller¹⁶ afirma que o homem, mesmo na sua generalidade, não consegue se ausentar da sua cotidianidade. Atribui assim à vida cotidiana até mesmo forte preponderância sobre a vida social dos indivíduos e de sua História Geral. Neste sentido, agregamos à análise do presente textos sobre cotidiano dos jornalistas que divulgam a cidade, mas vivem-na também.

1.2 As fontes

Quanto às fontes históricas, são explorados o *Jornal Retranca* e as atas de reuniões do SINDJOR-PI. Com este procedimento, foi possível estabelecer um perfil dos jornalistas quanto

¹⁴ Consultar LOSNAK, Célio José. **Polifonia urbana: imagens e representações** – Bauru 1950-1980. Bauru, SP: EDUSC, 2004; SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; PESAVENTO, Sandra Jatahi. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris. Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002; REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920**. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

¹⁶ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ao seu cotidiano, práticas e representações no trabalho. Percebe-se que o *Retranca* é uma “arena” dos embates das internalidades entre jornalistas vivenciadas multiplamente, tais como pensar sobre a profissão, reflexão sobre conjuntura política, como pensar a cidade, indignação com as precariedades de trabalho na redação do jornal, mas também local onde se estabelecem estratégias para a conquista da dignidade no exercício da profissão com a realização de atividades culturais, como exposição de artes, viagens culturais, promoção do esporte, realização de congressos estaduais de Jornalismo.

Há uma forte ligação entre Jornalismo e Literatura. A crônica, o humor, o romance, livros de memória e a poesia criam vínculos às práticas e representações dos jornalistas por aqui selecionados. Literatura e História nesse caso se complementam, já que essas formas de representações sociais se cruzam interdisciplinarmente. Não há, neste caso, nenhum exagero em se afirmar que a literatura se projeta na pessoa do jornalista e vice-versa nesta pesquisa histórica.

Constitui-se a literatura de ficção, uma vez cruzada com outras fontes como os jornais, em anelamento privilegiado da nossa narrativa Histórica. Com o enredo literário é possível se reconstituírem cenários, tensões tecidas na cotidianidade, momentos festivos. A ficção, como polia, anima o cotidiano real dos nossos personagens. Assim é o caso do humor sarcástico de Zózimo Tavares, entre crônicas e cartuns; as crônicas e poesias na coluna cultura de Kenard Krueel; o cotidiano da Teresina pobre em suas veredas subterrâneas em “Palha de Arroz” de Fontes Ibiapina; ou em Francisco Miguel Moura, com “Estigmas”. Neste romance, o personagem central, Ciro, exemplifica o jovem migrante que, vindo do Interior do Estado do Piauí, para estudar em Teresina, sufoca o seu “eu” a fim de garantir um diploma de doutor e alçar voos nos degraus mais altos da pirâmide social. Todas estas fontes, constituindo-se em rede, terminam por viabilizar uma possível configuração histórica das tensões entre a modernização da cidade de Teresina e a luta pela sobrevivência dos jornalistas. Um tempo marcado por turbilhões que arrastam gerações de jornalistas, e, quem não leva, pode ficar, às vezes, como “estrangeiros”, ou como “sobrevivente”, capaz de se adequar aos novos tempos entre as novas gerações. Outros entre dilacerações dos tempos se entregam a memórias de ressentimentos e mágoas.

Assim, jornalistas e imprensa recorrem à memória para intervir no presente. O passado, como se percebeu, é vivo. Jornalismo, imprensa e cidade mantêm um diálogo entre vivos do passado e os vivos do presente. Um passado com o intuito de mover vivos. Neste caso, matérias do periódico *O Dia* são seletivas em escolher temáticas das celebrações do aniversário da cidade

de Teresina. A celebração espetacular com propósitos de se alavancarem ambientes festivos pela cidade, de glória e de conquistas. Michael Pollak, ao citar Maurice Halbwachs ressalta algo importante:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 1920 e 1930, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobre tudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.¹⁷

Seguindo esta perspectiva da coletividade, sem se desprender do resto do entendimento sobre memória em Halbwachs, uma vez realizadas várias leituras e entrecruzadas fontes hemerográficas e literárias, que circunscreviam aos movimentos dos jornalistas e imprensa na cidade, adotou-se, para esta Tese, o instrumento da entrevista oral temática, com perguntas originárias das fontes anteriormente consultadas, ou seja, as escritas. Neste conjunto, foram realizadas entrevistas e/ou consultas no Acervo do Núcleo de Documentação e Memória (CCHL/UFPI), com Antonio Fonseca dos Santos Neto, Zózimo Tavares, Carlos Said, João Eudes Ramos, Dídimo de Castro¹⁸ e Manoel Fernando Macedo Mendes, as três últimas em parceria com o NUPEM, quando presidíamos este centro de pesquisa e memória.

1.3 Divisão do trabalho

O trabalho de pesquisa está dividido em seis partes ou capítulos. No primeiro, a Introdução, explica-se como se deram a trajetória, divisão e confecção da Tese. No segundo, trata-se sobre as transformações urbanas ocorridas no período estudado, seguido de estudo sobre o processo de modernização da imprensa em Teresina. O terceiro capítulo busca reconstituir e interpretar como a imprensa se associa a agentes públicos no processo de promoção e divulgação do projeto de uma cidade progressista e moderna, mas ressaltando as possíveis brechas que os jornalistas poderiam encontrar para criticar daquilo que discordavam. A imprensa oficial, para legitimar-se, tem o dever de se ancorar como socialmente aceita. Daí a necessidade de se mostrar como zelosa das opiniões contrárias. O quarto capítulo traz um dos períodos marcantes do processo de modernização da cidade na segunda metade do século XX.

¹⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade coletiva. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

¹⁸ Dídimo de Castro, natural de Esperantina, consolidou-se profissionalmente no Jornalismo local, destacou-se em relação ao período pesquisado. Conhecido na crônica desportiva como o polegar, fez dupla com o radialista Carlos Said; a partir de 1962, agregou fama e experiência. Uma parceria que os levou a serem conhecidos como a dupla invencível do rádio.

O quinto capítulo discute como os jornalistas e a cidade de Teresina se reinventam entre práticas e representações e como sobrevivem em um cotidiano marcado por uma urbe em transe. O sexto capítulo são as Considerações Finais. Por fim, as Referências, base fundamental à comprovação do que aqui foi tecido e afirmado.

2 CIDADE E IMPRENSA EM TEMPOS DE MODERNIZAÇÃO

Ao apresentar a escrita sobre as relações estabelecidas entre Teresina e os jornalistas locais, no período 1970 e 1992, no auge de sua expansão urbana, nos vimos desafiados a construir este texto da forma mais acessível. Sabe-se que o pesquisador necessita ser compreendido em seu empreendimento intelectual e prático, bem como proporcionar ao leitor uma possível compreensão dos objetivos a serem alcançados. De imediato, pode-se afirmar que esta experiência poderia ser iniciada de diversas maneiras, pois vários são os recursos textuais e de linguagem que o historiador pode usar na construção da sua narrativa. A ação do historiador, portanto, é marcada por escolhas, entre aquelas à disposição; neste momento passa-se à empreitada.

Teresina cidade, jornalistas e modernização. Três imagens são marcantes; uma fotografia de capa do jornal *Retranca* traz três atores atuantes da imprensa local, quais sejam: Kenard Krueel (presidente do SINDJOR/PI), Arimathéa Tito Filho (ex-presidente da Associação de Jornalistas nos anos 1950) e Cineas Santos (militante da Imprensa Alternativa na década de 1970). A segunda imagem são os escritos de Anthony Gidens, ao discutir o conceito de lugar e espaço, recorrendo à metáfora de encaixe e desencaixe sobre tempo e lugar.¹⁹

A terceira imagem é uma fotografia aérea da Avenida Frei Serafim, no ato da sua reinauguração, invadida por automóveis em 1974, signo e emblema das obras modernizadoras da cidade. A quarta é a vista aérea da cidade submersa, quase encoberta pelas águas das cheias dos rios Parnaíba e Poty, durante o mês de abril de 1985. Entre agruras, crianças brincavam mergulhando nas águas que cobriam parte das avenidas e ruas da cidade.

Por último, imagens de Marcovaldo, personagem de criação literária do escritor Ítalo Calvino. A cidade amanhece coberta pela neve, e, como não podia deixar de ser, o nosso personagem tece um olhar diferenciado sobre aquele fenômeno da natureza. Em vez de assustar-se, Marcovaldo se vê animado e encantado em desfrutar daquele dia que rompia com a rotina do dia a dia. Imagina-se caminhando no meio das avenidas que até ontem eram ocupadas por automóveis.

Partindo desta realidade, ao longo das leituras realizadas, não nos deixamos encurralados ou engessados por conceitos e teorias que aprisionassem as perguntas e possíveis compreensões da cidade. Ao contrário, várias leituras decorridas de vários anos nessa lida e

¹⁹ GIDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. p. 25-37.

tentativa de compreender as cidades foram de significativo auxílio na análise e compreensão do urbano. Pode-se afirmar que nossos atores e a cidade são sujeitos muito complexos, influenciados e atravessados até mesmo por tempos e espaços históricos diferentes, apresentando-se para nosso olhar historiográfico como encaixes e desencaixes. Com base nessa percepção, trata-se de histórias de vidas humanas, merecedoras, portanto, de todo nosso cuidado.

A primeira análise da situação pode dar em um aspecto; no entanto, vista de um ângulo mais distanciado, ou mesmo mais de perto, através do cotidiano, a realidade pode ser outra. Assim, sensibilidades, suscetibilidades, representações culturais e práticas cidadinas não se apagam por força de projetos urbanísticos autoritários, ou mesmo em meio à democracia; suas construções são históricas, culturais, imaginárias, vão-se as instituições, enquanto entidades físicas, mas persiste a “materialidade cultural” envolta de seus valores e seus vestígios nem que sejam fragmentados. Estes não morrem de imediato, podem ser retomados e ressignificados, mantendo assim a sua força enquanto continuidades históricas.

Logo, qualquer esforço de entender o processo de modernização das cidades, especialmente para este ambiente dos tempos modernos, qualquer olhar absoluto e totalizador deve causar estranhamento a essa realidade marcada pela diversidade, pelos opostos e confrontos, que terminam indo irremediavelmente ao campo da negociação, dos diálogos. Assim procedendo obtêm-se momentos ou tempos, curtos ou médios, de relativa estabilidade político-social.

2.1 Evolução urbana de Teresina e seus desdobramentos em tempo de modernização

Analisar a atuação dos jornalistas profissionais do Piauí na cidade de Teresina, no período correspondente a 1970 / 1992, nos conduz irremediavelmente sobre como se deu a evolução urbana de Teresina. Para tanto, faz-se jus, entre várias leituras realizadas ao longo desses anos, lembrar de um trecho escrito por um estudioso da geografia urbana da cidade: “toda pesquisa motiva outras por chaves de pesquisas deixadas ao meio do seu caminho”.

Depois de analisar a expansão da malha urbana de Teresina, Façanha,²⁰ conforme Bandeira,²¹ ao avaliar as três fases de inserção do Piauí na divisão do trabalho no Brasil, como também na divisão internacional do trabalho, deixa uma pergunta no ar, ou seja, uma vez a

²⁰ FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina**. Dissertação (Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998. p. 55-57.

²¹ BANDEIRA, William Jorge (Coord.). **Análise do processo de urbanização no Piauí**. Teresina: CEPRO, 1985.

cidade expandida geograficamente: – Quais agentes e sujeitos atuaram em tal processo? Esta pergunta se incorporou ao nosso conjunto de questionamentos, sem se apagar das nossas inquietações: “a ausência de reflexões sobre classes sociais, sobre condições de moradia, sobre relações de produção, entre tantas outras, faz com que o espaço de Teresina, seja interpretado apenas à luz de uma abordagem meramente espacial”.

Façanha afirma que sua preocupação seria realizar uma avaliação geral, envolvendo processos, agências, agentes. Esta abrangência terminou por deixar várias possibilidades de pesquisas, visto que a sua pesquisa apresenta uma visão geral, mas deixou margem às seguintes perguntas: — E os jornalistas e a imprensa, como participaram deste processo?

Percebemos ao longo do desenvolvimento de pesquisa de Mestrado como a imprensa se torna um canal privilegiado de anúncios e opiniões desse processo do crescimento urbano da cidade de Teresina. Assim estava plantada uma das primeiras sementes das nossas interrogações.

O contato intenso com a leitura de jornais locais nos impeliu a um universo de dúvidas sobre como havia se dado o processo de crescimento da cidade, e o contato com as fontes nos foi revelando gradativamente que a cidade havia sido alvo de um processo de modernização com o intuito de torná-la moderna. Mas como a própria pesquisa desenvolvida pelo citado geógrafo, os sujeitos envolvidos eram vários. Já tínhamos visto inclusive a atuação dos agentes da saúde. No entanto, aproveitando vasto material de fontes levantados entre 1997 e 2005, quando do levantamento de parte das fontes hemerográficas usadas, sentimos a curiosidade de pesquisar como o agente da notícia participou deste processo de urbanização e modernização. Por isso os estudos de Façanha, Gonçalves e Bandeira nos auxiliam na compreensão dos objetivos a serem alcançados. Só que desta empreitada com percepção que deve se ater ao historiador.

2.2 Economia estadual e expansão urbana no Piauí

Uma avaliação entrecruzada de Façanha e Bandeira nos possibilitou organizar um entendimento e análise da evolução urbana de Teresina, sob três perspectivas vetoriais em relação a expansão urbana da cidade: diretrizes do crescimento da economia estadual do Piauí; diretrizes da expansão urbana no Piauí; e direções da expansão urbana de Teresina. Como se pode observar, Teresina é visada como cartão postal do Estado Piauí. Uma vez diagnosticado este desejo de posição de cidade pórtico do Piauí, a relação entre desenvolvimento econômico

do Estado e sua capital torna-se de fundamental importância para os argumentos a serem elaborados.

Segundo Bandeira,²² o Piauí conheceu entre 1852 e 1940 dois tipos de divisões do trabalho. E, entre 1850 e 1900, ficou submetido a uma divisão de trabalho limitada ao Brasil. No período de 1900 e 1940, as diretrizes passam a ser ditadas pela divisão internacional do trabalho. Tanto Façanha quanto Bandeira vinculam o processo de monetarização e inserção da nossa economia aos horizontes maiores e complexos desta expansão e diversificação da economia do Estado.

Para o primeiro período, o Estado apresentou espaços urbanos acanhados, com pouca circulação em moeda que viabilizasse pelo menos o setor terciário, no comércio urbano. O fato de a escravidão manter-se firme, pois a economia baseada na pecuária e agricultura de subsistência, não animava a expansão urbana das cidades do Estado. A inserção de produtos comercializáveis se mantinha restrita a uma pequena elite, sem possibilidades de desenvolver-se, o que mais à frente passou a chamar-se consumo em massa.

A partir do surgimento e desenvolvimento da economia extrativista, com os produtos maniçoba, carnaúba e babaçu, inclusive voltada à exportação para o exterior, começa um ciclo de expansão urbana e progressivo. Segundo Façanha:

Nos primeiros anos do século XX, iniciou-se uma nova dinâmica espacial das cidades piauienses. A conjuntura econômica foi alterada, provocando novas relações entre os diversos centros urbanos do Estado e da região, e quebrando o ciclo de hierarquia existente na segunda metade do século passado.²³

Com base na citação, pode-se afirmar que se trata de importante modificação, firmando-se definitivamente um Estado mais desenvolvido na área Cento-Norte do Piauí, com destaques para Teresina e Parnaíba. A primeira, como carro-chefe da administração estadual, concentrando serviços privados e burocráticos de Estado. A segunda, como porto de exportação e importação de bens de consumo e de exportações. Como entrepostos a estas duas cidades, Floriano, Amarante e União todas à margem do rio Parnaíba. Este leito fluvial era considerado, à época, pulmão propulsor do desenvolvimento.

Façanha, ao interrogar-se sobre quais seriam os impactos dessas transformações no processo de urbanização do Piauí, recorre a Bandeira:

Tal desenvolvimento foi possibilitado por importantes modificações nas relações de trabalho nas unidades produtivas, as quais já não eram mais

²² BANDEIRA, op. cit., 1985.

²³ FAÇANHA, op. cit., 1998, p. 55-57.

escravistas, e sim semimonetarizadas, na medida em que parte da reprodução da força de trabalho utilizada era remunerada em dinheiro, permitindo a formação de um incipiente mercado de bens. Além disso, ao longo do Vale do Rio Parnaíba, desenvolveram-se cidades que recolham os produtos extrativos para serem enviados às casas exportadoras em Parnaíba-PI e Tutoia-MA, ao exterior. A renda gerada com a atividade exportadora ocasionou também maior desenvolvimento da burocracia estatal e, com isso, grande crescimento da demanda urbana por produtos alimentares, levando a uma maior comercialização dos produtos agrícolas.²⁴

Teresina, entre 1900 e 1940, embora tenha apresentado em termos relativos crescimento inferior a outras cidades portuárias às margens do Parnaíba, ganha notoriedade por se tornar o principal centro urbano do Piauí.

É interessante perceber que as atividades extrativas exportadoras e o crescimento demográfico estabelecem condições favoráveis ao desenvolvimento de outros centros urbanos, como as cidades de Parnaíba, Floriano e Piripiri. Estas inclusive com crescimento populacional relativo maior que o da capital. Como cidade administrativa, a cidade de Teresina passa a apresentar atrativos em serviços prestados às outras cidades beira-rio. Aos poucos, como define Rolnik, a cidade vai se tornando uma espécie de ímã. Teresina se coloca no centro de uma rede de relações urbanas. As embarcações que partiam de Teresina mantinham trocas e serviços, contribuindo para engendrar circularidades indispensáveis às cidades que desejam chegar ao patamar de moderna.

Consolidadas as cidades que se mantiveram dinamizadas por conta da atividade econômica extrativista, com uma dinâmica espacial urbana em consonância com a maioria das cidades brasileiras que tinham no comércio o elemento central da sua condição de cidade com características, mesmo que fragmentadas de modernas, estas apresentavam uma circularidade de grupos sociais, de atividades culturais, de negócios comerciais, bem como demandas e traçados arquitetônicos de feição também urbano. Segundo Queiroz, novas formas de sociabilidades começam a alimentar um certo burburinho urbano, característico de outros centros urbanos, tais como: companhias teatrais, o cinema; festas como saraus, uma imprensa marcada por embates políticos; e polêmicas religiosas, fruto das polêmicas entre intelectuais do final do século XIX e início do século XX. O romancista e jornalista Abdias Neves deixa o registro de imagens dessa Teresina que ensaiava seus passos na estribe de uma modernidade inacabada. O gramofone, o automóvel, a bicicleta, o futebol e o carnaval vêm somar-se a esse

²⁴ FAÇANHA, op. cit., 1998, p. 58.

ambiente que, sem retorno, ingressou nos quadros do urbanismo moderno.²⁵ Essas atividades estendem seus tentáculos às cidades de Amarante, de Floriano e àquelas do Centro-Norte.

Na década de 1950, encerra-se o ciclo da economia extrativista. Os produtos piauienses que tinham demanda e aceitabilidade no comércio internacional entraram em franco declínio, ocasionando mudanças no quadro estável das relações econômicas entre as cidades que se situavam à margem do rio Parnaíba.

No final da década de 1950, e no decênio seguinte, um novo contexto nacional e regional vem a se configurar com uma reestruturação do Estado. A era do desenvolvimentismo sinaliza claramente a favor de um Estado como elemento animador, por vezes até mesmo interventor em favor da modernização do País.²⁶ A modernidade viria acompanhada de equipamentos adequados à sua implementação, o seu treino e a sua existência. Esta “máquina moderna” teria que dispor de seus instrumentos, definidos como urbanos, sem os quais não se atingiria a modernidade.

Teresina, até 1940, restringia a sua espacialidade urbana a um condicionante natural: a cidade se espremia entre os dois rios Poti e Parnaíba. A cidade se afunilava rumo ao encontro dos dois rios no sentido Norte-Sul, tendo seu crescimento no sentido da base do funil. Interligar a cidade no sentido Centro-Leste tinha como obstáculo natural a barreira natural do rio Poti. Para expandir neste sentido havia a necessidade de novas tecnologias da Engenharia Civil que não se dispunham à época, além dos investimentos que exigiriam grande monta.

Na opinião de Façanha e Bandeira, a urbanização no Piauí ganhou mais força a partir de 1950.²⁷ As conjunturas nacional e regional, que se modificavam naquele momento, iriam contribuir para que se ampliassem os níveis investimentos federais no Piauí’, consolidando a cidade de Teresina como principal alvo dos recursos advindos da União”.²⁸ Esta linha de

²⁵ Cf.: QUEIROZ, Teresinha. Cinema invenção do diabo? In: **História, Literatura e sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 41-53; QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas Anticlericais. In: _____. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 69-82.

²⁶ MANTEGA, Guido. O nacional-desenvolvimentismo. In: **A economia política brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 23-76.

²⁷ As mudanças econômicas redinamizadas com o Estado desenvolvimentista podem ser assim resumidas: Houve a necessidade de atender ao capital industrial que fez com que o Estado Oligárquico, enraizado no capital cafeeiro, começasse a assumir novas funções, transformando-se em um Estado de configuração desenvolvimentista; com a década de 1920, parte do capital cafeeiro é convertido para promover o nascimento de uma indústria incipiente; a intervenção do Estado na passagem da economia pautada na agricultura para caráter comercial e industrial vai se revelando uma prática cada vez mais corrente no Brasil. O Estado tanto passa a proporcionar a infraestrutura necessária, como também passa a ter um papel financiador da grande indústria; cria-se assim ambiente favorável a acumulação do capital industrial, além de “garantir forte proteção às importações concorrentes”. O Estado brasileiro atua assim como peça da acumulação do capital, intervindo inclusive como estimulador e controlador das demandas internas de mercado; assim o Estado fora nos anos pós-1950 agente das relações entre governos, empresas nacionais e capital internacional (Ver: MANTEGA, op. cit., 1990, p. 23-76).

²⁸ FAÇANHA, op. cit., 1998, p. 63-66.

argumentos converge ainda para o entendimento de que as décadas de 1970 e 1980 se configuraram como tal, tendo como ponto de partida as medidas encetadas naquele momento crucial da crise da economia extrativista e a maior inserção Estado do Piauí ao processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Durante o período democrático (1945-1964), com base na leitura atenta de Santana, percebe-se essa busca do seu desenvolvimento com decisiva participação do Estado.²⁹ Santana é visto como piauiense defensor destas ideias, com base em seus artigos escritos para o Jornal *O Dia*.³⁰

Em termos nacionais, e locais,³¹ os alcances e esforços em favor da industrialização, atingindo regiões e Estados, passam a ser referencial identificador indelével dos estágios da modernidade. O governo Chagas Rodrigues no Piauí é considerado um dos precursores desses ideais de industrialização. No entanto, há de se relativizar essa compreensão ao ser posta em prática no Piauí. As condições de realização da modernização de um Estado por meio da transformação do seu setor produtivo, no caso, na mudança ou implantação da sua configuração industrial, envolvem ideias e esforços nem sempre bem-sucedidos, quando se trata de nações com quadro anacrônico de subdesenvolvimento social e econômico, se comparadas às nações mais desenvolvidas. Mesmo assim, Santos faz importante reflexão a se considerar:

O termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua mais ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamentos do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (...) e ativa o próprio processo de urbanização. Essa nova base econômica ultrapassa o nível regional, para situar-se na escala do País; por isso, a partir daí uma urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas, naturalmente, as capitais de Estados.³²

Teresina se enquadra na maioria dos aspectos elencados por Santos. As elites locais, entre elas os jornalistas, passam a se incluir em um tipo de razão instrumental que viabilize não só o projeto local de modernização, mas este integrado ao projeto nacional de desenvolvimento. Nesse caso, secretarias de Estado, fundações e companhias de desenvolvimento, algumas vinculadas ao governo estadual, passam a desenvolver papel indutor do desenvolvimento econômico. A COMDEPI, a Secretária de Indústria e Comércio e a Secretaria de Turismo são

²⁹ MANTEGA, op. cit., 1990, p. 23-76.

³⁰ CENTRO DE ESTUDOS PEUIENSES. Teresina, *O Dia*, 20 dez. 1953, s/p.

³¹ SANTANA, Raimundo Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. Teresina: Cultura, 1964.

³² SANTOS, 1993, p. 27. In: FAÇANHA, op. cit., 1998, p. 66.

exemplos desse novo rearranjo institucional para viabilizar o desenvolvimento do Estado e da capital piauiense.

— Como compreender uma associação ou estrutura sindical tão pesada de jornalistas para um número tão pequeno de profissionais ainda nas décadas de 1950 e 1960? Conforme afirma Santos, viabilizar aquela sociedade moderna e industrial implicava em transformações “em sua mais ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamentos no seu território para torná-lo integrado”, que pode ser como a expansão do consumo em suas formas diversas, o que na realidade impulsiona a diversificação das relações e grupos sociais.

Os jornalistas locais passam a ser alvo desse projeto, não só como intelectuais, mas como potencial grupo a incluir-se nessa rede social complexa. Uma nação industrializada depende de um mercado consumidor que extrapola a classe operária. Uma classe média consumidora das novidades de consumo que vai da lâmina de barbear ao automóvel.³³ Portanto, a classe dos jornalistas aqui analisada se insere como complexo grupo social submerso às mudanças que ocorriam em nível nacional e regional, imersos entre desejos, ações e grupo social almejado de um projeto mais amplo. Neste caso, as análises de Façanha, Santos e Figueiredo³⁴ corroboram o raciocínio que desenvolvemos para a emergência do jornalista profissional no Piauí e seu envolvimento com a modernização em trâmite.

Para Mantega, vê-se uma classe média animada por estes mecanismos de intervenção do Estado como regulamentador das variáveis de consumo. Este processo engendra para as décadas de 1970 e 1980 um quadro social em que os jornalistas despontam como grupo pressionador de demandas daquela classe em que se pode afirmar que o *Jornal Retranca* pode ser comparado a uma verdadeira passarela destes sonhos e ações. E, se reprimidas na década de 1970, o decênio seguinte desponta como uma explosão em busca das liberdades democráticas, estas confundindo-se em parte aos desejos de consumo. Desejos liberdade e/ou consumo, fronteiras difíceis de definir, onde começa uma e termina outra.

Com a criação da SUDENE em 1959, órgão do governo federal com sede na cidade do Recife, inaugura-se um ciclo de investimentos na região Nordeste, diferente do que se havia presenciado com o Antigo DNOCS. A política nacional/desenvolvimentista tinha como meta fomentar a integração nacional via instituições indicativas da presença do Estado. Abreu, ao diagnosticar o fim de um período marcado pela crise da economia extrativista, enfatiza também

³³ FIGUEIREDO, Anna Camargo Moraes. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada**: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Hucitec, 1998.

³⁴ Id. Ibid.

o papel do Estado desenvolvimentista, ressaltando outros elementos que vão redefinir o papel de Teresina no contexto regional:

Com a falência do modelo de base de exportação e conseqüente tentativa de reestruturação da economia nacional em ‘termos de modelo de importação’ (início dos anos 1950), a situação econômica do Estado se agrava. Caem os preços da carnaúba e da amêndoa do babaçu provocando falência em muitos comerciantes. Parnaíba perde importância no cenário estadual e Teresina assume realmente a liderança da economia piauiense, integrando-se com o Estado e o restante do país. O seu papel dinâmico que antes se verificou, via comunicação fluvial, *é enfatizado agora com abertura de estradas* (grifo nosso). Assim o município Teresina comporta-se a partir de 1940, como centro de atração das populações procedentes do interior de sua região quanto do Piauí.³⁵

Mesmo a cidade já despontando e consolidada com o novo arranjo no contexto nacional e regional, o governo Alberto Silva (1970-1974) carregou forças para engendrar, em termos das representações, imagens discursivas de uma Teresina com novos marcos históricos das origens e dos ideais da sua modernização na cidade. Na década de 1970 são potencializadas em termos publicitários todas aquelas conquistas que vieram a se somar as reais massas de recursos repassados pelos governos militares. As mensagens de governo deixadas como registros não deixam dúvida. O governo desenvolve uma campanha divulgada via imprensa, estabelecendo local e voz discursivos das “grandes realizações da cidade progressista e moderna”. Alberto Silva atribui aos governos militares parceiros imprescindíveis de uma obra-prima da modernização de Teresina.

A construção de estradas rodoviárias, que se envolvia no desenvolvimento econômico nacional, constava dos planos de metas de governo. A malha rodoviária asfáltica em expansão viabilizava parte dos vantajosos recursos introjados no Estado do Piauí, raros no decorrer de sua História. Esta prática consolida uma dependência crônica das finanças estaduais ao tesouro nacional.

O que se expôs acima dá para se concluir que as teias de dependência dos municípios do Interior do Estado em relação à capital piauiense também se tornam mais profundas e complexas. A propaganda governamental que atinge a população interiorana termina por estimular uma migração sem precedentes na história da cidade. Em 1960, Teresina tinha uma população de 142.961 habitantes e ultrapassa os 400 mil habitantes na década de 1980.

Abreu traz elementos que reforçam o que se acaba de afirmar:

³⁵ ABREU, Irlane Gonçalves. **O crescimento da zona leste de Teresina – um caso de segregação?** Dissertação (Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983. p. 11.

Através da política federal inaugurada na década de 50 que objetivou reestruturar a economia da região nordestina com um estabelecimento infraestrutural, do que a abertura de estradas foi um dos elementos importantes, Teresina tornou-se fortemente ligada, por conexões rodoviárias à região nordeste e ao restante do país. Este fato possibilitou que a capital piauiense assumisse o papel de cidade polarizadora de uma vasta área ao seu redor.³⁶

Outra característica marcante de Teresina ao se desdobrar nesse novo papel socioeconômico regional é que a cidade vai assistir ao surgimento de novos atores sociais, entre eles os jornalistas. Estes passam a prestar serviços variados frente à diversidade cidadina, como assessores de imprensa, publicitários, ou mesmo empresários do ramo da notícia.

Novas empresas privadas e estatais passam a ocupar a paisagem urbana de Teresina, fomentando uma classe média consumidora através de seus quadros de empregados. Abreu chama a atenção para a existência das mesmas, vinculando-as às novas metas da política desenvolvimentista levada a cabo pelos governos estadual, federal e municipal.

A industrialização é algo indissociável dos investimentos em energia elétrica. Abreu dá destaque à criação da COHEBE. A empresa foi criada com o objetivo de construir a Usina Elétrica de Boa Esperança. Teresina foi diretamente beneficiada com a sua instalação. Em 1969, o consumo de energia era de 20.000 Mwh, tendo em 1980 um consumo de 365.215 Mwh. Abreu está entre autores que seguem linha argumentativa de que Teresina experimentou um tipo de modernidade inacabada: “Em termos estaduais, entretanto, o alcance maior que poderia ter sido obtido com a criação da COHEBE – a instalação industrial em ritmo mais acelerado – não concretizou”.³⁷

Outras estatais vêm a se consolidar na esteira desse modelo econômico. Aquelas passam a se posicionar entre as maiores empresas do Estado do Piauí. Destacam-se os seus prédios e instalações com arquitetura arrojada e moderna que passam a ocupar a paisagem urbana da cidade de Teresina. Entre os edifícios que rompem a barreira dos oito andares, e encravados na tradicional Avenida Frei Serafim, destacam-se os da Telecomunicações do Piauí S.A. (TELEPISA) e da Águas e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA). A primeira na ponta Oeste da moderna alameda, a outra na ponta Leste.

No campo creditício e financeiro, devido ao incremento comercial verificado com a integração nacional ao mercado brasileiro, surgem novas agências bancárias, entre filiais financeiras do Sul-Sudeste, ou a transformação do antigo Banco Agrícola do Piauí, em Banco

³⁶ ABREU, op. cit., 1983, p. 11.

³⁷ Ibid., 12.

do Estado do Piauí S.A.³⁸ O Jornal *O Dia* dá destaque fotográfico à torre, ou melhor, ao prédio de mais de dez andares, que passava a concorrer com a arquitetura da “cidade antiga”. Curiosamente o ângulo concebido à fotografia coloca de um lado a “força imagética do novo e difícil”, do outro a torre da primeira igreja da cidade, Nossa Senhora do Amparo, em franca desvantagem em seu comprimento vertical. Sob a base da fotografia palavras denotativas e de reconhecimento ao progresso, uma Teresina que não resistia aos deveres e encantos com o progresso.

A expansão da máquina pública administrativa, associada à expansão daquelas outras áreas do setor produtivo, vem acompanhada de crescimento populacional desproporcional. Assim há um incremento também de funcionários públicos que passam a habitar antigos e novos bairros da cidade. Segundo Abreu, novos estabelecimentos surgem desmembrados de antigas repartições do Estado.

Uma vez detectada essa nova dinâmica espacial, econômica e regional, assumida por Teresina, Abreu afirma que:

Esses elementos todos conjugados fizeram de Teresina, realmente um centro dinâmico e polarizador do Estado e de uma região, notadamente os municípios próximos do vizinho Estado do Maranhão, como Timon e Caxias. O primeiro, por situar-se do outro lado do Rio Parnaíba, defronte de Teresina, usufrui de grande parte dos serviços oferecidos pela capital – energia, telefones, comércio mais sofisticado, serviços médicos e hospitalar, educação e transporte urbano. Deste modo a cidade de Timon pode mesmo ser considerada um bairro populoso de Teresina. Quanto a Caxias, outrora vigoroso centro comercial, tornou-se, embora em menor escala, do que Timon, dependente de Teresina com relação a certos serviços que oferece. A nível Estadual Teresina polariza grande parte dos municípios piauienses, à exceção daqueles situados nos limites com o Ceará (Fronteiras), Pernambuco (Pe. Marcos, Simões, Paulistana) e Bahia (São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Anísio de abreu, Caracol, Bom Jesus, Avelino Lopes e Curimatá, Parnaguá, Corrente, Cristalândia e Barreiras do Piauí) em razão da *precariedade das estradas que ligam a capital* (à época – grifo nosso) a estes municípios, especialmente na época das chuvas. A construção das estradas BR-230 (Transamazônica) permitiu uma intensa movimentação rodoviária no trecho Picos – Florianópolis – Teresina – Norte do Maranhão e Pará, bem como das rodovias BR 316 e 226 permitiram a ligação Teresina – Brasília, a primeira por Pernambuco e a segunda pelo interior do Maranhão.³⁹

Uma cidade com forte influência regional, associada a seu forte papel como entroncamento rodoviário, com intensa propaganda publicitária em torno dos serviços prestados por Teresina, todos esses fatores terminaram por atrair significativa leva de imigrantes,

³⁸ ABREU, op. cit., 1983, p. 12.

³⁹ Ibid., 1983, p. 13.

demandando assim pela “expansão da sua malha urbana”, que se intensificou nas décadas de 1970 e 1980.

Com esta “vertiginosa ação do progresso”, expressão muito utilizada naquele período, idealizadores e desenhistas do desenho urbano deram por desconhecidas as depressões físico-geográficas da cidade. Bairros e conjuntos habitacionais foram construídos abaixo dos níveis das águas dos rios Poti e Parnaíba. Pelo menos historicamente, os rios já haviam deixado as marcas indeléveis da voracidade de suas águas.

Deixa-se no ar uma questão antecipada: Há um acerto de contas entre a “voracidade do progresso” e a “voracidade das águas”?

2.3 Rumos da expansão urbana de Teresina

Teresina. Vida que segue!

144 anos, ainda possuímos a ideia de um sonho de criança que não deseja crescer e, no imponderável do acordar, buscamos a bizarria dos teus assuntos já seculares. Mas é no imprevisto dos cenários que criaste, que lutamos sem desfalecimentos na incessante procura do bem-estar completo, solicitação dos filhos generosos da gleba querida.

Os deboches de outrora e os crivos de amargura do presente, não atingem o teu cerne. O regaço teresinense tornou-se sombra verdejante para abrigar os ímpios de espírito que não conhecem a nobreza e a dignidade que aqui imperam sob vertente da cristandade.

Teresina, vida que segue! Melhor para nós sentirmos tua felicidade como A. Tito Filho proseou amorosamente fazendo de ti a mais bonita e a mais aconchegante dentre as “urbes” denominadas metrópoles com índices civilizatórios:

Deus não nasceu aqui. Mas sonhou com uma cidade que fosse exemplo da bondade divina. Deu inteligência aos homens – e os homens a edificaram, com esforço e suor, tenazmente.

Deus é necessariamente cidadão honorário de Teresina...

No encerramento do trabalho cuja vertente pendeu para a “vispoética” numa forma e gratidão à cidade que nos deu berço e caminhos retos de prosperidade e honradez, a literatura piauiense vive acima do bem e do mal. E na notável prevalência da intelectualidade, Teresina aos 144 anos impregnou-se como notável criação humana do nordeste brasileiro, sobrepondo-se aos conceitos e emoções que se formaram em torno da sua originalíssima história.⁴⁰

Carlos Said – jornalista desportivo, um dos entusiastas na construção do Estádio de Futebol Albertão, inaugurado em 1973, membro da FAGEPI, esta, uma fundação de apoio aos desportos no Piauí – afirma que a era de ouro do futebol do Piauí corresponde de 1973 a 1985.⁴¹

⁴⁰ SAID, Carlos. Teresina, vida que segue! Teresina, **Retranca**, ago. 1996, p. 2.

⁴¹ Carlos Said. Depoimento concedido em 2004. Teresina, Entrevista\NUPEM-UFPI, 2004.

É curioso perceber que o tempo emplacado pelo jornalista também corresponde a um dos momentos de maior crescimento urbano de Teresina. Said atuou de forma muito presente no Sindicato dos Jornalistas do Piauí. Uma liderança entre os profissionais da notícia que transcendeu gerações. Na gestão Roberto John, entre 1985 e 1987, atuou na Secretaria de Esportes, sendo que na gestão anterior, de Luiz Bello, atuou como vice-presidente do SINDJOR-PI, substituindo algumas vezes o presidente do sindicato, por motivos que não deu para se diagnosticar.

Com a abertura democrática, a nova geração de jornalistas passou a criticar práticas do passado, embora com um discurso conciliador com as antigas gerações. O limite da conciliação estava em nenhum jornalista se opor aos métodos de lutas em prol das conquistas também trabalhistas. Inclusive, Carlos Said publicou artigo em o *Retranca* em apoio à grande greve dos jornalistas que ocorreu em fevereiro de 1992.

Entretanto, a citação supra proporciona, em meio à discussão que se faz em torno do crescimento urbano de Teresina, traz a experiência de quem viveu a cidade intensamente.

A profissão e comportamento dos jornalistas das gerações anteriores tinha essa relação de proximidade com a literatura. Os jornalistas e cronistas Carlos Said, José Auto de Abreu, Arimathéa Tito Filho e Carlos Castelo Branco⁴² deixam escritos que tendem para um modernismo que valoriza as tradições locais. Aquele modernismo que negou a modernidade racionalista de razão instrumental tornava a tecnologia e a ciência parâmetro central e guia das ações, quer fossem no ensino e educação, nas ações e projetos de governos, na arquitetura ou no urbanismo. Estes atores são jornalistas e fazem a defesa do pitoresco, das tradições populares que caracterizam a cidade. Aquela referência à cristandade consiste bem mais no sinal de um olhar em consideração à tradição de veia católico-cristã, que pulsa em parte da cidade, do que na defesa literal da religião católica. Portanto, ao referir-se à “civilização piauiense”, na realidade, demonstra uma suposta vontade em patentear as peculiaridades culturais piauienses. Um modernismo em favor de uma civilização chamada de piauiense. Esta constitui a marca intelectual de alguns desses cronistas. O cristianismo é visto como ingrediente indispensável para se pensar autenticamente a cultura local. Seria um sentimento de piauiensidade? Outras pesquisas a serem realizadas podem se dispor a buscar entender melhor aquela geração de intelectuais locais em sentido estritamente literário.

⁴² Carlos Castelo Branco nasceu em Teresina, em 25 de junho de 1920, e faleceu em 1 de junho de 1993. Nasceu três anos antes que A. Tito Filho e faleceu um ano depois deste jornalista contemporâneo. Castelo Branco – “Castelinho”, como ficou conhecido – destacou-se na imprensa nacional, conseguindo fazer circular, durante todas as décadas de 1970 e 1980, na imprensa Teresinense, seus artigos, que também circulavam em rede nacional.

Mas as crônicas de Carlos Said⁴³ trazem algo que se faz parte das preocupações e interrogações lançadas por esta pesquisa. “Buscamos a bizarraria dos teus assuntos já seculares”. Desde o surgimento de Teresina, em agosto de 1852, no seu primeiro desenho urbano, a cidade proposta apresenta-se em forma de um tabuleiro de Xadrez, com ruas retas em ângulos de noventa graus. Olhando para o mapa, associa-se automaticamente a um cálculo geométrico. A matemática se faz saltar aos olhos. Este sonho de crescer moderna vem de sua origem. Alberto Silva, que recebeu apoio de Said na construção do Estádio de Futebol Albertão, resgata em parte esses assuntos que vêm de tempo longânime.

Veja-se: “a mais aconchegante dentre as “*urbes*” denominadas *metrópoles* com índices civilizatórios”. Said e Tito Filho têm em comum a busca desse marco civilizatório para a cidade de Teresina. Para Said, a construção do Estádio Albertão e a inserção da capital, no roteiro das disputas desportivas nacionais com apelo ao futebol, têm valor de marco civilizatório que alça a cidade ao patamar de moderna e civilizada. Said é um defensor do desportismo como forma de avanço das sociedades atrasadas que buscam um lugar com *status* de moderna. O cronista é um estudioso do futebol local, com sua veia intelectual em favor do desenvolvimento dos esportes. A civilização para Tito Filho está ligada a uma aproximação do cidadão com a educação formal e a literatura. Trata-se também de dois “confrades jornalistas” que fizeram carreira pondo Teresina como peça diletta de suas práticas e representações enquanto jornalistas e intelectuais.

Outro recorte a se considerar é que: “a literatura piauiense vive acima do bem e do mal. E na notável prevalência da intelectualidade, Teresina, aos 144 anos, impregnou-se como notável criação humana do Nordeste brasileiro [...]”. Said, defensor contumaz de uma Teresina majestosa entre as cidades civilizadas do Brasil e do mundo, deixa registrado os vestígios de um projeto de modernização, com foco em uma imagem de cidade metrópole, destaque entre a criação humana do Nordeste do Brasil. Estas são considerações e reflexões entre cronistas que se mostram em redes de conexões no convívio social e profissional, vasos comunicantes com os desdobramentos da evolução urbana de Teresina. Mais que isso, a cidade, em sua forma prismática como aqui se entende, terá a possibilidade de revelar-se, privilegiando algumas de suas faces. Os cronistas eleitos nessa pesquisa são vistos como sujeitos que caminham e

⁴³ Carlos Said, teresinense, com destaque na história dos desportos da capital, é considerado um dos mais experientes comentaristas de futebol na imprensa piauiense. Famoso por suas crônicas que envolvem não o cotidiano dos esportes, mas também um amante da cidade de Teresina, escreveu várias crônicas em elegia a sua cidade amada. Nasceu em 14 de janeiro de 1931. Teve atuação frequente junto ao SINDJOR-PI, presidindo-o interinamente, como vice-presidente e como secretário de assuntos esportivos do referido sindicato. Em 1985, o prefeito de Teresina, Freitas Neto, instituiu o troféu Carlos Said. Em 1987, a escola de samba Sambão o homenageou com o enredo: “Na Boca do Povo, os Bilinguins do Magro de Aço”.

contribuem para a fixação de olhares sobre a cidade. São vistos como profissionais e jornalistas impregnados do seu tempo e da vontade de realizar. Nestes termos, fizeram opções e escolhas atuando (in)conscientes. No entanto, se constituíram em sujeitos de uma atitude pouco comum, a vontade incansável de realizar e fazer a cidade.

Uma vez a cidade se expandindo em população, malha urbana, problemas advindos deste incremento, com novos patamares de regulamentação, disciplinamento e norteamento dos rumos da urbe, aqueles jornalistas profissionais “inquietaos” vivem intensamente a cidade. Daí a imprensa fazer parte da trama urbana, dos enredos sobre a cidade, visto que esta detém atores privilegiados, por serem viventes caminhantes das veredas da cidade. Teresina de partes invisíveis, no entanto, algumas daquelas faces e narrativas despontavam em destaque: ações de governo em favor de um projeto de modernização.

O planejamento original de Teresina organizava-se no sentido Norte-Sul com dezoito quadras. Já no sentido Leste-Oeste com doze, sendo que, inicialmente, poucas ruas chegavam a atingir a beira-rio. A capital na realidade deixou de ser transferida em meados do sec. XIX para a antiga Vila do Poti, em favor de sítio urbano menos vulnerável às cheias dos rios. Entre 1852 e 1900 a cidade pouco se expandiu além dos limites de seus rios. Mesmo assim a cidade experimentou a implantação da Navegação a Vapor, em 1859; em 1874, uma Fábrica de Fiação; e, em 1882, a do Telégrafo. A imprensa tem nos seus principais intelectuais seus atores de destaque. Arimathéa Tito Filho denomina de “diatribes” as polêmicas jornalísticas dessa época. Queiroz, em seus estudos, enfatiza os papéis de Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Elias Martins e Abdias Neves, com ênfase para os dois primeiros. Por sua vez, Tito Filho registra a atuação do jornalista e republicano David Caldas. Todos estes, exceto Caldas, viveram a transitoriedade entre duas épocas, uma de decadência da economia pecuária e outra que a substituiria, de base extrativista. As divergências de então são fruto de uma sociedade marcada por crises socioeconômicas, associadas às polêmicas culturais de fim de século e início de outro. O evolucionismo e as contendas entre intelectuais e religiosos ocupavam destaque do noticiário da imprensa local.⁴⁴

Entre 1900 e 1940, importantes bairros, nos quais jornalistas da primeira geração viveram suas experiências, passaram a surgir e a ocupar lugar de significado especial para a cidade que se quer reconstruir:

O espaço urbano de Teresina sofreu algumas transformações espaciais, gerando novas áreas de crescimento na cidade, com destaque especial para as

⁴⁴ PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. 197 p.

zonas Norte e Sul. Na Zona Norte, o crescimento se deu em direção aos bairros Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Em alguns bairros, uma paisagem presente era o contraste entre áreas densamente povoadas e áreas de grandes vazios. Na periferia da área central, desenvolviam-se os bairros Cabral e Ilhotas.

Na zona Sul, a expansão acontecia em direção aos bairros Piçarra, Vermelha, São Pedro e Tabuleta, seguindo os espaços entre os rios Poti e Parnaíba. No entanto, o contorno das avenidas Miguel Rosa e Getúlio Vargas (Frei Serafim) servia como marco de limite de expansão do espaço urbano.⁴⁵

Assinale-se que um dos fatores a contribuir para o incremento do jornalismo empresarial é a diversificação das atividades econômicas. Estas demandam publicidade de produtos e divulgação das empresas. Romancini e Lago,⁴⁶ ao analisar e desenvolver estudos sobre a História do Jornalismo no Brasil, verificam a origem do jornalismo informativo em substituição ao de opinião, inicialmente restrito aos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. No início e, também, em meados do século XX, empresas já financiavam parte da manutenção do empreendimento jornalístico. A República nos seus primeiros quarenta anos não dá sinais evidentes de superação às suas antigas forças oligárquicas, tampouco de uma economia de lastro e fundações de bases agrícolas. A concentração circulante monetária dessa economia agrária se restringia às cidades portuárias exportadoras supramencionadas, acrescentando-se Salvador entre elas.

No entanto, Romancini e Lago dão destaque às empresas jornalísticas emergentes, principalmente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O nacional/desenvolvimentismo abre portas para a inserção e viabilização de empresas jornalísticas nos Estados de pequeno e médio porte. Neste último contexto, insere-se o Piauí, e Teresina constitui o cenário de destaque. Com relação a capital piauiense, Medeiros e Oliveira estão em linha de raciocínio comparável à Romancini e Lago. O Jornalismo profissional no Piauí só veio a se consolidar nas décadas de 1960 e 1970, visto que a cidade passou a dispor de um conjunto de atividades econômicas diversificadas. As empresas locais necessitavam anunciar seus produtos. No conjunto de clientes das empresas jornalísticas, como os periódicos *O Dia* e *O Estado*, esses têm o governo estadual despontando como principal cliente. Neste padrão de entendimento, veja-se inicialmente a Tabela 1, a seguir.

⁴⁵ PINHEIRO, Á. da Paz, op. cit., 2001, p. 62.

⁴⁶ ROMANCINI, Richard e LAGO. Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

Tabela 1 - Setores econômicos

| Anos | Agropecuária | Indústria | Serviços | Total |
|------|--------------|-----------|----------|--------|
| 1980 | 22,3 | 18,8 | 58,9 | 100,00 |
| 1985 | 25,7 | 19,4 | 54,9 | 100,00 |
| 1990 | 17,7 | 24,6 | 57,7 | 100,00 |
| 1995 | 24,9 | 14,4 | 60,7 | 100,00 |

Fonte: Romancini e Lago (2007, p. 78-79).

A Tabela 1 demonstra a diversidade das atividades econômicas no Estado Piauí, no período compreendido entre 1980 a 1995. Pode-se, assim, tirar conclusões plausíveis quanto à compreensão da cidade em estudo. Mesmo com toda a ação modernizadora do governo Alberto Silva, com incentivos da SUDENE, da COMDEPI e secretarias econômicas de governos para tentar promover o parque industrial da capital, a indústria continua acanhada se comparada aos setores agropecuários e serviços. O Quadro 1, a seguir, deixa mais claras as assertivas até aqui sustentadas. Teresina, em 1995, passava a concentrar 76,13 % da arrecadação Estadual, além de conter 24 % do total da população do Estado do Piauí. Dados de 1994 apontam a cidade com 636.904 habitantes.

Quanto ao quadro de dependência da maioria das cidades do Estado, conforme dados anteriormente assegurados, reforçam-se com os detalhes os números que se seguem. Entre os principais municípios, mesmo considerando-se do primeiro ao sétimo, a distância é monumentalmente desproporcional: (1) Teresina: 76,13%; (2) Picos: 3,81%; (3) Parnaíba: 3,04%; (4) Floriano: 2,56%; (5) Piripiri: 1,04%; (6) União: 0,92; (7) Campo Maior: 0,90%. Destaque-se forte presença da cidade de Teresina na arrecadação dos impostos. Estes revelam também uma face indiscutivelmente irracional e desigual da modernização conservadora a que foi tensionada na capital do Estado. À cidade dos desejos somam-se forças incontáveis, se analisadas de outro ângulo, um turbilhão que arrasta setores sociais sem convites, sem escolhas.

Observe-se, no Quadro 1, a seguir, as empresas concentradas nos municípios com maior contribuição de tributos:

Quadro 1 - Os maiores contribuintes - Teresina - 1995

| | | |
|----|---|--------------------|
| 1 | Ind. de Bebidas Antártica do Piauí S/A | Teresina – Sul |
| 2 | Companhia Energética do Piauí | Teresina – Centro |
| 3 | Petrobrás Distribuidora S/A | Teresina – Leste |
| 4 | Telecomunicações do Piauí S/A | Teresina – Centro |
| 5 | Souza Cruz S/A | Teresina – Centro |
| 6 | Claudino S/A – Lojas de Departamentos | Teresina – Centro |
| 7 | COMVAP – Açúcar e Álcool Ltda. | União |
| 8 | Petróleo SABBA Ltda. | Teresina – Sudeste |
| 9 | Carlos H. Aragão Ind. e Com. Ltda. | Teresina – Norte |
| 10 | Novaterra Veículos Peças e Serviços Ltda. | Teresina – Leste |
| 11 | Guadalajara S/A – Ind. de Roupas | Teresina – Centro |
| 12 | Esso Brasileira de Petróleo Ltda. | Teresina – Leste |
| 13 | Texaco Brasil S/A Prod. de Petróleo | Teresina – Sudeste |
| 14 | Jelta Veículos Máquinas Ltda. | Teresina – Centro |
| 15 | Pintos Ltda. | Teresina – Centro |
| 16 | Carvalho e Fernandes Ltda. | Teresina – Centro |
| 17 | Socimol Ind. de Colchões e Móveis Ltda. | Teresina – Centro |
| 18 | Nacional Gás Butano Distribuidora Ltda. | Teresina – Sudeste |
| 19 | Revendedores c/ Varejo Prod. Avon ME | Teresina – Centro |
| 20 | Auto Máquinas e Acessórios Ltda. | Teresina – Centro |

Fonte: Governo do Estado do Piauí - Sec. da Fazenda/Divisão de Controle da Arrecadação – 1997 (apud FAÇANHA, 1998, p. 85).

Este quadro foi se consolidando de forma ascendente entre 1970 e 1995. Diga-se, também, que a população das cidades piauienses em conjunto variou de 32% em 1970 para 53% em 1995.

As assertivas de Romancini e Lago, Medeiros e Oliveira são comuns ao cenário urbano do setor de serviços que podem promover o desenvolvimento das empresas de Jornalismo. Na esteira de rendimento dessas empresas incrementa-se a profissionalização dos jornalistas, que tende a ser aprofundada no sentido de se tornarem majoritariamente assalariados.

Neste ambiente urbano de crescimento acelerado, o jornalista tende a se fundir ao cidadão cidadão; ou seja, não mais se trata de ator distante intelectual e financeiramente dos cidadãos comuns. Manterão claras especificidades no conjunto dos vários grupos sociais, em compensação passará a fazer parte das crises econômicas e sociais conjunturais que afetam a cidade, como também ser refratário aos tipos de medos urbanos: a violência, acidentes naturais (as cheias dos rios); o desemprego e a pressão por educação continuada, como forma de manter-

se no seu posto de trabalho. Entre o jornalista intelectual dos anos 1950 e o jornalista profissional das décadas de 1980 e 1990 começa a se constituírem fossos, entretanto, interligados por pequenas pontes de difícil travessia. O debate reconstruído com base nas publicações de o *Retranca* (Jornal da categoria dos jornalistas do Piauí) e publicados entre 1985 e 1992, bem como as atas das reuniões do Sindicato dos Jornalistas trazem à tona essa rede de complexidades e conflitos vivenciados pelos jornalistas de Teresina no período supracitado. A cidade passa a depender de um profissional e da empresa sintonizada, prestando serviços a outras, e estabelecendo imagens sobre a cidade. Mais que isso, empresas que mantêm relações de interesses de perto com o Estado, que vai da isenção de impostos (Antártica) à demanda por infraestrutura básica (avenidas, iluminação, capa asfáltica) como passarelas entre lojas de automóveis e outros serviços. Ou seja, serviços e espaços urbanos passam a ser alvos de interesses conflitantes de um lado a cidade margem e de outro a cidade centro.

2.4 Rumos da modernização da imprensa das grandes às médias cidades

Para definir os propósitos da imprensa moderna podem-se adotar três parâmetros: autonomia, liberdade e igualdade no acesso à notícia. São três palavras centrais que têm marcado o debate histórico na imprensa brasileira e local. É possível imaginar até mesmo na seara da história oficial do Brasil o quanto esta equação em busca do equilíbrio tenha sido difícil e complexa. Uma sociedade marcada historicamente por longos períodos ditatoriais, quando não, de desigualdades sociais, em muitos aspectos só comparáveis aos países mais atrasados do Mundo. Detectada esta anomalia crônica, procura-se discutir como o País se moveu no sentido de enfrentar tal obstáculo, que, na realidade, se transforma num grande impasse para a conquista e consolidação de sua cidadania. As relações imprensa, jornalistas e cidade, em especial a urbe Teresina, trazem elementos que auxiliam o campo histórico, em parte, para compreender um problema de tal magnitude para a sociedade brasileira.

Tentando estabelecer uma contribuição ao debate procurou-se responder às seguintes questões: — Como se deu o processo de modernização da imprensa no Brasil, de forma que lance luzes sobre o contexto local, Teresina? E em segundo: — Como os atores jornalistas estão envolvidos nessa teia de modernização da imprensa, visto que suas posturas enquanto profissionais têm a ver com o processo em curso da modernização da cidade de Teresina entre 1970 e 1992?

Deste modo, questiona-se: — Como se iniciou este processo no Brasil? A questão tem seu lado qualitativo, o qual será analisado, e não só quantitativo, este entendido como puro

avanço tecnológico. O marco do debate qualitativo em torno do que se pode aqui analisar começa pela disputa de espaços entre o *jornalismo de opinião* e *jornalismo de notícias*.⁴⁷ Esta polêmica envolve ser moderno ou não. Da mesma forma que o País passava pela necessidade de acelerar a modernização urbana, também se recorre de modernizar sua imprensa. A modernidade sonhada mais uma vez andara na esteira de um tipo de razão instrumental da modernidade muito comum no Brasil. Assim como a modernidade urbana chega de forma retardada nas diversas regiões e cidades do Brasil, a imprensa também se ressentirá deste tipo de atraso. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo experimentarão a prática da *Grande Imprensa* de notícias entre o início do século XX e os anos 1950. A grande imprensa só conhecerá solos teresinenses ao final da década de 1960. Com este registro, por si só se constata a face desigual da modernização da imprensa no Brasil.

Para responder ainda à primeira questão mais geral, faz-se necessário lançar questões satélites para melhor compreensão ao empreendimento histórico. Segundo Alves de Abreu, cidades do Centro-Sul, como o Rio de Janeiro, desfrutavam privilégios por sua proximidade com o poder da República, enquanto São Paulo — da sua expansão urbana, facilitada pela economia cafeeira e inversão de capitais privados e investimentos públicos, cidades populosas desde o início do século XX, com comércio, serviços e indústria, embora incipiente — detinha peso para influenciar a vida urbana da urbe. O Jornalismo tem essa relação umbilical com as cidades. A demanda da cidade noticiada surge do intercâmbio comercial entre cidades. Os jornais são por excelência instrumentos de troca de informações e/ou opiniões, e, em certos momentos, há necessidade de divulgar produtos a serem consumidos. Esta condição de urbe aplicada às cidades como São Paulo e a capital da República favoreceram o surgimento do *Jornal de Notícia e empresarial*.

Considerando o que já foi discutido na seção anterior deste capítulo, a década de 1950 tornou-se um marco histórico, quando o poder público passa a investir e a estimular via financiamentos públicos vários empreendimentos, seja no campo da iniciativa privada, seja em equipamentos públicos, como estradas, usinas elétricas e aqueles que demandavam as necessidades do usuário urbano. Teresina, então, atinge um patamar com capacidade de

⁴⁷ Desde o início do século XX, dois modelos de jornais servem de referência para o Jornalismo brasileiro: o modelo francês e o modelo americano. O primeiro caracteriza-se como um jornal que prima por uma suposta imparcialidade, pois seu foco consiste apenas em noticiar e se afastar do feitiço opinativo. Contudo, o jornal de opinião vem de longa data, importado da França que tem como marca o cultivo da polêmica e de posições políticas em defesa de projetos políticos partidários. Em Teresina, este tipo de jornal teve vida longa e se manteve preponderante até 1963, quando o jornal *O Dia* deixa de ser propriedade do jornalista Leão Monteiro e passa a ser a empresa *Folha da Manhã*. O coronel Otávio Miranda passa a ser seu novo proprietário.

absorver, a partir de 1969, um jornal definitivamente caracterizado como jornal com característica de *grande imprensa*. Este processo de amadurecimento vai de 1963 a 1969.

Ao se referir como se configurava a imprensa nacional antes de 1950, Alves Abreu assim a define:

Os jornais de grande circulação eram vespertinos e poucos, concentrados no Rio e São Paulo, o que por si só era um claro indicador da importância política e econômica dos dois centros. Os incipientes sistemas de comunicações, as deficiências dos correios e as precárias condições das redes e meios de transportes eram fatores que impediam a expansão rápida por todo o território nacional – um território, ainda por cima, de dimensões continentais.⁴⁸

Convém enfatizar que, nesse contexto, Alves Abreu discorre sobre a *Grande Imprensa*.⁴⁹ Mesmo se tratando desta modalidade de imprensa, haja vista que esta se desenvolveu em nível de desigualdade, a autora ressalta aspectos que registram dificuldades para a autonomia dessa Grande Imprensa, que veio a se desenvolver inicialmente nos centros econômicos e administrativos privilegiados:

A imprensa, antes dos anos 1950, dependia dos favores do Estado, dos pequenos anúncios populares ou domésticos – os classificados – e da publicidade das lojas comerciais. Foi exatamente a partir daí, no segundo governo Vargas (1950-1954), que o processo de industrialização do país se tornou mais visível e, no governo Juscelino Kubitschek (1956-1960), mais acelerado e irreversível. Com a maior diversificação da atividade produtiva trazida pela indústria, começaram os investimentos de peso em propaganda e surgiram as primeiras grandes agências de publicidade.⁵⁰

A busca da autonomia financeira constitui-se o calcanhar de Aquiles da imprensa brasileira. Com relação à década de 1950, Alves Abreu afirma:

À medida que avançava o desenvolvimento industrial e aumentava o peso da publicidade, a imprensa foi se tornando menos dependente do poder público. Mas, afinal, quais eram os favores do Estado de que ela dependia naquela época? Eram, como hoje, os financiamentos dos bancos oficiais, as isenções fiscais, a publicidade governamental. No caso do rádio e da televisão, era principalmente a concessão de canais. Mas no caso dos jornais havia um problema adicional: era o governo que controlava a distribuição das quotas de

⁴⁸ ABREU, op. cit., 1983, p. 9.

⁴⁹ Segundo Aquino, ‘qualifica-se grande imprensa os órgãos de divulgação cuja veiculação pode ser diária, semanal ou mesmo que atuem em outra periodicidade, mas cuja dimensão, em termos empresariais, atinja uma estrutura que implique na dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência (AQUINO, 1999, p. 37 apud OLIVEIRA, Marylu). **Contra a foice e o martelo**: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969 – uma análise a partir do jornal *O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. p. 51- 52.

⁵⁰ ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 9.

papel, matéria-prima em grande parte importada sem a qual o veículo simplesmente não existia.⁵¹

Desses mesmos mecanismos de controle, o Estado autoritário, instalado no pós-64, além da censura nas redações de jornais, se utiliza de instituições financeiras e tributárias para controlar a imprensa. O governador Alberto Silva exalta como uma de suas grandes realizações ter estendido o sinal de televisão ao Interior do Estado, através de investimentos diretos do governo estadual.

2.5 Quando as peias se transferem do Estado para o mercado

Os quinze anos de democracia que antecedem o golpe militar de 1964 acendem uma luz amarela. — Até onde a notícia deve sustentar-se pelo mercado, e tratar o leitor enquanto consumidor? As atenções vêm sinalizar um perigo: a notícia medida pelo valor de mercado. Logo, até onde a redação deveria obedecer às ordens do departamento financeiro do jornal? Como se dá essa relação de tentáculos interventores interdepartamental dentro do jornal? A partir de 1980, os jornalistas teresinenses vão se dar conta de ter que equacionar esta corda que se estica a partir de suas extremidades de um lado para outro, ou seja, se veem entre a ética, o mercado e a sobrevivência. Como conciliar esta realidade? Daí os congressos jornalísticos estaduais trazem à tona esta questão.

O primeiro jornal de grande circulação com feitiço empresa se define a partir de 1969 em Teresina, trata-se do jornal *O Dia*, tendo como chefe de redação o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, à época, presidido pelo jornalista José Lopes dos Santos, homem de trâmite livre entre os governos militares e na própria imprensa. Foi chefe de gabinete do governador Dirceu Mendes Arcoverde, este sucessor de Alberto Silva, e secretário de Imprensa do Governo José Bona Medeiros. Deoclécio Dantas, companheiro e secretário geral no Sindicato, na sua gestão, presidiu a imprensa oficial em 1968, ao final do Governo Helvídio Nunes. Mesmo a imprensa tendo se profissionalizado, percebe-se uma fluidez muito presente entre fronteiras dos jornalistas profissionais que dirigem a categoria e a imprensa oficial.

O pensamento imerso no conceito do Jornal *Notícia* pressupunha maior neutralidade e objetividade da notícia, por conta de afastar-se do financiamento e receitas dependentes do erário público. A década de 1950 alimenta esta expectativa, difundindo que a autossustentação seria passo decisivo para a independência, liberdade e autonomia dos jornalistas e da Grande

⁵¹ ABREU, op. cit., 2002, p. 10.

Imprensa. O caminho que se desenhava pressupunha-se em anunciar produtos como automóveis e eletrodomésticos, além de produtos agrícolas e alimentícios. Segundo Alves Abreu:

Em pouco tempo, os jornais passaram a obter 80% de sua receita dos anúncios. A ocupação do espaço com publicidade passou a ser administrada por uma tabela de preços calculada em centímetros de coluna ou em frações de tempo no rádio e na televisão. A publicidade também obrigou os jornais a se preocupar em aumentar sua circulação, já que as agências preferiam entregar seus anúncios aos veículos de maior tiragem, que cobrissem as maiores áreas do território nacional.⁵²

Se, de um lado, jornais como o *Jornal do Brasil* e a *Folha de São Paulo* tentaram métodos de autossustentação financeira, a luz amarela começa a acender na outra extremidade da corda. A publicidade é algo indissociável da circulação de mercadorias. Por isso Abreu afirma que as agências de publicidade dão prioridade aos jornais de maior tiragem e que cobrem maior área do Território nacional. Está implícita aí uma concorrência em busca do leitor consumidor da notícia. Em entrevista a esta pesquisa sobre o fato de no Piauí não haver uma escola de ensino de Jornalismo, o ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí responde: “a nossa experiência veio em parte de leituras das revistas *Cruzeiro* e *Veja*, mas no meu caso principalmente do *Jornal do Brasil*”.⁵³ Alguns jornalistas da década de 1980 fizeram cursos de qualificação na *Folha de São Paulo*. Efrem Ribeiro lembra de sua passagem como correspondente deste jornal no Piauí. Zózimo Tavares atuou como correspondente do *Correio Brasiliense*. Portanto, a formação do jornalista no Piauí recebia a interferência dos jornais de grande circulação nacional. Os jornalistas de destaque nas redações locais eram indicados por seus redatores chefes quando convidados por aqueles órgãos de notícia.

Aquele crescimento do mercado de comunicações nos anos 1950, segundo Romancini e Lago, provocou o surgimento de vários cursos de Comunicação e Jornalismo e outros avanços:

Depois dos primeiros cursos para formação de jornalistas, como o pioneiro, da efêmera Universidade do Distrito Federal, criado em 1935, e os da Escola de Jornalismo Cásper Líbero (1947) e da Universidade do Brasil (hoje, UFRJ), em 1948, a área passou a ter 58 cursos de Comunicação, na década de 1970, até atingir 120, na de 1990. Seria também durante o regime militar, em 1969, que a profissão de jornalista receberia sua primeira regulamentação, com o Decreto-Lei no 972. Em 1970, o diploma passou a ser exigido para o exercício profissional dos que ainda não trabalhavam na imprensa.⁵⁴

⁵² ABREU, op. cit., 2002, p. 9-10.

⁵³ Zózimo Tavares. Teresina. Depoimento concedido em 24 de setembro de 2015.

⁵⁴ OLIVEIRA, M., op. cit., 2007, p. 121.

Com uma sociedade cada vez mais complexa, com a expansão dos setores das classes médias e de massas consumidoras, as mudanças aconteciam irremediavelmente. Um dos destaques fica com o *Jornal do Brasil*, que, por muitos anos, foi considerado um jornal de anúncios, deu início a uma reforma com a introdução de suplementos. O jornalista Reynaldo Jardim foi o responsável pela criação do *Suplemento Dominical*. Este caderno veio a receber a colaboração de poetas, de escritores e artistas plásticos.

Além das mudanças citadas, pode-se também destacar, conforme Alves de Abreu, que o *Jornal do Brasil* passa a adotar a fotografia na primeira página; sofreu modificações gráficas, surgiu o Caderno C de classificados, o Caderno B dedicado às artes, teatro e cinema. Outra inovação foi a instituição das editorias, criação de Alberto Dines. “A reforma do JB teria impacto e serviria de exemplo para as transformações subsequentes da imprensa brasileira”⁵⁵

Uma das características deste jornalismo da década de 1950 foi a paixão política. Estes jornais tiveram papel ativo nas crises que sacudiram o País. Dominavam o espaço desses periódicos, matérias sobre os partidos: Partido Social Democrático (PSD), União Democrática nacional (UDN) e Partido Democrático Trabalhista (PTB).

Em Teresina, o jornal *O Dia*, antes de outubro de 1963, era marcadamente oposicionista ao governador Chagas Rodrigues (PTB); diferente dos jornais de circulação nacional, que tinham possibilidade de manter-se com parte da receita, advinda dos anúncios publicados. O diário local é arrendado pelo PTB às vésperas da eleição, invertendo o seu discurso que até então era opositor. Tratava-se do jornal mais antigo e de maior circulação da cidade. Portanto, a modernização no sentido do jornal autossustentável não havia ainda sido concretizado em Teresina. Em seus primeiros anos, *O Dia* contou com a colaboração de Bugyja Brito, Cunha e Silva, Camal Curi, Petrônio Portella e Arimatéa Tito Filho.⁵⁶

Pode-se ver o envolvimento de interesses partidários e de jornais de grande circulação registrado na citação a seguir, culminando na crise que levou ao golpe civil-militar de 1964:

A maioria dos proprietários de jornal encampava as ideias do liberalismo econômico e se identificava com o ideário da UDN, o partido que, junto com os militares, conspirou para a deposição do presidente João Goulart. Udenista era a família Mesquita, proprietária de *O Estado de S. Paulo*, assim como Roberto Marinho, dono de *O Globo*. *Herbert Levy, proprietário da Gazeta Mercantil*, jornal que ganharia importância nos anos 70, tinha sido um dos fundadores da UDN em 1945 e foi um dos articuladores do movimento golpistas em 1964.

⁵⁵ ABREU, op. cit., 2002, p. 10.

⁵⁶ OLIVEIRA, M., op. cit., 2007, p. 53-54.

Em um país que desde os anos 1950 havia aderido ao modelo desenvolvimentista, que associava capital privado e capital de Estado, pode-se imaginar que interesses estavam por trás dessa intensa proximidade entre política partidária e jornais de grande circulação nacional. No Piauí, segundo Oliveira, o Jornal *O Dia* manteria esta característica mesmo depois de tornar-se um jornal de grande circulação regional a partir de 1969.

3 A ATUAÇÃO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO PIAUÍ – FORMAÇÃO, TEMPOS CONFLITANTES E A ARTE DA SOBREVIVÊNCIA NA CIDADE EM TRANSE

Este capítulo tem a finalidade de responder e discutir algumas questões gerais, para que se possa chegar à compreensão das questões-chaves; estas se desdobram em outras perguntas em separado, e estarão presas àquelas convergindo, assim, para o entendimento do tema proposto nesta seção.

Assinale-se que a atuação dos jornalistas é cercada de práticas, instituições e representações que se situam historicamente no tempo. Deste modo, o sujeito não está circunscrito a um tempo único, visto que sua formação recebe fluxos de tempos entrecruzados. A compreensão desse sujeito torna-se um desafio ao historiador, que se esforça em tentar reconstituir uma teia de complexidades de como se configura aquele agente da notícia. Nesses termos, o historiador, para aceitar tal empreendimento, tem que ter em mente que a história é algo necessariamente incompleta, pois vestígios deixados pelo tempo são fragmentos marcados pelas forças em disputa das percepções diferenciadas, por conta de projetos profissionais em curso, e claro, recebendo fluxos das disputas de poder político que têm a cidade como palco.

— Então, como se dava a formação profissional desses jornalistas? Como se configuram as relações entre gerações e como tais tempos se fazem configurar para a geração de jornalistas em análise? De onde e como são gerados os conflitos e o controle da profissão de jornalista? Que profissionais são resultantes das contribuições destes tempos atravessados? Como a cidade é representada em meio a esses conflitos de interesses contrários? Como se constroem historicamente as relações de dependência dos jornalistas que afetam sua autonomia, problema debatido fervorosamente pela categoria? Nestes termos, torna-se impossível entender a questão sem buscar as relações entre os poderes públicos em níveis do Executivo, do Legislativo e sua pressão sobre categoria.

A cidade representada na realidade termina por receber influência, nas suas representações, através da imprensa que a vincula enquanto notícia. Esta, por sua vez, recebe interferência do artífice da notícia no caso: – o jornalista.

Tentar-se-á responder à primeira questão, ou seja: — Como se dá a formação dos jornalistas de Teresina na década de oitenta? Primeiro, devemos esclarecer que a cidade não contava com uma escola formadora de jornalistas que trouxesse de imediato reflexos sobre a

formação desses profissionais.⁵⁷ Então, de que maneira compreender a formação do jornalista para o recorte temporal eleito pela pesquisa?

Para tanto, foi preciso trilhar através das vias e das veredas dessa formação profissional, e detectar, que se tratava de uma formação um tanto quanto dispersa por várias práticas e instituições envolvidas. Mesmo assim, estes atores se configuraram como peças-chaves para os olhares instituídos sobre a cidade. Neste caso, podem ser encontradas instituições formadoras e/ou congregacionais, mas não escolas formais em ensino de Jornalismo. Na formação, deve-se destacar a própria instituição empresa, visto que os jornalistas iniciantes recebiam as primeiras exigências e orientações profissionais na própria redação do jornal em que se empregavam, até mesmo o jornalista colaborador e voluntário. Outras instituições importantes marcaram aquela formação, a destacar a Associação de Jornalistas Profissionais do Piauí, posteriormente transformada em Sindicato dos Jornalistas do Piauí.⁵⁸

As fontes suscitaram uma outra questão-chave: — Como se dava o controle dos profissionais do Jornalismo? Se há controle, há conflitos.⁵⁹ Por que tal questionamento ganhou relevo na pesquisa? A leitura cuidadosa do *Jornal Retranca*, período de 1985 a 1999, somando-se à leitura das atas das reuniões que cobriram o período de 1954 a 1992 revelam nos bastidores conflitos internos, angústias causadas pelas empresas vistas como exploradoras do trabalho do jornalista. Vê-se também o processo de modernização da imprensa, que envolve a carência de uma educação continuada do profissional, a explosão da era da informática que exigia domínio das tecnologias que substituíam a mão de obra. Um agravante: – a máquina como concorrente na ocupação da força de trabalho.

Entre as revelações desses conflitos com os jornalistas, o mais importante é que a categoria não é conformada com o produto final do seu trabalho, a notícia da forma que é apresentada. Assim, veremos, em seção específica deste capítulo, como se dão tais confrontos,

⁵⁷ Cf.: Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Piauí. Teresina, Portaria 016/2003, p. 3-13. O Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí foi criado em 1984, com a primeira turma de formandos atingindo grau de jornalista no final da década de 1980 e início da década de 1990.

⁵⁸ Entre 1934 e 1952, os jornalistas se organizaram em torno da Associação de Jornalistas do Piauí; a partir de 1952, passou a contar com a Associação Profissional dos Jornalistas; de 1959 em diante, a Associação é transformada definitivamente em Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí. Na década de 1950, teve destaque a atuação do jornalista Arimathéa Tito Filho, que dirigiu por mais de seis anos a instituição. Nas décadas de 1960 e 1970, presidiu por mais de uma vez o SINDJOR-PI o jornalista José de Araújo Mesquita. Por sua vez, A. Tito Filho destaca-se como um trovador da cidade de Teresina, influenciando gerações de literatos e jornalistas atuantes nesta Capital. Consultar: TITO FILHO, Arimathéa. Entrevista concedida em Teresina. **Retranca**, 28 a 30 abr. 1989, p. 4-5.

⁵⁹ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 37-40. Pode-se deduzir da leitura de Chartier que onde há censura, esta situação pode demonstrar indícios de fortes conflitos sociais e políticos.

e quais mecanismos de controles são usados. O controle se dá tanto em nível da legislação trabalhista, quanto por mecanismos modernos implementados por instituições externas, interferindo no labor do trabalhador, a exemplo os concursos de premiação dos jornalistas.

Há de se destacar algo que é reprovado pela categoria e seus congregados. São as formas nada sutis de mecanismos de cooptação e beneplácito dos governos para com os jornalistas, visto que estes mantinham relações questionáveis pelo código de ética jornalístico. Para a categoria, tais relações conspiravam contra a liberdade de imprensa tão almejada. A revelação deste conflito interno é fato, uma vez que se sobressai entre as fontes consultadas. A categoria luta e esbraveja sem rodeios através do seu órgão oficial de comunicação, conforme se verá adiante; mas os turbilhões da modernização vertical da imprensa, somados a uma tradição conservadora que atravessava gerações, tornavam o ambiente do Sindicato, e demais fóruns de discussões na década de 1980, uma arena repleta de riquezas de detalhes, processos e fatos históricos tão ricos, como poucos momentos da história da imprensa local.

Certamente não se vê uma categoria curvada às forças estáticas em favor da conservação, quer sejam de privilégios, de reforço patrimonialista ou de retrocesso político. Mas a história daquele momento é real, entendida como aquela do eterno combate. — Qual o resultado destes conflitos? Espera-se trazer respostas possíveis e plausíveis com a conjunção das análises dos capítulos, um como gancho do outro, sem pretensão de totalidades, visto que o trabalho do historiador não é completo, e se expõe a confrontos com outros olhares.

3.1 Ser jornalista em Teresina na década de 1980 e as injunções dos tempos

A profissão de jornalista mais do que se imagina é resultante de uma construção histórica. São definições marcadas por várias formas e interferências que dependem do espaço, tempo, legislação e créditos imaginários; estes não se desfazem ao sabor das leis, como também levam tempo para serem construídos.

Portanto, as representações em torno dos profissionais de Jornalismo de Teresina aqui reconstituídas pressupõem as práticas associadas ao que ressaltamos no parágrafo anterior. No entanto, é uma reconstrução histórica aqui empreendida por meio de seus registros, marcas deixadas pelo tempo, às vezes indícios que levam a outras fontes, mas sobretudo fruto das experiências locais, e que também recebiam injunções nacionais e internacionais. Sendo assim, mergulharemos no ator local, mas conscientes de que o lastro cultural do nosso ator não se encerra no provincianismo, mas avança com as forças universais em jogo.

São observados e analisados os olhares de que os próprios jornalistas fazem de si mesmos, pois os conflitos internos à profissão, os projetos em jogo para a cidade de Teresina e a busca da ascensão profissional fazem destas representações conflitos que têm reflexos sobre a história da cidade e sua relação com a imprensa.

3.2 A formação do jornalista

Para o período pesquisado, merece destaque a compreensão de como se dá a formação do jornalista em Teresina até 1984. O exercício da profissão poderia se dar sem formação na área da comunicação, ou por possuir diploma de curso superior em Jornalismo.

A partir de 1959, com a criação do SINDJOR-PI, este órgão passa a fiscalizar junto ao Ministério do trabalho o exercício da profissão em todo o Piauí. O processo ainda contava com a legitimação, ou parecer da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas).

O jornalista para iniciar a carreira deveria comprovar experiência de trabalho de no mínimo dois anos em um órgão de comunicação. Caso não dispusesse desta experiência, ao completar dois anos de trabalho, seria necessário comprovar ao sindicato que realmente havia exercido a profissão com publicações regulares em algum jornal. Todo este processo deveria ser dado conhecimento à FENAJ, ficando a autorização conhecida como “provisionamento” de jornalista. Há de se ressaltar que o processo é concluído em nível sindical, por aprovação em assembleia ordinária, ou assembleia geral dos jornalistas.⁶⁰

Entre 1959 a 1981, as reuniões do SINDJOR-PI aconteciam quase que exclusivamente para aprovar as provisões jornalísticas, avaliar o exercício financeiro anual da entidade, realizar eleições da Diretoria do sindicato (presidente, tesoureiro e secretário geral). Era comum, também, eleger delegados a se fazerem presentes aos congressos regulares da FENAJ. Nesses encontros eram debatidas questões mais gerais da categoria dos jornalistas. Foi em três destes congressos, os de 1966 (Curitiba), 1967 (Belo Horizonte - MG) e em 1969 (Porto Alegre-RS) que o jornalista Arimathéa Tito Filho participa de forma efetiva da elaboração do código de ética do Jornalismo. Nesses encontros, os jornalistas realizavam cursos para aperfeiçoamento da profissão e discutiam conjunturas que afetavam a categoria dos jornalistas. Conforme atas de reuniões analisadas esta participação se restringia aos dirigentes e aqueles mais próximos à Diretoria do Sindicato. É por orientação da FENAJ, para o período de 1979-1984, que o

⁶⁰ DECRETO-LEI n. 972 – DE 17 DE OUTUBRO DE 1969, publicado na íntegra pelo *Jornal Retranca*. Teresina, **Retranca**, ago./1996. Para melhor compreensão, consultar o fundo de atas correspondente ao período compreendido entre 1975 a 1980.

sindicato se posiciona decisivamente a favor da redemocratização do País, destacam-se para este período os delegados Roberto John e Kenard Kruel.

Entre 1988 e 1996, foram realizados os III, IV e V Encontros dos Jornalistas do Piauí. Tais eventos contribuía para a formação dos jornalistas. Cursos ministrados por Gilberto Dimenstein marcaram as discussões sobre Jornalismo investigativo no Piauí. Nestes encontros se discute a função social do jornalista, meio ambiente, Internet, todos temas desafios para a atualização profissional e formação dos jornalistas. Realizavam-se ainda cursos de Taquigrafia, Fotografia, sobre as novas tendências tecnológicas.

A fiscalização a que se refere anteriormente, sobre o “provisionamento” justificava-se devido ao fato de o profissional da área, na sua maioria, não dispor de curso superior em Jornalismo. Teresina é um caso emblemático, pois o primeiro Curso de Jornalismo só passou a funcionar com a criação do Curso de Comunicação Social em 1984, com funcionamento pela Universidade Federal do Piauí. Das primeiras turmas formaram as jornalistas Cláudia Brandão, Lara Leart, Amadeu Campos, Cintia Lages, Zózimo Tavares.

Nas memórias sobre Vieira Chaves, que atuou entre 1957 a 1985, com marcante posição no Jornalismo de Teresina, pode-se avaliar qual o percurso, com poucas nuances, de como se dava a construção e formação de um jornalista de sucesso em Teresina, aqueles que não vieram diretamente do campo das letras, ou seja, só dispunha do curso primário:

A jornalística de José Vieira Chaves começou pelas mesas de revisão. Desde que não se fosse um intelectual reconhecido, pertencente à Academia de Letras, ou portador de diploma dos cursos superiores, ou ainda figura política expressiva e /ou de recursos, a grande porta profissional do jornalismo para os mortais comuns era o trabalho de revisão dos textos e das composições feitas à mão, letra a letra, com tipos móveis, técnica logo dominada também por Zevieira – que preferiu o caminho da redação ao da oficina gráfica.

Antes do Jornal do Piauí, onde desempenhou sua mais longa participação no jornalismo piauiense, Zevieira passou por alguns jornais, dentre outros “A Resistência”, fundado por Francisco Luis de Almeida e dezenas de outros simpatizantes do PSD – Partido Social Democrático, no ano de 1948, e que combatia fortemente a gestão de Rocha Furtado, da UDN – União Democrática Nacional, no governo estadual. A ida de Zevieira para “A Resistência” tem relação com a presença, ali, de João Clímaco de Almeida, o Joqueira, seu amigo de infância e que no futuro viria ocupar os mais relevantes cargos políticos do Piauí.⁶¹

Em 1979, o SINDJOR-PI promoveu a formação de duas turmas de jornalistas em convênio PUC-RJ/UFPI. Estima-se que este possa ter sido o primeiro passo para a criação do

⁶¹ CHAVES, Paulo. **O homem e o jornalista**: José Jornal Vieira do Piauí Chaves. Teresina, 2013. p. 28.

Curso de Formação em Jornalismo no Piauí. Antes da oferta deste, a formação, o trajeto não se diferenciava muito do que foi a trajetória do jornalista José Vieira Chaves, dados alguns descontos políticos.

Para traçar a formação dos jornalistas da década de 1980, faz-se necessário travar uma busca em torno das especificidades deste profissional da notícia em meio à realidade sociocultural do Piauí que se caracterizou, à época, como espaço onde não se dispunham de instituições de ensino para formar aqueles profissionais. No entanto, por força da legislação vigente, desde a década de 1930, advogados, médicos, professores, economistas, mesmo que não tivessem curso superior de Jornalismo, mas que demonstrassem habilidade de escrever com desenvoltura, poderiam se habilitar ao exercício da profissão. Contudo, até chegar a ser jornalista, existiam rituais a se cumprir. Longe de imaginar que a ausência de uma instituição de ensino para jornalistas deixasse soltas as práticas jornalísticas, a pesquisa revela que a cidade de Teresina, desde 1934, já contava com associações jornalísticas que exerciam controle sobre a profissão. Mais que isso, foram *congregações de confrades*, expressão muito utilizada por um dos maiores líderes da imprensa local, Arimathéa Tito Filho. Esses jornalistas desfrutavam do prestígio da sociedade local, sendo reconhecidos pelos poderes constituídos, assim atuando por meio de instituições que sempre participaram dos rumos da política local. Este prestígio os tornava atores geradores de discursos e imagens sobre a capital piauiense. Conforme acabou de ser dito, mesmo sem instituição de ensino que os formasse, para estarem habilitados ao exercício da profissão, havia rituais que deveriam se cumprir, como, por exemplo, até mesmo para a carteira expedida por essas instituições, que se reuniam para aprovar um candidato como profissional, ou não, na congregação jornalística.

— Como se construía o caminho, e como se davam estas práticas formadoras institucionais, sem deixar perder de vista como o próprio jornalista se movimenta para agregar para o cabedal profissional daquilo que o habilitava a tornar-se um agente da notícia?

3.3 O ingresso e afastamento da profissão

Até o início da década de 1980, entrar para a profissão não era algo tão embaraçoso. Talvez mais difícil fosse manter-se jornalista. Esta conclusão pode ser extraída tanto do *Jornal de Notícias Retranca*,⁶² quanto das atas de reuniões do Sindicato. Estas que, por vezes,

⁶² Órgão oficial de notícia do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, fundado em 1985, na gestão do sindicalista Roberto John Gonçalves e Silva. Em reunião do dia 11 de agosto de 1985, pela primeira vez se vê tratar de sua existência, bem como da primeira edição do *Jornal Retranca*. Se faz interessante observar que é ressaltado o papel a ser desenvolvido pelo jornal: “o jornal terá um conteúdo classista, e será não apenas restrito ao jornalismo, mas

registram conflitos envolvendo injúrias entre jornalistas, falta de cumprimento das regras da legislação vigente, ausência às reuniões de trabalhos sem justificativa, somando-se ainda as perseguições políticas, tão comuns em uma sociedade na qual a imprensa dependia sobremaneira do patrocínio do poder público.

Em torno da realização do IV Congresso de Jornalistas do Piauí, Efrém Ribeiro concede entrevista em que se mostra surpreso de como foi alçado ao posto de jornalista de um dos principais diários de notícias da cidade. Embora sintasse orgulhoso em afirmar ter sido o primeiro jornalista concursado numa empresa de Jornalismo da capital, o seu espanto foi que sua primeira reportagem ao órgão de notícia tenha sido matéria do jornal no dia seguinte à sua seleção:

Acho que fui um dos primeiros a entrar no Jornalismo piauiense através de um concurso. Foi entre 81 e 82. Eu estava cursando o segundo ano na Universidade (Curso de Filosofia – grifo nosso), quando o jornal O DIA publicou um anúncio de que estava fazendo teste com pessoas que poderiam ser repórter. Fiz o teste, escrevendo uma matéria de quinze linhas sobre uma regata em Parnaíba e fui para casa. No outro dia, as quinze linhas estavam no jornal. O Zózimo Tavares, que havia aplicado o teste, foi quem comunicou a minha aprovação. O editor naquela época era o Francisco Leal.⁶³

Uma leitura mais apurada das leis que regulamentam a profissão dá outros indícios de como se ingressa na profissão. Um pedido de solicitação acompanhado dos dados da empresa empregatícia dava direito ao exercício da profissão, concedido por meio de um dispositivo chamado provisão jornalística que deveria ser aprovada em Assembleia geral da categoria. O requerente recebia uma carteira profissional, além de contribuir com as obrigações de manutenção financeira do sindicato.⁶⁴

às demais lutas dos trabalhadores no Piauí”. Solicitou-se ainda aos presentes maior colaboração para as próximas edições. Cons.: Sindicato dos Jornalistas do Piauí. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 08 de novembro 1985, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas (Arquivo do SINDJOR-PI).

⁶³ RIBEIRO, Efrém. Jornalismo não tem função social. Teresina, **Retranca**, ano III, p. 4-5, 5 abr. 1989.

⁶⁴ Cons.: SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 10 de maio de 1975, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas. (Arquivo do SINDJOR-PI). Em reunião de 10 de maio de 1975, o sindicato se reúne para eliminar alguns sindicalistas associados, mas que se encontravam em situação irregular de registro profissional. Nesta mesma reunião, são admitidos dois jornalistas que marcam a história da imprensa local. São estes o jornalista e futuro proprietário de rede de Televisão e jornal Jesus Elias Tajra, vice-prefeito da cidade, deputado federal constituinte, secretário de Estado do governo Hugo Napoleão. Jesus Elias Tajra junto à Secretaria de Assuntos Comunitários foi uma das figuras que prestaram apoio aos alagados da cheia de 1985. Também o futuro deputado estadual e líder de governo jornalista Tomaz Teixeira. Como será visto ao longo deste relatório de pesquisa, é significativa a participação daqueles que compuseram as diretorias do Sindicato dos Jornalistas nas equipes de governos municipal e estadual. A maioria absoluta dos presidentes do sindicato faz carreira política nas administrações municipais e estaduais. Destaca-se a participação de José Lopes dos Santos, Carlos Said, Arimathéa Tito filho, Deoclécio Dantas, Zózimo Tavares e Roberto John Gonçalves e Silva. Este último no futuro participaria das administrações do Partido dos Trabalhadores quando da ascensão ao poder desta agremiação partidária.

Veza por outra, jornalistas, desde a época da Associação que antecedeu o Sindicato, sofreram penalidades. Percebe-se que há uma disciplina interna à categoria que se pode chegar à exposição pública de um jornalista, motivada por conflitos internos. Em outra ocasião, companheiros são expulsos da Diretoria do Sindicato, por não comparecerem às reuniões regularmente. Diga-se, de companheiros pertencentes à Diretoria. Na gestão 1990 a 1993, jornalistas foram expulsos da então Diretoria por decisão de assembleia geral. Por sua vez, o jornalista Pompílio Santos chega a questionar o confrade A. Tito Filho sobre perseguições políticas atribuídas ao veterano jornalista por conta do AI 5. Pompílio se mostra ressentido daqueles atos praticados.⁶⁵

Tendo-se em vista que não existia uma instituição formadora, bem como a prática acontecia em nível do controle da profissão através da ação sindical, é de se levar em conta o quanto a postura do Sindicato de Estado pôde ter legado aos profissionais de imprensa de Teresina uma postura dependente dos poderes públicos. Esta nossa assertiva pode ser constatada, uma vez que são vários os indícios ao longo das narrativas encontradas nas atas do Sindicato. Dois líderes que fizeram história na imprensa local — José Lopes dos Santos e o veterano A. Tito Filho — são taxativos em relação aos socorros às finanças do Sindicato quando este se encontrava com finanças debilitadas, ou mesmo na ajuda de custo a passagens aéreas quando da participação de seus líderes em reuniões da FENAJ, ou em congressos regionais. É importante ressaltar que este auxílio não se tratava de verbas sem o escrutínio da legalidade, mas sinalizava a existência de um condicionante histórico legado do processo de modernização organizativa dos trabalhadores brasileiros desde a era Vargas. A Lei de Sindicalização de 1931 primava por uma postura que estimulava a dependência dos Sindicatos em relação ao Estado. Estes subsídios eram previstos por lei; por outro lado, legaram, a dependência das associações e sindicatos a viverem em parte à custa do Estado.⁶⁶ Não se trata de coincidência que a primeira Associação de Jornalistas do Piauí date de 1934; em 1952, foi reformada provavelmente para se adequar a pequenos ajustes sofridos à legislação de 1931. A. Tito Filho discorre, com certo lamento, sobre o final dos subsídios que os jornalistas locais recebiam, à época, do Governo

⁶⁵ RIBEIRO, op. cit., 5 abr. 1989, p. 4-5.

⁶⁶ A partir da Lei de Sindicalização de 1931, Lei 19.770 de 29/03/1931, estabelece-se este tipo de relação oficial de dependência com a lei do imposto sindical obrigatório. Os sindicatos, associações patronais e de categorias liberais estavam autorizadas a receber subsídios com o objetivo de garantir a modernização nas relações trabalhistas no Brasil. Oliveira Viana em palestra realizada em 1939 deixa claro que o Estado Novo assim agia como forma de modernizar via Estado as organizações dos trabalhadores, visto que esses, segundo o articulista do Estado Novo, não teriam a capacidade de andar com seus próprios pés. Acrescente-se que Ângela de Castro Gomes tem rechaçado as bases dos teóricos do Estado Novo quanto a esta “suposta” inatividade das associações e operários brasileiros. Cons.: VIANNA, Oliveira. **Direito do trabalho e democracia**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1948. p. 63-102.

Juscelino Kubitschek, visto que estes gozavam de valor de meia passagem em viagens aéreas. Mas A. Tito Filho afirma que, em razão de abusos irregulares desta ajuda financeira, o benefício foi extinto. Entretanto, as relações de dependência não se encerram aí. Móveis e utensílios são doados pela Câmara do Legislativo piauiense. O vereador Francisco Figueiredo, na gestão Antônio José Lopes dos Santos, presidente do Sindicato, recebe subsídios das verbas sob emendas ao orçamento da união, empreendidas por deputados federais. Comumente, todos os anos o Sindicato recebia bolsas de estudos a serem distribuídas sob o critério do SINDJOR-PI.

Estes fios de dependência terminam por tecer no conjunto uma rede de laços interdependentes, muitas vezes difíceis de se detectar, mas que, historicamente, até mesmo com o surgimento da CUT, em 1983, não se é capaz de se romper com aquelas teias.⁶⁷

3.4 Em busca da veia histórica: representações associativas como instrumento da luta dos jornalistas por mais espaços e direitos

Havia um esforço na década de 1980 para que as lutas históricas da categoria dos jornalistas profissionais do Piauí fossem reconstituídas. O *Jornal Retranca* deixa registrado este esforço nas gestões de Roberto John, Kenard Krueel e Zózimo Tavares, este comandou a grande greve dos jornalistas em 1991. O ciclo dessas três gestões é a soma de vários esforços envidados, no sentido de reconstruir definitivamente uma nova identidade dos jornalistas que atuavam no Piauí, em especial Teresina.

O novo momento precisava estimular, atizar e construir corpo e contornos definidos da categoria, a partir de então pautados em novas formas, agora com a influência do novo sindicalismo. Desta forma, os esforços seriam justificáveis, pois o regime militar havia levado a categoria ao imobilismo político pela ausência das liberdades civis e políticas.

A História em torno de como os jornalistas se organizaram, desde os idos de 1934, será reconstruída nesta seção, resgatando sua mobilização na década de 1980. Não se trata de relatório laudatório de um passado morto, pois a história que se quer resgatada pelos atores da década de 1980 vinha à tona com questões problemáticas que iluminavam a compreensão das empreitadas à vista dos então jornalistas filhos do seu tempo.

Várias matérias — entre estas artigos e crônicas publicados pelo *Retranca*, principalmente as entrevistas — abrangem temas e perguntas com objetivo certo: desvendar a história e, a partir daí, reconstruir o tempo presente dos anos 1980. Então, nosso esforço é

⁶⁷ Cf.: BOITO Jr. Armando. *O sindicalismo de Estado no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 1991. p. 11-21.

mostrar esse vínculo que os jornalistas, à época, o entendiam como necessária renovação, mas sem perder os laços que representassem as lutas da categoria.

Os jornalistas do Piauí, que sempre atuaram majoritariamente no espaço circunscrito à cidade de Teresina, possuíram ao longo de sua existência três órgãos com interesses voltados ao grupo dos jornalistas. Quais sejam: a Associação de Imprensa do Piauí, fundada em 1934; a Associação dos Jornalistas Profissionais do Piauí, fundada em 1952; e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí, criado em 1959. Esta com nomenclatura que se manteve no restante do período estudado.

É interessante perceber que, de início, em uma das entrevistas concedidas por Arimathéa Tito Filho, situando os motivos do surgimento da imprensa no Piauí, os vínculos históricos ao presente são colocados como pilastras para a sua compreensão: “Surgiu por necessidade social. A civilização está em constante mudança. Se o homem cria para alcançar novos processos de progresso, é natural que a sociedade participe da criação”.⁶⁸ O jornalista faz sempre referências ao processo civilizatório da Humanidade em sua exposição. Mostra-se sempre inconformado com o que já foi conquistado, sempre sinalizando para a necessidade de se avançar mais.

Os jornalistas são sempre colocados como peças-chaves da “evolução das civilizações”. Assim a sequência da entrevista trata de como se deu a organização dos jornalistas em Teresina e o seu papel desempenhado em prol do progresso do Estado do Piauí.

A linha evolutiva é traçada recorrendo-se a um jogo de oposições de registros notórios: amadorismo *versus* profissionalismo, bem como do jornalista intelectual *versus* o jornalista profissional. As associações contribuem, segundo avaliação própria, para o *avanço, progresso e modernização* da imprensa local; ademais, nesse jogo das disputas entre o *atraso e o progresso*, há ganhos e perdas na análise do entrevistado, bem como daqueles que o interrogam, visto que também terminam por emitir compreensões do processo em análise.

Segundo A. Tito Filho, a primeira Associação de Imprensa do Piauí, fundada em 1934, tinha um papel mais intelectual que profissional.⁶⁹ Esta entidade, sob a liderança de Cláudio Pacheco, chegou a realizar o Primeiro Congresso de Jornalismo do Piauí. Diga-se, na edição

⁶⁸ TITO FILHO, Arimathéa. Teresina, **Retranca**, 28 e 30 abr. 1989, p. 4. A. Tito Filho teve intensa participação na história do Jornalismo local, participando como presidente da Associação de Jornalistas do Piauí nos anos de 1952 a 1958. Manteve-se ativo nas lutas dos profissionais jornalistas nas décadas de 1960 e 1970. Teve como companheiros de lutas José Lopes dos Santos (presidente 1968-1971 do SINDJOR-PI), José de Araújo Mesquita (três vezes presidente do SINDJOR-PI). Participou nos anos de 1966, 1967 e 1968 das discussões da Conferência Nacional dos Jornalistas, realizada em Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre. No Congresso de 1967 atuou como redator do Código de Ética dos Jornalistas do Brasil.

⁶⁹ Cf.: QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas e Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

desta reportagem, há o anúncio em letras garrafais da realização do IV Congresso Estadual de Jornalistas.

A vida intelectual de Teresina havia se desenvolvido entre encontros em cafés, bares, Clube dos Diários, salão nobre do Hotel Piauí. Encontros por vezes não programados, provavelmente em um daqueles finais de tarde, em que o pôr do sol era responsável pelo cenário poético que animava jornalistas, intelectuais e literatos, conforme narra A. Tito Filho:

Conversando uma vez, despreziosamente, num velho estabelecimento de Teresina, que ficava ao lado do Teatro 4 de Setembro, chamado *Bar Carnaúba*, eu, José Vieira Chaves, Pedro Conde, Arthur Passos, Patrício Franco e outras pessoas que faziam jornalismo em Teresina, achamos que deveria ser criada uma nova instituição, porque considerávamos a Associação Piauiense de Imprensa uma entidade apenas histórica. Ela havia desaparecido na sua atividade normal de congregação dos jornalistas no Piauí. Então combinamos que haveria uma reunião, data marcada, e seriam convidados todos aqueles que tivessem trabalho jornalístico em Teresina.⁷⁰

Os confrades, como A. Tito Filho costumava referir-se aos jornalistas associados, são aqueles que, entre 1959 e 1975, despontam como frequentadores das reuniões do Sindicato dos Jornalistas. Por exemplo, Pedro Conde, muito presente ainda na década de 1960; José Vieira Chaves, muito próximo da gestão de José Lopes dos Santos, este, influente jornalista entre profissionais durante toda a década de 1970. No ciclo dos confrades de Lopes dos Santos, encontra-se Deoclécio Dantas, tesoureiro do SINDJORPI, gestão 1968-1971, foi jornalista de destaque, e exerceu a chefia de editoria do jornal *O Dia*, na década de 1970.⁷¹ A aproximação deste confrade com José Lopes dos Santos deixou marcas para as articulações políticas das décadas de 1970 e 1980, visto que, como diz o próprio Lopes dos Santos, fora ele quem trouxera o jornalista Deoclécio Dantas ao mundo das disputas políticas. Fazer sindicalismo no Jornalismo, como veremos, significava mais que um passaporte para uma atuação sindical, pois muitos de seus participantes alçaram voos a cargos da administração pública. Tais jornalistas se tornaram atores emblemáticos da política partidária que se articulou em Teresina àquele

⁷⁰ TITO FILHO, jan./set.1988, p. 5-6.

⁷¹ Deoclécio Dantas, como jornalista, foi assessor de imprensa e desempenhou papel importante na imprensa local. Aquele profissional, que, sem sombra de dúvida, influenciou muitos jovens jornalistas que despontariam na década de 1980, fez parte da Equipe do governador Helvídio Nunes, segundo governador do período militar. Foi diretor da Imprensa Oficial a convite de Nunes. O Sindicato dos Jornalistas concede sessão especial em homenagem ao jornalista por ser convidado a “desenvolver tão honroso cargo em favor do Piauí”. No período em foco, desempenhava papel de tesoureiro do Sindicato, licenciou-se por poucos meses para exercer o cargo de deputado Estadual. Foi posteriormente vice-prefeito da capital e candidato a vice-governador do Piauí na chapa PFL/PDT. Tornou-se membro da Academia Piauiense de Letras. Cons.: SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 1 de março de 1969, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas (Arquivo do SINDJOR-PI).

período. A Secretaria de Comunicação, assessorias de órgãos vitais de governo dão reconhecimento àqueles que passaram pela Diretoria do Sindicato.

A escolha do primeiro presidente parece não ter sido fácil, por três vezes dois nomes foram aclamados como presidentes, mas não aceitaram suas indicações. O terceiro, A. Tito Filho, também aclamado, teve a negativa do então jornalista. Na quarta aclamação, o jornalista que havia negado aceitou sua eleição. O primeiro nome escolhido foi de Arthur Passos, e, em segundo, Pedro Conde, figuras de destaque no Jornalismo da capital piauiense. Já na eleição de 1984, a disputa mostrou-se acirrada entre José Alves Fortes Filho e Roberto John Gonçalves da Silva.

Uma das primeiras providências do seu presidente foi a regularização da instituição com elaboração de um estatuto, tentando adentrar por aquilo que podia ser de direito e de dever dos jornalistas associados. A. Tito Filho faz questão de ressaltar o que chama de conquistas e prestígio dos jornalistas à época em que dirigiu o sindicato:

O tempo foi passando e a Associação se foi organizando... devo aqui um esclarecimento sobre uma das maiores conquistas que os jornalistas brasileiros obtiveram em todos os tempos. Do ponto de vista do amparo financeiro e amparo à profissão. Isto morreu. Infelizmente desapareceu. Era presidente da República o Senhor Juscelino Kubitschek, e estava como um dos grandes de República o Sr. Nereu Ramos. E Nereu Ramos concedeu aos jornalistas brasileiros - não me recordo se ele estava ocupando interinamente a presidência ou se estava como Ministro de Juscelino, é uma questão por pesquisar - 50% de abatimento nas passagens aéreas, desde que estivessem filiados às entidades da categoria e, ainda, que viajassem a serviço da profissão. Era uma conquista notável, uma vitória da categoria.

De mim mesmo, viajei várias vezes nesse favor da República, favor oficial do governo. Aliás, digo favor, no aspecto legal, legítimo. Não era propriamente favor; era um reconhecimento das autoridades pelo trabalho sério do jornalismo. Mas a verdade é que os abusos foram tão frequentes, começou-se a distribuir passagens com 50% de abatimento para pessoas que nada tinham com o jornalismo, que terminou por haver o cancelamento do benefício. E é bem de notar que a companhia aérea era privada, como ainda hoje é, e o governo sustentava os outros 50%. O jornalista pagava os 50 e o governo completava a passagem.⁷²

Esta visão de associação de trabalhadores tem sido alvo de críticas de estudiosos do sindicalismo brasileiro. Com a lei de sindicalização implementada, desde 1931, pelo governo provisório de Vargas, criou-se uma relação de dependência entre governo e sindicatos. Não só do ponto de vista sociológico, pois as fontes revelam os próprios jornalistas que veem essas relações se excederem. Para Boito Jr., este tipo de favorecimento, embora institucionalizado e

⁷² TITO FILHO, Arimathéa. Imprensa piauiense. **Retranca**, jan./set. 1988, p. 6.

legal, favoreceu o desenvolvimento de uma cultura de dependência de instituições sindicais que, em tese, teriam que mostrar autonomia para carrear as suas lutas sem interferências, seja do governo ou da classe patronal. Oliveira Viana, em palestra proferida em 1939, apresenta claras evidências da finalidade desta ajuda a sindicatos e a associações patronais, ou de profissionais liberais:

Antes de entrar na análise das realizações dessa política social da revolução, quero ressaltar essa singularidade do seu método de ação, que é o de ser ela uma iniciativa do Estado, uma outorga generosa dos dirigentes políticos – e não uma conquista realizada pelas nossas massas trabalhadoras. Estas, não tinham em nosso país, até 1930, nenhuma ideologia dominante, nem também nenhuma solidariedade, nenhuma arrematamento que lhes desse força e prestígio bastantes para impor ao Estado uma orientação em seu favor.⁷³

Com base em Boito Jr., e discordando de Oliveira Viana, articulista do Estado Novo, Viana mostra discernimento na sua interpretação fiel aos propósitos do Estado Novo. Este carrou forças para extirpar do imaginário das lutas dos trabalhadores brasileiros o que foi conquistado a suor e sangue pelas lutas operárias no Brasil.⁷⁴

O discurso de A. Tito Filho mostra-se sintonizado com uma postura de aceitabilidade destas políticas beneficentes, pois o discurso revela indignação com o fim do benefício; “isto morreu, infelizmente desapareceu”. Soma-se ainda uma louvação sem rodeios às providências advindas de forma personificada nas pessoas de Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek. Um claro agradecimento a atitude providencial dos dois políticos então citados. Como enfatiza o presidente da associação, não se trata de ato ilegal, mas de uma concessão do Estado em favor da classe.

Outro problema, atinente a estas práticas de favorecimentos, é que se percebe um engendramento histórico de práticas e representações que impregnam imagens das práticas socioculturais das políticas postas em uso pelos atores principais do Sindicato ao longo da sua existência.⁷⁵ Em 1984, o Sindicato recebia subvenção do Poder Legislativo municipal, estadual,

⁷³ VIANNA, op. cit., 1948, p. 93.

⁷⁴ Ângela de Castro Gomes, em magistral trabalho de pesquisa histórica sobre a organização das classes trabalhadoras do Brasil, desconstrói esta visão expressa pelo articulista do Estado novo, Oliveira Viana. A historiadora refaz a trajetória de luta operária, e rompe com esse olhar de que os benefícios atingidos pelos trabalhadores no Brasil tenham sido benefícios unilaterais do Estado. Ademais os trabalhadores já contavam com participação ativa nas lutas de classes desde o início da República. Cf.: GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Iuperj / Vértice, 1981; PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala: origem da ideologia trabalhista no Brasil**. Rio de Janeiro: Boitempo, 1990.

⁷⁵ As atas das reuniões dos anos de 1968 e 1975 são repletas de registros dessas práticas, embora legais, mas engendradoras de representações culturais difíceis de serem rompidas, até mesmo com o advento dos “novos tempos”, pós 1985. Há esforços, críticas e combates, no entanto, a herança se faz difícil de se remover. Cons.: SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí,

e da união através de emendas dos parlamentares e vereadores. Até mesmo bolsas de estudos voltadas ao Ensino Médio a serem distribuídas à livre escolha do sindicato.

Trata-se de uma entrevista realizada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Kenard Krueel.⁷⁶ Este se revela ator de liderança incontestante entre jornalistas nas décadas de 1980 e de 1990, implementando movimentos que agitaram a classe que buscava autonomia e independência. Kenard, dando continuidade ao trabalho combativo de lutas por direitos trabalhistas, encetadas na gestão Roberto John, agregou práticas mais intensas de atividades culturais, tentando reaproximar o Jornalismo da Literatura e dos literatos, visto que o processo de profissionalização colocara em cheque aquela imagem do jornalista com feitiço intelectual. Atividades socioeducativas, aliadas a eventos socioculturais voltados à arte, agregam-se às lutas trabalhistas.

Conforme dito anteriormente, a reconstrução histórica aqui empreendida tenta interpretar os motivos desta rearticulação das antigas gerações de jornalistas com aquelas recentemente chegadas ao poder do sindicato. As referências a A. Tito Filho são arroladas com tratamento de mestre ao jornalista; aquele que retém a memória das ações coletivas dos artífices da notícia.

Ao defender inicialmente a hipótese de que a organização dos jornalistas em Teresina configurava-se algo próximo dos sindicatos carentes de autonomia, maiores e mais significativos, enfrentamentos aos tentáculos interferentes do Estado, principalmente perante a desmobilização política, no período compreendido entre 1964 a 1985, havia certa convicção do rompimento destas peias, após 1985, com o processo de abertura democrática, e as lutas em prol das conquistas salariais, acordo coletivo de trabalho e outras conquistas. Por sua vez, essas lutas na arena político/trabalhista poderiam ampliar-se para outros horizontes. Passadas as lutas, há um freio que talvez a maioria dos observadores não esperasse – ocorridas as conquistas históricas como acordo coletivo de trabalho e piso salarial, parece que muitos se deram por satisfeitos. Outros não prosseguiram na luta.

01 de novembro 1975, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas. (Arquivo do SINDJOR-PI) O Deputado João Clímaco de Almeida inclui 15,000,00 cruzeiros no orçamento da União, exercício ano 1976, destinados ao SINDJOR-PI. SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 01 de abril de 1969, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas. (Arquivo do SINDJOR-PI).

⁷⁶ Kenard Krueel Fagundes dirigiu o Sindicato dos Jornalistas no triênio de 1987 a 1989. Antes de ser presidente do sindicato já havia participado como membro da Diretoria anterior, presidida por Roberto John Gonçalves e Silva. Na década de 1990, continuou ativo como agitador e promotor cultural do SINDJOR-PI. Cf.: KRUEEL, Kenard. Relatório de atividades do exercício de 1988. Teresina, **Retranca**, dez. 1988, p. 8-9.

Por outro lado, o mais significativo desta conclusão é que no meio do caminho haveria uma pedra de difícil remoção – embora a história ainda não tenha experimentado que seja difícil removê-la – a transformação da notícia num artefato mercadológico: a notícia tem patrocinador, tem que ser comercializada e dela dependente o empreendimento, investimento do capital, este gerador de perspectivas de lucro. Em Teresina, um agravante, o principal cliente dos três principais diários de notícias, *O Dia*, *Jornal da Manhã* e *o Estado* seria o governo carreando verbas publicitárias de divulgação das ações dos governos municipal e estadual em prol das transformações da cidade de Teresina.

A transição política no Brasil da forma como foi negociada, “sem traumas”, traz à recomposição política, para o tabuleiro do xadrez político, as figuras mais expressivas do período anterior à abertura democrática, que se notabilizaram por ocupar os cargos de maior prestígio na Teresina da *era “Cidade Metrópole”*. Contraditoriamente, Wall Ferraz e Alberto Silva, governador e prefeito respectivamente na década de 1970, foram reconduzidos ao poder como os maiores “beneficiários” da transição negociada “sem traumas”.⁷⁷ Os dois se consolidam como as duas maiores lideranças do período democrático com assento no eleitorado da capital, encilhados na retomada das polêmicas e representações da Teresina metrópole, mas agora com novo ingrediente, eis a questão: — Cidade metrópole ou cidade cidadã?⁷⁸ A presença dessas lideranças assentadas na publicidade de suas gestões passadas os tornam lideranças que adentram pela década de 1980.

Por força do seu valor simbólico em importância para a história do Jornalismo do Piauí, faz jus transcrever ato dos jornalistas do Piauí:

Aos seis dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta e nove na sede do SENAC, presentes os jornalistas José de Araújo Mesquita, [...] José Arimathéa Tito Filho. Aberta a sessão pelo senhor presidente foi explicada a finalidade da mesma, que era de autorizar o senhor secretário mandar

⁷⁷ Não é sem propósito que a nossa análise contempla, no segundo capítulo, o governo Alberto Silva e seu empreendimento de transformar Teresina numa “metrópole”. Quando volta em 1986, agora eleito pelo voto das urnas, tem seus projetos questionados frente às novas demandas. Wall Ferraz, prefeito de Teresina entre 1975 a 1978, também volta pelo caminho das urnas. No entanto, os dois experientes atores da política piauiense, embora do mesmo partido político, inicialmente PMDB, começam irremediavelmente a aflorar suas incompatibilidades: Wall deseja uma gestão de feitiço social, enquanto Alberto não abre mão de dar continuidade ao seu projeto de ver Teresina uma grande “metrópole”. Continua assim a investir em continuidades, e em *obras símbolos* que, a seu ver, precisavam ser retomadas e concluídas. *O Retranca*, jornal do Sindicato dos Jornalistas, se mostra sintonizado com as novas sensibilidades; detecta-se no periódico, tentativas de abordar a cidade de Teresina sob outros prismas.

⁷⁸ Entre as ideias e possibilidades detectadas em *O Retranca* nas décadas de 1980 e 1990, veem-se jornalistas defendendo ações que protagonizavam a redemocratização do Brasil. O sindicato, sob a direção de Roberto John, mostrava-se com olhar voltado às lutas pelas liberdades democráticas, bem como críticas insistentes às deficiências e carências de equipamentos urbanos. Ver.: Democracia é difícil na comunicação. *Retranca*, Teresina, 21 e 22 fev. 1992, p. 5; Três mortes em briga por posse de terras. *Retranca*, Teresina, 21 e 22 fev. 1992, p. 12. Começa greve do servidor do município. Teresina, *Retranca*, Teresina, 21 e 22 fev. 1992, p. 12.

confeccionar quinhentas circulares de comunicação da fundação a primeiro de maio do corrente ano da Associação Profissional dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí bem como da eleição e posse dos membros da diretoria e conselho fiscal.⁷⁹

Ressalte-se que a Ata de reunião do dia 10 de maio de 1959 documenta como extinta a antiga Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí. Não se trata apenas de mudança de nomenclatura, em que a palavra profissional passa a aparecer duas vezes e a substituição “do Piauí” por Estado do Piauí. Tratava-se de uma transformação de associação em sindicato. E também se referindo a um acerto de contas com o associado José Vieira Chaves, que não havia ainda repassado os subsídios do governo Estadual à associação. O antigo tesoureiro ao ser citado deu explicações sobre o compromisso de José Vieira Chaves em fazer o repasse do débito com a associação. Mais uma vez cita-se a extinção da antiga associação:

Prosseguindo, o jornalista José Antônio da Silva, tesoureiro da *extinta Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí* (grifo nosso), fez a prestação de contas corretamente das quantias que pelo mesmo foram recebidas durante sua gestão entregando todos os documentos.⁸⁰

Mais que um ato de extinção, cabe ressaltar alguns aspectos sobre o processo de surgimento de empresas de Jornalismo em Teresina. O processo de profissionalização está associado ao surgimento de investimentos privados na área de Jornalismo e o conseqüente surgimento de trabalhadores assalariados nesta área, sem esquecer que o processo produtivo se especializou e diversificou neste tipo de empresa. Daí a intensificação pela organização dos trabalhadores em sindicatos.

Medeiros, em uma entrevista especial ao jornal *Retranca*, entrevista registrada em dez páginas deste periódico da classe de jornalistas, embora tivesse o foco na sua pesquisa sobre o sindicalismo rural, que compreendia o período de 1958 a 1964, traz revelações importantes sobre a história do Jornalismo em Teresina. O sociólogo revela algumas de suas conclusões acerca do processo de surgimento do Jornalismo empresa em Teresina, visto que os periódicos da capital deram suporte de pesquisa quanto às fontes utilizadas.⁸¹

O período em que se insere a extinção da antiga associação coincide com os primórdios da empresa moderna de Jornalismo em Teresina, mas sem que ainda houvesse se consolidado.

⁷⁹ SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 06 de maio de 1959, Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas. (Arquivo do SINDJOR-PI).

⁸⁰ RETRANCA, op. cit., 21-22 fev. 1992, p. 12.

⁸¹ Antônio José Medeiros. *Retranca*, Teresina, 13 fev. 1995, p. 3-13.

Entre 1958 e 1964, pôde-se registrar a existência de oito jornais que marcaram passagem pela imprensa local. Diga-se, a maioria caracterizando-se como jornais de opinião e não de notícia.

Alguns tinham certa periodicidade, como *O Dia*, *Estado do Piauí* e *Jornal do Piauí*, na maioria bissemanais.

Entre aqueles de opinião destacam-se o *Jornal do Piauí*, órgão oficial do PSD, o Estado do Piauí atua como via de expressão do PTB. A imprensa de opinião se envolvia nas disputas políticas sem meios termos, apresentando-se como aliada de partidos e ocupando posição de *front* na crítica cotidiana a adversários, indo ao ápice durante os pleitos eleitorais. O *Jornal do Piauí*, de oposição ao governador Chagas Rodrigues, o chamava de “turista de Copacabana” quando o chefe do Executivo se dirigia à capital da República. Portanto, aquela “impessoalidade” pretendida pelos grandes jornais que circulavam pelo Brasil não se fazia presente na imprensa local. As disputas, além de político-partidárias, chegavam a insultos pessoais. Quanto às querelas não se tratava de práticas de exceção, mas de algo mesmo rotineiro. Vê-se no início dos anos 1960, mesmo depois da criação do sindicato, um jornalismo deslocando-se para o profissionalismo, e a revelar-se noticioso e menos de opinião.

Seguindo neste raciocínio, podem ainda ser citados o *Jornal do Comércio*, mais alinhado ao Sr. Clidenor de Freitas, homem de posição política definida, agitador cultural, e próximo ao PTB e ao governador Chagas Rodrigues. *O Folha do Nordeste* era de propriedade de João Clímaco de Almeida, futuro vice-governador, e do Sr. Dirno Pires.

Dois jornais têm contornos diferentes se comparados aos anteriores. O *Jornal do Comércio* e o *Jornal O Dia*. Estes, por se tratar de periódicos de propriedade de jornalistas, vislumbram uma imprensa que já se distanciava do tradicional, ensaiando deixar o feitio dos demais jornais citados. Bento Bastos e Leão Monteiro eram os proprietários respectivamente. Embora primassem por uma certa consciência do jornalismo moderno, assumiam posições políticas, com difícil desvencilhamento do restante dos jornais.

Acontecimento que marcou mudança no sentido da modernização do jornalismo local pôde-se observar na seguinte afirmação de Medeiros, quando se referiu ao final do ano de 1964. Ao tecer comentário sobre *O Dia*, chega a importante conclusão:

No fim, foi comprado pelo coronel Miranda, que editava o cooperativista. Houve uma mudança em dois rumos do *O Dia*: deixa de ser jornal de opinião e passa a ser mais noticioso; deixa de ser de posições políticas e passa a ser mais empresarial.⁸²

⁸² Antônio José Medeiros. **Retranca**, Teresina, 13 fev. 1995, p. 3-13.

Ao analisar o segundo quinquênio da década de 1960, percebe-se clara tendência do *Jornal O Dia* em trilhar caminho que marca a sua existência na cidade de Teresina, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Na cobertura em torno da construção da Barragem de Boa Esperança, estão onipresentes discursos e imagens do governo Helvídio Nunes; e durante o governo Alberto Silva é incontestável a aproximação deste órgão de notícias com as imagens engendradas pelo poder público sobre a cidade de Teresina. Artigos, charges e cartuns se analisados em conjunto, publicados pelo próprio *Jornal Retranca*, dão conta do que se acaba de afirmar.⁸³

Esta compreensão histórica do perfil do mais antigo jornal da cidade Teresina é compartilhada em parte por recentes pesquisas realizadas por Marylu Oliveira, embora sua análise tenha se circunscrito à década de 1960.⁸⁴

Com o surgimento do jornal empresa, abre-se caminho para a consolidação do jornalista assalariado, aquele enquadrado nos padrões CLT, e dependente cada vez mais das associações de classes.

3.5 Tentando romper amarras: uma saída chamada alternativa

Embora cada vez mais o sindicato se distanciasse dos dias em que foi uma Associação de Jornalistas, antes mesmo do primeiro quinquênio da década de 1980, jornalistas se movimentam em busca de alternativas. Arimathéa Moreira, ao revisitar suas memórias sobre a *Imprensa Alternativa* em Teresina, registra o que algumas fontes insistem em negar, que Teresina não conheceu a perseguição jornalística através da censura pós-golpe militar de 1964. Uma leitura a contrapelo é possível registrar o contrário. Moreira, em artigo escrito para o *Retranca*, nos demonstra, como sobrevivente àquela época de repressão, que a própria existência da “imprensa alternativa” é fato que comprova a existência de um monitoramento muito forte na imprensa oficial.

Assim, se o profissionalismo disciplinado na CLT se firmava como imagem de respeito do regime aos direitos trabalhistas dos jornalistas, no entanto, o desrespeito se fechava nas circunscrições de outras leis que exerciam poder de pressão sobre o jornalista.⁸⁵

⁸³ MEDEIROS, A. J., op. cit., 13 fev. 1995, p. 9.

⁸⁴ OLIVEIRA, Marylu. Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969 – uma análise a partir do jornal *O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. p. 53-54.

⁸⁵ Este momento da profissionalização do jornalista é marcado pela publicação em 1969 da definição do profissional de Jornalismo pela Lei 972/69. Esta de inspiração autoritária, junto à Lei de Imprensa de 1967, cria obstáculos à livre expressão do jornalista profissional. São claras as posições contrárias à subversão política. A lei de imprensa representa em parte o que os militares previam na Doutrina de Segurança Nacional. Portanto, as

Desse modo, em reação a essa situação de cerco à liberdade de imprensa, no final da década de 1960, surgem os primeiros passos alternativos que resistiram com criatividade à repressão do regime militar vigente à época.

Um grupo liderado por Edmar Oliveira — Durvalino Filho e Paulo José Cunha — começou a publicar no semanário *Opinião*. Este jornal era de propriedade do professor José Camillo da Silveira Filho. Consta que a gráfica deste jornal foi vendida ao jornalista e escritor Herculano de Moraes. Para o jornalista Moreira, esta aquisição remete ao primeiro jornal realmente alternativo a circular em Teresina, com o título de *Tribuna Democrática*. Participaram do jornal João Moura e B. Sá. Entre estes Jari Mosil, pseudônimo de Arimathéa Moreira.

O jornal “O Estado”, órgão de imprensa oficial, onde funcionava plenamente o release oficial, arriscou dar espaço a alguns jornalistas com uma página de feitio alternativo. Moreira afirma que a página durou muito pouco. Helder Feitosa, proprietário deste diário de notícias, costumava chamar estes jornalistas de “os meninos universitários”, por causa da rebeldia que caracterizava o grupo. Realmente, tentativas como estas ocorreram, mas não dava para a Direção do jornal sustentar. Não só havia um censor militar dentro dos jornais, mas também a autocensura. O jornalista Pires de Saboia em um de seus depoimentos deixa clara a existência desta prática no jornalismo local.⁸⁶

Há uma brecha histórica que extravasa os limites do discurso modernizador em curso. Mesmo o jornal *O Dia*, numa coluna que pouco durou, muito provavelmente pelos mesmos motivos de *O Estado*, na coluna de Humor *Folha da mãe Ana*,⁸⁷ publica uma charge, que, como afirmado, ocupa lugar de diagramação pouco comum, de dimensões gráficas de pequenas proporções. Mas como já se foi dito, momentos de comoção social abrem brechas históricas que apontam visões de críticas ao processo modernizador em curso na cidade. Nesse aspecto é a arte usando de suas táticas que resolve ocupar o papel de desconstrutora da ordem estabelecida.

Embora se tenha centrado preocupação nas tensões geradas entre jornalistas profissionais desejosos de mais espaços para a realização do seu ofício, esta pesquisa não fecha os olhos à imprensa alternativa, visto que esta é denunciante. Acredita-se que o tecido da

reuniões das Assembleias dos jornalistas no SINDJOR-PI são marcadas por um clima de formalidade que se discutirá em seção específica desta tese. Cons.: O papel da Associação Brasileira de Imprensa. In: ALVES, Maria Helena M. **Estado e oposição no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p. 208-218.

⁸⁶ Pires de Saboia. Cadernos de Comunicação do Piauí. **Revista do Sindicato dos Jornalistas do Piauí**. Teresina, p.14, mar./abr. 20015.

⁸⁷ Coluna “Folha da Mãe Ana”, encarte especial pelo aniversário da cidade, **Jornal O Dia**, Teresina, 18 ago. 1974, p.1.

liberdade de expressão se encontrava claramente cingido pelas manchas escuras da repressão e do autoritarismo. O registro da existência da Imprensa alternativa dá o contraponto ao que seja hegemonicamente oficial. Há uma oficialidade repressora, sim. Por isso mesmo Kucinsk define imprensa alternativa no Brasil como algo que nasce em oposição ao Regime Militar pós-64.

Após a curta existência do *Tribuna Democrática*, surge *Estado Interessante*, no ano de 1972. Chama a atenção o fato de seu editor Alberoni Lemos Filho transitar também pelo Sindicato dos Jornalistas. Mais uma vez surgem aqueles que compunham as fileiras da imprensa alternativa e ligados a este alternativo: Edmar Oliveira, Durvalino Filho, Paulo José Cunha, Marcos Igreja, Luiz Cláudio Pitta, este escrevia sobre discos.⁸⁸

Ainda entre as lembranças de Moreira, sobre a imprensa alternativa, não há margem de dúvida sobre o cerco censurador à imprensa local e aos jornalistas profissionais. Embora o SINDJOR-PI tenha sido considerado espaço pouco aberto a questionar o processo modernizador em curso em Teresina, os jornalistas mais inconformados com a situação buscaram alternativas. Mais que isso, sofreram provável ou seguramente perseguições de difícil registro em razão de olhares monitoradores dos órgãos de polícia, formas de disciplinamento e as astúcias do governo que dispunha de chamarizes para aqueles que, por uma questão de sobrevivência, dependiam do seu ofício e do seu salário. Esses jornalistas iam engrossar as fileiras daqueles em favor do projeto de modernização da cidade de Teresina. A situação não parecia ser fácil: “‘O Estado Interessante’ resistiu a mais braba das censuras, da ditadura e do próprio jornal-mãe, no caso ‘O Estado’, do Saudoso Helder Feitosa”.⁸⁹

No que diz respeito à convivência entre jornalistas, como em qualquer grupo em que o terreno das formações intelectual e ideológica nem sempre se revelam homogêneas, veem-se os grupos que mais frequentavam o espaço do SINDJOR-PI, outros, convivas de territórios alternativos como daqueles que se acabou de analisar. Imagine-se o quanto muitos rachas não tenham acontecido. O ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Lopes dos Santos, na semana em que formava sua equipe de assessores de imprensa para a Secretaria de Comunicação do Governo Bona Medeiros, ao anunciar o jornalista Feitosa Costa como membro da equipe em formação, o escolhido é anunciado como parte de um grupo de amigos com afinidades profissionais.

É muito interessante perceber como os participantes da *Folha de Cultura do Jornal da Manhã*, neste caso comandada por Kenard Krueel, traziam com frequência aqueles

⁸⁸ MOREIRA, Arimatéa. **Imprensa Alternativa**. Teresina, **Retranca**, abr. 1992, p. 7.

⁸⁹ MOREIRA, A., op. cit., abr. 1992, p. 7.

companheiros de luta no SINDJOR-PI. A pesquisa revela assim a formação de companheiros por afinidade, que só uma nova pesquisa revelaria melhor os perfis intelectuais e ideológicos daqueles agentes da notícia.

Mas a convivência nem sempre se revela duradoura ou pacífica, principalmente em se tratando da imprensa alternativa. Moreira revela a constatação desta assertiva ao se referir à debandada, às vezes rachas intragrupos. Em suas argumentações sobre os integrantes do alternativo *Estado Interessante*, afirma que o clima por vezes esquentava:

Na realidade tudo ia bem, até que houve um “racha” na equipe, e o Edmar Oliveira saiu do esquema, levando o Durvalino, o Pêjota Cunha, o Arnaldo Albuquerque, até mesmo o Torquato Neto, que já começava a aparecer nas páginas do Interessante.⁹⁰

Este clima de disputa muitas vezes resultava na criação de novos grupos.

Com o apoio do pessoal do jornal “A hora”, que tinha como Slogan “um jornal feito de jornalistas” e como principal articulador o célebre Miguel Cavalcante, ou “Miguel Bracim”, os remanescentes do “O Estado Interessante”, fundaram “A Hora Fatal”, que infelizmente, não passou de quatro edições.⁹¹

Este universo de divisões internas, de diferentes espaços aos quais frequentavam, e a busca de outras alternativas que quebrassem as barreiras impostas pela censura, ou pelos possíveis privilégios alçados àqueles que tomavam posições de governo vêm revelar a complexa teia dos atores analisados. Nesta rede de conflitos, ganham monta muitas vezes ressentimentos, disputas, acertos de contas.⁹² A. Tito Filho, durante a década de 1980, resiste em não renovar a sua carteira profissional de jornalista.⁹³

A finalidade desta seção de capítulo foi justamente mostrar que a militância jornalística não é restrita à década de 1980; mesmo em pleno regime militar, a classe se mobiliza, inclusive fora do espaço do SINDJOR-PI. Continua-se a defender a tese de que este Sindicato, na década de 1980, que começava a lutar contra os reveses da força repressora do Estado autoritário, verá outras pedras no caminho.

⁹⁰ MOREIRA, A., op. cit., abr. 1992, p. 7.

⁹¹ Id. Ibid.

⁹² A. Tito Filho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. Teresina, **Retranca**, 28 a 30 abr. 1988, p. 6. O jornalista Pompílio Santos cobra de Arimathéa Tito Filho explicações sobre possíveis perseguições políticas à sua pessoa pelo decano do Jornalismo teresinense.

⁹³ Pela Lei 972/69, o jornalista provisionado é aquele que não dispunha de diploma de jornalista, e que deveria renovar de dois em dois anos a sua provisão para o exercício legal da profissão. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/dele0972.htm>. Casa Civil, Presidência da República.

A década de 1980 surge assim como uma encruzilhada de difícil condução da categoria. Os novos atores sociais passavam a ocupar a cena. Se, de um lado, almejavam sacudir a poeira e dar a volta por cima, através das lutas políticas e sociais que marcaram a década de 1980, por outro lado, outros fatores freiam de chofre estas ações, ou concorreram para inibir tal sonho. A categoria ainda não dominava a arte de viver em meio a um novo tipo de imprensa, um novo tipo de jornal, como já se afirmou, o jornal modernizado, de feitio empresarial, com jornalistas assalariados e com jornada de trabalho excessiva. A reclamação é geral em relação ao patronato, explorador da força de trabalho do jornalista, e a empresa que não dava condições de trabalho para o desempenho da função de jornalista nos moldes a preservar a sua integridade profissional e de trabalhador.

As amarras ao exercício da livre imprensa são denunciadas como reflexo da força imperiosa do capital, visto que a força trabalho se via submetida. Não seria arriscado afirmar que setenta por cento das matérias veiculadas pelo órgão de comunicação oficial da categoria tenham como alvo denunciar estes novos desafios.

Tudo isso vem contribuir para que a década de 1980 tenha iniciado, por meio de seus atores, como o momento propício para reverter esta situação de desníveis de poderes, e de se conquistar uma nova identidade para a categoria dos jornalistas profissionais do Piauí.

3.6 A formação na redação e no exercício da profissão – perfil das redações, continuidades e descontinuidades

Se o jornalista é formado na redação, como podemos definir seu perfil? E mais: — Qual o perfil desses jornais que atuaram ao longo de suas existências? Se o jornalista é formado na troca de experiências com aqueles já consolidados profissionalmente, estes deixam como herança práticas, apropriadas e ressignificadas pelas novas gerações. Há de se convir que os jornalistas da década de 1980, embora filhos do seu tempo, terminaram por trocar não só ensinamentos, mas se tornaram “aprendizes” daqueles que traziam do passado uma tradição, em parte, na visão de Boito Jr., difícil de se romper.

A contribuição obrigatória de um dia trabalhado ao ano, ou mensalmente por escolha do associado, mantém uma estrutura sindical seja ela eficiente ou não.

Nem tudo era só conservadorismo que inibia a criatividade e a contestação. Nas edições do *Jornal Retranca* na gestão Kenard Krueel, figuras do passado são resgatadas, estas por vezes criticadas pelos então companheiros da década de 1980. Kenard mostra-se um continuador, melhor dizendo, um resgatador do jornalismo arte, buscando revigorar uma aproximação do

novo jornalismo com os literatos e a arte. Neste espaço concedido às figuras do passado jornalístico, pôde-se reconstruir o que havia de conservador, no tocante às práticas inaceitáveis para os novos tempos, mas também aquela imagem do jornalismo arte contestador dos anos 1950,⁹⁴ incorporada pelos antigos jornalistas com vínculos com a literatura. Krueel mostrava-se encantado por esta face do jornalismo arte. Mas com a era do mercado, notícia mercadoria,⁹⁵ tudo isso incomodava figuras muito próxima do convívio de Krueel, neste caso, o jornalista Ramsés Ramos.⁹⁶

Refletir um pouco sobre o perfil da imprensa nos anos antecessores à formação dos jornalistas locais oitentistas é uma forma de tentar traçar nessa rede de teias complexas as práticas que ajudaram a engendrar a geração hora em foco e do nosso interesse, neste caso, a geração da década de 1980.

⁹⁴ Para o Estudo realizado em capítulo específico desta Tese, *Teresina Metrópole – a cidade centro*, fica patente que nas festividades de comemorações dos 119 e 120 anos de Teresina ocorrem fatos inusitados que abrem brechas frente as massivas pautas dos jornais. Pautas que, em parte, deviam manter fidelidade a seus clientes; esta é uma lógica do mercado editorial moderno. Mesmo assim, neste monopólio, há momentos de rompimentos com a pauta hegemônica. Como? A festividade e a tragédia são ocorrências sociais urbanas ímpares e singulares da convivência cidadina, que marcam e desconstroem a rotina do noticiário. As diferentes classes passam a ter pontos em comum, visto que passam a dividir a mesma temática em pauta. Também passam a dividir problemas comuns que sejam ameaçadores, como as enchentes de rios, ou nos dias de festividades, como aniversário da cidade; este com outro ingrediente, o tempo festivo. Vê-se assim, sentimento de unidade coletiva. É nesta perspectiva que distinguimos as críticas sutis dos cronistas José Auto de Abreu e Arimathéa Tito Filho. As crônicas tocam em pontos que contrariam o processo de modernização da cidade na década de 1970. Neste sentido, podem ser observadas sensibilidades historiográficas em Roberto Machado ao analisar as festividades esportivas; em José Murilo de Carvalho ao analisar as festividades religiosas e o Carnaval na cidade do Rio de Janeiro na primeira República; em Nicolau Sevcenko, ao analisar o êxtase causado à sociedade paulistana, pelas festividades carnavalescas, a peste dos gafanhotos e a sensação de alívio promovida pelo final da primeira Guerra Mundial em 1918; Ângela de Castro Gomes ao analisar o uso do tempo festivo em tempo de Estado Novo (1937-1945). Nestes estudos, percebe-se que esses estados de comoção social são capazes de deixar ao historiador os contrastes de uma sociedade historicamente dividida. Para a festa e a tragédia veem-se mundos distantes serem ajuntados por um turbilhão que arrasta a todos. Mas terminados o medo ou a festa, o padrão anterior de divisão social volta à “normalidade”. Esse fenômeno é muito perceptível nas sociedades modernas, em processos de modernização e, em Teresina, revela-se esse mesmo viés histórico marcado por continuidades, e descontinuidades históricas”. Jornalistas profissionais de Teresina sutilmente disparam seu acervo crítico à modernização da cidade. É assim que A. Tito Filho e José Auto de Abreu disparam contra as avalanches da modernização da capital mesmo sob censura. Cons.: CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático na metrópole: a cidade de São Paulo nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; CASTRO, Gomes. O tempo festivo. In: **A invenção do trabalho**. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice, 1988. p. 31-43.

⁹⁵ BAUMAN, Zygmund. Individualidade. In: **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 70-116.

⁹⁶ RAMOS, Ramsés. Cultura nos jornais – ascensão e queda. Teresina, **Retranca** 1 a 10 jun. 1989, p. 3. Ramsés Ramos em artigo publicado pelo *Jornal Retranca* reclama da extinção da Coluna de Cultura, da qual fazia parte ao lado do líder sindical Kenard Krueel. Na coluna Teresíndia, de editoria de Kenard Krueel, este traz para o *Jornal da Manhã* boa parte da Equipe da Diretoria do Sindicato dos Jornalistas, entre eles Ramsés Ramos e Magno Cerqueira, entre outros. Ramsés mostrava-se ressentido com o fim daquela coluna. Nesta, debatiam-se cultura, poesia, filosofia e promoção de eventos culturais que ocorriam pela cidade. Mas Ramsés argumenta que os proprietários do jornal puseram fim ao Caderno de Cultura devido “àquilo dar prejuízo”, sem retorno de lucros. Sinais dos tempos: a notícia como mercadoria dá sinais da sua existência na cidade.

Observe-se que o perfil da imprensa e dos jornais locais tentou compreender as forças imaginárias alimentadoras das representações em torno da cidade de Teresina. Então: — Como se pode definir imprensa e jornais no intuito de atingir tais objetivos? — Se nos propusemos a analisar a geração 1980, que outras gerações a distinguem, na sua identidade e feitio?

Entre produções escritas sobre a história do Jornalismo não é muito fácil encontrar trabalhos densos e variados; há nesta seção de capítulo chamamento a se reconstituir parte da história do jornalismo piauiense, para daí serem tiradas conclusões sobre imagens e discursos projetados sobre a cidade. As principais instituições representativas e debates em torno da carreira tiveram como cenário privilegiado a capital Teresina.

Com relação a trabalhos de pesquisas, poucos foram realizados frente a um tema tão raramente explorado, tais como: Celso Pinheiro, e, mais recentemente, por Marylu Oliveira, Marcos Aurélio, Teresinha Queiroz, Ana Rego, além de tentativas arrojadas de o *Jornal Retranca* reter a memória em torno da história do jornalismo local. Uma vez que aqueles estudos não davam conta da questão-problema aqui proposta, as fontes primárias aqui elencadas terminaram por trazer à tona respostas às perguntas deixadas ao longo daqueles estudos, mas que ainda não tinham sido respondidas sistematicamente. Ainda citando Medeiros sobre a carência de estudos sobre o Jornalismo, este afirma: “Como me entusiasmei com a minha pesquisa sobre a época de 1958 a 1964, é preciso uma análise global desse período moderno do Piauí. De 1945 para cá”.⁹⁷ Quer dizer da geração que havia substituído a de 1945, e terminou ocupando o lugar da própria geração de 1968, durante a qual muitos jornalistas foram impedidos de exercer livremente a sua profissão.

A. Tito Filho em outra empreitada, divulgada pelo *Retranca*, afirma: “A história das entidades jornalísticas do Piauí não foi contada”.⁹⁸ No entanto, o objetivo nesta seção de capítulo é contribuir para o que os dois intelectuais mostram como preocupante, ou seja, a falta de estudos em torno do período de 1968 a 1995, que resgate a contribuição das gerações passadas para aquele quadro atual de coisas que se encontravam na imprensa local, claramente inquietas, sedentas e em busca de referenciais identitários, que ajudassem a nortear os rumos das lutas dos jornalistas àquela época.

⁹⁷ MEDEIROS, Antônio José. Teresina, **Retranca**, 11 de jan./2 fev. 1995, p. 3-13. O sociólogo revela os resultados de suas pesquisas sobre sindicalismo no Piauí. O pesquisador utilizou a fonte jornal, em que discorre sobre as várias conclusões as quais chegou sobre a evolução do jornalismo e das gerações de jornalistas que atuaram na imprensa do Piauí.

⁹⁸ A. TITO. FILHO. Imprensa piauiense. Teresina, **Retranca**, jan./set. 1988, p. 6.

O que será feito a seguir não se trata da busca de um *status* fundacional da história dos jornalistas, mas sim de estarem sintonizados com aquilo que a categoria elegia como prioritário de suas lutas naquele momento histórico da década de 1980.

O *Jornal Retranca* anuncia assim uma das três entrevistas a serem realizadas com um dos destaques entre os jornalistas da imprensa teresinense. Atuante desde os anos 1950, tratava-se de uma peça fundamental na rearticulação da imagem do “novo jornalista”. A. Tito Filho incorporava a história do jornalismo local, história enquanto entidade instituída, referência de identidades do *sujeito jornalista*. A Tito desfrutava do respeito dos profissionais do Jornalismo. A sua fala tem poder de instituir, pois se tratava de um jornalista, escritor e literato. Senão observe-se:

O jornalista e escritor A. Tito Filho volta à carga nas suas declarações sobre a imprensa piauiense. Analisando-a fielmente, ele traça aqui toda a trajetória do jornalismo praticado no Piauí. O Sindicato dos Jornalistas, com esta segunda parte da *entrevista do mestre* (grifo nosso) A. Tito Filho, pretende *resgatar a memória* (grifo nosso) da nossa entidade em suas lutas para uma luta maior dos nossos direitos. A. Tito Filho orgulha-se da imprensa piauiense e orgulha-se, ainda mais, de ter como jornalista procurado servir ‘o bom e querido Piauí’. Em outra edição, o teremos novamente como entrevistado, aguardem.⁹⁹

Percebe-se que a linha editorial do *Jornal Retranca* adota uma postura de resgate e reconstrução do papel e história dos jornalistas e suas práticas, não só em relação aos convivas mais próximos do sindicato. Procurava animar e empreender novas relações entre os jornalistas em geral. Para tanto, a obra se apresentava de grande envergadura. Por quê? O intento tem como objetivo revigorar antigas pilastras de sustentação do Jornalismo; por outro lado, com mais intensidade, erguer novas colunas que sirvam de sustentáculos do grupo. O jornal então inflama o debate em torno da *memória e da História*,¹⁰⁰ publica três revistas anexas ao *Retranca*, trazendo à tona o notável e polêmico escritor já citado.

O mais importante é perceber que a entrevista foi realizada com perguntas elaboradas por jornalistas que, por algum motivo ou outro, se destacavam entre os artífices da notícia¹⁰¹ e da existência do SINDJOR-PI. Nesse momento, as fronteiras embora se constituam de certa fluidez entre o que seja *discurso* e as *práticas discursivas*, o jornal colocava à disposição de

⁹⁹ A. TITO FILHO. Entrevista concedida ao *Retranca*, Teresina, 1989, p. 4.

¹⁰⁰ Cons.: VERON, Eliseo. Linguística e sociologia para uma “lógica natural” dos mundos sociais. In: **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 23-63; RICCEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007. p. 105-129; HALWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁰¹ Veja-se: Ana Zenaida Castelo Branco, Francisco Augusto, Paulo Machado, Ramsés Ramos, Albert Piauí, Cláudio Pacheco Brasil, Roberto John Gonçalves, Marcos Vilarinho, Alberoni Lemos Filho, William Palha Dias, Geraldo Magela Fortes Vasconcelos, Nerina Castelo Branco, Clidenor de Freitas Santos, Magno Cerqueira Alves Viana, Paulo Moura, José Fortes Filho, Pompílio Santos, Manoel Paulo Nunes, Elvira Raulino e Kenard Krueel.

seus cronistas e daqueles que o liam um conjunto de *enunciados* para compor um tipo de *repertório interpretativo* que discernisse o passado da imprensa piauiense e suas expectativas futuras. E como imprensa não se faz sem jornalistas, o cronista traz a efeito as performances dos jornalistas na *memória histórica*: — Como eram? As novas gerações refletiram sobre o que poderiam vir a ser? A *memória coletiva* é convocada e adquire fórum de verdade por ser filtrada por seu órgão maior de divulgação o *Retranca*, que a institui e lhe dá grau de verdade e legitimidade.

Logo, não se trata de um entrevistado “qualquer”, mas sim de *um jornalista e escritor*, que, além de gozar de um prestígio monumental entre jornalistas e a imprensa local, havia se firmado como intelectual e literato na seara dos jornalistas.

A matéria supracitada de o *Retranca* chama a atenção para o uso de algumas frases e palavras que, se analisadas, soam certa ansiedade em busca daquilo que sentimos: a busca da nova identidade coletiva que se quer descolada de um passado recente, que havia deixado a classe em desconforto com a sociedade e a própria categoria. Conforme perguntas de alguns dos entrevistadores, o confronto de gerações não estava descartado. A entrevista respinga um certo ajuste de contas. A memória precisava vir à tona. Se o jornalismo havia saído dos trilhos de sua trajetória da verdade e da ética devido à repressão, havia naquela entrevista a possibilidade de a categoria sair do seu descarrilamento histórico.

A expressão “*volta à carga nas suas declarações*” soa como um chamamento, alerta aos desavisados. A carga é pesada. Do trem que vai passar e que pode passar por cima, ou da maniva de pólvora, ou do peso da memória recente. Um conjunto daquelas memórias e enredos que vêm à tona com intuito de reconstruir?

A década de 1980 se caracteriza como o momento de construção, mas também de reconstrução histórica. A redemocratização ainda não havia sido concluída. A anistia de 1979 havia dado o pontapé inicial em nível institucional e na retomada das liberdades político-partidárias. Mas foi só em 1988 com a declaração da nova Carta Magna que se instituiu “definitivamente” o fim da censura na imprensa. O *Jornal Retranca* anuncia assim como toda a imprensa nacional o fim da censura em 1988, no dia da promulgação da nova Constituição.¹⁰²

Convém observar que as palavras e expressões — à carga, memória, entrevista do mestre, fielmente, orgulha-se, ‘bom e querido Piauí’, trajetória, aguardem — têm a função não só de prender a atenção do leitor, mas também de fazê-lo assimilar que se trata de um momento

¹⁰² A Constituinte de 1988 “termina com a censura” no País. Teresina, **Retranca**, set./jan. 1988, p.11. O fim da censura repercute forte em toda a imprensa nacional e local.

ímpar na história do Jornalismo, e de um chamamento para a reconstrução da memória sobretudo dos jornalistas. Desta forma, é com esta compreensão proporcionada e revelada pelas fontes históricas consultadas que se passa a reconstituir analiticamente o significado daquela “retomada consciente”, reveladora dos impasses que a cidade de Teresina teve de enfrentar em sua história contemporânea com a transformação do jornalista num trabalhador assalariado.

3.7 Jornal empresa, a vez do cliente – mercado publicitário quando o governo é o maior cliente

Inicia-se este tópico com alguns questionamentos: — Quando e como o principal diário de notícia da cidade, *O Dia*, se consolida como empresa de notícia? Qual o seu maior patrocinador? Como se caracterizam os clientes do jornal enquanto investidores da notícia, para divulgar seus produtos?

Com o capítulo intitulado *Cidade Metr pole – Teresina Cidade Centro*, deixa-se bem claro que o *Jornal O Dia* se constituiu de fundamental importância para a montagem da cidade metrópole. O artigo convocatório de Fabrício de Arêa Leão, jornalista sindicalizado entre os jornalistas profissionais,   apenas a ponta de um *iceberg* daquilo que se pode imaginar como estratégia de divulga o das peças publicitárias do governo Alberto Silva; este protagonizou uma das maiores campanhas publicitárias, senão a maior até então, promotora das potencialidades de Teresina. Mais que isso, os governos que o sucederam deram continuidade a esta prática de ter neste periódico instrumento divulgador dos feitos governamentais. Surge a prática do *press release* implantada por Armando Madeira Bastos, este com experiência advinda do antigo DIP do governo Vargas.

Vale questionar: — O que nos levou a tais impressões ao iniciar o manuseio com estas fontes hemerográficas? Primeiro, saltavam aos olhos os discursos em favor do progresso e da moderniza o da cidade de Teresina. O ufanismo em torno dessas propostas era tão avassalador, cheio de “crenças” modernas, que causavam certo desconforto em não se investigar, porque tamanha força de vontade, como mostravam as peças publicitárias, não resultou numa cidade mais justa e sem conflitos espaciais, com disparidades sociais tão evidentes. Uma cidade com problemas espaciais s rios, visto que sua popula o ribeirinha periodicamente passou a ser submetida a vexames humilhantes, por conta das cheias dos rios Poti e Parnaíba.

O mais grave, no que diz respeito   expansão urbana, em nome velado da moderniza o e propalado pela imprensa, tornou ainda mais grave o problema: — As cheias dos rios ocorridas nos anos de 1974 e 1985 expõem governos, e por que não a imprensa que divulgou o produto

Cidade Metr pole? Como coautora de uma cidade inacabada, avenidas construídas desordenadas tinham seus aterros altos e malhas asfálticas funcionando como verdadeiras represas das águas das chuvas e dos rios. Os conjuntos habitacionais São Joaquim, Mocambinho, Itaperu, Favela Lucaia são apenas exemplos isolados dos vários bairros da cidade que passaram a pagar um alto preço pelo desenvolvimento urbano desordenado. Ademais, sem ter como foco principal o aprimoramento da cidadania, direitos ainda hoje inconclusos pela república brasileira.

— Qual então seria o foco do projeto modernizador na década de 1970? Como a popula o foi convencida de que, como diz o adágio popular, o peixe vendido pelas peças publicitárias, por meio do Jornalismo empresa, dos governos municipal e estadual, fosse assim o melhor para a cidade de Teresina? — Qual o papel da imprensa naquela empreitada em favor da cidade metrópole, que, em tempos de cheias revelava-se uma Babel? Percebe-se que, no instante da tragédia, as linguagens correntes pela imprensa perdem o fôlego e cedem lugar a um diálogo com o desconhecido: popula es inteiras não ouvidas em tempos de “normalidade metropolitana” aos gritos atemorizadas, bem como as imagens expostas   beira das avenidas não davam para reter o som estridente do desespero ou por um discurso represado.

Quando as primeiras cheias vieram, arrastando vidas, decependo sonhos, os diques de conten o das informa es na imprensa têm são rompidos — a situa o   de perigo, tendo-se em vista as pontes dos rios que cortavam a cidade. Via-se a assustadora lâmina d’água em horizontes sem fim, sem pedir licença, invadir os olhares atentos da cidade — a situa o de perplexidade e dor faz com que se rompam os discursos oficiais — *A cidade real agoniza e pede socorro!*

Fica evidente que as autoridades e técnicos tão ovacionados nas mensagens do governador Alberto Silva e na imprensa local não conseguiram colocar-se sobre suas pranchetas ou bir s da reda o do jornal, nem perceber as possíveis consequências de um crescimento não planejado. Para evitar injustiça, diga-se planejado, sim, para aqueles que foram convidados a comer do primeiro pedaço do bolo, o capital acumulado nas grandes fortunas. As concessionárias de automóveis e veículos que pediam passagem pelas antigas veias da cidade e novas avenidas.¹⁰³ O regime militar não fez questão de esconder quem desfrutaria primeiro daquela fase de acumula o capitalista.

¹⁰³ Cons.: FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolu o urbana de Teresina:** agentes, processos e formas espaciais da sociedade. 1998. Disserta o (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Não se vai aqui cometer o exagero de afirmar que tenha sido unanimidade, mas chega próximo: a década de 1970 é detentora e geradora de uma cultura de informação que tem como foco dominador a divulgação dos feitos dos governos como nunca na história do Piauí. Lembre-se de que Teresina era pedra de toque das atenções governamentais, servindo como vitrines das grandes obras modernizadoras do Piauí.

O ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, Zózimo Tavares, em depoimento concedido a esta pesquisa, afirma: “o governo Alberto Silva no seu primeiro mandato desenvolveu a maior campanha publicitária em prol das realizações de um governo, como nenhum outro na história deste Estado, contratando um dos maiores publicitários do ramo, o Sr. Armando Madeira Bastos”.¹⁰⁴

Medeiros, ao afirmar que *O Dia*, na década de 1970, se torna um órgão de notícia paraficioso por mergulhar a fundo na publicação dos interesses dos governos, provoca uma pergunta, com certa afirmação intrínseca à questão formulada pelo jornalista Albert Piauí: — “Esse processo se agrava no primeiro governo Alberto Silva?” E completa Medeiros: — “*O Dia* deixa de ser um jornal assumidamente político e fica veladamente político, governista?”.

Para não ficar na opinião apenas dos três interlocutores citados, faz-se interessante trazer à tona a fala de mais dois ex-presidentes do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, Kenard Krueel e Roberto John. Trata-se de jornalistas que exerceram liderança e empreenderam ações, no sentido de compreender como funcionava na década de 1980 e como funcionou historicamente o Jornalismo no Piauí. Kenard Krueel afirma: “A praga começou no primeiro governo Alberto Silva, quando foi introduzido pelo Armando Madeira Bastos o release oficial. Começou aí a decadência da imprensa enquanto fato-notícia”.¹⁰⁵ Roberto John, em meio aos debates que efervesciam discussões em torno do papel do jornalista na cidade em que atua, termina por denunciar uma situação de possível existência, a interferência direta dos assessores de imprensa no trabalho do jornalista. Então o presidente do Sindicato assinala o que pode prejudicar o papel social do jornalista, visto que pode ocorrer “quando nos intimidamos [...] (sic) diante da proposta dos assessores de imprensa que querem esconder a verdade [...]”.

Portanto, fica patente a interferência dos governos nos órgãos de comunicação, com o intuito não só de construir imagens, mas também de conter possíveis avaliações sobre o que

¹⁰⁴ Depoimento oral de Zózimo Tavares, realizado no dia 23 set./2015, Sala 34 CCHL/UFPI. O ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí tem conhecimento de que Armando Madeira Bastos serviu como jornalista no antigo DIP durante o governo Getúlio Vargas. Diz-se que foi uma escolha a dedo do governador Alberto Silva. Sobre atuação do DIP consultar PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2000.

¹⁰⁵ RETRANCA. Teresina, 11 jan.1995 / 2 fev. 1995, p. 9.

está sendo arquitetado como imagem proposta. Nosso interesse consiste nas imagens e discursos em torno da cidade de Teresina sob processo de modernização gerador de conflitos.

A cidade permanece sob as águas, por conta de um projeto de modernização, na realidade imposto, pois a população da cidade não podia se manifestar contrária em pleno regime militar autoritário. Por outro lado, pode-se ressaltar a imprensa envolvida, enquanto prestadora de serviços a governos que compram os seus serviços.

3.8 Cidade, jornalismo e jornalistas entre dois fronts: embates políticos e embates econômicos

Entender como o Jornalismo e jornalistas abordam a cidade nos leva em busca de tentar elucidar, tendo como ponto de partida a seção do capítulo anterior que discute o processo de modernização da imprensa no Brasil. A década de 1980 entra para a história do Brasil como um dos momentos mais significativos de retorno à crença na política, tendo como referencial a organização da sociedade em suas bases sociais.¹⁰⁶ Para a década de 1990, futuras pesquisas talvez venham a revelar um dos maiores momentos de frustração com a política.

Se a atitude política colada aos movimentos sociais alimentava a esperança na *polis* política, o regime militar guardou trunfo a ser revelado, talvez dez anos depois. O liberalismo econômico, em território nacional, toma dimensões titânicas, quase intransponíveis a quem se dispusesse a lutar contra os tentáculos lançados pelo capitalismo financeiro. O regime militar foi protagonista de encravar de forma irremediável a quarta estaca do “capitalismo moderno no Brasil”.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Sader constrói uma narrativa histórica que ilustra muito bem o que se acaba de afirmar. O autor diz que a partir de 1979 parecia haver algo estranho ar. Até a principal revista de circulação nacional, *Veja*, mudara seus rumos no que tange a suas capas e matérias jornalísticas. Na década anterior à de 1980, tudo girava em torno de conteúdos econômicos, às vezes, esportivos ou de moda. No entanto, a política vem à tona com imagens das insatisfações, agora já da maioria da sociedade brasileira pelo retorno ao Estado Democrático de Direito. As greves que ecoavam do ABC paulista, a mobilização de entidades como a OAB, CNBB, AIB e outros tipos de movimentos sociais começam a reverter os conteúdos discursivos e imagéticos na mídia dominante. Sader conclui: “os novos sujeitos sociais entram em cena”. A partir daí os movimentos sociais dominam cena. Cons.: SADER, Eder. **Quando os novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 23-93; e “Evolução dos movimentos populares em Teresina”. Documentário com o Pe. Roberto, Realização CEPAC, Vídeo, 1986.

¹⁰⁷ Sônia Mendonça e Guido Mantega diagnosticaram que o Brasil a partir de 1968 entra definitivamente para os quadros de uma “industrial capitalista moderna”. Getúlio lançara a segunda estaca de uma economia de base, pautada numa indústria que desponta e se consolida na produção de aço e ferro. Juscelino solidifica a indústria para a produção de bens duráveis de consumo – geladeira, automóvel e fogão. Os militares introduzem os ingredientes que caracterizam uma economia industrial moderna: o País passa a produzir máquinas de bens de produção, ou seja, os equipamentos de produção industrial passam a ser produzidos em território nacional, adquirindo significativa autonomia, inserindo assim o Brasil definitivamente com grau de economia industrial moderna (quarta estaca). A primeira estaca havia sido implantada desde a Primeira República, indústria de bens não duráveis (alimentos). O bolo entre as classes abastadas cresceu, à custa de exploração da força de trabalho.

Teresina e a imprensa local não saem ilesas dessa assustadora expansão capitalista. O Jornalismo empresa definitivamente consolidara-se nas antigas terras de mafrense. O sopro inicial dos avanços políticos fez protagonistas os jornalistas profissionais do Estado do Piauí, tendo como campo de batalha o SINDJOR-PI, e como artilharia a escrita nas páginas do *Jornal Retranca*. Os jornalistas de Teresina que se fizeram peças-chaves àquele chamamento da história nacional e local não negaram combatentes nem munição: jornalistas locais se incorporam às frentes e tarefas de combates nacionais nas arenas dos congressos, seminários, conferências, conclaves e centrais sindicais. A arma, a letra na mão, no tique-taque da máquina de escrever dava lugar aos primeiros computadores. — O sonho durou até a exaustão, desilusão? Não foi o que pareceu no conteúdo dos depoimentos daqueles que estiveram no campo de batalha. Ou seja, que se deixe viva a utopia. E as novas levas de gerações de jornalistas não terão direito de experimentar, como sujeitos, o instigador instinto humano de sonhar por uma *polis* melhor? Um chamamento às novas gerações! O que se segue é a tentativa de se reconstituir as trilhas da cidade política, em reação ao falido milagre econômico – a cidade por meio dos jornalistas locais vem a público através de panfletos, de bottons, de camisetas, de protestos e de greves. A saída mostra-se política e não econômica. Cidade, cidadania e cidadão não se fazem no consumo, para aquele momento, mas no enfrentamento político do que havia se negado historicamente. Como afirma José Murilo de Carvalho, temos um processo de construção de cidadania inconcluso. As lutas empreendidas pelo SINDJOR-PI reavivam a crença da via política como saída que não se deve sepultar. — Então, como tudo isso se processou na luta cotidiana? É o que se tentará demonstrar a seguir.

Uma vez consolidado o Jornalismo empresa, a cidade é pautada nas circunscrições deste feito institucional. Os jornalistas discordavam, protestavam e ridicularizavam essa modalidade de jornalismo; mas o projeto vitorioso não foi o da *polis* política, da política moderna, esta entendida como igualdade de acesso à informação através dos órgãos de comunicação, nem da crítica livre das amarras dos clientes e patrocinadores dos jornais locais. Despida dessas duas qualidades básicas à política com P maiúsculo, torna-se impossível se constituir uma

Daí surge uma classe de industriais produtores de bens de produção, e não de consumo, que passa a concorrer com o próprio regime autoritário em face da corrosão do autoritarismo e seu modelo econômico ao final da década de 1970. Estes setores com interesses enraizados no mercado nacional de bens de produção começam a sentir os efeitos de uma economia recessiva e inflacionária. Os movimentos sociais eclodem de Leste a Oeste, de Norte a Sul. Aquela fração de classe industrial tenta se aliar temporariamente ao projeto político dos movimentos sociais organizados, sinalizando um pacto pela reorganização da economia nacional. Qualquer pacto nacional fora dos fóruns sociais em plena ascensão naquele momento não se faria vitorioso. Empresários partiram para uma pauta em comum com os movimentos sociais organizados: democracia com desenvolvimento. Uma coisa há de ser dita: que a quarta estaca da economia se fez vitoriosa com o inaceitável regime autoritário. Muitos foram os torturados e mortos nos porões da ditadura, como, por exemplo, o caso do jornalista Herzog.

solidariedade também igualitária. —Tudo isso se fecharia com o Jornalismo empresa vitorioso? Ao dispositivo discursivo, formado nessas matrizes dos embates sociopolíticos, culturais, sobraram as brechas. Quando estas aparecem, como sementes em estado de latência não podem ver o cheiro do orvalho que não tem hora para chegar, as festividades de aniversários e cheias dos rios são exemplos de êxtase social que dá vazão a um discurso guardado em prateleiras, que na primeira oportunidade vem à tona.

3.9 Do jornalista intelectual a assalariado e as fronteiras espinhosas entre ser jornalista e ser cidadão

Há quatro jornalistas que se definem como pertencentes à geração anterior, pois tiveram o desafio de estar em meio ao momento das mudanças. Carlos Said, Arimathéa Tito Filho, Luiz Bello e José de Araújo Mesquita.¹⁰⁸ Carlos Said já aparece entre os frequentadores das reuniões do Sindicato nas décadas de 1960 e 1970. A sua atuação como promotor desportivo fez currículo durante o governo Alberto Silva, com Dídimo¹⁰⁹ de Castro e João Eudes – o Bolinha. Esses jornalistas estão entre aqueles que frequentavam às reuniões aos sábados no Prédio Miguel Sady, situado no entorno da Praça Rio Branco.

Esses jornalistas do esporte dividiram o mesmo teto da sala no primeiro andar do edifício supracitado. As atas de reuniões nos dão indícios claros dos encontros entre os confrades; agora tempo em que os jornalistas se reuniam em função de aprovar a inclusão de novos associados, realizar eleição para diretorias que se sucediam, aprovar ou não as contas do exercício do ano anterior, debater sobre subsídios ao Sindicato, oriundos do Poder Executivo municipal, estadual ou federal. Até mesmo da Câmara Municipal ou da Assembleia Legislativa. Esta última chegou a doar móveis e utensílios. As reuniões ganharam um ar de formalidade e burocracia; conforme já se afirmou, várias foram aquelas canceladas por falta de quórum.

À época da primeira geração, o que se podia ver de mais agitador seria a posse de uma nova Diretoria, como é caso da posse de José Lopes dos Santos em 1968. A solenidade foi

¹⁰⁸ José de Araújo Mesquita primeiro presidente do Sindicato em 1959, companheiro de lutas de Arimathéa Tito Filho na década de 1950 à frente da Associação Profissional dos Jornalistas. Em 1962 e 1966 é reconduzido ao cargo. Ver: SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 10 de junho de 1962. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas (Arquivo do SINDJOR-PI); SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 05 de outubro de 1966. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas (Arquivo do SINDJOR-PI).

¹⁰⁹ Dídimo de Castro e João Eudes estão entre aqueles que, como Carlos Said, entoaram os cânticos em favor da Era de Ouro do Futebol Piauiense que tinha Teresina como a praça desportiva central. O esporte era visto como instrumento a alçar a cidade de Teresina ao *status* de “Cidade Metrópole”. Cf.: Carlos Said. Entrevista concedida em 2004. Teresina, NUPEM-UFPI, 2004; João Eudes. Entrevista concedida em 2005. Teresina, NUPEM-UFPI, 2005. José Gaudêncio da Cunha. Entrevista concedida em 2004. Teresina, NUPEM-UFPI, 2004.

concorrida, e contou com a presença do então segundo governador escolhido pelos militares para governar o Piauí, Helvídio Nunes. Pôde contar também com figuras ilustres do comando local do Exército brasileiro. Logo após a posse de Lopes dos Santos, o chefe do Executivo estadual tratou logo de convidar o secretário eleito desta Diretoria empossada para o cargo de chefe da imprensa oficial.¹¹⁰

Esse ar de oficialidade tem como resultado reuniões ao longo dos anos 1970, sendo realizadas quase sempre em segunda chamada, pois o estatuto em consonância com a CLT, permitia a realização da Assembleia Geral do sindicato com qualquer número em segunda chamada. Exercícios financeiros eram aprovados com a presença de sete jornalistas associados, sendo que a votação ainda deveria ser secreta.

Com estas práticas, o Sindicato declinava se comparado a situações daquelas em que, como descreveu Arimathéa Tito, jornalistas encontravam-se não só naquele ambiente formal da categoria, mas como intelectuais, encontravam-se no *point* cultural da cidade, Bar Carnaúba, encravado entre o Teatro 4 de Setembro e Clube dos Diários, tomando decisões de impacto para os jornalistas associados na cidade.

Em 1984, esta apatia começa a ceder lugar a provocações que começavam a implodir no meio social e político brasileiro.

Em uma reunião no SINDJOR-PI, realizada no dia 15 de janeiro de 1984, a categoria sinaliza mudanças de postura frente às exigências que ecoavam do seio da sociedade brasileira. Entre 1979 e 1984, quando se reuniam os então ainda confrades, como já discutido em outra seção, discutiam sobre a anistia política, a volta dos movimentos grevistas, a frustrada investida em favor das eleições diretas para presidente. Com a derrota da emenda Dante de Oliveira, o SINDJOR-PI antecipa-se nas lutas em prol da redemocratização do País. O então jovem associado Roberto John propõe discussão encaminhada pela FENAJ de apoio à eleição de Tancredo Neves via colégio eleitoral ou não.

A FENAJ já encaminhara essa luta em nível nacional, conclamando o SINDJOR-PI a ampliar a discussão em nível local. Percebe-se que se tratava de decisão espinhosa para a categoria dos jornalistas. Isto fica patente na fala registrada do jornalista Francisco Pires de Saboia. Este se mostrou preocupado com as implicações legais, ou possíveis represálias ao Sindicato, caso tomasse partido nesta polêmica que dividiam as opiniões nacional e local.

¹¹⁰ Entre os eleitos estava Deoclécio Dantas como secretário geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí. Uma das sessões do sindicato quase se transformou numa sessão exclusiva em homenagem ao primeiro, por ter sido escolhido chefe da imprensa oficial, a convite do Governador Helvídio Nunes. SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PIAUÍ. Ata da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, 05 de outubro de 1966. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas (Arquivo do SINDJOR-PI).

O Então presidente da reunião, e diretor do Sindicato, Luís Bello de Albuquerque, citando os artigos 511 e 521 da CLT, afirma não haver nenhuma questão legal que impedisse os jornalistas de se posicionarem em favor das propostas em discussão.

O sindicato foi além e aprovou que fosse realizada a confecção de dez mil panfletos em favor da candidatura Tancredo Neves. Com relação às fontes levantadas, esta reunião fica como marco das posições que, a partir daí, cada vez mais, a categoria tende a ousar. Começam aí as tensões em torno da transição democrática. Não só em termos de discussões e decisões de intensões em favor ou não da democracia. Em última instância, a mudança de postura sinalizava o início da construção de um novo olhar e atitudes que deveriam tomar os jornalistas em favor de uma cidadania ampliada, que passa a encarar os cidadãos na cidade e seus conflitos sociopolíticos, muitas vezes revelados em favor e luta por novos equipamentos urbanos. O jornalista se vê desafiado a decifrar e a pôr em prática a luta por novas demandas sociais emergentes.

Passaram a acreditar na construção de uma nova cultura, nas práticas e representações entre jornalistas que estivessem vinculados e comprometidos com a “verdade e a objetividade na vinculação da notícia”. Empenhava-se assim na busca de uma “cidade verdade” em prol do zelo da notícia. Enquanto a verdade e a objetividade foram manipuladas em favor da construção da cidade metrópole, para a nova geração de jornalistas, o debate agora permitido, na arena da democracia em franco crescimento, deveria ser posto em favor do modelo de uma sociedade socialmente mais justa. Roberto John alardeia este debate e encrava este tema entre jornalistas, num dos debates mais profundos registrados na documentação consultada por esta pesquisa. Isto não quer dizer que John esteja sozinho nesta luta, ao contrário, trata-se de uma nova geração que, de passo a passo conquistado, “quebra a paz interna” do Sindicato no que diz respeito às disputas do que venha a ser o papel do jornalista na cidade em que se vive.

Daí em diante, as décadas de 1980 e 1990 são marcadas por um questionamento: — Qual o papel do jornalista? John responde e ressalta *o papel social do jornalista*. Na esteira deste debate aberto por Roberto John, aparecem Kenard Krueel e Zózimo Tavares, sucessores em sequência do então protagonista do início do rompimento do que ficou diagnosticado, como a quietude formal que havia marcado a década de 1970 no SINDJOR-PI. Observe-se que no presente estudo propõe-se analisar a parte que compete ao Jornalismo profissional e a analisar as implicações das amarras impostas pelo regime autoritário e suas perspectivas frente às tiranias também engendradas com o tempo da abertura e consolidação da democracia, que não foi nem continuou sendo fácil.

Convém enfatizar que, ao confrontar, na tentativa de interpretação da cidade metrópole, à cidade margem, outras amarras despontaram. Kenard Krueel como presidente não deixa de lado as lutas em favor de se repensar o papel do jornalista; agrega à luta iniciada por Roberto John a tentativa de retomada do papel intelectual e literário do jornalista. Como chefe do departamento de promoção cultural na gestão de Roberto John, no seu posto já revelara o seu possível olhar e representações do jornalista. Prosseguirá assim na gestão Zózimo Tavares. A luta e o novo perfil do jornalista se consolidam definitivamente. E coroa-se de êxito na realização da primeira greve geral dos jornalistas em 1992.

A partir daí outras gestões ficaram à sombra dessas três Diretorias supramencionadas; as três encetam os parâmetros de um novo paradigma que não se conseguiu romper até os dias atuais. Diga-se, nem todas as lutas resultaram em quebras de amarras, o sindicalismo de Estado que até hoje vinga nas entranhas dessas instituições prosseguiu firme e forte, em parte, pois a legislação sindical ainda contribui de forma inarredável para as práticas marcadas por continuidades históricas conservadoras.

4 JORNALISTAS PELAS VIAS DA TERESINA CENTRO – A INVENÇÃO DA CIDADE METRÓPOLE

4.1 Teresina na distância – pontos e contrapontos entre passado, presente e futuro

A chegada da década de 1980 é marcada pela herança de um conjunto de transformações pelas quais passou a cidade de Teresina. Entretanto, um dado só nos alerta para esta realidade, visto que a cidade se fecha para a liberdade de expressão em 1964, com vinte e dois bairros, e acorda em 1988 com 108 bairros.

Com “Teresina na distância” pretende-se reconstruir a trajetória desta herança recebida pelos jornalistas da década de 1980, no campo da imprensa. Com o regime militar, inaugurado em 1964, a cidade passa por um processo vertiginoso de crescimento populacional e espacial desordenado, com novos bairros, sem estrutura condizente; e com isso veio o aprofundamento da problemática daqueles sem emprego e sem moradia, fomentando também o surgimento de favelas, sendo esta uma questão explosiva na década de 1980.

No entanto, como se formou esta bolha que, inflada, suportou por vinte anos em processo de formação e “relativa estabilidade”? Acredita-se, que a construção de um conjunto das representações que deu margem e força para arranjar a cidade como moderna, conforme a década de 1980, e a recebeu havia se esgotado. Diga-se aquela versão divulgada em crônicas, publicidade governamental e privada, bem como registradas nas mensagens de governos. Uma vez crescida em números e problemas sociais e falta de equipamentos urbanos a cidade reagiria.

A década anterior foi um momento de especial configuração de uma imagem de cidade moderna, progressista e que se imaginava trilhando os caminhos acertados e justos, rumo ao encontro com um futuro promissor que se sonhava realizar. Como seria esta Teresina alvejada dos sonhos dos piauienses, de seus habitantes, traduzida nas crônicas dos jornalistas?

Esta análise tecerá caminhos trilhados, dando especial destaque à imprensa que teve um papel ativo, pois foi através deste veículo de comunicação que se projetou a tela em moldura de uma cidade que se pretendia pujante. Para tanto, um conjunto de jornalistas ocupou as crônicas jornalísticas do jornal *o Dia*, com a anuência de parte da sociedade civil, governos estadual e municipal e empresas locais que acreditaram naquela modernização da cidade, cômicos de que estavam empreendendo uma aventura a ser comemorada pelas futuras gerações teresinenses. Deste modo, com a pesquisa, pôde-se chegar a vários atores que participaram do ideal modernizante. Jornalistas prestaram assim, com a sua caneta ou arte de datilografar, os

contornos imagéticos e discursivos da urbe desejada. A cidade já havia sido inserida no projeto desenvolvimentista de integração regional e nacional, aprofundando-se e difundindo-se de forma mais intensa na década de 1970.

Entre essas imagens e discursos, trilhamos pela produção dos cronistas do principal diário de notícias da capital que congregava, e convergia para as suas principais páginas aqueles que estavam em sintonia com o projeto de cidade, patrocinado pelos poderes públicos. Desta forma, relata-se aqui o quanto o governo Alberto Silva contribuiu para esse momento tão emblemático da história da cidade de Teresina.

Nos quatro primeiros anos do governo Alberto Silva, detecta-se que alguns cronistas se expressam; suas crônicas são filtradas em parte pela Editoria do jornal para espelhar a opinião do governo que “transformava a cidade”. As mensagens de governo, bem como as festividades patrocinadas pelo poder público constavam do repertório desses cronistas; ou seja, “o governo realizava” e a imprensa dava notoriedade e legitimação às ações modernizantes pelas quais a cidade passava.

Os cronistas aqui elencados são aqueles jornalistas ou colaboradores da imprensa local diagnosticados como da antiga geração dos jornalistas (sobre a nova geração nos reportaremos em outro capítulo). Entre eles podem ser destacados Fabrício de Arêa Leão, José Auto de Abreu, Arimathéa Tito Filho, Padre Chaves, Carlos Castelo Branco, Sebastião Negreiros e Bernardino Viana. Tendo-se em vista a ação diagnosticada destas matérias jornalísticas, incluem-se os depoimentos dos cronistas desportivos que acompanharam este período denominado de próspero para o “povão teresinense”, termo geralmente utilizado pelo então governador Alberto Silva.

O interessante é perceber – como em uma sinfonia – que as notas musicais que se faziam ouvir eram aquelas que emanavam dos instrumentos mais robustos, em que o sopro em sua magnitude se fazia prevalecer. Esta supremacia se dava pelo fato de estar, até mesmo aos olhos do leitor mais desatento, em páginas principais, como capas, página um e dois, bem como o maior espaço na diagramação jornalística eram dados aos objetivos modernizantes da cidade.

Não é que deixassem de existir matérias que se contrapusessem àquele processo de modernização. Mas as matérias jornalísticas que tratavam da modernização ocupavam mais espaço. Opiniões contrárias eram matérias de rara publicação, ou quando apareciam era na diagramação do periódico menos prestigiado.

Cronistas como A. Tito Filho e José Auto de Abreu, com rara sutileza, criticavam o progresso voraz. Com a persistência cotidiana de espaços massivamente superiores ao não

contraditório, o projeto modernizador de Teresina “presenteado à década de 1980 se fez lábio, se fez voz e versão dominante nas narrativas do noticiário e dos jornalistas e colaboradores da imprensa local”. — Então, como se contrapor a um projeto que dava sinais de esgotamento, mas que certos atores insistiam em prosseguir no mesmo caminho?”.

Contudo, as representações cidadinas não ficam só entre crônicas do periódico aqui pesquisado, há sintonia com os comerciais vinculados pelas empresas locais que enveredam pelo imaginário modernizador que faz coro nas páginas da imprensa local. Assim, reconstruir-se-á um conjunto de representações veiculadas pelos patrocinadores do *Jornal O Dia*.¹¹¹

4.2 Imagens projetadas para o passado: Teresina provinciana, pacata e bucólica

Durante os quatro anos de mandato do governador Alberto Silva efetiva-se a comemoração do aniversário de Teresina, como nunca feito antes, exceto quando das comemorações dos 100 anos da cidade. Em 1972 a cidade completava 120 anos. As comemorações foram cercadas de todos os lados ao estilo que a data requeria.

Mas já em 1971, os festejos em torno do natalício da cidade já despontavam no calendário festivo e cívico, com a arregimentação do poder público, privado e intelectual. A imprensa, por meio de seus jornalistas e colaboradores, ganhava destaque entre os agentes em ação. Em 1971, Fabricio de Arêa Leão já realizava um chamamento de intelectuais e jornalistas que enveredavam por aquela “missão cívica”.¹¹²

Com base nesta afirmação, entende-se que algumas crônicas se destacaram não só por suas qualidades jornalísticas, mas também porque são crônicas de memórias muito bem elaboradas, em que seus autores ressaltam os momentos decisivos de suas vidas na cidade de Teresina, como a infância, a adolescência e a juventude. O que há de mais interessante é perceber que não se trata de simples biografias, mas que têm como pano de fundo projetar para os contemporâneos do início da década de 1970, como Teresina havia evoluído, progredido e se tornado moderna.

Os argumentos mesclam estatísticas, distribuição das ruas e bairros, costumes e lazer, associados a um tipo de crônica eivada de romantismo e curiosidades sobre a cidade que agora aniversariava.

¹¹¹ Soma-se a esses discursos a memória dos cronistas desportivos, entre eles, João Eudes, o Bolinha, Dídimo de Castro e Carlos Said.

¹¹² ARÊA LEÃO, Fabricio de. Vozes da cidade. Teresina, **O Dia**, 3 ago. 1971, s/p.

Em uma longa crônica, publicada no *Jornal O Dia*, em 1971, o cronista José Auto de Abreu saúda, em suas primeiras linhas, o Cel. Otávio Miranda, à época, proprietário do *Jornal O Dia*. A narrativa contempla o leitor com uma viagem pelo passado da capital piauiense, em ricos detalhes de como era difícil viver em uma cidade mergulhada no provincianismo, com a falta de aparelhamento em serviços para beneficiar seus conterrâneos, e que, de certo modo, poderia se caracterizar pelo isolamento geográfico, caso não houvesse a via fluvial entregue às curvas do leito do rio Parnaíba, que ligava o Estado do Piauí de Norte a Sul, situando-se Teresina ao meio, como elo entre Santa Filomena, passando por Floriano até o porto de Parnaíba.

Outros dois cronistas estão inscritos na construção deste discurso, Arimathéa Tito Filho e Carlos Castelo Branco. Estes dois últimos trocam elogios entre si e ressaltam suas qualidades de verdadeiros conhecedores do passado da cidade. Ambos têm suas narrativas publicadas em meio a uma avalanche publicitária dos governos estadual e municipal, em que focam os avanços do progresso teresinense e reconhecem a cidade como moderna, como centro regional de serviços, com fortes propensões a tornar-se uma cidade industrial. Esta, às expensas dos esforços do poder público, convocava as forças produtivas do Estado para embarcar em uma jornada definida, à época, como dever patriótico de todos.¹¹³ Nesses termos, começa a se engendrar um imaginário com viés regionalista de exaltação do Piauí em relação ao Brasil, mas em especial à região Nordeste. As reformas urbanas para a cidade de Teresina são cantadas em prosa, crônicas e verso, pela imprensa local, sendo aqui destacado o *Jornal O Dia*.

4.3 Teresina na distância

Teresina na distância, conforme o entendimento aqui capturado e narrado, não consiste em uma narrativa laudatória do seu passado pelo passado, ou busca de uma *status* fundacional da urbe. A cidade, neste item, será reconstruída como parte de um projeto dos contemporâneos setentistas da imprensa que resgatavam a memória cidadina, rearranjavam estas memórias, e, a partir delas, pretendiam mover, reescrever e transformar o presente em que viviam.

Desta forma, o nosso empreendimento histórico é indissociável de duas variáveis históricas, conhecidas como práticas e representações em história. Seguindo esta compreensão, o papel da institucionalização da história é fundamental. Padre Chaves aparece entre os debatedores com o aval de historiador aclamado, assim ressaltado pelo jornalista Fabrício de

¹¹³ Brasil acima de tudo. Padre Cláudio, *Jornal O Dia*, 13 ago. 1971, p. 2. Este relaciona o crescimento do Brasil, do Nordeste brasileiro e de Teresina a uma missão patriótica em curso naquele momento.

Arêa Leão.¹¹⁴ Desse modo, a narrativa histórica tem relatos do passado e da força necessária que era apresentada como instrumento para mover a cidade, e justificar as ações dos atores que faziam aquela cidade, às vezes justificando a glória de seus gestores, ou a necessidade de “evitar lutas incivilizadas estéreis”,¹¹⁵ outras justificando sacrifícios do presente em nome de um futuro glorioso. Uma das marcas publicitárias do então candidato Alberto Silva, ao pleitear, em 1986, a volta ao poder, seria a conclusão de projetos que não foram conclusos ao término do seu primeiro mandato encerrado em 1974. Nestes termos, confirma-se o que Frederick Jameson denomina de modernização inacabada.¹¹⁶

4.4 Teresina a capital interestadual, a metrópole nordestina

Entre vários artigos publicados em *O Dia*, um nos chama a atenção. Este inclusive serviu de metáfora para esta seção. Em 1968, Carlos Castelo Branco publica a crônica com título, Teresina na distância. Posteriormente Arimathéa Tito Filho a republica por conta da importância que lhe atribui, por se “tratar de fiel memória” acerca do passado da cidade. Castelo Branco contava com a admiração da maioria dos jornalistas locais, como também com a coluna de política por jornais da cidade.

Outro aspecto a esclarecer é que as crônicas foram entrecruzadas entre memórias, e se percebeu que estas apresentam vários pontos de vista em comum. O que inicialmente imaginava-se ser coincidência, viu-se que aquelas lembranças faziam parte de uma memória coletiva.¹¹⁷ — Por quê? — Por vários motivos. Tratava-se de memórias de atores que viveram as décadas de 1930, 1940 e 1950 na cidade de Teresina; de sujeitos que escreviam para a imprensa local.

Os assuntos e problemas tratados nas crônicas eram também os mesmos; os seus escritos se assemelhavam por um entusiasmo comum, qual seja, o desejo de que Teresina progredisse e se tornasse moderna. Para tanto, os cronistas comumente trataram em suas crônicas dos temas: província *versus* metrópole; a capital piauiense no contexto regional, questões urbanas nacionais interligadas às questões locais. Retratavam ainda a situação das ruas, avenidas e estradas; a expansão da cidade, da indústria, os costumes, o lazer, o potencial geográfico de “capital central do Nordeste e a parte Norte do Brasil”. Diga-se, de um passado reconstruído em função das questões a serem enfrentadas e solucionadas àquela época, década de 1970. O

¹¹⁴ O DIA, 13 ago. 1971, p. 2.

¹¹⁵ Id. *ibid.*

¹¹⁶ TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes 1997. p. 214-216.

¹¹⁷ HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva e a memória histórica**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 59-60.

curioso é perceber que tais debates são os mesmos que as mensagens de governos até então traziam como de fundamental importância para transformar Teresina numa “grande metrópole”.

Carlos Castelo Branco começa a tecer um olhar sobre cidade, nos seguintes termos:

De qualquer forma, antes dele, o Estado vai sendo atingido pela corrente de progresso do país e do Nordeste e se beneficiando do intercâmbio que ocorre em seu território. Teresina está na convergência de grandes rotas nacionais e regionais e, com a energia que vem, poderá aproximar-se dos sonhos de grandeza da nossa gente.¹¹⁸

Um aspecto relevante é que o cronista atribui esses desejos de progresso como “sonho de nossa gente”. Percebemos, assim, que tais ações de progresso, uma vez realizadas, extrapolava o nicho coletivo da imprensa e dos jornalistas. Por conseguinte, atribui-se uma dimensão coletiva muito maior, o sonho é da gente da cidade. Imagine-se o paradigma da verdade e da objetividade que é atribuído ao noticiário da imprensa.¹¹⁹ Uma vez publicada, a imprensa oficial atribui para si o grau de verdade e imparcialidade.

Uma corrente de jornalistas em favor do “progresso” traz um tipo de narrativa histórica nacional, alinhavada à história local, encetada por Padre Chaves, em torno das comemorações dos 120 anos da cidade, festejado em 1972. Em artigo publicado nesse mesmo ano, intitulado “Brasil acima de tudo”, mostra-se discurso sintonizado às falas oficiais em curso, isso fica evidente. Contudo, mais que isso inclui o Piauí, a sua capital e sua gente nesse refrão, que reflete os sentimentos que se tenta animar a sociedade e convencê-la do melhor para a cidade. O cronista prossegue e compartilha o pensamento de Carlos Castelo, convencido do papel regional e nacional para a cidade, vinculando a capital e o Piauí ao contexto nacional.

Ao ressaltar o papel das estradas que levam ao desbravamento da Amazônia e Norte do Brasil, subentende-se que à capital piauiense está reservado o papel de centro dinamizador da grande integração nacional:

Seu exemplo nesta hora, é um desafio para todos nós.

Como os bandeirantes de ontem e os de hoje, todos devemos nos convencer de que só a coragem moral leva às grandes realizações humanas. O Brasil pulsa em nós com reservas concentradas de idealismo e esperança. Tenhamos diante dos olhos e do coração a imagem viva da Pátria querida: Fábricas que

¹¹⁸ Teresina na Distância. Carlos Castelo Branco, Teresina, **Jornal O Dia**, 15-16 dez. 1968.

¹¹⁹ A verdade e a objetividade têm sido alvo de muitas reflexões entre estudiosos da área de Jornalismo, bem como dos próprios profissionais que atuam cotidianamente. Este conceito de verdade, conforme reflexões realizadas por este estudo, revela que contexto histórico, regimes políticos, atuação literária e cultural são fatores que interferem no resultado final da notícia veiculada nos jornais diários. Cons.: ABREU, Alves de. A modernização da imprensa (1970-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002; e ROMANCINE, Richard. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis, SC: Insular, 2007.

integram na produção industrial, estradas que riscam o solo brasileiro em todas as direções; pontes que aproximam núcleos populacionais até ontem separados por enormes obstáculos topográficos; barragens que represam as águas dos rios para aumentar o nosso potencial energético.¹²⁰

Um viés fundante da onda do “milagre brasileiro”, que se encontrava em pleno vigor, explicava que a salvação da pátria se daria por sua matriz econômica modernizada. Os investimentos públicos de incentivos à economia pululavam via SUDENE.¹²¹ Teresina por meio de seu polo industrial poderia fazer parte desta onda nacional. Nesse sentido, Padre Chaves afirma:

Diante desta realidade nacional, proclamamos o otimismo como uma condição sadia e honesta de fé. Cremos no Brasil. Cremos no progresso veloz e o queremos acelerado em metas cumpridas sem hesitação nem retardamento, porque na emancipação econômica está a base da soberania: significa o bem-estar das populações e o triunfo nacional.¹²²

Embora o discurso acima se refira ao “bem-estar das populações”, lembre-se do título do artigo “Brasil acima de tudo”. Portanto, caberia às forças sociais locais se adequarem a um projeto de desenvolvimento que visasse a integração e a paz nacional. Moreira Alves, em estudo sobre o período militar, esclarece sobre esse ideal de desenvolvimento que adveio com os militares no poder: “desenvolvimento econômico com segurança nacional”.¹²³ Embora os governos militares tenham se apropriado em parte, em termos publicitários, das realizações pró-modernizadoras, em Façanha, Gonçalves e Bandeira, percebe-se que a obra de integração nacional já era obra dos anos 1950 e 1960. O viés do desenvolvimentismo das décadas anteriores à década de 1970 ocorreu sobre as bases de uma democracia em processo de amadurecimento, mas o golpe civil-militar de 1964 fez a escolha de uma modernização pelas vias do Estado autoritário.¹²⁴

Com a comemoração dos 120 anos da cidade, momento de discussões, resgates e fixações de memórias, vê-se construir uma imagem pautada na “convocação das gerações” para a comemoração desta festa “sublime”. A passagem que se segue reforça o que se afirma:

¹²⁰ “Passagem do fogo simbólico”. Padre Cláudio, Teresina, **Jornal O Dia**, 13 ago. 1971, p. 2.

¹²¹ VIANA, Bernardino. O Piauí no Quadro Brasileiro. Teresina, **O Dia**, 22 dez. 1968, p. 3. Bernardino Viana em artigos publicados na imprensa local se coloca como defensor da ampliação das verbas em prol do Piauí, pois julgava que o Estado recebia menos que os outros Estados da região Nordeste. Mesmo entre reclamações, são perceptíveis vários investimentos, conforme registros nas quatro mensagens do governo à Assembleia Legislativa do Estado entre 1970 e 1974.

¹²² O DIA, 22 dez. 1968, p. 2.

¹²³ Cf.: MOREIRA ALVES, Maria Helena. A doutrina de segurança nacional e desenvolvimento. In: **Estado e Oposição no Brasil – 1964-1984**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 33-51.

¹²⁴ Cf.: FERREIRA, Jorge. **O populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Temos que chamar à rala as gerações que despontam para a luta. Temos que interessar neste esforço comum todos os brasileiros que sobrepõem as divergências estéreis, a consolidação da riqueza, a prosperidade, o prestígio, a paz da nação inconformados com os ideais mesquinhos da subversão, do desânimo, do desespero, do atraso, porque no seu patriotismo vibra a nota clamorosa do entusiasmo pelo desenvolvimento.¹²⁵

O desenvolvimento econômico, o progresso veloz que chegava tardio, a modernidade, e a metrópole são significantes que passam a compor o acervo de palavras que entoavam nas crônicas que davam voz a cidade, embora na seara jornalística, mas que contagiou o imaginário popular: o sonho com uma cidade grande, à imagem de cidades brasileiras que se destacavam, como, por exemplo, São Paulo, Salvador, Recife e Fortaleza. Muitas matérias jornalísticas têm como referência estas cidades que despontavam para o progresso, e que Teresina não podia perder o bonde da História comparada às grandes metrópoles brasileiras.

Quando todas as gerações foram convocadas para esta grande missão, não importava a idade, mas que se fizessem presentes entre aqueles dispostos a levantar os ânimos, arregimentar as forças, como também reconhecer os avanços conquistados na década de 1970, deixando para traz qualquer interesse menor que não aqueles supracitados. Destacam-se por entre estes animadores A. Tito filho, José Auto de Abreu, Sebastião Negreiros e Fabrício de Arêa Leão. Este, que dispunha de uma coluna “Vozes da Cidade”, que, segundo o próprio, já havia publicado mais de duzentos artigos no jornal que “lhe dava voz”, no caso o periódico *O Dia*.

Há de se destacar que A. Tito Filho e José Auto de Abreu não se deixavam levar sem restrições àquelas mudanças que arrebatavam a cidade. São saudosistas dos antigos espaços urbanos que foram apagados da paisagem urbana de Teresina. O *status* e a formação literária de A. Tito Filho davam-lhe poder de acionar algumas estratégias de críticas à modernização da cidade. Vê-se o jornalista apropriar-se das brechas da história, embora o jornal que costumava publicar suas crônicas fosse decididamente a favor da modernização da cidade.

A sua animação para com os convivas que se dispusessem a celebrar os 120 anos da cidade era marcada por incentivos dos mais variados, como o dever cívico e a necessidade de se constituir uma canção para a cidade de Teresina que representasse a sua imagem fidedigna. Animação não faltava ao cronista:

Aproxima-se velozmente o dia 16 de agosto, e com ele mais um aniversário da fundação de Teresina, *nossa capital progressista e bela sob todos os aspectos* (grifo nosso), ninguém teve a lembrança de que é chegada o momento para que seja organizado o programa comemorativo, dando início às festividades. É verdade insofismável que isso pode ser feito na tônica da

¹²⁵ O DIA, 22 dez. 1968, p. 2.

improvisação, mas nem sempre esse sistema funciona bem. Torna-se evidente que seria indispensável um planejamento mais ou menos condizente com a magnitude da grandeza de efeméride, tão grata aos nossos corações e muito mais ainda atenta aos nossos deveres cívicos, igualmente relevantes tanto quanto às nossas demais obrigações civis e militares.¹²⁶

Sobre a convocação de Fabrício de Arêa Leão, é fato que as festividades não contaram apenas com inaugurações de obras de equipamentos urbanos que se faziam necessários. Mais que isso, desde a década de 1970, as festividades em torno do aniversário da cidade tonaram-se mais frequentes. Somando-se a isso os governos passam a transformar os aniversários da cidade em peças publicitárias daqueles que estavam à frente da gestão do município. É como se aquele modelo servisse para as datas subsequentes do natalício da cidade. Outro dado relevante foi a participação efetiva de colaboradores do jornal e jornalistas daquele órgão que expressaram através de suas crônicas um imaginário em torno da construção da “Teresina metrópole”.

Por sua vez, os discursos eram bem organizados e fundamentados; seguiam um conjunto de temas que, como já se afirmou, eram comuns a todos aqueles cronistas. Com este diagnóstico, percebe-se que esse imaginário se fez memória, e esta última se constituiu em matéria para possíveis acordos e desacordos em torno da história e dos rumos que deviam ser norteadores do desenvolvimento urbano de Teresina. A década de 1980 contou com um movimento de jornalistas que ensaiou ações e discussões contra uma visão expansionista da cidade, e sem planejamento, mas que passou a encontrar limites de transformações reais em função de paradigmas da época, entre eles o caráter de mercado a que estavam submetidos o Jornalismo e os jornalistas.

Por outro lado, o aprofundamento da profissionalização da carreira de jornalista sem dúvida trouxe ganhos; no entanto, o caráter mercadológico a que era submetida a linha de produção do jornal lançou dúvidas sobre a eficácia da nova forma de abordar a cidade através da imprensa.

Os nomes aqui já citados têm a legitimação e o reconhecimento da sociedade local, conforme atesta Fabrício de Arêa Leão:

Quanto ao lado cultural, não há de negar que teremos valiosas contribuições pelos nossos estudiosos do assunto, como também pelos renomados historiadores da cidade. Sobejamente conhecidos e unanimemente aplaudidos. O historiador e ensaísta Prof. Odilon Nunes, o inteligente e brilhante Mons. Joaquim Chaves e o talentoso intelectual dedicado à história piauiense Celso

¹²⁶ ARÊA LEÃO, Fabrício de. Vozes da cidade. Teresina, **O Dia**, 3 ago. 1971. s/p.

Pinheiro Filho apresentarão por certo, admiráveis contribuições culturais atinentes ao momentoso acontecimento¹²⁷

4.5 Por um passado que renove, reconstrua e aceite as conquistas realizadas na Teresina setentista

Os jornalistas que atuaram no período aqui recortado se preocuparam em reconstruir a história da cidade, naquele momento impactante de tantas transformações urbanas, através de considerações sobre o passado, o presente e futuro da urbe. As crônicas de Sebastião Negreiros são uma negação clara da cidade “provinciana”. A temática sobre o isolamento geográfico é colocada muitas vezes como fator preponderante do atraso econômico da cidade e demais carências em equipamentos urbanos. Transporte fluvial, transporte ferroviário e rodovias fazem parte da agenda diária da imprensa local. A construção e asfaltamento das BRs 316 e 216 passa a interligar vários municípios piauienses de Norte a Sul, incluindo a capital Teresina. Esta, a partir de então, com acesso facilitado à capital Brasília, tornou-se objeto de peça publicitária de primeira linha do então governo Alberto Silva.

Mais uma narrativa construída com eficácia passava por um reavivamento de memórias, acompanhada de um rearranjo da história da cidade. As crônicas analisadas começam por privilegiar como era a interligação da capital piauiense ao resto do Brasil. José Auto de abreu revela emblematicamente esta questão:

Naquele tempo a navegação do rio Parnaíba ainda estava em pleno funcionamento. As companhias de vapores fluviais, lanchas e barcas faziam viagens semanais para Floriano e Parnaíba, e a nossa capital era ponto de intersecção entre as duas principais cidades – Sul-Norte do Estado. Vapores e Lanchas subiam e desciam o rio, arfando, resfolegando com o reboque de muitas barcas entupidas de mercadorias. Era o ‘velho monge’ navegável de Santa Filomena, próxima a sua ‘cabeceira’, à vizinhança do Litoral, - a espinha dorsal, a esfeira (sic) líquida, que ligando o exigem (sic) sul ao extremo norte do Piauí, *ecoava a produção de um Estado subdesenvolvido sem estrada de ferro, sem estrada de rodagem ou carroçável* (grifo nosso).¹²⁸

As crônicas de Auto de Abreu, por este ser um dos mais antigos a tecer memórias, visto que já era octogenário, são aquelas que mais se distanciam no tempo entre os cronistas. Mesmo assim, o princípio alinhavador da memória coletiva mantém certa “coerência” daquilo que se fazia como debate relevante para cidade naquele momento.

¹²⁷ ARÊA LEÃO, op. cit., Teresina, **O Dia**, 3 ago. 1971, s/p.

¹²⁸ ABREU, José Auto de. Teresina na sua data de aniversário. Teresina, **O Dia**, 1971, p. 7.

Chama a atenção o conjunto intratextual de terminologias usadas de uma memória narrada e marcada com um tipo de abordagem por vezes “extemporânea”. Nestas veem-se referências com o uso da expressão “ecoava a produção de um Estado *subdesenvolvido sem estrada de ferro, sem estrada de rodagem, sem estrada carroçal*”. Estas terminologias se tornaram usuais somente a partir da década de 1950. Surgiu com os estudiosos vinculados ao Grupo de Itatiaia, também vulgarizada pela Escola da Cepal, e *a posteriori* apropriada pelos técnicos do regime militar no Brasil (Pós-1964) que passaram a adotar políticas dos ideais do desenvolvimentismo econômico da década de 1950, nesses termos, adequando-se aos propósitos do regime autoritário.¹²⁹

Auto de Abreu descrevia cenas da cidade dos anos 1920 e 1930. Para aquele período, a cidade ainda carregava as marcas do liberalismo ortodoxo dos anos 1920 da República Velha. A crônica passa por cima dos anos 1950 e primeira metade dos anos 1960, uma vez que a cidade já havia experimentado a intervenção do poder público como agente de transformação da urbe e do Estado. O governo de Chagas Rodrigues já havia experimentado essa via de transformação, só que sobre as bases do Estado Democrático de Direito.

José Auto de Abreu narra o passado da cidade, mas o analisa com instrumental interpretativo do tempo em que vive, ou seja, a década de 1970. Esta marcada por um paradigma político em que se faz valer a ordem do dia, modernidade e progresso, sintonizando-se neste aspecto com Joaquim Chaves, ao enaltecer os ideais econômicos nacionais de modernização, através da integração por estradas. Entrecruzando discursos, há pontos em comum, mas também há também pontos divergentes.

Carlos Castello Branco mostra-se entusiasta das transformações urbanas progressistas por que passa Teresina. O jornalista aqui se refere às mudanças progressistas na década de 1940 e 1950. Fala das reformas da Praça Pedro II e da Avenida Antonino Freire. Mas admite que foram mudanças insuficientes, se comparadas àquelas observadas no presente dos anos 1970. Em suas memórias autobiográficas, alude à modernização da cidade com recursos narrativos muito próximos aos empreendidos por José Auto de Abreu. A sua partida de Teresina se dá pelos mesmos motivos do cronista anterior; ou seja, a cidade já não satisfazia ao conterrâneo para as suas pretensões de realização pessoal. A cidade, em termos das prestações de serviços, ele a avalia como precária. O caminho não poderia ser outro, a não ser pegar o trem que partia da cidade de Flores ainda na década de 1930.

¹²⁹ Cons.: MANTEGA, Guido. **Acumulação monopolista e crise no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 81-103; OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 25-69.

Os sentimentos “pátrios” pela terra natal no momento de deixá-la são marcados por forte sentimento de perda, quase sem reparos. Mas existia uma brecha: “Isso só não era irreparável, porque eu, como a maioria dos jovens que deixavam a terra natal, pensava em voltar. Voltar para viver ali, naquele chão de infância, em meio àquela gente que sonhava intensamente e que se recusava a crer na própria pobreza”.¹³⁰

A qualidade e o peso em importância da narrativa são categoricamente expostos antes mesmo das memórias contadas. A autoridade do autor é exposta por meio do currículo de Castello Branco. Além de fiel visitador da cidade no período de férias, sua paixão por Teresina é evocada, além de o jornal apresentá-lo como ator que tem legitimidade para falar sobre a cidade com propriedade e afeição. Um filho da terra com a experiência também das grandes metrópoles do Brasil.

Dando prosseguimento, observa-se o lado poético da narrativa, tornando crível de leitura agradável, que não fosse simplesmente enaltecer as conquistas progressistas e modernas para a cidade. O lado bucólico e pitoresco da cidade é ressaltado pelos cronistas. Depois de uma sequência de conquistas apresentadas, Auto de Abreu passa a narrar sua partida da cidade no vapor Paranaguá, já Castello Branco parte em transporte ferroviário. Percebe-se a construção de uma linha evolutiva, em que no conjunto das narrativas não se tece nenhuma crítica direta à construção das estradas de rodagem. A propaganda oficial do governo Alberto Silva tinha como menina dos olhos as estradas vicinais que construía — “Deixei a cidade impregnado dela, dos seus sonhos modestos e do amor à sua condição. No Trem, recitava os versos de Lucídio Freitas” — ‘Teresina se apagou na distância / ficou longe de mim adormecida’”.

Fica bem clara a expressão *dos seus modestos sonhos e do amor à sua condição*. Perceber-se-á mais adiante que o tempo presente daqueles cronistas é marcado por transformações arrebatadoras, entre elas a da Barragem de Boa Esperança, geradora de energia elétrica que alimentaria a tão sonhada cidade industrial. O cronista Sebastião deixa escapar uma frase polêmica do então prefeito da cidade Joel Ribeiro, para quem “uma cidade sem chaminés, sem um pouco de fumaça de poluição não está progredindo”. O progresso sem embaraços fazia-se solto nas mentes das autoridades públicas entre eles o próprio prefeito. As fábricas soam contrárias à manutenção de amor à condição modesta de cidade pequena. O próprio Sebastião Negreiros revela que “Joel Ribeiro não foi compreendido” ao fazer aquela afirmação, mostrando que houve reações contrárias. Em certos momentos, tanto em Abreu quanto em Castello Branco, sua crônica sai do factual, e parece enveredar por uma narrativa com traços

¹³⁰ CASTELO BRANCO, Carlos. Teresina na Distância. Teresina, **O Dia**, 15/16 dez. 1968, p. 5.

modernistas. Os cronistas reconhecem os benefícios da modernidade, mas também se atêm a um passado telúrico e pitoresco de saudades. — Seria oposição ao processo de modernização em curso? Esta ambiguidade se faz presente na narrativa. Os cronistas parecem caminhar sobre um campo minado, visto que qualquer palavra indevida poderia indispor-los frente ao regime opressor. Vivia-se um tempo de medo e perseguições em solo pátrio.

Trecho da crônica a seguir mostra-se carregada de sentimentos, de quem deixou a cidade em 1939. Ainda se faz perceber em A. Tito Filho o que se acaba de afirmar. Esta narrativa se encontra entre aquelas alusivas ao aniversário de Teresina, mas que termina por abordar o processo de modernização e progresso da cidade:

Deixei Teresina em 1939. A roda na calçada, o carnaval sem porre de lança-perfume, o mercadão repleto de vendeiros e vendeiras, namoro de olhos e de bolinação, avião baixava n' água, o hidroavião, quermesses em patamar de igreja, jornal de apelidos e descomposturas, quintais e pomares por toda parte, enterro de gente pobre sem banda de música e de gente rica com a respectiva, tocando um troço que espantava e fazia mais medo do enterro do que da morte — uma cidade tranquila, afetiva pitoresca, em que do meio dia até uma da tarde quem quisesse fazia pipi no meio da rua, idem depois da meia noite.¹³¹

Assim, há certa insistência entre os cronistas, principalmente de A. Tito Filho, em ressaltar este cotidiano pitoresco, para não dizer “provinciano”, pois poderia soar mal aos olhos vigilantes daqueles amantes de uma cidade moderna e pujante, e que não seriam capazes de entender que se trata de uma época que passou ou que foi extraída sem levar em conta tradições que representavam identidades mais profundas da cidade. O cronista deixa escapar algo que chama a atenção, e que não é só o medo fúnebre dos enterros. O lança-perfume assustava a muitos “cidadãos de bem e de compostura civilizada”, como em outros escritos do autor aqui analisados. Tito Filho defende uma “sociedade civilizada”, um jornalismo não agressivo, no tocante aos ataques pessoais tão cultivados na imprensa na década de 1950. Dizia-se um cidadão zeloso dos bons costumes.

Como as crônicas foram publicadas em data de aniversário da cidade, vale assinalar que em momentos de difusão de emoções coletivas como esta, ou de comoção social como as cheias dos rios Parnaíba e Poti, há um relaxamento do rolo compressor político autoritário, como daqueles olhares vigilantes em favor da modernização velada, conforme empreendia o poder público. Os jornalistas de feição literária dispunham de meios e habilidade poética adicional que os tornavam diferenciados para estes momentos de portas fechadas à liberdade. As frestas da porta ventilavam com a possibilidade de se dizer algo a mais, inclusive um discurso sutilmente

¹³¹ TITO FILHO, Arimathéa. Teresina: COMEPI, 1973. s/p.

avesso ao discurso oficial. Celebrar o natalício da cidade sem a presença dessas “figuras ilustres”, fazendo uso das palavras do cronista Fabrício de Arêa Leão, não seria possível. O selo literário que recaia sobre estes atores os fazia peças importantes que expunham o sistema dominante.

O que justifica essas argumentações? O discurso em favor do progresso e da modernização da cidade torna-se regra na imprensa oficial. O autor conclui a sua ilustração imagética da cidade pitoresca em oposição à sua situação presente, na primeira metade da década de 1970, expressando-se da seguinte forma: “mas uma cidade que encontrei na volta, uns dez anos depois, em busca de transformações – transformações em tudo”. O cronista segue confirmando o desejo de divulgar Teresina para o Brasil, uma cidade que rompia com o passado, “devido as transformações”. Quanto a este ímpeto de divulgar a cidade para o Brasil, o cronista não fazia objeções, e, neste caso, os discursos são coincidentes: “De mim quero-lhe um bem permanente e não troco por riqueza alguma, por paisagem outra, que seja a paisagem de Teresina”. E conclui com a assertiva: “Uma joia – Teresina. Vem vê-la – brasileiro – e aclamarás comigo”.¹³²

José Auto de Abreu segue desbravando a memória da cidade com o instrumento sentimental. A narrativa do seu embarque rumo à cidade do Rio de Janeiro, mesmo se dando em 1919, coloca o ator como quem parte compulsoriamente ao exílio da sua cidade natal e amada. A narrativa é carregada de sentimentalismo; trata-se do sofrimento de um cidadão que, por não mais contar com o apoio estrutural da cidade para dar continuidade a seus estudos, busca outros centros mais dotados de progresso material. A sina do cronista é coletivizada, uma vez que fica patente que os jovens de sua época não faziam voo forçado para outras paragens em busca de suas realizações intelectuais e materiais. Neste sentido, embora traga a imagem do atraso pretérito em um contraponto com o presente, ressalta a importância que se deu no passado a outros meios de transportes. Como já se afirmou, as estradas de rodagens representavam para a década de 1970 símbolo consagrador do progresso.

Em outra seção, ver-se-á que a publicidade governamental entra como peça fundamental de um imaginário em processo de construção e que se consolida *a posteriori*; ou seja, o destino seria a “metropolização” com seus “avanços” sem dar muita chance ao contraditório. Esta “sentença histórica” consolida-se na naturalização de um processo estipulado historicamente,

¹³² TITO FILHO, Arimathéa. Teresina: COMEPI, 1973. s/p. A. Tito Filho se encontra entre os intelectuais selecionados pelo governo de Alberto Silva que reescreveriam a história, a literatura e outras produções piauienses que viessem divulgar e consolidar a cultura regional. Ver: SILVA, Alberto Tavares. Governador do Estado, Mensagem à Assembleia Legislativa, Teresina-PI, mar. 1975, s/p.

vindo a expressar-se através de um tipo de modernidade imposta e criticada pela historiografia: o “fenômeno da modernização” vertical.¹³³

Carlos Castello Branco sente e expressa aquele acontecimento, e chega a usar a expressão, metrópole, embora com fins de enaltecê-la, mas isso mostra indícios de uma cidade que se transformava rapidamente para os seus padrões históricos. Havia algo de estranho no ar.

4.6 Da cidade portuária à cidade de entroncamentos das rodovias: espaços simbólicos da partida na “Teresina antiga”

Do alto do Largo da Praça Deodoro, vê-se um movimento que chama a atenção da “cidade pacata e provinciana”. O vapor Paranaguá encontra-se ancorado, interligado a terra firme, através de sua prancha que dá acesso à embarcação. Um movimento se inicia com a entrada e saída da tripulação, composta de homens integrados à sociedade local, nas pessoas dos senhores João Clímaco da Silveira, João Cunha, Francisco Guimarães, Marcelino Machado, Nini Caldas e Filoceno Rodrigues. Duas proles comandavam a navegação, a família dos Cruzes, e depois a família de José Lobão Portelada.

Do alto também se enxergava a “Gerência”, nome popularmente dado ao local de embarque e desembarque. Tratava-se de um espaço quadrangular coberto de Telhas e calçado a tijolos, copado por frondosas árvores, um espaço público avançado para os padrões da época, tendo-se em vista que mais de 70% das casas de Teresina eram cobertas de palhas, implicando em vários incêndios que acometiam estas moradias populares.¹³⁴

O espaço da Gerência extrapolava motivos puramente comerciais de circulação de mercadorias e passageiros. Era um local de efetivas sociabilidades. Os embarques eram bissemanais, em dias certos. O burburinho se fazia sentir pelo ajuntamento das pessoas curiosas em assistir à partida do vapor Paranaguá. Aos passageiros, e limitadamente aos que iam ao embarque de uma pessoa conhecida da alta rodada social, se oferecia o gostoso cafezinho. Figuras muito conhecidas daquele espaço de sociabilidades eram os agentes postais de bordo, entre eles Caio Castello Branco e Antônio Batista. Pessoas notórias que integravam o *status* do “quadro social elevado”.

¹³³ LE GOFF, Jacques. Antigo e moderno. In: **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1996. p. 169-202.

¹³⁴ Cons.: NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cidade e memória. In: **História de vário feito e circunstância**, João Kennedy Eugênio (Org.). Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001, p. 129-152; ARAÚJO, Mafalda Balduino. Na trama urbana, personagens, experiências e imagens (1877-1910). In: **História de vário feito e circunstância**, João Kennedy Eugênio (Org.). Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 234-252.

As horas se passavam. Então iam formando grupos heterogêneos de pessoas, entre as quais professores, alunos e populares. Ouvia-se aquele barulho em baixos ruídos para que não se escapassem as conversas que mereciam certo resguardo. Era muito comum nesses dias agitados da provinciana Teresina estudantes serem vistos naquele local. Por usufruir, ao máximo, o que a cidade tinha para oferecer, alguns partiam em busca dos sonhos aqui não realizados. Os cursos superiores, por exemplo, eram realizados nas faculdades do Recife, Rio de Janeiro ou Salvador.¹³⁵

Quanto ao instante da partida dos que rumavam para outras paragens, a voz final era ouvida pelo brado do comandante Nelson: — Larga!

Antes da consumação da partida, os observadores sentiam os sinais do momento da saída que se aproximava. Enquanto isso, os comandantes dialogavam com intimidade com os presentes, eles como que se transfiguravam no comando de bordo. Boné na cabeça andando ao longo do tombadilho, gesticulavam e, aos brados, subiam e desciam inseguras escadas, para transmitir, em ato imperioso, as ordens à tripulação atenta a todos os seus movimentos.¹³⁶

Um retardatário quase perdia a oportunidade de realizar o gesto de despedida de José Auto de Abreu, tratava-se do Desembargador Antônio Costa que descia a rampa íngreme para confortar o jovem estudante que partia. Mesmo ao observador menos atento, as imagens constituem atrativo literário, imagético e saudoso daqueles que deitam raízes sobre as origens da cidade de Teresina.

No entanto, há os jogos dos discursos, nos quais, uma vez sensibilizado o leitor num passado embora romântico, por outro lado, vê-se a tirania dos tempos que, metaforicamente, apartava a ovelha em tenra idade do seu braço materno. José Auto de Abreu partira de Teresina aos dezessete anos, deixando na terra natal laços familiares mais profundos. Agregam-se à perda os muitos amigos e populares que foram assistir à sua partida.

Uma vez assim colocada a questão, o narrador dá um salto histórico que nos faz questionar o porquê de tão longa viagem ao passado da cidade de Teresina. — Trata-se de puro saudosismo e diletantismo intelectual? Só com uma leitura conjunta e contextualizada das fontes que nos acompanham pode-se perceber que o entendimento de tal depoimento/crônica se encontra em meio a interesses entrecruzados e díspares do momento da escrita do texto,

¹³⁵ QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura e sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

¹³⁶ Este relato é apresentado pelo *Jornal O Dia* em alusão às festas comemorativas do aniversário de Teresina. A narrativa é construída em torno da partida de Teresina de José Auto de Abreu que aconteceu em 1919. ABREU, José Auto de. Teresina na sua data aniversária. **Jornal O Dia**, 13 ago. 1971, p. 7.

mesmo cinquenta e dois anos após sua partida. Deste modo, para que não se antecipe à compreensão livre do leitor, não haverá precipitação na resposta.

Em oposição ao relato do passado citadino contrapõe-se uma volta às realizações, conquistas e impasses do presente. Este também traz consigo suas agruras.

A cidade presenciada por José de Auto de Abreu apresenta a possibilidade da superação de rompimento com o passado traumático, pelo menos em parte. A cidade, que ia se tornando progressista e moderna, interligada a todo o Brasil, via despontarem estradas, automóveis; presenciava avanços, se comparada ao passado de isolamento, embora a viagem fluvial fosse lenta, com partidas bissemanais dos vapores. Ressalte-se que, à época, havia glamour na partida de um conterrâneo, o Porto era também um local “portuário de sociabilidades”, em que havia certo requinte e excepcionalidade, certamente por sua interligação com o resto do Brasil.

A cidade, então presente, já se revela de outra forma. Ao saudar Otávio Miranda, proprietário do jornal *O Dia*, identifica-se entre aqueles que atribuem à cidade a perspectiva de moderna e progressista com saudações elogiosas ao jornalista e amigo de longa data. Nesse momento, pela forma de cumprimentar o jornalista, observa-se a tensão discursiva, pois, sem defender a modernização integralmente, vai pelas margens na esteira da onda discursiva, o da “cidade metrópole”: “tenho acompanhado a evolução do seu jornal, que já perdeu a feição provinciana, apresentando-se, hoje, como uma folha das grandes metrópoles”.

O rompimento com o passado provinciano continua ao afirmar:

Melhores condições de conforto e de higiene foram modificando e até extinguindo, muitos dos rotineiros hábitos e costumes de Teresina daquele tempo. Ainda assim, alguma coisa vai resistindo às inovações impostas pela evolução na vida doméstico-familiar da cidade centenária.¹³⁷

A palavra imposta tem relevo neste trecho do discurso. O cronista se refere ao processo de construção das lavanderias mecânicas que ameaçavam o desaparecimento das LAVADEIRAS do rio Parnaíba (Grifo de Abreu).

Elas são componentes da nossa paisagem fluvial. São a nota alegre na tristeza congênita das populações ribeirinhas e até mesmo do rio. São peças humanas de nosso FOLCLORE, dignas de serem ajustadas ao patrimônio cultural piauiense. ‘Se o vaqueiro do Nordeste é o mais típico representante da população sertaneja entre nós’, como o disse Martins Napoleão, a lavadeira do Parnaíba simboliza a nossa vegetativa população fluvial. Ela deve ser assistida para sobreviver na voragem do progresso material (grifo nosso).

¹³⁷ ABREU, op. cit., **Jornal O Dia**, 13 ago. 1971, p. 7.

4.7 Olhares reflexivos sobre quadras, largos, praças e ruas da cidade

Desde o início de sua existência, Teresina tem se revelado em espaços segregacionais, ou seja, as divisões sociais são marcas indissociáveis da sua existência. Mafalda Baldoino, Alcides Nascimento e Rosilda Sobrinho já teceram opiniões históricas sobre essas camadas sociais urbanas, traçando reflexões acerca dos motivos de tais divisões sociais, mas vinculadas ao tema história e cidades.¹³⁸

Um primeiro olhar a se destacar entre os cronistas analisados é aquele que simboliza as pequenas e grandes distâncias. José Auto de Abreu registra as distâncias vencidas com caminhadas a pé, pois se comparadas as distâncias que separam os bairros da cidade agora metrópole, com aquelas do passado, veem-se emergir daí imagens contrastantes que vão além de impressionar, mas trazem à berlinda questões do processo de urbanização em curso. Uma cidade de relações menos impessoais alimentava, na visão do cronista, atitudes mais fraternas. Mostra-se um defensor destas tradições.

Façanha, em trabalho de pesquisa sobre a expansão da malha urbana de Teresina, faz uma cuidadosa avaliação deste processo, e ressalta vários aspectos que motivaram tal expansão, como, por exemplo, processos migratórios, terceira fase da divisão internacional do trabalho, a qual Teresina e o Piauí como um todo se inserem. O Estado brasileiro intervém com políticas urbanas expansionistas com a construção de conjuntos habitacionais, Teresina se insere neste contexto com a construção dos conjuntos como o Itararé, o Parque Piauí, conjunto Saci e outros. Loteamentos com investimentos das empresas privadas, estas inclusive se beneficiando com terrenos que eram valorizados por se situarem entre o centro da cidade e os conjuntos construídos pelo governo.

Quilômetros passam a separar o centro da cidade daqueles bairros. Façanha chama a atenção para uma reflexão desse processo especulativo dos solos urbanos, uma vez que os agentes imobiliários promotores daquele crescimento estavam ligados diretamente a uma especulação imobiliária do solo urbano. O autor chama a atenção para a necessidade de novas pesquisas históricas em torno dos sujeitos que estiveram envolvidos na expansão urbana da cidade. Na realidade, esta pesquisa vem contribuir – nesse sentido, senão em sua totalidade, mas pelo menos em parte – para o lançamento de novas chaves de pesquisas. A imprensa e os

¹³⁸ Cf.: SOBRINHO, Rosilda Marques. O Piauí entre a Saúde e a Doença. Por que a saúde se torna pública. Teresina, **Carta Cepro**, v. 21, n. 1, p. 42. 2002; ARAÚJO, M. Mafalda Baldoino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A cidade Invisível. Teresina, **Carta Cepro**, v. 21, n. 1, p. 7. 2002.

jornalistas exerciam o ofício de divulgar e motivar compreensões em curso sobre a cidade. Prova disso está na convocação de Fabrício de Arêa Leão, quando dos 120 anos da cidade.

A cidade então memorizada e versada pelos jornalistas, com feitiço de versões verdadeiras, posto que o discurso da imprensa moderna tem esse valor de verdade, tem um efeito de referência significativa para o leitor, sem que seja preciso falar sobre o que venha a ser o próprio sujeito aqui em análise, jornalistas que contribuíram para a construção das imagens que versam sobre a cidade de Teresina. O segundo capítulo deste trabalho de pesquisa já revelou como se deu o processo de modernização da imprensa no Brasil. O terceiro capítulo tratou sobre os impasses enfrentados pelos jornalistas no processo de modernização da sua profissão na cidade de Teresina.

Portanto, a cidade moderna setentista colocava-se em constante luta contra uma cidade pretérita. Para os defensores da modernização, as lembranças daqueles que presenciaram outras épocas não passavam de um provincianismo que atava o progresso da cidade. Façanha, no entanto, analisou com propriedade os incômodos e contrastes sociais gerados por aquela onda modernizante.

Sebastião Negreiros,¹³⁹ visionário de uma “Teresina metrópole”, revela-se opositor à visão de Francisco Auto de Abreu. Este não deixa de aplaudir as novas conquistas, “os sonhos inevitáveis” do progresso, mas termina por deixar brechas em defesa de certas tradições, mesmo que pertencentes à cidade pequena, pacata, provinciana e tranquila, de domínio espacial facilitado por uma sociedade que se circunscruvia a pequenas quadras de convívio social:

Entre a Rua Estrela e a Rua São José, passando pelas ruas da Glória, do Amparo, Rua dos Negros, do Fio, Rua Grande, Rua Bela e Paissandu – belos nomes que deveriam voltar – estava a cidade, toda ela, para as pessoas da nossa condição social, A Avenida Frei Serafim, hoje Getúlio Vargas, era uma promessa e um abrigo para as famílias mais prósperas. Ainda hoje me lembro das casas, uma a uma, e as famílias que as habitavam, parentes, amigos, conhecidos. Desconhecido só o caixeiro viajante que se hospedava algumas noites no Teresina Hotel.¹⁴⁰

A. Tito Filho, confesso admirador de Auto de Abreu, segue reforçando esta linha reconstrutiva da cidade passada, definindo contornos e imagens, logradouro por logradouro, os cinemas Royal e Olímpia. Cabaré à beira-rio frequentado por gente “não alta”,¹⁴¹ calçadas povoadas em rodas de conversas, ruas silenciosas e desertas em horários de calor e após o

¹³⁹ SEBASTIÃO, Negreiros. Hábitos provincianos. Teresina, **O Dia**, 3 jan. 1969, p. 4.

¹⁴⁰ ABREU, José Auto de. Teresina na sua data de aniversário. Teresina, **O Dia**, 1971, p. 7.

¹⁴¹ A. Tito Filho se refere à “alta sociedade” como frequentadora do Cabaré Rosa do Banco. Este frequentado por magistrados e comerciantes abastados.

apagar das luzes. A narrativa do cronista projeta a imagem de uma cidade tranquila em oposição ao vai e vem e veloz das grandes cidades. Diga-se, a Teresina que se passou. A de “hoje está repleta de transformações”.¹⁴²

Carlos Castelo Branco tece olhar de um espaço urbano também dominável e domesticado. Refere-se ao trem que tinha partida da cidade de Flores como o “Trenzinho”. À reforma do logradouro que dava passagem em frente ao Palácio do Governo, como a “pequena avenida em frente ao palácio”; neste caso, a Avenida Antonino Freire. Quanto à Praça Pedro II, “acabava de ajardinar”.

A paisagem desses espaços recebe adereços bucólicos, assim do que seja natural, com pouca ou quase nenhuma intervenção humana. Citando o jornalista e literato Celso Pinheiro, Carlos Castelo Branco traz à cena as lembranças “das folhas secas que caíam das árvores do seu quintal”, acrescentando como “era doce a sombra das mangueiras e dos oitizeiros”.

Todos os cronistas são cômicos das vertigens de progresso no passado. No entanto, a narrativa se lida a contrapelo, por vezes detecta-se o olhar atento e registrador de uma monumental “face do atraso”. No entanto, os citados cronistas se referem a costumes como a falta de uma higiene pública e privada. Percebe-se assim uma sensibilidade vinculada a um tipo de sanitarismo urbano. Um cronista como José Auto de Abreu se sensibiliza com os avanços da higiene na década de 1970, e registra a mudança de hábitos no uso das águas, por conseguinte das habitações. Carlos Castello Branco, já retratando a cidade em números de casas e ruas, induz a uma percepção inevitável do que os cronistas reiteram as suas imagens da cidade pretérita, associada ao rústico, avessa ao que seja metropolitano, desta feita em defesa de melhores condições de moradia, e não simplesmente em defesa da expansão da malha urbana:

Teresina que aos nossos olhos ingênuos afigurava quase que como uma metrópole, era uma pequena cidade, de 30 a 40 mil habitantes, se tanto, com casas de telha em sete ou oito ruas e um vasto casario de palha informe, sem conforto, que abrigava dois terços da população.¹⁴³

A estatística é para impressionar, não há dúvida. Ingenuidade dos moradores ou outros motivos subjacentes?

¹⁴² A. Tito Filho, op. cit., s/p.

¹⁴³ Ibid., p. 5.

4.8 Olhares reflexivos da cultura, costumes e lazer

Outro cronista até aqui pouco analisado, Sebastião Negreiros, mostra-se impiedoso no seu julgamento dos hábitos provincianos da população, bem como daqueles intelectuais que buscam cultivar e/ou reavivar práticas que comprometam a metropolização da cidade de Teresina. Auto de Abreu detalha a convivência não só entre parentes, como também com os homens e mulheres humildes que circulavam pela cidade. Neste aspecto, ressalta as relações entre pares, vizinhos, parentes, ou até mesmo os favores pessoais que se prestavam às pessoas. De uma esmola ao emprego, ou outras formas de relações que se estabeleciam na cidade. Mesmo na década de 1970, A. Tito Filho admite essas práticas como atrativo para aqueles brasileiros que queiram se estabelecer em Teresina. O jornalista coloca a dádiva do emprego como uma das práticas que sobreviveram de um passado distante.

É prática corrente no processo de redação do Jornalismo moderno a construção do que venha a ser tomado como polêmico, na tentativa de pescar, ou melhor prender o leitor. Estas polêmicas são distribuídas intencionalmente. A pauta jornalística é meticulosamente montada, vinculada ao que está posto como importante, facilmente visível pelo leitor. Romancini chega a classificar o que seja bombástico; muitos jornais, por vezes, submetem-se à notícia a feitiço puramente mercadológico. A polêmica é algo fortemente vendável. Como o próprio José Auto de Abreu afirmava, *O Dia* já dispunha de características de jornal das grandes metrópoles. O jornalista Ramsés Ramos, em certo momento, clamava que se aprimorasse o caráter cada vez mais polêmico no jornalismo teresinense. Inclusive afirmando que certo jornal da cidade, no caso, o *Jornal da Manhã*, fazia isso muito bem.¹⁴⁴ Negreiros insere-se no *hall* dessas polêmicas suscitadas, vai a toda carga, contra isso que denomina saudosismo dos intelectuais.

Quanto aos hábitos dos moradores conversarem nas calçadas não se justificava. Comparando os hábitos teresinenses aos hábitos da metrópole São Paulo, deixa como testemunha a narrativa de uma Teresina que necessitava se superar, ser produtiva com melhor aproveitamento do tempo de seus moradores, para que se voltassem ao trabalho, e não para conversa de calçada. Repudia sem rodeios o hábito de seus habitantes conversarem nas calçadas como de hábito. Observe-se:

O brasileiro é de temperamento essencialmente conservador. Mesmo sentindo a necessidade de se *modernizar de acompanhar as tendências e as manifestações progressistas* (grifo nosso), há ocasiões em que ele como que tenta resistir a essa realidade, assim o apego que tem às do passado. As rodinhas familiares se formam frequentemente nas calçadas das residências

¹⁴⁴ RAMSÉS, Ramos. Cultura nos jornais – ascensão e queda. **Retranca**, Teresina, 1-10 jun. 1989, p. 3.

familiares e até estabelecimentos comerciais, sobretudo no Norte, é bem uma demonstração dos hábitos provincianos que conservamos.

Duas variáveis chamam a atenção, modernizar e progressistas. Entre os cronistas aqui analisados, ser moderno e progressista se trata de dinamizar hábitos que não impeçam a produtividade. Que se dinamizasse a economia local. Veja-se que Negreiros logo à frente se refere aos “estabelecimentos comerciais”. A matriz econômica durante os governos da década de 1970, principalmente em tempos de milagre econômico brasileiro, significava estar sintonizado com os ideais e objetivos nacionais de tornar o Brasil uma potência econômica. Para alguns economistas, potência mundial, para outros, potência regional no contexto da América Latina.

Quanto ao papel a ser desenvolvido por teresinenses, o texto publicado por Chaves mostra, sem sombra de dúvida, como esse ideário publicitário de viés econômico se fez circular em solos da cidade “moderna ” e “progressista” a qual Teresina não só era candidatada a ser, mas que para alguns cronistas já se fazia realidade.

No entanto, Sebastião Negreiros se sente no dever de alertar sobre as ameaças que pairam sobre o progresso modernizador. O cronista não dispensa à sua análise nem mesmo as condições naturais de feitiço climático, e ressalta, inclusive, as sensações térmicas, fortes principalmente entre os meses de setembro a novembro a que é submetida a cidade:

É bem verdade que em certos lugares o clima concorre muito para isso. Mas, mesmo nessas cidades de clima quente, todos se sentam à calçada, forçados mais pelo hábito do que mesmo pelo calor que sofrem, pois os ventiladores ou ar refrigerado, que já existem em toda parte, podem proporcionar melhores condições de temperatura do que qualquer balanço de cadeiras destinados ao escoamento do tráfego.¹⁴⁵

As memórias trazidas à tona por José Auto de Abreu são amenidades em relação a estes hábitos. Cada cronista, mesmo guardando suas especificidades, deixa registrado o processo, em curso, de modernização, divulgado na imprensa da cidade: o jogo dos contrários como presa fácil em direção ao leitor sensível a um mundo moderno e fluido por velocidade, confrontos, pelo impactante, e espetáculo dos dramas pessoais também popularizados pela imprensa. O jornalista vive à busca de uma forte polêmica.¹⁴⁶ As memórias se desenvolvem em caminhos contrários:

¹⁴⁵ SEBASTIÃO, Negreiros. Hábitos provincianos. Teresina, **O Dia**, 3 jan. 1969, p. 4.

¹⁴⁶ É precipitado se afirmar que estes cronistas sejam apoiadores do Regime Político Militar de Exceção. Não se observa qualquer vínculo direto de apoio a atitudes de repressão política. Até mesmo porque a modernização em Teresina tem como ideia-força, da forma como analisamos, abarcar o viés mais urbanístico, mudanças

Foi, se bem me lembro, numa tarde de agosto de 1919, quando, como de hábito, eu e mamãe estávamos sentados à porta de nossa da Rua da Glória (Lizando Nogueira), aquela mesma onde mora hoje o Elizeu Franco, que o primo do Luiz Ferraz nos entregou um telegrama, dizendo-nos: ‘parabéns a Amanda, o Armando neste telegrama autorizou a ida de José de Abreu Para o Rio’.¹⁴⁷

De modo detalhado, vão sendo arranjadas, ponto a ponto, na tela cênica da cidade, marcas que brotam das memórias do cronista. As ruas centrais ainda serviam de vias transversais entre os bairros suburbanos e as margens do Parnaíba, para onde se deslocavam pescadores em busca da subsistência:

Era um dos dois pobres cegos conhecidos dos moradores da rua da Glória que todas as tardes e manhãs eles palmilhavam rumo ao Parnaíba para a sua silenciosa pescaria noturna, de onde só regressavam para o casebre suburbano ao alvorecer, [...]. Na ida, à tardinha paravam na nossa porta, recebiam um pouco de comida e se mandavam rua da Glória abaixo, para a penosa vigília noturna à beira da piscose (Sic) Parnaíba. Quando regressavam pela manhã, com a cidade acordando, eu os esperava à janela com um cafezinho quente. Com o côfo pejado de peixe fresco, diziam: José de Abreu, hoje tem ‘fidalgo’. Era o peixe do meu tempo, que desapareceu, substituído, ninguém sabe porque por sofisticado ‘matrinchan’ (que nome besta), escorraçado, talvez do ‘São Francisco’ ou de qualquer outro rio.¹⁴⁸

Alguns aspectos devem ser ressaltados, como, por exemplo, as memórias de Abreu que são entrelaçadas com as demandas do presente e lhes provocam e alçam às suas reminiscências. Mas ao citar “era o peixe do Parnaíba de meu tempo”, intercala o presente vivenciado, atijando, acordando o leitor de que a época em que se vive então é a década de 1970. Nem os peixes escapavam à interferência do homem em seu habitat natural. Provavelmente referindo-se às interferências feitas no leito do rio Parnaíba, para a construção da barragem de Boa Esperança, que traziam as marcas indeléveis da modernização.

arquitetônicas, de costumes e hábitos do cotidiano. Embora se percebam as forças produtivas tentando se rearranjar e se enquadrar no contexto econômico do capitalismo nacional. As fontes revelam uma cidade tangida por um turbilhão de *transformações urbanas*, em que um dos focos seria transformá-la num centro inter-regional. O turbilhão urbano continuará na década de 1980, agora, instigada também por questões políticas (Abertura Democrática), mas a imprensa mostra-se dividida, visto que uns acreditaram numa “cidadania política”, outros jornalistas tecem um olhar focado numa cidadania costurada pelo mercado e consumo. Observa-se uma “cidadania” guiada pelos objetivos de aprofundamento da individualidade, competição e mercado, que se chamava, à época, “cidadão Global”. O *Jornal Retranca*, a partir de 1990, passa a refletir sobre desafios como: o papel do novo jornalista, novos desafios tais como: meio ambiente, emancipação da mulher, jornalismo investigativo e outros. Cons.: CUNHA, Paulo Ribeiro da. Militares e anistia no Brasil – um dueto desarmônico. In: **O que resta da ditadura no Brasil**. São Paulo: Edson Teles / Vladimir Safatle / Boitempo, 2010. p. 15-40; BAUMAN, Zygmunt. Emancipação. In: **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 7-69.

¹⁴⁷ ABREU, José Auto de. **Teresina na sua data aniversária**. 13 ago. 1971. p. 7.

¹⁴⁸ ABREU, op. cit., 13 ago. 1971, p. 7.

4.9 Olhares sobre a gente humilde – pobres urbanos

Em nenhum dos cronistas analisados percebe-se uma versão de conflito de classes ao se tratar dos pobres urbanos. As referências são “gente humilde”, “gente alta” no jogo dos opostos. A. Tito Filho tece um cenário que define de gente acolhedora, humilde no tocante aos “menos classificados”. O cabaré “Cai n’Água”, por exemplo, era frequentado por gente da baixa sociedade.

José Auto de Abreu descreve imagens de uma gente pacata ao se relacionar com os pescadores que transitavam pela rua da Glória: “quando ouvindo-a [...], identifiquei aquela voz amiga e unvida de humildade”. A palavra “ungido” trata-se de um signo bíblico da maior relevância para as sociedades católico-cristãs.¹⁴⁹ Pinheiro, em estudo detalhado sobre as polêmicas religiosas à época da partida do então cronista da cidade de Teresina, retrata muito bem esta face católico/cristã na cidade de Teresina.

Carlos Said, cronista que se destacou entre a antiga geração dos jornalistas, ao citar A. Tito Filho, traduz semelhante visão deste cronista: “o regaço teresinense tornou-se sombra verdejante para abrigar os ímpios de espírito que não conhecem a nobreza e a dignidade que aqui imperam sob vertente da cristandade, Teresina, vida que segue! Melhor para sentirmos tua felicidade como A. Tito Filho proseou amorosamente fazendo de ti a mais bonita e a mais aconchegante dentre as urbes denominadas metrópoles”.

Carlos Said¹⁵⁰ prossegue, cita o então Tito Filho: “Deus não nasceu aqui. Mas sonhou com uma cidade que fosse exemplo da bondade divina. Deu inteligência aos homens a edificarem, com esforço, suor, tenazmente”. “Deus é necessariamente cidadão honorário de Teresina”. As crônicas analisadas, produzidas pela antiga geração dos jornalistas, têm esse comportamento narrativo de sair pela tangente quando se trata das imagens referentes aos pobres urbanos, isto fica perceptível principalmente em José de Abreu, A. Tito Filho e Carlos Said.

Conforme dito, o Jornalismo no seu processo de modernização, por lhe ser atribuído um “necessário feito plural”, e no próprio jornal *O Dia*, tenta firmar sua imagem; nesta perspectiva,

¹⁴⁹ As práticas católicas e cristãs arraigadas à sociedade local teresinense à época de José de Abreu. Consultar: PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do séc. XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

¹⁵⁰ SAID, Carlos. Teresina, vida que segue! Teresina, **Jornal Retranca**, ago. 1996, p. 2. Nesta crônica o autor se mostra saudosista de um passado de Glória, deixando repassar um certo “incômodo” com aqueles que não reconhecem os feitos daqueles que sempre fizeram Teresina seguir em frente. Carlos Said está entre aqueles entusiastas e defensores do projeto de construção do Estádio Albertão.

percebe-se diminuta polifonia urbana, limitada, muito provavelmente por conta do seu caráter empresarial e dependente do seu principal cliente – o poder público.

Assim, a voz muito discreta de Lili Castelo Branco, tanto no estilo narrativo quanto no espaço ocupado na diagramação do periódico nos faz ver registrados fragmentos das vozes desfavorecidas da cidade. Em sua crônica, na coluna “fragmentos do nada”, intitulada “reflexões”, tece várias imagens da pobreza como drama que aflige a cidade. Não se trata de imagens recorrentes no dia a dia das publicações de *O Dia*.

Para chegar até este ponto da análise aqui empreendida, investiu-se em uma leitura a contrapelo, ou pelas margens, visto que os pobres urbanos não fazem parte da centralidade discursiva daquele diário de notícias. A pluralidade é admissível, contudo, desproporcional na sua natureza editorial, exposta na diagramação de *O Dia*. A cidadania, na melhor das hipóteses, predomina sob um olhar filantrópico ou na perspectiva católico-cristã. Diga-se, de feitio conservador, mas às vezes discordante, uma vez que à época ainda se fazia eco pela cidade a militância progressista da ala católica que havia sido comandada pelo Bispo Dom Avelar Vilella.

4.10 Entre práticas e representações na busca da metrópole integradora – governo em ação – entre desejos saciados e o ovo da serpente

Aprendi, em minha formação cultural, a lição jungiana da força dos símbolos. Um povo não pode ser convocado para o exercício de seu próprio vigor, quando tudo em redor o convida ao desalento. Entre nós, os símbolos da presença realizadora do poder público ofereciam um penoso espetáculo de Ruína (Governador Alberto Tavares Silva - 1974).¹⁵¹

Daquele processo de modernização da cidade, como e quem esteve à frente de tal processo? Saindo das vivências, olhares e imagens tecidas pelos cronistas até então analisados, partir-se-á para o outro lado da moeda. Se o poder público e seus agentes são protagonistas, no que diz respeito à modernização da cidade, que propostas estavam por trás de seus atores e projetos?

Uma das características das cidades dos tempos modernos é o fato de elas estarem mergulhadas num conjunto dos jogos contrários, em parte reflexo das disputas pelo poder, e que terminam por configurar discursos e imagens, que passam também a ser representantes da então urbe. As disputas tentam se mostrar como as melhores, cada proposta a seu modo. A

¹⁵¹ PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974, p. 9-10.

cidade moderna nasce submetida às práticas e signos dos confrontos, das lutas intermináveis. Historicamente por seus conflitos estarem impregnados da “história nos seus eternos combates”, e no inacessível estágio da perfeição, cada projeto ao longo da sua execução é gerador de suas próprias contradições históricas. Um projeto se esgota, a história necessita continuar, irremediavelmente.

Em 1986, ao voltar ao poder, como governador eleito do Piauí, o então engenheiro Alberto Silva parece não perceber que a cidade pedia passagem; o gestor, com olhar fixo no passado da sua primeira administração modernizadora, torna-se vítima, talvez, do próprio acervo simbólico que tentou agregar à história da cidade de Teresina. Dessa forma, custou a perceber que os tempos eram outros, as gerações de gestores e jornalistas também outras. Entre 1971 e 1972, embarcar entre os vitoriosos que compunham o poder caía como luvas para o “sucesso administrativo”. Alberto Silva, em parte embalado pelo oportunismo da transição lenta, gradual como propôs o então presidente Ernesto Geisel, torna-se oposição em nível local àqueles que até pouco tempo colocavam-se a serviço de seus projetos de modernização da cidade e geoeconômicos dos militares.

Nesta postura, mantém-se como fiel escudeiro das forças políticas federais. Ao vencer as eleições em 1986, não perde a visão da dependência do Estado do Piauí em relação ao poder central da União.¹⁵²

Jornalismo e jornalistas na década de 1980 passavam a dispor de razoável largueza para mostrar as fraturas, os novos sonhos e desenganos citadinos suscitados pelos “novos tempos”. Para esta década, práticas e símbolos são reconstruídos por novos atores que configuravam a imagem da então “cidade cidadã”. É importante registrar que esta nova urbe já nascia em disputa com uma outra, “a cidade mercado”. Esta, na década de 1990, mostra seus tentáculos, infiltrando-se em solos teresinenses, uma cidadania que passa a se definir pelo consumo.

Começam a difundir-se, por meio de um apelo discursivo, imagens da incompetência do poder público como gestor do bem comum; o maior exemplo é o projeto adote uma praça, pois a Prefeitura, declarando-se incompetente para mantê-las vivas e vigorosas, conclama empresas privadas, com benefício de isenção fiscal, para empresários que desejassem mantê-

¹⁵² CASTRO, José Olímpio Leite de. **Wall**: a trajetória do mito. Teresina: Aliança, 2009. p. 43-56. Conforme José Olímpio de Castro Leite, Alberto Silva tinha dificuldades em se desincompatibilizar com aquelas forças políticas nacionais. O ex-governador manteve-se sempre alinhado às forças centrais, fosse do período autoritário, da época da distensão política, fosse da abertura democrática. Mostrou-se fiel escudeiro dos quatro primeiros presidentes do regime militar. Muito desta postura foi observada nos governos Garrastazu Médici, Castelo Branco e José Sarney.

las. O projeto revelou-se verdadeiro fracasso, uma vez que, posto em prática, os investidores não perceberam rápido retorno lucrativo.¹⁵³

Nesta seção, procurar-se-á reconstruir as ações ocorridas na década de 1970 que viabilizaram a materialização de uma modernidade inacabada; esta foi investida através de uma avalanche de conversões simbólicas, implementadas de forma planejada, como dizia o então governador Alberto Silva. “Seu governo foi fruto de meticolosos riscos que foram percorridos sobre o plano da sua prancheta”.¹⁵⁴

Dando sequência à análise sobre o que está exposto na epígrafe desta seção de capítulo, Alberto Silva começa por enumerar as primeiras obras realizadas com o objetivo de promover a inversão simbólica de um imaginário que julgava desanimador: “A constatação dessa atmosfera de desalento projetada sobre minha terra, que sempre considerei como uma terra de promessa no contexto geoeconômico do país”. Uma pedra de toque da propaganda do regime autoritário, instalado no pós-1964, era a redenção da pátria pelo reconhecimento e divulgação de seus provimentos geoeconômicos. Livro de autoria do General Golbery do Couto e Silva, que serviu de base para os rumos ideológicos difundidos pelo regime autoritário, deixa claro quais eram aqueles propósitos. As riquezas minerais, potenciais, energéticas, povo ordeiro ganham a ribalta dos discursos oficiais. Quanto aos minérios e a posição geográfica privilegiada do Brasil, estes marcavam equidistância dos velhos continentes, e são também explorados. O Brasil se situava entre os oceanos Pacífico e Atlântico, tinha potencialidades a explorar por conta destas condições naturais.

A doutrina de segurança nacional praticamente naturaliza os seculares problemas do País, fossem sociais ou políticos, ao não devido desenvolvimento de suas potencialidades geoeconômicas. Veja-se que não se trata de estratégias políticas, mas econômicas, posto que os militares fechavam as linhas de vieses explicativos em se tratando dos conflitos sociais e políticos.¹⁵⁵ O AI-5 é prova do auge da repressão política. Há uma aposta na suposta integração

¹⁵³ Declare seu amor por Teresina. Teresina, **Retranca**, abr. 1992, p. 6. Projeto, “menina dos olhos” na gestão do prefeito Heráclito Fortes, que, mesmo tendo deixado o cargo de prefeito da cidade de Teresina tornou-se homem de posições liberais e defensor do processo de globalização da economia brasileira, iniciada no governo Fernando Henrique Cardoso e Fernando Collor de Melo. Consultar: BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 34-84; BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁵⁴ Cons.: PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974.

¹⁵⁵ A Doutrina de Segurança Nacional, segundo Moreira Alves, teve como um de seus elaboradores o General Golbery do Couto e Silva. A base desta doutrina seguia três princípios: Estratégia Geoeconômica, Estratégia Geopolítica e a Estratégia Psicossocial. O regime militar tinha como um de seus argumentos centrais garantir a segurança com integração territorial. Investimentos regionais através de estradas e outros equipamentos urbanos eram justificados a partir de tais ideias e princípios de união nacional. Cons.: MOREIRA ALVES, Maria Helena.

nacional que havia sido interrompida pelo populismo nos anos 1950, tomado como inimigo número um dos militares e das forças liberais conservadoras no Brasil.¹⁵⁶ A construção de estradas, abertura de avenidas para as médias e grandes cidades estão na esteira publicitária fortemente difundidas durante o “milagre econômico brasileiro”. A ressaca desta aposta faz-se sentir já na metade da década de 1970, culminando com o caos social e econômico que adveio dos erros cometidos pelos militares no poder. Desta forma, questiona-se: — Como a cidade de Teresina pode ser vista sob esse contexto de vasos comunicantes entre poder federal autoritário e os poderes locais? É o que se pretende analisar à frente.

4.11 Urbanismo, paisagem e edificações urbanas – desencarnando o passado

Os símbolos aos quais Alberto Silva se referia não deixam dúvida que eram todas as obras que transformariam a paisagem urbana da cidade. Nas palavras do então governador, essas obras tinham a função de romper com símbolos do passado histórico que contribuía para aquele desalento:

A pequena cidade de ontem mediocrizada por falta de tratamento urbanístico, é hoje uma capital, aprazível graças ao milagre da imaginação, da técnica, e de recursos que aproveitaram a prata da casa. Teresina é, assim, armada pelas melhores soluções das engenharias cordiais, de nosso espírito brasileiro e pela engenharia científica das mais avançadas conquistas do urbanismo moderno. Com a mão de obra abundante, e engenhosa do trabalhador nordestino, a nova imagem das avenidas, como a Frei Serafim, guardou o aspecto das melhores tradições brasileiras, com a nobre alvenaria das pedras portuguesas, de que ainda hoje o toque mágico de Burle Marx sabe tirar o melhor partido, nos trechos mais tratados do Rio, São Paulo e do Recife. Poucos boulevards do Brasil terão a imponência e a funcionalidade de nossa avenida central, com meios-fios rigorosamente alinhados a instrumentos, com suas passagens de pedestres garantidas por uma sinalização adequada e sua iluminação cientificamente projetada.¹⁵⁷

Alberto Silva, nesse pequeno trecho discursivo, por quatro vezes anima a sua retórica a um dispositivo do discurso que é neutralizá-lo com apelo a realizações da ciência: técnica, engenharia precisa, cidade cientificamente projetada, moderna; enfim a urbe recebia um tratamento equilibrado por estar em harmonia com a ciência, em razão de uma suposta imparcialidade científica (Figura 1).

A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento. In: **Estado e oposição no Brasil - 1964-1984**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 52-70.

¹⁵⁶ FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 380 p.

¹⁵⁷ PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974, p. 10.

Figura 1 - Avenida Maranhão



Fonte: Documentos de arquitetura moderna. AFONSO, Alcília & FEITOSA, Negreiros. Teresina: Halley, 2010. p. 244.

O ideal de elaborar uma paisagística, que se adequasse a cidade ao olhar externo do visitante do Sul, pode ser analisado como uma cidade construída sob a égide do “olhar estrangeiro”, pois o governante tem como foco alinhar a paisagem urbana de Teresina, com o intuito de impactar os visitantes. Percebe-se como as autoridades mostram-se cômicas dos objetivos a serem atingidos com as interferências urbanas em curso. Alberto Silva, por vezes, justificou suas ações projetando uma suposta falta de autoestima do povo piauiense, em especial o povo de Teresina, por viver numa cidade estagnada que se ressentia da ausência de “monumentos urbanísticos” modernos.

A arquitetura de Burle Marx, presenciada nos maiores centros da civilidade brasileira, fazia-se presente; recorrendo ao prestígio do renomado arquiteto brasileiro, justificava as ações governamentais, pois tratava-se de estar em sintonia com o que “havia de melhor”. Alguns jornalistas são unânimes em afirmar que no Piauí não houve torturas, tampouco uma forma de perseguição de destaque. Mas a onda modernizante em nome da ordem e da disciplina urbana se fez forte nas reformas urbanas empreendidas. Maria Helena Moreira Alves, em *Estado e Oposição no Brasil*, deixa claro que o brado de desenvolvimento com segurança interna era de natureza nacional.

O discurso ufanista emplacado pelo regime militar, *Brasil, ame-o ou deixe-o*, de nada adiantaria na cidade de Teresina. A cidade moderna seguia o coro de desenvolvimento, com segurança. O próprio governador fala da mão de obra abundante. Esta já comum nas explicações da Geografia urbana recente e dos problemas gerados pela ausência de planejamento urbano que contemplasse a cidadania ativa e participante. Na realidade, aqueles projetos visavam atender ao projeto de modernização compulsório, pela força, em que os militares tinham como

objetivo inserir o País entre as nações modernas, estas detentoras de um consumo voltado para produtos, tais como automóveis, eletrodomésticos, turismo. Uma contradição pairava no ar, o bolo da riqueza da nação ficaria na mão de poucos. Os próprios recursos da Sudene, constata-se, segundo Bernardino Viana, concentravam 98% de seus investimentos fora do Piauí.¹⁵⁸

A colocação de fontes luminosas na cidade, por exemplo, além do enriquecimento ornamental da paisagem, foi projetada com a função de sublinhar ao forasteiro do Sul, prevenido com a imagem da região das secas, a verdadeira realidade do Piauí, que é, como diria um dos meus auxiliares diretos, numa frase exata e feliz ‘a opção nordestina das águas perenes’. Essas mesmas fontes foram também implantadas com o fim de contribuir para o equilíbrio climático, melhorando a taxa de umidade atmosférica e otimizando um microclima invejável.¹⁵⁹

A reinauguração da Av. Frei Serafim mereceu publicidade monumental, trata-se de duas páginas do principal diário de notícias cidade com uma só fotografia. Embora Sebastião Negreiros reclame de um povo provinciano, a administração pública emplaca a imagem de metrópole moderna. A foto confunde qualquer um à imagem de qualquer outra cidade brasileira que fosse tradicionalmente uma metrópole. A avenida Frei Serafim passa a contar com fontes d’água em todo o seu percurso. As películas d’água subiam metros de altura sob o foco das luminárias de luz a vapor de sódio. Havia, porém, um problema, caso viesse uma forte ventania, pedestres e até mesmo veículos com janelas abertas poderiam ser molhados.

Por outro lado, não era uma avenida para o conforto urbano, pois tinha como foco o cidadão local, mas era preciso se construir um discurso para turista ver. E mais, tornar a cidade atrativa para investimentos “econômicos modernos”: um passeio de carro sob os auspícios de um trajeto de dois quilômetros com vistas “dignas de uma grande metrópole”. Assim se refere Alberto Silva, sobre o papel das políticas urbanas que, em primeiro lugar, devem pautar “naquilo que encerra pragmatismo” e, segundo, pela “criação de símbolos na paisagem”. Estes últimos com a finalidade de despontar desejos, encantos modernos.

Contudo, outras obras são agregadas a esta nova fase por que passa a cidade, o olhar externo continua a ser priorizado. Este se vislumbra pela prioridade dada à reformulação hoteleira da cidade. No Piauí, como um todo, cidades como Castelo do Piauí, Parnaíba e Teresina deviam ser preparadas para receber visitantes, sejam turistas, sejam os potenciais

¹⁵⁸ VIANA, Bernardino. O Piauí no quadro brasileiro. Teresina, **O Dia**, 22 dez. 1968, p. 3.

¹⁵⁹ PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974, p. 11.

investidores econômicos. Chega-se à sensação de que para incentivar a iniciativa privada, para as realizações do porvir valeria qualquer esforço.

4.12 “Um fraco rei faz fraca a forte gente”

O título desta seção, metáfora usada pelo governador Alberto Silva em uma de suas mensagens governamentais, significa em parte o que o governante pretendia com seu povo, uma vez que, na continuidade do discurso governamental, o mesmo conclui afirmando que a recíproca seria verdadeira. O governador se autoproclama um rei forte, usando um trocadilho de palavras, evitando qualquer discurso direto que o identificasse como homem autoritário. Ele apenas cumpria uma missão histórica, comprovada pela necessidade de romper com grilhões, também históricos. A fase da pecuária já havia passado, e, cômico do seu dever, assessorado por técnicos competentes, cabia a este grupo seletivo dar desdobramentos às transformações e realizações necessárias.

O governador torna-se um incansável elogiador da sua equipe técnica, mas mesmo assim em nenhuma de suas mensagens governamentais cita o nome de nenhum individualmente. Portanto, o grupo de piauienses que participavam desta alavancada para o progresso tem endereço certo, são os técnicos que atuavam nos projetos do governo.

Sem estar atentos ao conjunto das ações governamentais, expressas nos quatro anos de governo, poder-se-ia imaginar a busca da fortificação de sua gente via participação política ou social, através de uma participação efetiva da comunidade nas ações do governo. Mas não se trata deste tipo de fortalecimento via participação popular. O discurso governamental ainda se arrisca em frases como: “A construção de uma sociedade não é nunca a obra de um governante solitário, mas o fruto do mutirão de todo o povo”.

E prossegue: “Sem o engajamento simultâneo de governantes e governados, os resultados efetivos são sempre precários”. — Mas qual seria o espaço reservado aos governados nesta avalanche de progresso e modernização? No processo de construção do Estádio de Futebol Alberto Silva (Albertão), visto que será analisado mais adiante, reserva-se aqui uma análise sobre a forma da participação do povo.

Para o governador, principal animador da sua equipe de trabalho, o Piauí necessitava ser reintegrado ao contexto brasileiro, como em outras fases áureas da sua história. Os governantes no passado tinham acertado inclusive a escolha da antiga capital Oeiras; o Piauí nascera da necessidade de alimentar as outras regiões com a carne *vacum*. O Piauí se fazia vivo. A transferência da capital dá sinais da mudança que seria necessária. Os governantes custaram

a descobrir a nova fase histórica da necessária modernização da economia piauiense, segundo Alberto Silva.

Para tanto, não havia participação popular efetiva. Sem tibieza o governador deixa bem claro como deveria ser o envolvimento do povo. Recolocar o Piauí no mapa das grandes conquistas nacionais. O Estádio de Futebol Albertão, praça desportiva altamente prestigiada pelo governo, constitui-se um dos símbolos da participação popular na reconstrução do Piauí, tendo Teresina como praça privilegiada. Os depoimentos de Dídimo de Castro, Carlos Said e João Eudes (o Bolinha) são ilustradores fiéis deste entendimento do que fosse participação do povo.

A descrença generalizada refletia uma lamentável ignorância de nossas potencialidades, e até mesmo de um passado em que o Piauí vivera momentos da vida brasileira, assegurando a unidade da independência nacional como no episódio de Jenipapo, ou ostentando padrões de fartura com um parque pecuário que era dos mais ricos do país. Um exemplo disso era a decepção popular pelo fato de o Piauí, não marcar sua presença no contexto nacional nem mesmo pela participação nos campeonatos de futebol. Os meios de comunicação, do rádio e à TV, que traziam ao povo de Teresina e do Estado a notícia e a imagem dos clubes do Ceará, do Maranhão, do Pará, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e todos os Estados vizinhos como figurantes das disputas esportivas, acentuavam a decepção do povo, como se o Piauí estivesse condenado a ser uma renúncia e uma ausência permanente no mapa do país, até mesmo nos acontecimentos esportivos.¹⁶⁰

Para o entretenimento do povo de Teresina, a cidade ganha esse instrumental dotado de uma racionalidade agregadora das grandes multidões. Diferentes classes sociais momentaneamente unidas num grito de “gol!”. Multidões se dirigiam ao estádio de futebol nos finais das tardes de domingo. Este espetáculo do ajuntamento humano é explorado pelo governador como participação e aceitação efetiva de seu governo pelo povo de Teresina.

4.13 Participação popular – futebol como veia da ação civilizadora e seus contrastes na cidade em modernização

Tudo parecia conspirar contra os apelos de recuperação partidos do poder público, impotente para promover a solidariedade, a esperança e a participação do povo numa crença melhor em seu destino. O ponto de partida de meu trabalho terá sido talvez a devolução da confiança do povo piauiense em si mesmo.¹⁶¹

¹⁶⁰ PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974, p. 8-9.

¹⁶¹ Ibid., p. 9.

O poder público atribuiu para si o papel de animador da vontade popular, o diagnóstico era de desânimo, da estagnação e da falta de confiança. Em contraposição, a linha discursiva do então governador fazia linha de força do seu acervo vocabular palavras de ordem, como promoção da solidariedade, da esperança e participação do povo.

No entanto, Alberto Silva deixa bem claro o tipo de participação da qual descorda. Ao referir-se, com aplausos, ao então primeiro presidente do golpe civil-militar de 1964, não poupa palavras de elogios à nova ordem social instaurada:

O movimento de 1964 veio reformular os estilos administrativos do país, restabelecendo padrões de ordem social e de tranquilidade capazes de garantir a segurança do trabalho construtivo. Desde 1963, quando dirigi a empresa de distribuição de energia elétrica do Ceará, a CENORTE, pude sentir a escala de dificuldades desencadeadas pelo clamor de reformas no campo e na cidade, justo, certamente, em tantos dos seus aspectos, mas instrumentado tumultuosamente pela paixão e pela violência, à margem da lei. A ação rural e urbana, com arregimentação das ligas camponesas e dos sindicatos manipulados pela agitação. A situação do Nordeste, onde o desequilíbrio econômico era mais agudo tornara particularmente explosiva. Eu mesmo fui testemunha, de estereis espetáculos de agressividade, como quando elementos exaltados impediam a entrada de pessoas à porta da SUDENE, no Recife, na oportunidade de uma reunião, de técnicos, engenheiros e autoridades.¹⁶²

O discurso governista não deixa dúvida sobre o que reprova, mas ao mesmo tempo mostra a solução “pragmática na construção dos equipamentos urbanos” que levariam à paz social: o Estádio Albertão, símbolo da paz social, inclusive de solidariedade ao governo.

O trecho da mensagem governamental acima é rico de imagens discursivas que impregnam manifestações sociais ao caos, à excrecência da normalidade institucional vinculadas àqueles que se propunham a via da reivindicação. A palavra povo desaparece do acervo vocabular da mensagem governamental; ao reivindicador atribui-se o termo “elementos”, seguido do qualitativo “exaltados”. Aqueles que reivindicavam não eram dotados de consciência, mas vítimas da manipulação e da agitação estéreo. O espetáculo é traçado de cenas de agressividade. Logo, a situação não poderia ser outra no seu desfecho discursivo, como estado negativo do comportamento coletivo.

A escolha de Alberto Silva para governar o Piauí é cercada de polêmicas. O então engenheiro caiu “como de paraquedas”, contrariando as oligarquias locais comandadas pelos Portelas. A sua indicação à sucessão de Helvídio Nunes (ex-governador) pelos militares causou espanto e confusão na imprensa local e nacional, pois as expectativas recaíam sobre outro nome

¹⁶² PIAUÍ, op. cit., 1974, p. 11-12.

a ser escolhido. A reconstrução discursiva nos idos dos anos 1980 afirma que a escolha se deu em função dos brilhos técnicos do engenheiro e diretor da Cenorte e Refesa. No entanto, uma leitura a contrapelo nos faz ligar a coroação a outros possíveis dotes, não só técnicos, mas de identidade também política do governador, com os propósitos militares no que concerne à participação popular: participação sim, mas não nos moldes dos movimentos sindicais e populares que “atormentavam” a paz, e a possível zona de conforto em que viviam os setores conservadores da sociedade brasileira. Não se trata de juízo de valor aqui criado, mas o próprio governador torna-se confesso de suas próprias crenças e valores.¹⁶³

O governador encerra o seu raciocínio nos seguintes termos: “Esta foi a herança que coube à revolução, quando o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, com a serenidade de sua competência e de sua autoridade de estadista, assumiu o governo em 1964”.

— De onde viria então, em gesto de governo alinhado ao poder central, o ato promotor de uma participação e integração social que se furtasse ao confronto e à desordem, segundo Alberto Silva? “Um rei forte faz seu povo forte”. A construção da praça desportiva, destinada aos campeonatos de futebol nacional e regional, é contada como uma epopeia que marcara a história da cidade.

Se havia censura em Teresina, partia daqueles que criticavam a construção do Albertão; vê-se uma inversão de onde parte a censura. O governador em sua mensagem se sente censurado pelos descrentes. O sentimento que vinha do povo de Teresina seria outro: “Foi ainda para investir nessa confiança e nessa solidariedade que o governo construiu o magnífico estádio de Teresina. O povo recebeu a nova praça de esportes com o entusiasmo de quem adquire para si um título de propriedade”.¹⁶⁴

A narrativa flui sob os auspícios de um governo que, supôs, soube dialogar com as necessidades e expectativas do povo de Teresina. Mesmo com as possíveis oposições ao processo de modernização da cidade. Uma destas fica claramente exposta quando da inauguração do estádio, acompanhado de um incidente, quando um alarme falso amedrontou a população de que o estádio estaria desabando. Muita comoção e feridos. Alberto inverte o resultado do episódio, ao convocar nova partida de futebol. Neste momento discursivo, torna-se possível fazer conexões com o sentido incorporado pelo governador de como deve o governante conduzir o seu povo, e como este deve mostrar apreço e envolvimento no trabalho de reconstrução do Estado: todos movidos por um sentimento uno, sem diferenças e destemida

¹⁶³ PIAUÍ, op. cit., 1974, p. 33-70.

¹⁶⁴ Ibid., 1974, p. 11.

obstinação: “nós vamos ao Albertão”.¹⁶⁵ O chefe de governo assim se refere no seu contumaz ato de animador político:

Até mesmo o lamentável episódio do acidente ocorrido na inauguração do estádio, serviu para demonstrar a confiança popular nos empreendimentos do governo. Além da comovedora solidariedade da população às vítimas do desastre, a uma realização de uma partida do campeonato nacional logo em seguida, contestando o prognóstico dos pessimistas, levou ao local verdadeira multidão, na qual se encontravam, de muletas e pernas engessadas, os acidentados do encontro anterior. Sob os aparatos de que lhes protegiam as pernas ou os braços, os populares escreviam em grandes letras ‘nós vamos ao Albertão’. Nada abalara a fé naquela obra de um governo que realizara um sonho de cinquenta anos de toda uma cidade.¹⁶⁶

As atitudes pelas transformações coletivas que se antecederam ao seu governo — seja em outras paragens do Brasil, ou em Teresina, movimento sociais — se davam pela arregimentação de forças sindicais que levavam à agitação popular, convertendo-se em explosões negativas, segundo Alberto Silva. O seu governo se destacava por adentrar pelos sentimentos mais profundos e distantes da história da cidade, a realização de um sonho histórico de cinquenta anos. Este apelo à justificação histórica não é tratado apenas no tocante ao entretenimento popular, as justificativas se desdobram por todos os setores governamentais. Um discurso embebido neste tom por todas as suas entranhas. O governo convence-se de que é harmonioso, não só com a população da cidade, mas em todas as suas ações, como numa sinfonia que flui sem desafinar, em nenhum dos instrumentos e componentes musicais. Inclusive, aquele gesto dos torcedores levava o governo a fazer uma ligação direta entre a aprovação do futebol e outras instâncias da sua administração:

Diante dessa generalizada e eloquente demonstração de confiança, o governo adquiriu a certeza de que podia contar com o infatigável trabalho de seu povo para o desenvolvimento do Estado, nos programas de educação, de saúde, de eletrificação e de pavimentação de estradas, a que o Piauí se dedicou obstinadamente durante quatro anos.¹⁶⁷

A cidade de Teresina, por uma década, sobrevive sob este redemoinho do progresso e da modernização. Alberto Silva, sem margem de dúvida, pelo que deixa registrado em suas mensagens governamentais, como, por exemplo, a construção simbólica espalhada sobre a paisagem urbana de Teresina, teria a finalidade de desobstruir obstáculos que vedavam o desenvolvimento da cidade e do Estado. Por isso arregimentou forças não só tangíveis

¹⁶⁵ PIAUÍ, op. cit., 1974, p. 11.

¹⁶⁶ Id. *ibid.*

¹⁶⁷ Id. *ibid.*

materialmente, através dos monumentos de animação ao surto de modernidade pretendido, mas também procurou potencializá-los com campanhas publicitárias entregues a uma mídia guiada pelas variáveis de mercado. A imprensa dependia de metas, não só financeiras, mas também de atingir seus ideais de um canal de comunicação igualmente moderno. A imprensa nacional também se modernizava. O poder público já se colocava como principal fonte de renda dos diários de notícias locais. A nova geração, porvir, de jornalistas tem sua formação tangenciada da mesma forma pelas experiências de contatos com periódicos locais e nacionais.¹⁶⁸

A primeira geração pós-1980 não dispunha também de Curso de Jornalismo. A década de 1980 surge pelo definhamento do regime militar, mas os resultados de investimentos pró-metrópole transformaram a “cidade menina” numa cidade adulta. Esta maioria foi atingida sem a permissão do contraditório. Citando o próprio governador Alberto Silva: “O Piauí foi projeto permanente de meu coração e de minha prancheta”. Com a abertura democrática ocorrendo, vê-se o despertar de uma cidade que não se fazia reconhecer; imprensa e jornalistas se vêm desafiados a encontrar novas abordagens, novos objetos, novos conhecimentos que os sensibilizassem a tratar, no que competia à imprensa, a cidade que não mais se reconhecia – a Teresina metrópole.

4.14 Antecipando-se aos fatos: do início das obras símbolos – cidade incompleta, ou a metrópole que não aconteceu

Esta seção de capítulo tem sentido especial para o conjunto desta pesquisa, por dois motivos: primeiro, por permitir fazer uma reflexão sobre o conjunto das fontes pesquisadas e utilizadas ao longo desta, que, de certa forma, mostra como se dá o trabalho do historiador ao realizar a prospecção, a constituição e a organização das fontes históricas ao longo do seu trabalho, e de como usá-las. Segundo, como, através de obras estratégicas de um projeto de governo, este constrói uma rede de relações com a imprensa,¹⁶⁹ à época, carro-chefe de uma campanha publicitária em favor da cidade metrópole em construção.

¹⁶⁸ O jornalista Zózimo Tavares, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, é enfático ao afirmar que, entre 1971 e 1974, o governo Alberto Silva tem a marca de inaugurar o momento mais significativo em termos de publicidade na divulgação das obras realizadas pelo poder público na imprensa local. Cons.: TAVARES, Zózimo, Teresina, 29 set. 2014. Entrevista concedida a Antônio Melo Filho.

¹⁶⁹ Das sessenta e cinco fotografias dispostas no trabalho técnico e de memórias do engenheiro Cid de Castro, tornam-se visíveis as relações entre jornalistas e o empreendimento na construção do Albertão. Os jornalistas Dídimo de Castro, Carlos Said (vice-presidente do SINDJOR-PI na gestão Luís Bello), Jesus Elias Tajra, Pedro Mendes Ribeiro, Elvira Raulino, José Lopes dos Santos (presidente do SINDJOR-PI 1968-1967). Esta relação já é constatada nas fontes escritas, confirmando assim relações de proximidade de setores importantes da imprensa com o governo Alberto Silva. Observe-se Dídimo de Castro com o governador, no descerramento da placa de inauguração do Estádio Albertão, além de ser diretor/secretário da FAGEPI. Carlos Said e Jesus Tajra fazem parte

Essa pesquisa, iniciada em 2005, tinha como desafio – conforme projeto apresentado e aprovado em Seleção de Doutorado – estudar a cidade de Teresina nas décadas de 1970 e 1980. Então, em 2005, comecei a procurar e a analisar no Arquivo Público do Piauí vários artigos de jornais; estes mostravam registros de uma modernização que, se de um lado se aplaudia, de outro provocava desconforto e estranheza.

A impressão imediata é que havia um processo em curso de transformações urbanas na cidade. De imediato uma imagem: os jornais divulgavam veladamente notícias destas transformações. No entanto, raramente, uma notinha de pé de página, um poema em seis estrofes, no cantinho de uma página, ou uma charge perdida em meio àquele conjunto massivo de letras mostravam posições que questionavam aquele processo “vertiginoso de progresso e modernização” pelo qual passava a cidade. Daí a grande empatia por desvendar aquela contradição.

Perguntava-me: — Não seria a ausência de direitos equânimes de noticiar a cidade? Somando-se a isso a sensibilidade historiográfica já despertada pelo trabalho desenvolvido durante a Dissertação de Mestrado sobre a cidade de Teresina, e de leituras sobre cidades, modernidade e cultura. Com a sensibilidade aguçada, folhear aquelas páginas, e não captar aquele processo seria quase impossível. O historiador está assentado num território por ele escolhido.

Um processo de modernização da cidade estava em curso, não mais restavam dúvidas. No entanto, uma questão: — Por que só pequenas notas ou um poema meio perdido discordavam, tal como passarinho que acreditava apagar o incêndio da floresta com pingos d’água lançados ao alto de seu bico? A cidade encontrava-se em ardente progresso, ou mesmo inundada, de um olhar hegemônico em favor de sua metropolização. — Quem ousaria como jornalista discordar desse turbilhão chamado “modernidade”? As palavras daqueles jornalistas mais pareciam um pingo d’água sob labaredas indomáveis, tamanho o furor do processo de

do Conselho Administrativo da mesma instituição. Carlos Said se mantém ao lado do governador Alberto Silva no ato de hasteamento das bandeiras no momento da inauguração do Estádio. Todos são assíduos frequentadores do Sindicato dos Jornalistas do Piauí e participantes das diretorias que se sucederam durante o período de “metropolização” de Teresina: Carlos Said (Jornal Estado); Deoclécio Dantas, secretário na gestão José Lopes dos Santos, atuava no *Jornal O Dia*. São radialistas e da imprensa escrita ao mesmo tempo: Pedro Mendes Ribeiro (presidente do SINDJOR-PI); Carlos Said, Dídimo de Castro e Pedro Mendes Ribeiro pela Rádio Pioneira; Deusdeth Nunes e Gilberto Melo, pela Rádio Difusora; João Eudes, Valteres Arrais e Pedro Alcântara Nascimento pela Rádio Clube. Estes jornalistas estavam entre as maiores e notáveis figuras do jornalismo local. Atas de reunião analisadas deixam registradas suas presenças, uns que atuaram como presidentes do SINDIJORPI, outros como representantes em congressos e encontros da categoria dos jornalistas; mesários das eleições realizadas pela categoria; conselheiros fiscais, tesoureiros ou membros da base sindical junto à FENAJ. Portanto, não se trata de atores comuns ao jornalismo, mas de jornalistas que tinham posição de frente na condução da categoria. Cons.: DIAS, Cid de Castro. **Piauí projetos estruturantes**. Teresina: Alínea Publicações, 2006. p. 61-72.

modernização. Mas o pássaro solitário devia acreditar que se todos fizessem o mesmo conseguiriam perceber e trilhar outras possibilidades de cidades.

Outra questão se fazia: — Que sujeito escrevia a notícia? Tentando encontrar a resposta a esta última pergunta, termina-se por se chegar ao acervo de jornais do SINDJOR-PI. Neste acervo, há elementos indiciários que sinalizavam em responder em parte essa última interrogação.¹⁷⁰

Em meio a este conjunto de fontes, encontra-se o *Jornal Retranca*, que trazia discussões sobre avanços e obstáculos para a uma imprensa livre em Teresina. Com muito esforço e persistência, vê-se a possibilidade de traçar como se organizavam e se formavam os jornalistas, e como se caracterizavam suas lutas na imprensa local. A partir de então, a leitura das atas de reuniões foi fundamental para mapearem-se as gerações de jornalistas que atuaram no período da modernização da cidade e sua crise. Somaram-se ainda entrevistas orais com as quais se percebem as relações tensas entre lideranças de jornalistas, bem como aqueles que tiveram destaque nas ações, debates e reuniões do SINDJOR-PI, que, em última análise, debatiam, também, como ser profissional de forma a zelar pela verdade e ética jornalísticas.

Por meio de memórias e relatos de olhares técnicos envolvidos naquele processo, entre eles Alberto Tavares Silva e Cid de Castro Dias, percebe-se também de que modo os jornalistas tiveram participação na divulgação daquele projeto modernizador. Através de um dos relatos deste último ator citado, bem como de suas sessenta e cinco fotografias, podem ser compreendidos os enlaces entre jornalistas e figuras de destaque na relação governo, modernização e imprensa.

Duas obras de memórias escritas sobre a urbanização da cidade por Cid de Castro Dias corroboram as tentativas aqui empreendidas de explicações e compreensão daquele processo impactante, entre os mais importantes na história da Teresina contemporânea. Sobre aquela modernização, vê-se algo que aconteceu, ou seja, uma “modernidade que não se completou”. Tal incompletude se mostra em razão dos meios e formas utilizados para implementá-las, expressos no tipo de modernização engendrada. Este caminho modernizador se fez presente

¹⁷⁰ Figuras de proa do SINDJOR-PI aparecem com vínculos aos governos que se empenharam em deixar sua marca de modernos com obras que marcaram o paisagismo urbano de Teresina. Alberto implanta esse paradigma da grande obra que cada governador do Estado deveria deixar como sua marca pela passagem no governo do Estado. Dirceu Mendes Arcoverde, Lucídio Portella Nunes, Hugo Napoleão do Rego Neto se esforçaram para acompanhar a emblemática obra de modernização de Teresina emplacada a partir do Governo Alberto Silva. Até tentaram acompanhar os números de realizações do seu antecessor, mas a era do “milagre econômico” havia se encerrado. Problemas de grandes dimensões apareceram como fruto dessa modernização sem planejamento. No corolário dessas mudanças, emergiram problemas como as grandes cheias dos rios Parnaíba e Poti, e outros, advindos desta modernização autoritária.

não só em Teresina. Le Goff faz estudos de monta e afirma que, no pós-Segunda Guerra Mundial, o Terceiro mundo conheceu tentativas de como atingir a modernidade via interferência do Estado e de forma acelerada.

Em termos de justificativas ideológicas, Mantega e Moreira Alves ressaltam argumentos que atribuem papel decisivo a setores das elites nacionais e locais que julgavam que o País havia perdido um tempo precioso da sua História. Aquela ideologia então tem como esteira as propostas desenvolvimentistas, que foram implementadas, ora através de mecanismos democráticos, ora via governos autoritários.¹⁷¹ Mantega analisa tanto os contextos democráticos quanto os autoritários.

Por sua vez, Moreira Alves analisa o período em que setores civis se aliam aos militares, sendo que através de um golpe civil-militar submeteu o País a vinte anos de Ditadura. As cidades médias e grandes conheceram então um processo vertical, de feição técnico e nada democrático, de modernização intensa e pouco vista na história da urbanização no Brasil.

Passa-se, assim, a analisar a trajetória, as práticas, os conflitos e controvérsias em torno de uma obra que marcou o imaginário popular da cidade. A construção do Estádio de Futebol, O Albertão.

No quinto capítulo, será analisada a polêmica construção do Pré-Metrô de Teresina. Esta é mais uma obra fruto da visão de cidade moderna que alimentava o viés administrativo do então engenheiro Alberto Silva, obstinado a lançar Teresina ao que ele denominava de cidade moderna. Nesta teia imbricada e entrelaçada, estão envolvidos projetos de governo, olhares sobre a cidade e jornalistas, estes alvos e objetos que aqui se atêm.

4.15 A construção do Albertão: da concepção do projeto e seus vínculos com a ideia de moderno para Teresina

Quanto às intervenções sob o olhar da Engenharia para Teresina, àquela época, em que pese o filtro de imagens emanadas do governo, vê-se o próprio governador e engenheiro Alberto Tavares Silva, que fazia questão de ressaltar a sua atitude técnica no trato da cidade.

Embora em alguns momentos da narrativa pareça que se tenha optado por citar passagens de laudos técnicos, vale esclarecer, de antemão, que o objetivo é outro. Não se trata de reproduzir a fonte, mas tentar analisar pontos polêmicos, tais como: — Por que o som de uma turbina de avião levou a multidão a imaginar que o Estádio Albertão estaria desmoronando,

¹⁷¹ Cf.: LE GOFF. Modernização. In: **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1996. p. 184-18; e MANTEGA, Guido. Luta de classes e democracia capitalista. In: **A economia política brasileira**. Petrópolis: Vozes. p. 91-102.

vitimando tantas pessoas? Esta tragédia e outras que ficaram no imaginário popular estão vinculadas, a nosso ver, a um processo de modernização autoritário da cidade de Teresina que precisa ser entendido e analisado em um dado contexto.

Na narrativa se entrecruzam festividades de inauguração e explicações de como aquela praça desportiva foi construída; vê-se que o engenheiro Cid Castro Dias, entusiasta da obra à época, termina por mostrar um discurso das medidas técnicas de segurança que foram adotadas no momento da concepção e construção do Albertão. O então engenheiro, a todo momento, esforça-se em explicar que o estádio fora construído dentro das normas de segurança à disposição naquele momento histórico.

O ex-presidente do SINDJOR-PI, Zózimo Tavares, define Cid de Castro Dias como o engenheiro que aparece em vários momentos nas instituições que envolviam a institucionalização e obra do Albertão, entre elas a FAGEPI, bem como fiscal de Engenharia da Secretaria de Obras do Governo do Estado à época:

Um engenheiro que veio da escola de Alberto Silva, a escola dos projetos inovadores e arrojados. Um pesquisador com um pé na história e outro no futuro, como planejador. [...] que com seu espírito inquieto, há décadas vem se dedicando ao estudo de temas piauienses, com uma produção técnico literária expressiva.¹⁷²

Na realidade, as duas principais obras de Cid de Castro são possibilidades de leituras que prendem a visão de um engenheiro preocupado com o futuro da cidade. Um futuro marcado pelas grandes obras do passado que ele próprio as denominou de estruturante.

Por assim dizer, o Estádio Albertão foi inaugurado com a conclusão de sua primeira etapa das obras em 26 de agosto de 1973, no auge da divulgação publicitária da Teresina Metrôpole. Uma partida de futebol entre Tiradentes e o Fluminense do Rio de Janeiro veio a atrair milhares de torcedores, Placar: zero a zero. “O projeto do estádio foi considerado, à época, um dos mais bem elaborados de todo o Brasil, não só pela beleza arquitetônica, como também pela tecnologia empregada na construção”.¹⁷³ O Albertão, embora durante quase toda a sua existência tenha sido considerado um “elefante branco”, devido à falta de aproveitamento de toda a sua potencialidade projetada, além de nunca ter sido concluída a obra, contraditoriamente passa a receber via imprensa desportiva e outros gêneros jornalísticos um tratamento especial.

¹⁷² Um inventário de obras, assim define Zózimo Tavares. Os escritos publicados de Cid Castro serviram para a nossa análise frente as relações que podemos estabelecer entre engenheiros e envolvidos na modernização de Teresina e suas relações com os problemas oriundos desse processo de modernização autoritário. Cons.: DIAS, Cid de Castro. Teresina – Prevenção de inundações. In: **Piauí**: obras que desafiam. Teresina: Nova Expansão, p. 17-34.

¹⁷³ DIAS, Cid de Castro. **Piauí projetos estruturantes**. Teresina: Alínea Publicação, 2006. p. 61.

Via de regra, embora seus custos tenham sido exorbitantes aos cofres públicos, paira quase que um consenso sobre a necessidade deste espaço público como instrumento norteador da modernização da cidade de Teresina, e de sua inserção nos quadros dos elos engendradores da nacionalidade brasileira, principalmente nas décadas de 1970 e primeira metade da década de 1980.

As mensagens de governo do então governador Alberto Silva, analisadas, não deixam margem para dúvida. Percebem-se fios entrelaçados entre imprensa e governo no empreendimento de construção desse monumento em louvor e estímulo à modernização da cidade.

A título do que as fontes históricas revelam, jornalistas como Carlos Said, Dídimo de Castro e Jesus Elias Tajra estão entre aqueles que não só foram homenageados na solenidade de entrega da obra do Albertão aos cidadãos de Teresina, mas também estiveram, a convite do governo estadual, para participar, entre aqueles que articularam a obra do Estádio. Portanto, o envolvimento das pessoas supramencionadas está além de um registro na placa de inauguração.

Aqueles se constituem membros da Fundação de Assistência Geral aos Desportos do Piauí-FAGEPI. Este órgão foi de grande importância como fomentador das justificativas em prol do “grande projeto”. Por exemplo, o secretário de obras do Estado do Piauí, Murilo Ferreira de Rezende, era o presidente desta instituição. Percebe-se claramente o governo estabelecendo relações próximas com os jornalistas dos desportos. Depoimentos orais de Dídimo de Castro, Carlos Said e João Eudes confirmam o que se acabou de afirmar. Não se tratava de relações ilícitas ou ilegais, pois era muito comum jornalistas tomarem posto em secretarias de imprensa de governo, principalmente entre aqueles órgãos de vital apoio à imagem que o governo desejasse projetar para a sociedade. Os jornalistas, na realidade, viam no futebol, no esporte, um eficaz instrumento de uma cidade que se pretende moderna. Daí abraçarem com afinco o projeto do governo para a cidade. No entanto, agregados a este feitio modernizador, poderiam estar outros objetivos que isolados inibiam uma visão contextualizada de um projeto modernizador vertical.

A cidade passa a atrair migrantes, por seus encantos modernos, uma cidade que se tornava objeto de desejo, mas sem capacidade de atender a demanda gerada. Resulta daí uma explosão demográfica com pressões sobre o desenvolvimento da sua malha urbana, com aquisição de imóveis e assentamentos urbanos fora das normas de segurança, ou da ausência da dignidade humana: conjuntos habitacionais são construídos pelo próprio governo em depressões geográficas, ou pessoas que passam a morar em zonas de risco, ameaçadas pelas

cheias dos rios Parnaíba e Poti; esta questão das enchentes será alvo do quinto capítulo. A modernização de Teresina nas décadas de 1970 e 1980 tem como resultado atrair migrantes; o poder público sem medir as consequências transforma a cidade em ímã,¹⁷⁴ para depois agir sobre o mal inventado e criado. Vidas perdidas ao longo desse processo também são marcas desta modernização de caráter vertical e centralizado.

Se nos horizontes do Bairro Redenção erguem-se como se fosse ao encontro dos céus as quatro torres de iluminação do Albertão, estas dimensões físicas da obra eram divulgadas como sinônimos de grandeza e força do governo, bem como do seu projeto a ser absorvido pela sociedade. O estádio foi projetado para uma capacidade de sessenta mil pessoas. Estas dimensões colocavam o antigo Estádio Lindolfo Monteiro como algo reservado a um passado que já não fazia mais parte da “Grande Teresina”.

Os números revelados nas memórias do engenheiro Cid de Castro Dias e nas mensagens de governo, bem como das memórias dos jornalistas em forma de depoimentos orais chamam a atenção de como os sujeitos sentem a necessidade de se expressarem através de uma aritmética da grandeza que se pretendia, provavelmente, da grande metrópole que se fazia emergir das pranchetas dos técnicos para a paisagem da cidade, em parte na escrita e nas crônicas jornalistas. A cidade se revelaria matemática e indiscutivelmente grande:

Previsto estacionamento para 4.000 veículos, pista interna de atletismo, 4 vestiários, 22 cabines de rádio e TV, alojamentos para delegações, salas para congressos e reuniões, restaurante, escola de educação física e completo conjunto esportivo anexo, destinado ao esporte amador e universitário, dotado de um Ginásio Coberto.¹⁷⁵

É interessante ressaltar que, passados trinta anos da construção desta arena desportiva, apenas os itens cabines de rádio e TV, e parte dos assentos prometidos e vestiários tenham sido concluídos. O restante não passou de promessas que nunca foram realizadas. A metrópole começaria a definir-se em meio a “uma cidade não conclusa”. Com o fim do milagre econômico, muitas obras não passaram de promessas, entre elas a conclusão do Porto de Luís Correia e um porto fluvial ligando Teresina ao Porto.

Contudo, estas obras auferem créditos de algo como se existissem na sua plenitude. Daí, Teresina, a metrópole que não aconteceu. Mas com base nos depoimentos dos jornalistas entusiastas do projeto Albertão, é como se tudo estivesse plenamente realizado.¹⁷⁶ Às vezes

¹⁷⁴ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 13-18.

¹⁷⁵ Ibid., 1988, p. 62.

¹⁷⁶ Como se pode analisar “História e Memória” nas suas relações imbricadas quanto a esta questão? História dos ressentimentos dos protagonistas na recordação da execução do projeto, com aqueles que os desaparam do poder,

despontam pequenas críticas a alguns erros que supõem ter sido cometidos pelo governo. — Não seria uma autocensura da memória mediada pelas exigências que contingenciam o momento da realização da entrevista? O depoimento oral dá essa possibilidade à testemunha de refazer seu papel enquanto sujeito da ação.

A pressa do governo em deixar seu selo de realizador da obra revela-se nas entrelinhas dos escritos e relatos do engenheiro Cid Castro Dias. Conforme o próprio relato, o trabalho de concretagem teria que dispor de certo tempo para secagem e remoção das escoras para se garantir com segurança o uso das potencialidades a que a obra se destinava. O Estádio Albertão foi entregue, conforme promessas do governador, em um prazo de cento e vinte dias. Veja-se o que revela o trecho a seguir quanto à escolha do local e quais objetivos determinaram o seu sítio:

As condições ideais seriam um local, não tão distante da cidade e que evitasse grandes volumes de escavação e que, ao mesmo tempo, posicionasse o campo de futebol no sentido norte/sul para evitar ofuscamentos dos goleiros quando da incidência do sol. Esse local foi encontrado no Bairro redenção com uma vantagem adicional, permitindo que o primeiro lance de arquibancadas da parte leste fosse construído apoiada sobre o terreno natural, evitando estrutura de concreto.¹⁷⁷

Em toda a documentação consultada, percebe-se a pressa pela conclusão e inauguração do Estádio Albertão. A propaganda do governo girava em torno da ideia de uma soma de realizações que levariam definitivamente Teresina a uma condição de “progressista e moderna”. Esse discurso, que explora a aceleração do tempo como algo que diferenciaria aquele dos governos anteriores, está estampado de forma visível na publicidade do governo. Inclusive, como o próprio governador admite, a obra foi alvo de ridicularização dos incrédulos durante a sua realização.

O depoimento do jornalista Carlos Said também confirma essa tendência. Não se pode afirmar se isso contagiou ou não a crença da opinião pública de que a obra não poderia ser inaugurada, pois havia pressa de mostrar serviço, bem como de inserir a cidade no roteiro dos eventos nacionais que a projetasse como cidade viável de grandes investimentos. O governador não faz nenhum rodeio quanto a esta sua pressa, uma vez que desejava deixar a marca de ter encetado tais objetivos de grandeza. Uma peça publicitária foi difundida intensamente: “Bola pra frente Teresina!”. Neste aspecto, o governo revela astúcia, um “reciclador” de equipamentos urbanos, no sentido de ver as obras acontecerem ainda no seu governo.

ou pela condenação de uma história que já nascia inacabada. Cons.: TOURAINE, Alain. Retorno à modernidade. In: **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 214-217.

¹⁷⁷ TOURAINE, op. cit., 1996, p. 61.

O terreno escolhido, como revela Cid Dias, contava com certo aclave que fora explorado em recortes, em forma de batentes para dar assento as lajes de concreto da arquibancada. O metrô de Teresina, da mesma forma. Os trilhos da RFESA dos trens de carga que cortam a cidade são aproveitados por ideia do governador. Esta prática unia sua visão de modernizador aos recursos disponíveis, ademais recursos federais seriam capitaneados frente a escassez local para a manutenção e funcionamento do trem urbano.

Portanto, o governo federal constituía-se em fonte de recursos contínuos para permanência da obra após sua conclusão. Uma vez liberada a verba para a manutenção da rede interestadual da RFESA, o recurso serviria para manter o mesmo veículo que corria sobre os trilhos dos trens de cargas oriundos de Fortaleza (CE) e São Luis (MA). Acidentes fatais têm ocorrido ao longo da existência do trem urbano de Teresina. Estes acidentes sempre no momento de suas ocorrências põem em cheque este raciocínio instrumental de serviço público em nome da economia de recursos. Na tragédia vem à tona o contraditório.

Este processo de modernização autoritária tem sido questionado. O historiador Francisco Alcides Nascimento, em “Cidade sob o fogo”, deixa claro que as populações pobres terminam por pagar o ônus maior de uma modernização a qualquer preço. — O que dizer das políticas públicas que terminam por se mostrarem responsáveis por estas vidas ceifadas sob fogo, sob trilhos, ou sob águas? Estudos precisam ser realizados com o objetivo de se tecerem mais luzes sobre tais tragédias urbanas na cidade de Teresina. Em “A cidade sob as Águas”, quinto capítulo desta tese, vê-se por que a tragédia das enchentes do ano de 1985, que se abateu sobre a cidade de Teresina, pode ser avaliada como como consequência de uma modernidade forçada.

As justificativas são várias em torno das obras que visam introduzir parâmetros da modernidade na cidade. Investir em grandes obras como o Albertão propiciava-se a introdução de novas tecnologias de Engenharia entre os serviços prestados pelo setor de serviços e Engenharia na cidade. Na avaliação custo benefício, o então engenheiro Cid de Castro Dias exalta os ganhos técnicos com obras de tamanha envergadura para a cidade neste setor da produção de bens:

A obra prossegue em ritmo acelerado, e é acompanhada pela população na expectativa de inclusão do Piauí no Campeonato Nacional. Naquele ano de 1973, o Estado não dispunha de laboratório do concreto, que pertencesse à órgão público, ou particular.

Isso originou que fosse instalado no canteiro um completo laboratório para execução dos ensaios exigidos pela ABNT.

Esse acompanhamento permitiu e deu segurança para que fossem utilizados **aceleradores de pega**, permitindo assim a retirada das formas e escoramentos em tempo menores, reduzindo o prazo da execução da obra.

Pela primeira vez no Piauí, foram utilizadas formas deslizantes, quando da concretagem das torres de iluminação.

Essa tecnologia permite uma concretagem praticamente contínua da peça, pois as formas metálicas acionadas por macacos hidráulicos se deslocam logo após o início da pega (endurecimento) do concreto. Com isso reduziu-se em muito o tempo de contagem, o que proporcionou uma média de dez dias para a execução de cada torre¹⁷⁸

Observa-se clara divisão de responsabilidades ao se acelerar os acontecimentos públicos na cidade. Alberto Silva divulgou — da mesma forma que a população não só aplaudia — e desejou muito ver o Piauí e sua capital darem um salto histórico, para que passasse a se comparar com as grandes praças desportivas do Brasil. Na mensagem de governo de 1974, o governador chama de vergonhosa a situação dos clubes piauienses, por não participarem do Campeonato Brasileiro de Futebol. Da mesma forma, o ex-vice-presidente do SINDJOR-PI, e participante de várias diretorias do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, Carlos Said. Este afirma que, por causa da transformação da cidade de Teresina numa praça desportiva de circuito nacional, aqueles que foram os dias de baixa autoestima da cidade tinham-se superado. Segundo o jornalista, o povo então passava a caminhar rumo ao Albertão, com pés dotados de passadas cívicas, como nunca na história da cidade.¹⁷⁹

Durante o governo Alberto Silva, erguem-se discursos e narrativas em torno da construção do Albertão, e seus vínculos de grandiosidade com a cidade de Teresina, associados ao viés da velocidade do mundo moderno, da alta tecnologia, entendidos como algo que não se deve ficar à espera, mas que se pode chegar a estes impulsionados pela aceleração empreendida. As cidades que foram submetidas a esses processos passaram a ser expressas por esta força discursiva: a velocidade. Esta, ingrediente por excelência dos discursos de modernização urbana dos séculos XIX e XX.¹⁸⁰

Portanto, o conjunto dos relatos de Cid Castro Dias associa-se a esta pressa em uso; o governador chamava a atenção para se correr atrás de um tempo perdido. Alberto passa uma

¹⁷⁸ TOURAINE, op. cit., 1996. p. 63.

¹⁷⁹ SAID, Carlos. Teresina, 30 jan. 2004.

¹⁸⁰ Cf.: LOSNAK, Célio José. **Polifonia urbana**: imagens e representações – Bauru 1950-1980. Bauru, SP: EDUSC, 2004; SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade, e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; PESAVENTO, Sandra Jatahi. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris. Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2002; REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de 20. Recife: FUNDARPE, 1997.

ideia de estar temeroso de o Piauí perder o bonde da História, caso esses monumentos símbolos da modernidade não fossem concluídos em sua gestão. A narrativa em torno daqueles avanços tecnológicos, portanto, tem o objetivo de alimentar as engrenagens e políticas transmissoras da força implementadora da modernização que se dizia necessária.

O convencimento necessário se daria em todos os setores sociais, ou seja, a cidade ganharia ampliando a sua capacidade em todos os campos pela introdução daquela obra “vertiginosa do progresso”, bem como os benefícios tentaculares que partiam das entranhas do seu canteiro de obras. Assim o discurso em prol da modernização invadiria todos os setores produtivos, em favor das conquistas modernas em curso.

Segundo Façanha,¹⁸¹ é por meio da construção civil que se desponta um dos ramos da indústria local, e com desenvolvimento notável, se comparada com a indústria de alimentos. O polo ceramista, com a indústria da construção civil, se firma com as novas tecnologias trazidas; estimulam-se os investimentos públicos com a construção de conjuntos habitacionais, indústria de cimento e derivados como a indústria de pré-moldados. Não há como negar estas contribuições, uma vez que os massivos investimentos, ou seja, os frutos de tais empreendimentos deveriam aparecer, mesmo que apenas em parte.

Alimenta-se assim aquela ideia de que se aproximava cada vez mais o sonho da cidade desejo, também de cidade industrial. O empresário Pedro Freitas do tradicional ramo da produção de alimentos se mostra frustrado com tamanha intervenção do Estado, com tantos incentivos fiscais e financeiros. Entendia que sempre acreditara nos próprios recursos do empreendedor, sem tantos benefícios desenfreados postos à disposição pelo estado desenvolvimentista. Mas os governos militares fomentaram através de incentivos de várias naturezas, por meio da SUDENE e outras superintendências de desenvolvimento regional. O Terminal de Petróleo, a PI-116, as novas avenidas que rasgavam o ventre da “cidade menina” em nome do progresso, Distrito Industrial, viadutos e pontes sobre os rios da cidade, Zoobotânico, reforma do Palácio de Karnak, do Teatro 4 de Setembro, viabilização da construção da Universidade Federal do Piauí, e construção e reforma de hotéis (Hotel Piauí) dão a dimensão do projeto modernizador em discussão.

Os investimentos públicos transformam a cidade num ímã urbano, que passou a atrair migrantes de todas as paragens do Estado do Piauí, e de outras regiões do País. Se a metrópole representava um passo para a cidade se firmar como polo atrativo para investimentos, outros problemas foram originados também na esteira deste “progresso vertiginoso”, entre os quais a

¹⁸¹ FAÇANHA, op. cit. p. 199-209.

aparição em igual proporção das favelas urbanas. Com mais vagar esta questão será trabalhada no quinto capítulo deste trabalho de pesquisa: As cheias e as suas consequências para a população no retratar da mídia local.

4.16 Entre retoques, ajustes e a reinvenção da cidade – imagens ajustadas entre espelhos

Profundamente aderido, desde a infância, às realidades do meu Estado, sabia, sabia que a imagem que dele se fazia não correspondia à verdade das linhas virtuais, como se sua face estivesse exposta ao reflexo de um espelho de deformações.¹⁸²

A cidade continua a ser rearranjada, com firmes propósitos de aprofundar ou remodelar o já existente. O Palácio de Karnak, obra arquitetônica que deitava raízes no passado da cidade, é reformado. Alberto, neste sentido, fazia polir e deslocar espelhos.

Com o palácio reformado, o visitante não carregaria consigo a imagem de uma cidade decadente. Com o mesmo intuito, o Hotel Piauí recebeu investimentos estatais. Este como espaço privilegiado daqueles que visitavam e exportavam imagens da sonhada cidade moderna e progressista.

Mas a cidade, conforme as fontes consultadas, agrega problemas estruturais por conta da imigração em massa, com a expulsão do homem do campo, por falta de uma reforma agrária; emerge com a mesma intensidade o problema da falta de moradia em Teresina. Neste caso, o simples polimento do espelho não resolveria o problema das “imagens constrangedoras”. Um espelho, uma vez mesmo deslocado, mantinha ainda imagens bem definidas de uma cidade problemática por causa da explosão demográfica.

Teresina era também uma exposição a céu aberto das cenas do viver na cidade, com a expulsão de moradores que ocupavam o solo urbano, sem título de posse dos terrenos ocupados, na busca pela sobrevivência, na ocupação de áreas privativas de outros proprietários. Ademais, apenas em momentos traumáticos de conflito pela posse do imóvel urbano, quando moradores eram envolvidos nas expulsões de seus lares, os moradores tinham acesso à cobertura da imprensa. Exemplos emblemáticos são observados no caso das favelas Mói de Vara e Bananeiras.¹⁸³ Estas próximas à Avenida Frei Serafim, cartão postal por excelência do projeto em curso pela modernização da cidade.

¹⁸² PIAUÍ. Palácio do Governo. Mensagem de Governo apresentada à Assembleia Legislativa do Piauí. Ano 1974, p. 9.

¹⁸³ FAVELA Bananeiras tem dias contados para seu final. **O Dia**, Teresina, 13 set. 1975, s/p; O FIM da Favela Mói de Varas. **O Dia**, Teresina, 7 jul. 1974, p. 1-5; O MORRO da Esperança ainda espera por tudo. **O Dia**, Teresina, 1 ago. 1972, p. 1; MULHER Pobre da Cidade. **O Dia**, Teresina, 18 ago. 1972, p. 1.

Quanto ao Palácio de Karnak, incluído pelo poder público como peça do reordenamento de uma nova consciência a se estabelecer, com fins de projetar para fora uma nova cidade, tem nas palavras de seus governantes finalidade precisa:

Entre nós, os símbolos da presença realizadora do poder público ofereciam um penoso espetáculo de ruína. A própria casa do governo retratava a regressão e a decadência deformado por puxados e telheiros, perdidos numa excrescência de galpões, não podia oferecer ao povo e aos visitantes senão uma sugestão de penúria e ineficiência. Restaurei o palácio por dentro e por fora. A majestade de suas linhas e seu harmonioso corpo arquitetônico erguem-se, na moldura do parque arborizado, como um documento vivo da *vocação civilizatória do povo* (grifo nosso), e o refinado bom gosto de seus interiores testemunha os padrões de prosperidade de que somos capazes.¹⁸⁴

Há de se chamar a atenção para o fato de que a frase “vocação civilizatória” é algo que vai além de uma expressão de uma obra solta entre outras. Esta vocação do povo a qual Alberto Silva se refere, ao se autoconclamar aquele que preza pela civilização piauiense desde a infância, está incluindo neste processo um contínuo e variado conjunto de símbolos que visava a modernidade. Não se trata de uma obra isolada, o governador define prioridades arquitetônicas como discursos imagéticos estrategicamente escolhidas, em locais e conteúdo definidos.

A Praça da Costa Silva, no entorno do edifício da CEPISA, funde esses objetivos da modernização da cidade metamorfoseando símbolos. O prédio tem o formato fiel de um rotor gerador de energia. Fontes luminosas dão brilho a mais uma fonte d’água iluminada com a energia motora do progresso, sob a cascata de versos de um dos maiores poetas da poesia piauiense.

Quanto ao Hotel Piauí, o cronista Fabrício de Arêa Leão segue a vertente encampada pelo governo, ao reverenciar o prédio de sete andares, pois clamava por uma verticalização da cidade; e, envolvido por uma aura em favor de prédios suntuosos para a cidade, seu discurso deixa escapar certa reclamação pela tardia verticalização da cidade:

Edificam-se novos prédios num ritmo crescente, trepidante. Entretanto, a cidade cresce na linha horizontal. Na vertical, somente, edifícios estatais. A sede do INSS, o nosso Empire State Building, e o Hotel Piauí, remodelado por vontade férrea do Governador Alberto Silva, com apenas sete andares, é o nosso Waldorf-Astore.¹⁸⁵

¹⁸⁴ PIAUÍ, op. cit., 1974, p. 10.

¹⁸⁵ Fabrício de Arêa Leão. O crescimento vertiginoso de Teresina. Teresina, **O Dia**, 21 set. 1972.

Assinale-se que a crônica acima foi escrita em 1972. Havia decorrido apenas um ano do Governo Alberto Silva. Mas a primeira mensagem de governo já dá conta dessa investida do governo do Estado em prol do progresso e da modernização da cidade. A expressão “vontade férrea do Governador” vem corroborar a perspectiva encetada pelo governo de transformar a cidade de forma compulsória. A tônica era atrair investimentos modernos, entre eles a industrialização com a construção do Distrito Industrial, em apoio aos empresários locais ou estrangeiros, e os investimentos em estradas de rodagens para tornar Teresina um centro cruzado por rodovias, intercalando cidades e regiões importantes à capital moderna e progressista.

Com a “reconstrução de uma autoestima perdida”, o poder público encarrega-se de animar um sentimento de glamour, fazendo referências a monumentos arquitetônicos de reconhecimento internacional em comparação aos locais, como os famosos State Building e Waldor-Astore.

O discurso de Fabrício de Arêa Leão remonta a uma coluna do *Jornal O Dia*, intitulada “Vozes da Cidade”. O cronista era contumaz observador da cidade. Mas com um olhar de autoridade de quem viajava sob trilhos memoriais que conseguiam prender o leitor pela riqueza de detalhes.

Fabrício de Arêa Leão, ao tratar das realizações do “vertiginoso progresso” do qual se mostra partidário, faz um trocadilho de memórias, contrapondo passado e presente, este como vitorioso sobre um modelo de cidade que se supera. Para o cronista, “arquiteticamente, a capital piauiense estava na retaguarda” antes daquele momento trepidante de mudanças que julgava necessárias. Em contraposição ao State Building e ao Waldor-Astore da arquitetura urbana teresinense, existia uma cidade de poucos atrativos da arquitetura moderna. Chama a atenção para a existência de “somente três prédios com pavimento superior: A monumental Escola Normal, o Palácio da Justiça no estilo lisboeta, com sacadas de ferro, e o edifício onde funcionou a Associação Comercial”.¹⁸⁶

Sem desejar estender-se em longânimes chamadas para as fontes primárias, embora às vezes faça jus, o discurso do cronista suscita, enquanto fonte, a possibilidade de outras abordagens de como era a arquitetura da cidade, quem a concebeu e por quais atores foram construídas; mais que isso, reforça a nossa tese de que havia uma ação de rearticulação das narrativas que davam conta do passado da cidade, este em desmonte, e um outro projeto em curso em busca de sua modernização.

¹⁸⁶ Arêa Leão, op. cit., *O Dia*, 21 set. 1972.

Havia um dos sótãos, dos Cardoso e Avelino, e o imponente conjunto do Quartel do 25 B. C., construído pelo engenheiro militar, Major José Faustino dos santos e Silva, hoje Marechal reformado. Havia a casa de Cavou, com ladrilhos franceses. A primeira residência moderna, com seis linha retas, foi construída pelo engenheiro José João Neves Rodrigues, próxima ao Instituto Alvarenga. Gustavo Remanso era o canteiro do marmorite e estuque(sic). Mas, coube ao mestre Arcanjo Ducarmo a primeira das construções de várias casas modernas, funcionais: Hospital Getúlio Vargas, Liceu do Estado, Correios e Telégrafos e outros, usando materiais novos, telha de amianto ou do tipo Marselha, além de várias companhias construtoras, substituiu a Júlio Carmo, o arquiteto, estucador e construtor prático e habilíssimo, o mestre Cantídio Carlos da Silva.¹⁸⁷

Alguns aspectos do discurso de Fabrício de Arêa Leão merecem destaque ao se refletir sobre a modernização da cidade, dos mestres de obras que comandaram grandes construções, às construtoras que começavam a dominar o mercado da construção civil. Esta se firmava como âncora do processo em curso do “milagre brasileiro” e da animação do clima de desenvolvimento local. Embora mantendo cordial apreço pelos antigos mestres de obras, como Júlio Carmo e Cantídio Carlos da Silva, cita o nome das construtoras que vêm em suas substituições. Estas versadas em discursos oficiais em mensagens do então engenheiro e governador Alberto Silva, incansável exaltador do discurso técnico e científico que havia mudado radical, matemática e tecnicamente a paisagem urbana de Teresina. As grandes construtoras faziam parte deste conjunto de símbolos do desenvolvimento e do progresso.

A viagem que faz sobre ruas e casarios – com detalhes dos azulejos portugueses, ladrilhos franceses, traçados lisboetas – contrasta com a paisagem das avenidas asfaltadas, que trazem à mente a força dos empreendimentos da grande construção civil que já se faz traduzida por meio das empresas locais. Destaque para construtora Lourival Sales Parentes.

Agora o alargamento da Avenida Antonino freire, na extensão total da rua Senador Pacheco. A escassez de Terrenos no centro da cidade, obriga o crescimento na vertical arquitetônica. Chegamos com atraso à época com construções de gabarito de dez andares.¹⁸⁸

Marcando passo rumo a empreitadas do então cronista, percebe-se uma variedade discursiva, visto que entre críticas ao atraso e uma defesa da modernização da cidade, o ator passa a enveredar por uma linguagem de metáforas, agregadas a imagens de cidades reluzentes no cenário das maiores e cortejadas urbes do mundo. O cronista deixa entrever um convite à

¹⁸⁷ Arêa Leão, op. cit., **O Dia**, 21 set. 1972.

¹⁸⁸ Id. *ibid.*

cidade natal para um horizonte utópico, este entendido como ponto ideal de chegada; e projeta Teresina para um futuro que almeja, e vê como caminho trilhável e bem próximo para Teresina:

Dentro de breves anos, Teresina será a mais bela e mais moderna cidade do Nordeste ocidental. Enfeitada com a reluzente esteira de praia líquida dos dois rios, pontilhadas de esmeralda ciciante a arborização, e coberta pelos céus de azul-turquesa, tem pretensão de ultrapassar Nice, Biarritz e Riviera Francesa em atração turística.¹⁸⁹

Esta imagem com olhar marcado por externalidades e grandeza, que evocava novos símbolos da cidade, faz iniciar a década de 1980 com outros desafios, agora transformar a cidade que se guiava por monumentos arquitetônicos como símbolo de uma cidade moderna, em uma outra cidade que se pretendia cidade cidadã, ou seja, cidade política, conforme sinalizavam os movimentos sociais em busca de uma cidadania plena com participação social e política. Os jornalistas de Teresina também passam a vislumbrar estes novos rumos.

¹⁸⁹ Arêa Leão, op. cit., **O Dia**, 21 set. 1972.

5 COTIDIANO E JORNALISMO: (DES)ENCANTOS E SOBREVIVÊNCIA DOS JORNALISTAS EM TEMPOS DE PROGRESSO EM TERESINA

5.1 Imagens do jornalismo entre modernos e antigos em Teresina

No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para uma outra Fedora. São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. E todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro.¹⁹⁰

Com a Capital Teresina transformada, desejos foram realizados, sonhos atingidos. No entanto, a cidade passa a viver realidades distintas sob um mesmo espaço. Mais que isso, tempos e imagens se superpõem, quase que em feixes temporais. Os atores jornalistas ao viver o cotidiano na cidade por vezes expressam sensações de estranhamento.

O que se passa a analisar é justamente como os jornalistas se desdobram no cotidiano para sobreviver perante a diversidade. Cada um, sem se deixar perder totalmente em suas identidades coletivas, reage de forma diferente: com indignação, mas também com humor e descontração, ou no profissionalismo e sensualidade poética das mulheres jornalistas, que passam a desempenhar outros papéis sociais no “novo” cenário urbano da capital, da cidade menina à cidade adulta. Imagens da luta, no plural.

5.1.1 Reconstruindo imagens entre o novo e o antigo

Ao introduzir essa seção de capítulo, entre tantas outras definições de Jornalismo, reter-se-á a reflexão que estabelece um diálogo com o jornalismo praticado em Teresina ao longo do período pesquisado, como pertinente à segunda metade do século XX. Clovis Rossi assim o define:

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremante inofensiva: a palavra, acrescida, no caso a televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas

¹⁹⁰ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 32.

por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar de comunicação de massa.¹⁹¹

Mesmo o *Jornal Retranca*, órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, guardadas as suas peculiaridades, não foge à maioria desses quesitos. Seus redatores vivem momento ímpar da história da cidade. Esta se redefinia e da mesma forma procurava projetar outras imagens dos jornalistas na cidade de Teresina. Portanto, o jornal tem sua linha editorial destinada principalmente a mudar as mentalidades, clamando e encetando por novas práticas jornalísticas. Através de práticas e representações¹⁹² de si próprios, traz à superfície discursos balizadores nessa reinvenção do jornalista.

Identificou-se na década de 1980 todo o esforço de uma geração daqueles profissionais que atribuíam a si missão histórica de apoiar a consolidação da democracia, trazendo junto a este esforço também democratizar a cidade. Os novos jornalistas, a maioria entre vinte e cinco e trinta e cinco anos de idade, tais como Roberto John, Kenard Krueel e Zózimo Tavares, viam a possibilidade de se realizarem aqueles sonhos.

O *Jornal Retranca* esboça claramente uma disputa entre memórias jornalísticas, em torno da história da imprensa local e seus profissionais. Envolve-se assim nesta reconstrução expoentes já consagrados do jornalismo Teresinense. A. Tito Filho, por exemplo, é percebido como sobrevivente das gerações anteriores, o qual é requisitado como depositário de uma memória respeitável da história do Jornalismo do Piauí. Este *status* é reconhecido pela geração dos novos jornalistas.

Uma vez diagnosticado o papel da memória autorizada, pois o jornal da categoria a promovia, procura-se discernir os tempos e temas de memórias em disputas. Ficam patentes memórias antecedentes ao Golpe civil-militar de 1964, o Jornalismo em tempos de Estado autoritário, o *status* fundacional da imprensa no Piauí, como evoluíram os níveis de objetividade da notícia e a isenção de quem elabora a notícia. Os depoimentos ao *Jornal Retranca* são marcados por essas preocupações centrais, entre outras.

Os jornalistas do *Retranca*, para tanto, se veem imbricados numa teia de tempos históricos (i)memoráveis, pois assim concebiam a memória histórica do Jornalismo. Toda esta disputa de memórias se vê confrontada por ideias e práticas vividas sob o tempo da nova geração, esta, reconstruindo-as, na firme convicção de nortear novos tempos para a categoria dos jornalistas.

¹⁹¹ ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 7.

¹⁹² Cf.: CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Assim, as memórias de A. Tito Filho em o *Retranca* têm objetivos a serem alcançados, diferentes daquelas retomadas pelo *Jornal O Dia*. A memória em o *Retranca* significa um arsenal em favor da reflexão de como se fazer a notícia.

Spink & Medrados¹⁹³ dão destaque ao “*tempo vivido*”. A nova geração a partir de 1980 tem um tempo configurado pela profissionalização; ou seja, quando se tornaram trabalhadores assalariados. Assim, distingue-se também o tempo vivido do tempo tomado como memória pelo *Retranca*. São práticas diferentes, em tempo e cidade, que demandavam novos caminhos, novos desafios, ao tempo da nova geração de jornalistas.

Nesses termos, entra em cena nesta pesquisa histórica as gestões dos jornalistas Luís Bello, Roberto John, Kenard Krueel e Zózimo Tavares.

Quadro 2 - Presidentes do Sindjor-PI década de 1980

| Presidentes do Sindjor-PI década de 1980 - Mandatos/Gestões do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí | |
|--|----------------|
| 1979 - 1985 | Luís Bello |
| 1985 - 1987 (Posse - 30/12/1984) | Roberto John |
| 1987 - 1990 (Posse - 31/12/1987) | Kenard Krueel |
| 1990 - 1992 (posse - 31/12/1990) | Zózimo Tavares |

Fonte: Autor desta pesquisa.

As práticas na cotidianidade sofrem mudanças. As memórias são fortemente marcadas pela narrativa das ações e evolução institucional da imprensa, no entanto são relatadas também cenas do cotidiano na redação e na cidade vivenciadas pelos profissionais da notícia. Ressalte-se ainda a sensibilidade instigada por Agner Heller, ao definir a vida cotidiana:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade.

Esta incompletude, ou seja, a impossibilidade de viver em toda a sua intensidade o individual e o genérico aparece em parte como explicação para se compreender as contendas e

¹⁹³ Cf.: SPINK, Mary Jane P. & MEDRADO, Benedito. **Produção de sentidos no cotidiano**: uma abordagem teórico/metodológica para análise das práticas discursivas. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-60.

os conflitos, como também as consequências indesejáveis, da imprevisibilidade, esta que impregna o fazer dos homens em seus planos de médio a longo prazo, como no seu fazer cotidiano.

Um certo pano de fundo vai se construindo para compor a década de 1980. Este pano de fundo é peça de reinvenção do cenário definidor do jornalista. Esta reinvenção é engenhosamente escrita, e mescla passado e presente. Os jornalistas aqui elencados têm “consciência” sobre os condicionantes históricos de uma profissão que se desenvolveu ao longo de décadas pressionada entre o poder público e o privado.¹⁹⁴

Esse cenário de reconstituição histórica, em um passado distante, recai sobre os princípios norteadores da postura do jornalista, atravessa décadas e séculos, e vem à tona por Roberto John:

Sabemos os primórdios da imprensa e conseqüentemente a sua vinculação orgânica com o poder. Os soberanos gregos, egípcios e de outros povos antigos sempre tiveram escribas a seu serviço para falar as coisas do soberano. Trata-se de uma ‘maldição’ que carregamos historicamente – estamos vinculados umbilicalmente ao poder.¹⁹⁵

O recurso de linguagem “maldição” traz em si a imagem incorporada, pelo líder jornalista, que atribui práticas históricas de difícil exorcização. A expressão “umbilicalmente ao poder” têm um efeito não só de “verdade” constatada, mas se percebe um efeito aplacador, pois gera uma imagem histórica mergulhada em águas profundas da história da imprensa.

Não se conformando com a arguição no campo das origens mais profundas da história da imprensa, Roberto John agrega ao seu discurso as narrativas históricas do complicado berço da imprensa nacional:

No caso brasileiro, a primeira notícia sobre esta terra é feita em nome da coroa portuguesa, portando, em nome do poder, através da carta de Caminha a Portugal. Anchieta e outros jesuítas também utilizaram meios de informar aos índios os valores do poder, seja clerical ou da coroa.¹⁹⁶

¹⁹⁴ Uma peça fundamental desse cenário que remete ao passado se trata do fato de como nasceu a imprensa no Brasil. A seguinte questão é posta insistentemente, ou seja: — Qual o ato e a data que marcou a implantação da imprensa no Brasil – 21 de junho de 1808 ou 26 de setembro de 1808? O primeiro foi um ato de governo, o segundo de um jornalista militante da imprensa, Hipólito da Costa. Esta explicação histórica toca o *calcanhar de Aquiles* da conhecida querela da relação Imprensa e Governo. Vários artigos de o *Retranca* trazem esta discussão como forma de expor as fraturas do presente causadas por forças de um passado histórico comprometedor da objetividade jornalística.

¹⁹⁵ GONÇALVES, Roberto John. O papel social do jornalista. Teresina, **Retranca**, n. 6, 28/30 de abril de 1989, p. 7.

¹⁹⁶ Id. *ibid.*

Percebe-se entre os jornalistas, uma prática sociopolítica e cultural de manterem-se firmes e ancorados na história, esta, enquanto desconstrução das velhas práticas conservadoras que se julgava serem necessariamente superadas.

Roberto John, o mais vivenciado na área do Jornalismo, entre os três presidentes do SINDJOR-PI, durante a década de 1980, agrega para si a condição de militante junto ao Movimento Sindical Nacional, participando da Central Única dos Trabalhadores, entidade de muito prestígio à época. Trabalhou como Designer Gráfico, empresas de publicidade, atuou como radialista na Rádio Difusora.¹⁹⁷

Este vínculo de águas históricas profundas, aplacadas no artigo de Roberto John, não se trata de um *enunciado discursivo* só das novas gerações, A. Tito filho não só se revela um âncora das narrativas históricas do Jornalismo piauiense ao responder como este surgiu, como também vincula o fazer jornalístico às tradições das civilizações. A imprensa piauiense:

Surgiu por necessidade social. A civilização está em constante mudança. Se o homem cria para alcançar novos processos de progresso, naturalmente que a sociedade participe da criação”. Oeiras se comunicava por meio dos pasquins, de que os políticos se serviam para diatribes. Também o governo necessitava de publicar os seus atos de administração para o conhecimento do governador. Surgiu a imprensa oficial, primeiro passo. Adquiriu-se a tipografia.¹⁹⁸

A reconstituição histórica aqui abordada não consiste simplesmente em um recuo linear nem cronológico nos moldes do positivismo. Os jornalistas elencados são capazes de, através de uma dialogia com entidades discursivas historicamente aceitas, entre elas a origem do jornalismo, se apropriarem das mesmas, propondo reinventar o jornalismo da cidade. Trata-se de um diálogo com o passado vivo. No seu presente, recorre e estabelece enunciados de discursos que podem legitimá-los frente à sociedade em que atuam. Esse diálogo com o passado às vezes funciona como uma complementaridade, mas muitas vezes é embebido de plenos confrontos, quando se faz necessário negá-lo.

Roberto John tem a história como instrumento de desconstrução de uma tradição a ser superada, não a história enquanto saber, mas este se coloca a favor das transformações que a sociedade demanda na década de 1980.

A. Tito Filho, como ator privilegiado da geração anterior de jornalistas, tem como destaque duas palavras com carga de significados muito refestelados entre certos grupos de

¹⁹⁷ Roberto John ainda exerceu cargos como coordenador do Núcleo Pesquisa, Estudo, Extensão, Estado, Políticas Públicas e Cidadania, UFPI, Teresina, 1998 - 2002.

¹⁹⁸ Entrevista de A. Tito Filho ao *Retranca* em 1989. Conforme. Teresina, **Retranca**, n. 6, 28/30 de abril de 1989, p. 4-5.

historiadores eruditos, trata-se do termo *civilização* e *progresso*. Embora o jornalista não use uma linguagem direta como a de John, pois é muito “polido” ao se posicionar, acredita num tipo de linguagem asseada, no conjunto do artigo é um defensor da *estética da escrita* como a boa arma de que deve dispor o jornalista. Uma linguagem que eduque o leitor nos moldes dum processo civilizador, vendo a educação e a leitura como focos principais da emancipação do homem em sociedade, incluindo aí a tecnologia aliada ao progresso.

Papel Social, Comunidade, Consciência, Luta, Liberdade de imprensa, Democracia, Censura são palavras que alimentam os novos discursos, as novas falas.

A “Carta de Teresina”, documento discutido e aprovado coletivamente durante o III Encontro Estadual de Jornalistas, e publicada como referência da conduta a ser adotada pelo jornalista, trata-se de um instrumental instituinte que compõe o tecido imagético em torno do moderno jornalista.

Roberto John, ao definir “jornalista cidadão”, demonstra e deixa claras as linhas entrelaçadas entre a “carta de Teresina” e o que deve ser o jornalista. O documento deixa bem evidenciado: “os jornalistas profissionais do Estado do Piauí reafirmam seu compromisso em defesa da democracia e da liberdade”. O jornalista cidadão tem em seu perfil:

A luta pela implantação de um processo de comunicação democrático e competente que possibilite a participação da população na sua condução, entendendo que o papel social da comunicação é o seu compromisso com a realidade histórica do povo brasileiro, que deve ser partícipe na luta pela liberdade de expressão e de pensamento, condenando qualquer atitude que atente contra a Democracia.¹⁹⁹

O processo construtivo dessas imagens do novo jornalista se dá no campo do debate, por meio dos encontros profissionais dos jornalistas, movimentos culturais que se expressam através de artigos para o *Retranca*, bem como pelo humor político de Zózimo Tavares, e ocupação dos espaços da cidade, como bares, praças e casas artísticas, destacando-se nesta linha de ação cultural a liderança de Kenard Krueel.²⁰⁰

Há de se ressaltar que todos aqueles significantes que compõem o repertório definidor de jornalista estão num jogo de oposição, por vezes ao “jornalista lixeiro” e/ou “jornalista de improviso”. Não se trata de um simples jogo de linguagens, ou trocadilhos de palavras, mas de peças de munição, ou dispositivos que eram acionados em momentos de crise, enfrentamento

¹⁹⁹ RETRANCA, Teresina, 1988, s/d, p. 3 – “Carta de Teresina”.

²⁰⁰ TAVARES, Zózimo. Pra seu governo – humor político. Teresina: Gráfica Júnior, 1991.

nas lutas da categoria, mas mais do que isso, de forma sutil, até mesmo por meio dos jornais oficiais de grande circulação.

Ao prosseguir na tentativa de redefinição do jornalista, Roberto John agrega a seu conceito os elementos norteadores do fazer jornalístico. Defende a tese de que o jornalista tem um papel social, e começa a mostrar o que caracteriza tal profissional. Chama a atenção para o fato de que não se deve ser fatalista. Expressa sua visão, cita estudos originais de Weber. Para provocar o interlocutor jornalista cita uma passagem espinhosa da visão weberiana em relação ao jornalista: “não acreditamos no dito weberiano que sou mais como uma condenação, de que nós, jornalistas, além de políticos demagogos, pertencemos a ‘uma espécie de casta de párias, sempre estimada pela sociedade’ em termos de seu representante ético mais baixo”.²⁰¹ A assertiva tem um objetivo-alvo, estimular a consciência, que faça o jornalista se sentir um transformador social.

A passagem que cita weber tem finalidade de chocar o interlocutor. — Por quê? Ora, vivia-se um momento ímpar na sociedade piauiense pelo clamor às mudanças. Colocar o jornalista na condição de estático do processo provavelmente causaria ao grupo um sentimento de mal-estar por se sentir fora dos tempos de apelos por transformações sociais e políticas.

Ribeiro, com experiência arrolada entre cursos realizados nas redações de jornais de circulação nacional, como *Folha de São Paulo*, revista *Veja*, posiciona-se contrário quanto ao que defende a Carta de Teresina – e de tabela contesta Roberto John. O jornalista Ribeiro tenta valorizar aspectos que descrevem o jornalista, contrariando aqueles que marcavam posicionamentos hegemônicos em o *Retranca*, posicionando-se claramente contrário quanto ao papel da imprensa e do jornalista em relação aos três temas propostos pelo III Encontro de Jornalistas. O apresentador da reportagem assim resume os posicionamentos de Ribeiro: “O Jornalismo não é um trabalho humanitário, a ética não está na relação entre jornalista e a fonte, não há censura no Piauí. Isso é o que pensa o polêmico jornalista, repórter político de O Dia”.²⁰²

Em meio à sua entrevista Efrém Ribeiro descola da visão defendida por John: “Mas eu não estou preocupado com as insatisfações dos outros. Para mim Jornalismo não tem função social, é um exercício diário do leitor com esse ritual que a gente faz. Ele lê porque está habituado, como faz quando escova os dentes”.²⁰³

²⁰¹ GONÇALVES, Roberto John. Teresina: **Retranca**, ano III, n. 6, 28/30 de abril 1989, p. 7.

²⁰² RIBEIRO, Efrém. Entrevista concedida ao *Retranca*. Teresina, **Retranca**, ano III, n. 6, 28/30 de abril 1989, s/p.

²⁰³ Id. *ibid.*

Ribeiro não deixa claro, mas são perceptíveis duas visões históricas do jornalista: ou fecha os olhos para o passado autoritário, pois a democracia passava por uma fase de maturação sem haver se consolidado, ou uma adesão ao conceito de mercado como norteador da confecção da notícia. Isto se comprova na afirmação: “notícia comparada a uma escova, pois se compra em qualquer lugar, ler jornal aproxima-se de um ato mecânico, repetitivo”, ou seja, como um piloto automático. O jornalista sob essa ótica parece associar-se a um maquinismo e à velocidade devastadora dos tempos modernos.

Setores da antiga geração de jornalistas se negam, não conseguem se colocar na situação deste certame mercadológico de quem vende mais jornal, se o concorrente ou a nossa empresa. Entram nesse rol de negação da moderna imprensa oficial, dos anos oitenta a noventa do século XX, aqueles membros da imprensa alternativa no Piauí que buscaram sobrevivência em fanzines, e outras formas de imprensa, ou até mesmo num cantinho dos jornais oficiais. O proprietário do Jornal *O Estado* tolerou até onde pôde um grupo chamado “meninos da universidade”, mas logo foram demitidos por força da oficialidade, bem como pela força seletiva do mercado.²⁰⁴

A luta de classes não adentra pela seara do acervo das sensibilidades sindicais de forma unânime. Os discursos não são uniformes, há divergências. Mas certamente por terem os principais jornalistas participado com frequência e ocupado fóruns e congressos organizados pela FENAJ, CUT, intercâmbios com outros sindicatos locais, a sensibilidade em torno dos problemas sociais vieram à tona. Tudo isso alimenta a forte tendência, na década de 1980, dessa sensibilidade aguçada às questões sociais, sintetizada na terminologia das “carências sociais históricas”. O jornalista, inclusive, torna-se parte destas deficiências e problemas sociais em razão de sua definitiva inserção na divisão social do trabalho, devido ao desemprego que também enfrentava, à alta inflação monetária, como também foram vítimas da falta de equipamentos urbanos básicos, como a moradia, a assistência à saúde. Tudo os conduzia a um universo antes impensável – à proletarização da classe. Os problemas econômicos passavam a afetar diretamente a vida dos jornalistas, a partir de então trabalhador assalariado. Ser jornalista não mais se trata de diletantismo ou exercício de castas de intelectuais, o sujeito passa a ter uma outra identidade.

²⁰⁴ Cruzando informações entre os jornais o *Retranca* com a *Folha de Cultura* do Jornal da Manhã, percebe-se que muitos daqueles que estavam com Kenard Krueel na luta sindical faziam parte dos quadros daquele grande jornal de circulação da cidade, que pertencia ao jornalista e empresário José Elias Tajra. Este já aparece como jornalista regular atuando em Teresina, desde 1961. Consultar: Ata de reunião do SINDJOR-PI realizadas em 16/08/1961.

Um exemplo dessa sensibilidade social aguçada, sem adentrar pelo paradigma da luta de classes, está expressa a seguir:

Semelhante fato ocorre com as coletividades; a divulgação de informação e a exposição, ainda mesmo que superficial de pontos de vista sobre assuntos relatados, contribui decisivamente para formar a opinião pública e, conseqüentemente, impulsionar os agrupamentos humanos, às decisões e realização da vida social.²⁰⁵

5.2 As cenas do viver em Teresina

Pelas ruas da cidade eu vou sair
Procurando um boteco pra beber
Abram alas que já chega de labuta
Eu não sou filho da puta
Para viver só de escrever

Hoje eu quero dar um furo
Um beijinho no escuro
Uma dose de prazer
Hoje eu quero recompensa
Pois trabalho na imprensa
Pra poder sobreviver

Eu vou procurar abrigo
Juntar amigos
Entrar nessa luta
Eu quero ficar peralta
Pois eu sou filho da pauta
Eu não sou filho da puta

5.2.1 A cidade é do povo como o céu é do condor

A presença de jornalistas se faz por todos os cantos da cidade de Teresina, nos anos de 1980 - 2000, através de vários eventos. No dia 21 de agosto de 1999, durante todo o dia, a partir das dez horas da manhã, a categoria tinha encontro marcado para feijoada no clube da Adufpi, abrindo a temporada de ensaios do bloco FILHOS DA PaUTA, criado por Kenard Kruel, Vilson Santos, Enéas Barros, Ramsés Ramos, Renzo Ramos e Raimundo Alves Lima (RAL). Por mais de dez anos²⁰⁶ este bloco ajudou a agitar o carnaval da cidade.

²⁰⁵ SEVERINO FILHO. Pequeno histórico. Teresina, **Retranca**, jan. 1989, p. 4.

²⁰⁶ Trata-se de um bloco de Carnaval que tinha a letra oficial escrita por Enéas Barros que já havia desfilado em vários carnavais de Teresina e de outras cidades brasileiras. Tratava-se de um bloco coordenado pelo carnavalesco Wellington Sampaio.

Entre outros eventos festivos, pode-se citar o Festival dos Cantadores. A praça de eventos do periférico Bairro Dirceu I é o local de preferência dos populares à época. Ali se misturavam cantadores e repentistas da cultura popular.

O jornalista Edvaldo Guerreiro demonstra que mesmo em tempo de crise econômica a classe procurava sobreviver com cultura e alegria. Este festival realizou-se em outros anos durante os encontros de folguedos.

O jornalista A. Tito Filho lembrava com certo saudosismo a forma como se fazia Jornalismo nas décadas de 1950 e 1960. Afirmava não haver a correria dos anos 1980 e 1990, pois o jornalista dispunha de um tempo que não o levava ao estresse ao fechar uma edição de jornal todos os dias. A composição que animava o bloco “Filhos da PaUTA” sintetiza bem a situação em que viviam os profissionais da imprensa. No entanto, a letra mostra que aqueles não se entregavam nem se davam por derrotados; embora tal cotidiano se revelasse de exploração do trabalho. Mesmo assim, a criatividade o reinventava, tornando-o motivo de poesia que espantava os males dos tempos.

Durante a década de 1980, intensifica-se a tendência para a realização de eventos com fins de aperfeiçoamento profissional, com cursos de taquigrafia, línguas, violão, palestras e seminários. Destaca-se também a programação de lazer com passeios turísticos, entre eles, visitas ao Parque Nacional de Sete Cidades.

Cada vez mais o grupo dos jornalistas passa por mudanças, reinventando sua identidade. — Não estariam aí os claros sinais de que o lazer não seria uma válvula de escape frente aos baixos salários, a necessidade de se repensar o jornalista em torno de um ator coletivo? Não estariam em jogo os opostos individualismo e ator coletivo?

Os locais festivos inicialmente vão se distribuindo pelos espaços da cidade. No entanto, com o tempo, a tendência para formalizar esses territórios de lazer passa a ocupar uma das preocupações. Pode-se citar o tão sonhado Clube da Imprensa. Mesmo durante a década de 1980 já existem registros da necessidade deste formato de lazer. O *Retranca* publica matéria sobre aquele objetivo a ser alcançado, que teria como sede terreno ao lado do clube da OAB.

Cada vez mais, a chegada da década de 1990 contribui para selar as relações entre Estado e Imprensa, acordos que poderiam sinalizar relações de dependência. Estas, inclusive, como alvo de críticas. Roberto John, no IV Encontro de Jornalistas do Piauí, faz severas críticas a este tipo de procedimento, e cobra da categoria mais independência em relação aos outros poderes.

Notícia veiculada relata que a terraplanagem do terreno da futura sede seria realizada pela ETURB, contando com o apoio do prefeito municipal à época – Heráclito Fortes. O terreno

contava com a doação da Associação Industrial Piauiense, sob a gestão do Sr. Joaquim Costa, contando, ainda, com promessas de celeridade dos trabalhos do então secretário de obras do Estado o engenheiro Elói Portella.

Os jornalistas, na década de 1980, conseguiram congregiar no SINDJOR-PI grupos de amantes da literatura e demais artes. As reuniões ultrapassavam os interesses trabalhistas. As Noites Culturais ficaram conhecidas, marcadas por debates sobre os rumos da democracia no Brasil e temas variados.

As noites eram estendidas a outros espaços, como o da Quinta Cultural na UFPI, Bar Nós e Elis, além de terminar nas casas de artistas plásticos locais com visitas a seus “ateliers” e seus acervos literários.

Constam ainda, nesses registros, espaços como a Praça Landri Sales, que abrigava a fachada neoclássica do Liceu Piauiense, bem como a Praça Da Costa e Silva, marca da arquitetura moderna de Teresina. Estes logradouros uma vez invadidos pela arte destes saltimbancos jornalistas, saltavam vozearias, ideias e projetos em prol da cultura local. Em uma dessas noitadas culturais, o escritor Paulo Rangel elege, como um de seus contos escritos de um futuro livro a ser lançado, a noite em que o jornalista Ramsés Ramos puxa um caixão que simbolizava a morte da poesia.

Ramsés Ramos, em artigos publicados no *Retranca*, reclama fervorosamente o espaço perdido pelas artes, com o fim da folha de Cultura no *Jornal da Manhã*. Esta folha conseguia convergir vários jornalistas que defendiam um jornalismo com forte presença da literatura e outras artes.

A cena é digna de ser lembrada:

E foi o próprio Ramsés, com sua máscara de faraó egípcio, e a vestimenta ecumênica adornada por um colar de espinha de pirarucu que surgiu na praça Da Costa e Silva com um bando que mais lembravam comediantes medievais, carregando um sombrio caixão com o cadáver da poesia, simbolizada pela atriz Lari Sales. Felizmente o grupo, em misteriosas e cabalísticas evoluções, ressuscitou a poesia, que saltou da tumba dando o seguinte grito: a praça é do povo como o céu é do condor, em homenagem a Castro Alves, nosso poeta maior.²⁰⁷

Teresina, como o resto do Brasil, sentia e vivia os fortes ventos vindos em prol da restituição da democracia no Brasil. Em nossos rincões sinalizavam-se as candidaturas Wall Ferraz para prefeito da capital, enquanto a candidatura Tancredo Neves simbolizava esperanças renovadas frente ao fracasso da tão sonhada Diretas Já. Foi numa dessas noitadas culturais, sob

²⁰⁷ RANGEL, Paulo. *Jornal da Manhã*, Teresina, 31 de março de 1985, s/p.

os ventos dos bambuzais que sopravam sobre as calçadas do Bar Nós e Elis, que jornalistas vinculados ao SINDJOR-PI e a este movimento cultural receberam a notícia de que Tancredo Neves não assumiria a Presidência da República em função de uma intervenção cirúrgica. Assim se expressou Paulo Rangel, a descrever os sentimentos de perplexidade:

Sentíamos o peso da Velha República cair em peso sobre nossas costas.

Todos nós, parados de medo, torcendo pela recuperação de Tancredo, pela salvação desta República, pela concretização da democracia, cujos primeiros gols já havíamos tomados naquelas últimas noites Teresinense.²⁰⁸

A crônica do escritor deixa evidente as noites passadas em prol do debate que fervia naquele espaço cultural, como ele próprio afirma, várias noites regadas a copos de vinho e cerveja. Em análises anteriores, já se afirmou, por meio de registros em atas das reuniões do SINDJOR-PI, em favor das Diretas Já, e posteriormente pela candidatura Tancredo Neves. Estes apoios foram conseguidos sob fortes pressões externas ao Sindicato.

Ao longo da década de 1980 há um tipo de luta e resistência que extrapola o puramente trabalhista. Vê-se entre as atitudes dos jornalistas que atuam no SINDJOR-PI uma tentativa de ampliação do acervo do bom combate. Uma congregação que se compõe de forma diversificada – ocupar as praças não significava um estaque momento de paralização do trabalho em protesto contra as condições de trabalho. A arte soava entre acordes e versos: “a gente não quer só comida, a gente quer trabalho, diversão e arte”.²⁰⁹

Se a cidade era ocupada pelas noitadas culturais, os jornalistas invertiam a cena. Eram anos em que se colocavam em prática algo que aqueles jovens nunca tinham experimentado concretamente. Uma greve havia significado do novo, do irreverente e do que entendia de justo entre os jovens jornalistas.

5.2.2 A cidade dos aprendizes de jornalistas: da oficina ao topo da redação

Como “Tudo que é sólido desmancha no ar”, a vida e a carreira de jornalistas que marcaram a cena no Jornalismo em Teresina podem animar narrativas de histórias de vidas; estas como fontes que testemunham a própria história da cidade e da imprensa local.

Agnes Heller em seu brilhante estudo sobre *história e cotidiano* consegue estabelecer uma alternativa ao historiador. Em vez de se ater ao universal aparentemente puro, para fazer

²⁰⁸ RANGEL, op. cit., 31 de março de 1985, s/p.

²⁰⁹ Titãs. Música: Comida. Album 84-94 Um. Disponível em: http://www.letras.com.br/album/titas-titas-84-94-um_4291. Acesso em: 1 jan. 2017.

com que ele possa ser observado na veia da criatividade, a ponto de construir a sua narrativa a partir do plano da cotidianidade. Esta não existe dissociada cem por cento do fazer universal. A relação entre o todo e as ações do dia a dia estão a revelar o viver intenso das tensões históricas. Sendo a modernidade o tempo/espço dos embates cotidianos, dos conflitos, das continuidades e das descontinuidades históricas.

Assim, Teresina emana este clima incessante do fazer histórico às vezes de olhar filtrado por imagens de coerência e regularidade; no entanto, ao mesmo tempo, outro olhar pode expor fissuras, ou até mesmo fraturas históricas.²¹⁰

Inventar-se, e manter-se jornalista em Teresina de 1950 a 2000 traz uma continuidade histórica comum às várias gerações de atores eleitos como próceres desta narrativa. Apropriando-nos de um termo pouco usual, mas que se percebe aplicável a este período seria: “o efêmero como marca destes tempos modernos”. O posto de trabalho do jornalista é filho da efemeridade dos mercados na economia globalizada. Mas a modernidade que vem se refazendo nestes três últimos séculos de existência tem submetido os trabalhadores a experimentarem esses fluxos das mudanças.

Os jornalistas aqui elencados são atores dessa inversão de cenários, conforme as ondas dos mercados, estes também flutuantes, muitas vezes contra a sua própria vontade, conforme os mercados de bens de capitais de produção. A era Juscelino Kubitschek dos anos 1950, ou do capital financeiro dos anos 1980 e 1990, afeta profundamente estes profissionais da notícia.

Portanto, não há como evitar afirmar-se que os jornalistas das décadas de 1960, 1970, 1980, e 1990, que atuam na cidade Teresina, não sejam atores de uma cultura do trabalho em que se mantêm permanências, continuidades históricas, e uma ambígua e contraditória situação: o profissional dependente do posto de trabalho, mas ao mesmo tempo dependente dos fluxos dos mercados de capitais, controladores do mercado de Trabalho.

Deste modo, os jornalistas devem ser compreendidos como atores que estão sujeitos às volatilidades dos tempos modernos. Então, as tensões vividas por esses atores extrapolam a dimensão da história mais geral.

A nossa narrativa inicial nesta Tese primou por uma observação a distância: olhar Teresina e seus jornalistas a partir do alto, sem se deixar perder totalmente num sonho de Ícaro. O historiador está submetido a uma disciplina.

²¹⁰ Antônio Paulo Rezende, ao analisar os conflitos entre Gilberto Freire e Joaquim Inojosa – e ao se enfrentarem nas polêmicas em torno do movimento modernista – demonstram se apropriar de distintas práticas discursivas em torno da modernização da cidade. Os dois intelectuais estão em meio aos (des)encantos suscitados pelas reformas urbanas enfrentadas pela capital pernambucana nos anos de 1920. Cf.: REZENDE, Antônio Paulo. As trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH / Humanitas Publicações, 2000. v. 20.

De nossa parte, aquela paisagem de Teresina vista de cima começara a ficar cansativa aos nossos olhos, sem perder de todo o apreço por sua relevância em nos ter levado àquelas alturas. Vêm a inquietação e as novas perguntas sobre a cidade, que se tornava cada vez mais complexa. O antigo olhar se converte em rotina, e se passa a querer mais. O que devia haver de mais interessante naqueles pontos mais longínquos, distantes, que se confundem com a paisagem que se tornou filtro do nosso olhar.

Um dia em meio a livros, na nossa sala de estudos, um espanto, e o nosso olhar gira como numa rota de 360 graus, uma parada accidental, olhar fixo: um texto livro intitulado *A Invenção do Cotidiano*, de autoria de Michel de Certeau. Título atrativo. Para nossa surpresa, o historiador convida o leitor a descer a torre e a visitar a cidade por suas entranhas, veredas, lugares nunca visitados. E os meus companheiros de caminhada até aqui? José Auto de Abreu, Carlos Castello Branco e A. Tito Filho? Michel de Certeau é desconcertante em minha racionalidade: pelas ruas e veredas da cidade o que mais se vai ver e sentir serão estes atores – os jornalistas. Serão vistos nas empresas de publicidade, repartições públicas, nas tabernas, nas praças, nos bairros, nos templos, nas academias de ciências, nos bares e esquinas.

Aceita-se o desafio de Michel de Certeau, sem prever que terminaríamos por nos identificar com uns cinco daqueles jornalistas, dando lugar e respeito às indiscutíveis diferenças. Entram em cena José Vieira Chaves, inclusive voltando a encontrar-se com um velho viajante da cidade, A. Tito Filho. Este terminou por nos apresentar um outro ator de olhar afinado com Teresina, O jornalista José Vieira Chaves.

Michel de Certeau nos confiou ainda mais três jornalistas: Zózimo Tavares, Roberto John e Kenard Krueel.

Se a narrativa dos primeiros capítulos desta tese apresenta uma visão panorâmica da Cidade vista de cima, em que anteriormente se viam paisagens aparentemente paradas, pois se tratava de uma foto possivelmente nos moldes KODAK,²¹¹ passa-se, a partir do momento desta narrativa a caminhar pelo chão de Teresina. Neste sentido, alerta-se o leitor deste relatório de pesquisa que não se submeta como piloto automático àquilo que imediatamente nos possa ser perceptível.

A experiência nos ensinou que as sensibilidades vividas foram muito além do que se imaginava. Nos veio imediatamente o refrão no acústico de Humberto Gessinger: “somos quem podemos ser” do grupo Engenheiros do Havaí. Noite anterior indormida, pela expectativa

²¹¹ Os jornais de época traziam cotidianamente comerciais de uma câmara fotográfica de nome Kodak. Essa representava um bem de consumo desejado por muitos consumidores. Daí a metáfora que sentimos tão bem se adequar a este momento da nossa narrativa.

gerada de conhecer lugares ainda não visitados; no entanto, para compensar, passava-se a dialogar com espaços vivos. Do clique que resultava de imagem parada, uma câmera captava imagens em movimento, agora uma SAMSUNG a “preço de produto global”. Preparem-se para imagens vivas, ainda não visitadas. Vamos descer a torre, do pedestal de quem teve a oportunidade de dar um *clic* de KODAK, a partir de um ponto privilegiado da cidade. Não costumamos desprezar a validade dos discursos que nos ajudaram a elaborar olhares possíveis da cidade de Teresina.

5.2.3 Dias que correm, o tempo não para!

O motorista de Zé Vieira era motorista dele, da família e do Jornal. A rotina do jornalista começava sempre – e sempre incluía domingos e feriados, às seis horas. Às seis e meia era hora de levar os filhos mais velhos ao colégio – uma ao colégio das irmãs; outros dois ao Diocesano. Às sete e meia, Dona Eunice ao IPASE. O restante da manhã, conduzir Zevieira pelas secretarias de Estado e a outros clientes. Ao meio dia levar zé Vieira para casa, onde almoçava sem falta, todo dia, na companhia do filho Paulo, o motorista almoçava no mesmo horário, e na maioria das vezes levantava da mesa da cozinha e entrava no carro mastigando, porque o patrão acabava de comer, levantava da mesa da copa, pegava o chapéu de massa na sala, colocava na cabeça e andava decidido para a rural, onde sentava em silêncio e atolava o dedo na buzina, zangado, a modo de chamar o motorista de ‘lerdo’.²¹²

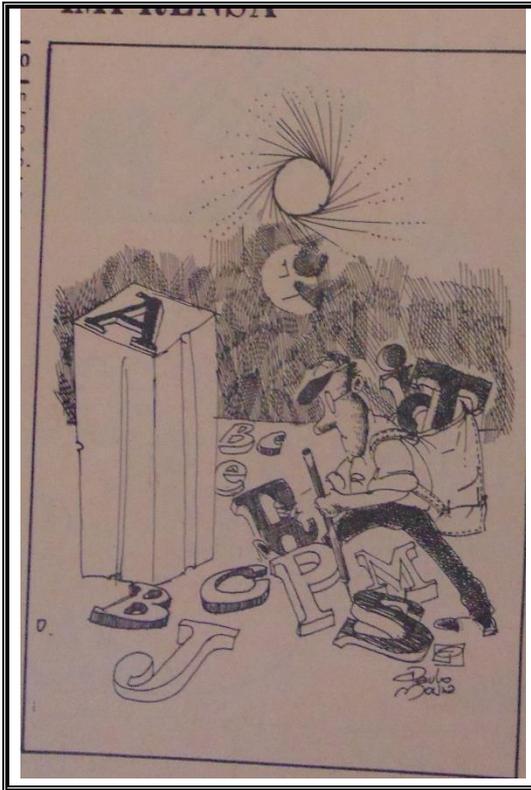
Da cidade vista em Raios X,²¹³ Teresina passa a ser visitada em seu cotidiano. A citação trata da rotina de um jornalista chefe/diretor de Redação de um dos jornais mais importantes da cidade entre 1957 a 1985. Esta cena veio a texto somando-se às instigações estimuladas a partir das charges e cartuns publicados no *Jornal Retranca*, por seu cartunista Paulo Moura, que retrata as cenas do viver na redação pelos jornalistas de Teresina. O cartunista deixa as marcas das cenas do trabalho, fundindo ironicamente máquinas e homens. Duas chamam a atenção: um jornalista meio homem, meio computador, outra o jornalista todo interligado a fios e estímulos elétricos ligados aos terminais de uma máquina. Cenas de um maquinismo agora impregnado

²¹² CHAVES, Paulo. **O homem e o jornalista**: José Jornal Vieira do Piauí Chaves. Teresina: Copyrigt by Paulo Chaves, 2013. p. 57. José Vieira Chaves, nascido em 13 de fevereiro de 1913, foi destaque na História do Jornalismo no Piauí. Atuou no Jornal do Piauí entre 1957 a 1983. A sua formação escolar correspondeu ao Ensino Primário como se chamava à sua época. Autodidata, começou como marceneiro, depois funcionário público. Posteriormente como revisor de textos nas redações de jornais locais na década de 1930. Fez parte do ciclo de amigos de José Camillo da Silveira Filho, Lourival Sales Parente (engenheiro que comandou as grandes obras que simbolizaram a modernização de Teresina), A. Tito Filho, Joca Pires (ex-governador), jornalista Deoclécio Dantas, do ex-presidente do SINDJOR-PI José Lopes dos Santos, este secretário de comunicação dos governos Dirceu Arcoverde e Bona Medeiros. Faleceu em 1983.

²¹³ Metáfora relacionada a antiga técnica usada para visualização médica de ossos do corpo humano acometidos de uma fratura. Via-se apenas a ossatura. Tecnologia ainda eficaz, hoje usada com muita frequência, mesmo com o aparecimento da tomografia computadorizada.

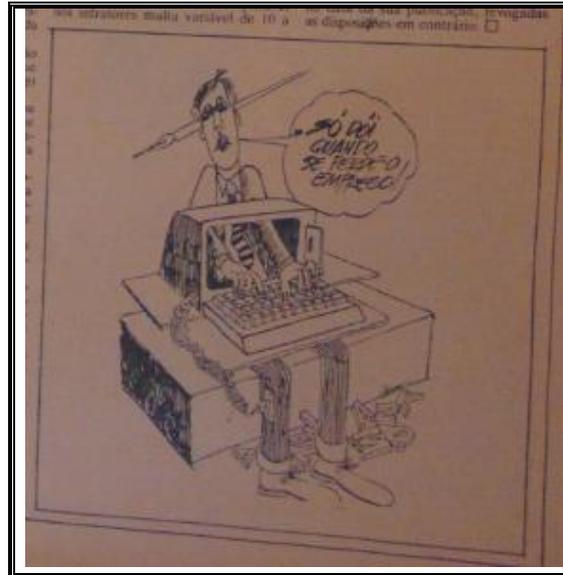
da simbologia do computador que assustava gerações dos anos 1980. Cenas dignas de comparação dos maquinismos que assustavam as cidades, até mesmo simbolizadas com requintes do moderno, como São Paulo, nos frementes anos 1920 narradas por Sevcenko (Figuras 2 e 3).²¹⁴

Figura 2 - Linotipo



Fonte: Imprensa. Teresina, *Retranca*, ano III, n. 10, 11 a 25 jun. 1989, p. 4. Paulo Moura ilustra os tempos da linotipo em artigo publicado por A. TITO FILHO.

Figura 3 - Jornalista versus Computador



Fonte: Teresina, *Retranca*, ano III, n. 3, jan./set. 1988, p. 9.

Neste momento, essas cenas circulam pela cidade, fundindo-nos à sua musculatura irrigada por veias e vasos ciliares que também nos conduzem às suas áreas epidérmicas. Procura-se evitar o movimento de seus nervos, para que a própria narrativa que se segue consiga expor esses movimentos.

Por mais que esta pulse de suas veredas, entre imagens e narrativas da cidade de Teresina, se faz necessário trazer mais interlocutores. No caso, Rezende, que proporciona um recorte temporalmente diferente do nosso, ao trazer à cena da História tensões vividas por Gilberto Freire e Joaquim Inojosa, o historiador, sem se atrelar às teses de Freire na sua

²¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. Os maquinismos de uma cenografia móvel. In: **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo sociedade e Cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 89-154.

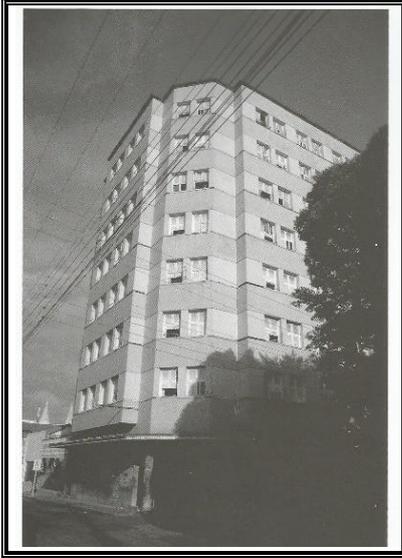
totalidade. Assim, chama a atenção para o modernismo autônomo de Freire. Sente-se Rezende sinalizar para possíveis sentidos da História, que possam se mostrar resistentes ao que seja unanimidade. Freire se deu o direito de não se colocar integralmente aos ventos que sopravam da cidade de São Paulo, por conta dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna realizada em 1922. — Não estaria em Gilberto Freire um traço da modernidade que tão bem caracteriza os tempos modernos e a modernidade que busca autonomia? Freire se “deixa levar” pelas veredas de uma Recife menos máquina, menos mecânica, valorizando aspectos pitorescos, no entanto sem deixar de ser moderno.

Feitas as considerações anteriores, não estaria A. Tito Filho, em “Teresina meu amor”, se dando a chance de autonomamente caminhar pelas ruas em leitos de uma modernidade de águas mais calmas? Estaria o viajante da cidade verde, também autor de “Sermões aos peixes”, se dando o direito de viajar pelos leitos, “ruelas”, veredas mais calmas da cidade verde, seguindo com mais vagar?

A. Tito Filho tem um traçado biográfico polêmico ao ser acusado de ter contemporizado com os militares, por ter transitado livremente nas administrações de governos do Regime instaurado no pós-64. Distante de Fontes Ibiapina, o romancista de Palha de Arroz, que retrata uma Teresina angustiada por seus arrabaldes, marcados pela pobreza, o foco de A. Tito Filho é se estribar nas águas mansas de uma outra cidade, como os rios Poti e Parnaíba, quando estão longe de seus períodos de cheias. As relações com a nova geração dos anos 1980 se mostram tensas; Tito Filho se nega a renovar a sua carteira de jornalista, mas nunca se negou a participar dos vários encontros de jornalistas realizados a partir dos anos 1980. Não fugia da raia do debate, razão pela qual tenha sido valorizado no próprio *Retranca*, ao ser chamado para ajudar na reconstituição da memória jornalística da cidade. Um desses entrevistadores pergunta-lhe, à queima roupa, por que ele havia apoiado o regime militar.

Desde a década de 1950, a imprensa nacional, através dos *diários de notícias e revistas* de circulação nacional como *Manchete* e *Cruzeiro*, passa a projetar bens de consumo, tais como as vespas, lambretas, os televisores com tecnologia em tubos de imagens, tais como TVs Philco e Colorado RQ. Teresina não demora muito em receber as concessionárias de automóveis, como a VEMOSA, por exemplo, esta representante dos famosos fusquinhas; e a Machado Veículos da desejada Rural. O automóvel não se constituía tão somente como “bem de necessidade”, mas confundia-se como referencial de *status* social. O *Maverick*, sonho distante dos jovens, mas viável se pertencente a uma família de classe média bem consolidada (Figuras 4, 5, 6).

Figura 4 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: AFONSO & FEITOSA, Teresina, 2010. p. 38-39.

Figura 5 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: AFONSO & FEITOSA, Teresina, 2010. p. 38-39.

Figura 6 - Concurso de Reportagens



Fonte: **O Dia**, Teresina, 25 fev. 1954, p. 4.

Os passeios de automóveis se enquadraram como sinônimo de lazer, através dos Jeeps ou das Rurais de cor azul cintilante. Os motoristas de praça, hoje taxistas, desde a implantação do taxímetro, faturavam pela corrida, por uma visita a um amigo, ou outras demandas de sociabilidades. A malha urbana uma estendida, com o surgimento dos conjuntos habitacionais de longas distâncias em relação às agências de ônibus situadas em torno da Praça Saraiva. Um redemoinho humano, bem diferente dos embarques a vapor, como narra José Auto de Abreu, pelas comemorações dos 120 anos de Teresina. Se Teresina nos anos 1920 se perdia dos grandes centros urbanos, como Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, as distâncias a serem vencidas em 1972 seriam aquelas que separavam periferia / centro da cidade. A invasão das ruas pelos automóveis tornou-se inevitável. O azul cintilante das Rurais se confundiam com o céu azul da cidade. Segundo o jornalista Paulo Chaves, Zevieira possuiu uns dez destes automóveis, ao

longo da carreira jornalística. Na porta do veículo estava o desenho da logomarca de nome: Jornal do Piauí.

Jogos ao final das tardes de domingo nos estádios de futebol Albertão ou Lindolfo Monteiro, Tertúlias nas residências, sob os sons tocados nas vitrolas. As músicas mais tocadas faziam parte de uma cultura de massa já fortemente simbolizadas na figura de Roberto Carlos, Wanderléa, e toda a Jovem Guarda. Rádio e Televisão que se massificaram definitivamente nas tardes de sábado com o Cassino do Chacrinha, fenômeno de audiência desde os anos 1950; por isso mesmo passou a ser conhecido como Velho Guerreiro. Em meio a este fenômeno cultural de massas, começava a se formar uma geração de jornalistas, que curtiava de Caetano Veloso – anos 1960 e 1970, “Sem lenço e sem documento” – a Vital Farias nos anos 1980. Não demorava a surgir a “Manga Rosa” de Alceu Valença, desejando mel de toda flor, junto de uma geração que dava sinais de que correria atrás do Trio elétrico de Moraes Moreira. Já havia uma massa suficiente para se olhar a cidade de cima das antenas de TVs.

O jornalista e cartunista Albert Piauí, irritado com esta cultura de massas, tenta situar Teresina no cenário internacional, com o evento Salão “Internacional do Humor”, e o Projeto “Seis e Meia”, com nomes marcantes da MPB. O Salão de Humor conta com a presença marcante de Ziraldo e outras personalidades do humor nacional, internacional, e local, destacando-se Paulo Moura, entre outros. O Salão em suas primeiras versões chama a atenção da mídia nacional. De *Cidade Verde*, Teresina sai do estágio de *Cidade Menina*, para alçar voo rumo à cidade metrópole nas décadas de 1970 e 1980 - surge a “Região Metropolitana da Grande Teresina” aprovada por projeto de lei no Congresso Nacional.

5.2.4 Uma cidade no divã dos tempos modernos: a regressão - duas gerações entre três tempos

Ao recuar para uma temporalidade maior na história da cidade, isto permitirá chegar ao “limite circunscrito” do nosso recorte temporal – Teresina na segunda metade do século XX. Três períodos que se constituem em matrizes discursivas, práticas sociais e cotidiano vivenciados por jornalistas da cidade. Estes, sem sombra de dúvida, estão submetidos às tiranias de seu tempo vivido, mas circunscritos a um tempo maior de cinquenta anos, que, pelas circunstâncias históricas, em tão pouco tempo, meio século, submeteram duas gerações de jornalistas a tempos distintamente inscritos na história da sociedade brasileira com desdobramentos diferenciados. O primeiro período de uma década (1954-1964), em cinquenta anos, com viés desenvolvimentista/democrático, sucedida por uma outra década e meia de

desenvolvimentismo/autoritário de 1964/1982 e de 1982/2000 período recessivo/democrático marcado pela onda neoliberal.

Para o primeiro período, o romance de memórias de Ana Clélia Napoleão registra momentos, atores e lugares de onde é vista a cidade. Os jornalistas Arimathéa Tito Filho e José Vieira Chaves fazem toda uma travessia dos três períodos em pleno uso de seus vigos intelectuais e profissionais.

A cotidianidade, na década de 1950, em Teresina, se revela em cenas imbricadas, nas quais se pode reconstruir historicamente, por meio das narrativas dos romances de época, livros de crônicas. Nestes registram-se os ideais desenvolvimentistas do período democrático. Destaque-se, nesse contexto, o governo Chagas Rodrigues, que viabiliza tais ideais; ou seja, os espaços urbanos que simbolizam o desenvolvimento associado às políticas públicas de promoção do que seja urbano, Teresina ocupa espaço de protagonista nas ações de governos pró-urbanização.

José Vieira Chaves e A. Tito Filho representam muito bem uma geração de jornalistas que iniciaram suas carreiras à época em que eram comuns as formas de sociabilidades ocorrerem nas conversas de calçadas, como bem narra Ana Clélia, no romance *Oitão*. Não se trata de espaços reservados às classes sociais menos favorecidas, mas de uma elite habituada a sociabilidades nas trocas de experiências, que iam do debate filosófico aos conflitos entre religião e sociedade, como também à discussão dos grandes temas nacionais.

A. Tito Filho é um confesso defensor da estrutura organizacional da religião como razão instrumental para se defender Teresina dos costumes, que, a seu ver, corroem a estabilidade da civilidade cidadina. Ironiza os gestos das danças do Iê-Iê-Iê. Faz críticas aos jovens cabeludos, aos pais que não mais viviam a família, pais e filhos se encontravam para se alimentar durante as refeições, à noite, para dormirem sob o mesmo teto, mas não para civilizar-se. As relações são vistas como frias e despidas da solidariedade.

José Vieira Chaves afirma que muitos encontros “informais”, através de visitas a intelectuais, muitas vezes nas conversas de calçadas, marcaram a sua formação profissional em Jornalismo. Chaves mantinha o hábito de visitar, logo após o jantar, intelectuais, professores e amigos, voltando apenas após demorados diálogos.

Personagem central do romance *Oitão*, Dr. Paulino, também jornalista, ocupa o centro das atenções naquelas conversas, tais como do padre, do advogado, do deputado, do funcionário público nas longas conversas de calçada, no oitão da casa. Ana Clélia Napoleão encerra o romance com profundo sentimento daqueles anos vividos das décadas de 1940 e 1950. Os

pormenores de seu romance começam com os festejos do Dia de Reis, passando pelos festejos da Semana Santa, as festas cívicas, encerrando com as comemorações de Natal e Ano Novo. O calendário da trama é sequencial, mas a diversidade no cotidiano se dá na diversidade de contendas, divergências sobre os rumos sociais da sociedade e da cidade.

Entre as várias faces dos modos de vir a ser e se comportar na cidade, está a questão religiosa. Teresina dispõe de mecanismos de sociabilidades, assentados sob os pilares da religiosidade católica. E isto não consiste em uma atitude religiosa totalmente avessa às questões seculares, não. Esta pesquisa tem revelado, por meio do jornal o *Dominical*, periódico noticioso da paróquia local, que a Igreja tinha uma inserção social além das razões puramente teocráticas.

Entre 1952 e 1959, o jornal aqui referido tece críticas a bailes dançantes que visavam angariar ajuda para os mais pobres. O editorial vê estes bailes como algo abominável. O dinheiro gasto com roupas e bebidas poderia ser convertido diretamente em ajuda aos necessitados, sem que fosse preciso realizar tais bailes.

A Igreja, por sua vez, realizava também seus festejos em torno das capelas da periferia. O mais famoso era o festejo de Santo Antônio, hoje capela do Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu. As senhoras da “grande sociedade” promoviam campanhas de arrecadação de alimentos e roupas para momentos como natal ou calamidade (seca ou enchentes).²¹⁵

Algumas instituições, como Rotary Clube, por exemplo, passam a concorrer com a Igreja nas ações sociais. O Rotary tem a reprovação do arcebispo local, D. Severino, considerado um religioso conservador.

Como se pode perceber, a cidade está envolta em problemas sociais, e a Igreja, às vezes, reivindica para si tais ações, no entanto, outras vezes se nega a interferir em tais questões.²¹⁶

O romance *Oitão* é revelador, no que tange às questões sociais e ao papel da Igreja. Sob uma “plateia” significativa, Dr. Paulino narra histórias em que padres são colocados sob suspeita quanto à questão do celibato. Padre Antero se inflama com indignação contra as narrativas do advogado, afirmando que tudo aquilo não passava de mentiras e impropérios de pessoas que desejavam desmoralizar a Igreja Católica.²¹⁷

O que chama a atenção são os diálogos do romance, que abordam costumes, hábitos e questões sociais, tratados no *Jornal Dominical*, como também os conflitos de opiniões ocorridos naquele lugar de encontros – a calçada. Em uma noite, daquelas enluaradas, Padre

²¹⁵ NAPOLEÃO, Ana Clélia. **O oitão**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990,

²¹⁶ Consultar edição do jornal *Apóstolo*, Teresina, de 15 de março de 1953, p. 3.

²¹⁷ NAPOLEÃO, A. C., op. cit., 1990, p. 16.

Antero assim respondia ao Dr. Paulino, sob os ouvidos atentos da vizinhança: “A humanidade é mesmo má e os homens procuram colocar os padres perante a opinião pública como as mais vis e infames criaturas”.²¹⁸

Os diálogos não se restringiam apenas a questões como celibato. Em uma outra passagem do romance, que se refere à estação seca entre os meses de outubro a novembro, quando a cidade é invadida por sertanejos, flagelados da seca, conversas pertinentes que exigiam posições firmes de instituições como a Igreja Católica, pois essas eram as instituições que a sociedade dispunha, exigia-se o posicionamento do Padre Antero e do Padre Gusmão. Dr. Paulino, forte mediador dos debates, numa daquelas noites de conversas no *Oitão*, assim se expressava:

Padre, não sei por que a igreja não se intromete nesta luta, quero dizer, nesta causa contra a seca nordestina. Acredito se a igreja tomasse uma atitude seria um fato considerado primordial e o governo no Federal executaria algo em nosso favor aliás em favor de nosso Estado.²¹⁹

Tudo isso se dá perante um quadro de “medo urbano”.²²⁰ As pessoas se sentem ameaçadas pela multidão de famintos que invadem a cidade.²²¹

Os flagelos espalhados por Teresina provêm na maior parte de outras terras principalmente do Ceará. [...] Aumentava o número de vagabundos nas ruas, gente oriunda do sertão à procura de trabalho, agasalho, comida. [...] A fome é triste! É a maior assombração que já existiu em nossa frente. Um horror! Causa medo.²²²

Se a Igreja e a sociedade dialogavam sobre tais questões, é no contexto deste debate que o governo e intelectuais locais se envolvem na chamada grande “Operação Nordeste”, lançada pelo governo Juscelino Kubitschek, para enfrentar o problema das secas no Nordeste, que terminam com a criação da Sudene.²²³

Raimundo Santana, no mesmo ano desta seca, em que se debate nos Oitões das casas de Teresina, sobre esta questão social, escreve dezenas de artigos, propondo soluções para o problema. O caminho para solucioná-lo estaria no fato de o Piauí e a cidade procurarem

²¹⁸ NAPOLEÃO, A. C., op. cit., 1990, p. 21.

²¹⁹ Ibid., 1990, p. 45-46.

²²⁰ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300 – 1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²²¹ NAPOLEÃO, A. C., op. cit., 1990, p. p. 45-46.

²²² Ibid., 1990, p. 45.

²²³ OPERAÇÃO NORDESTE ÀS AVESSAS. Teresina, **O Dia**, 22 de março de 1959, s/p; SANTANA, Raimundo. Pesquisa e treinamento pessoal. Teresina, **O Dia**, 16 de abril de 1959. Capa. SANTANA, Raimundo. Teresina, **O Dia**, 19 de abril de 1959. s/p. SANTANA, Raimundo. Opeño, Nordeste e Piauí. Teresina, **O Dia**, 26 de abril de 1959. Capa.

industrializar-se; entretanto, mais que isto, ampliar o mercado interno consumidor para viabilizar a modernização da economia piauiense. Isto geraria emprego e trabalho. Tudo acompanhado de mudanças tecnológicas no campo. A posição deste intelectual enquadra-se perfeitamente na perspectiva teórica dos protagonistas do desenvolvimento que ecoava da Cepal ou dos seguidores da proposta do economista Celso Furtado na década de 1950.

Um outro tema marcante é a política local e nacional. O suicídio do Presidente Vargas é debatido exaustivamente.

As críticas aos políticos locais recorriam a algumas frases que traziam à baila o pensamento de Thomas Hobbes, assim afirmava Dr. Paulino: “O homem era o lobo do próprio homem”. Padre Antero se indis põe no diálogo com o que ele chama de “materialismo de Hobbes”.²²⁴ Adonias é um árduo frequentador das rodadas de conversas. Este personagem durante todo o enredo é candidato a deputado, e ao final é eleito. Com isso, distancia-se dos amigos de antes, tornando-se pessoa importante. A autora mostra, em outro momento, críticas que fazia Adonias aos políticos que prometiam e não cumpriam. E é assim que este personagem alfineta Padre Antero com a seguinte pergunta:

Que é daquele grande político seu amigo, aquele que antes das eleições era risonho, cordato e prometia além da terra ... prometia o céu? !.

Pe. Antero, um pouco desconcertado, ia dizendo que Dr. Cristino nada podia fazer por ele, nem pelo município porque não havia conseguido nada que pleiteava.

Dr. Adonias, entretanto, com ar de conhecedor das artimanhas da política falou veemente.

Muito me admiro de Dr. Cristino não ter prestígio com certas autoridades porque o que todos nós sabemos por aqui é que ele anda de braços dados com todos eles. Comigo seria diferente porque eu jamais esquecerei minha terra.

[...] Houve palmas. Afinal de contas teriam brevemente um deputado entre eles.²²⁵

As críticas que davam suporte ao conflito de opiniões tinham como base ataques à questão da parentela, ao uso privado do mandato de um político, mostrando aí indícios de um antipatrimonialismo. Contudo, não há nenhuma crítica ou personagem que se enquadre em uma perspectiva crítica que leve em conta a luta de classes. No entanto, os artigos de Santana já se dispunham com um discurso que condenava as desigualdades entre regiões ricas e regiões pobres.

²²⁴ NAPOLEÃO, A. C., op. cit., 1990, p. 28.

²²⁵ Id. ibid.

Teresina, ou melhor, seus cronistas na década de 1950 se mostram influenciados pelos paradigmas da “Teoria da modernização” e suas variantes, com o conceito de sociedade dual, crenças da impessoalidade a partir dos costumes urbanos. Assim, muito da percepção provinciana da cidade é associada às pessoas lentas, avessas à velocidade moderna, modelo político, deformado pelo povo que não está preparado para escolher seus representantes.²²⁶

Quanto a isso, Santana observa que as deformidades do atraso da cidade é a falta da indústria e de um mercado consumidor consolidado. Para este intelectual, o problema é econômico e estrutural. Seu pensamento se adequa à ótica de Celso Furtado. O caminho a seguir seria o de uma cidade planejada para superar o feitiço provinciano.

Independente das matrizes ideológicas que marcam os debates no Oitão, o que se quer ressaltar é que este lugar da cidade, em seu contexto histórico específico, trazia ao debate questões variadas que diziam respeito a vida das pessoas que faziam a cidade. Outros temas são debatidos no romance, tais como: alcoolismo, questões de gênero, relações entre homem, mulher e família, a desordem expressa em personagens que constituem as classes pobres da cidade, o impacto de reformas urbanas que implicaram no desaparecimento das conversas que ocorriam nas calçadas. O romance assim é encerrado com Dr. Paulino:

Entrou para vestir uma blusa de flanela. Sentia um pouco de frio. Voltou ao triste oitão. Reinava a solidão. As rodas de conversas alegres e descontraídas se findaram. Dispersaram-se os amigos. [...] A rua nem parecia à mesma. Achava que após o calçamento a rua havia mudado.

O romance tem como epílogo o ano de 1960, quando se aceleram as reformas urbanas que mudam o feitiço urbano de Teresina.

5.3 Imagens do jornalismo e a luta pela sobrevivência

Os jornalistas piauienses reclamam muito dos baixos salários e das condições de trabalho e costumam responsabilizar o sindicato por essa situação, mas não participam das atividades sindicais, das assembleias, das mesas de negociação do acordo coletivo, enfim, não encaram a luta para mudar esse quadro, como aconteceu em 1992. (Depoimento do jornalista Pires de Saboia. In *memoriam*.²²⁷

²²⁶ Sobre teoria da modernização consultar Otávio Ianni. **A formação do Estado populista na América Latina**. São Paulo: Ática, 1989; FERREIRA. **O populismo e sua história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. O autor faz críticas às interpretações da história sob o viés da teoria da modernização, da forma como foi concebida na década de 1950.

²²⁷ CADERNOS DE COMUNICAÇÃO: Pires de Saboia. Teresina, mar./abr. 2015, SINDJOR-PI, p. 3.

5.3.1 Invertendo o cenário: quando os jornalistas ocupam a cena

A segunda-feira do dia 5 de junho de 1989 é considerada um momento ímpar na história dos jornalistas que atuam em Teresina. Telespectadores procuram a imagem, desta vez a TV não se encontra fora do ar por motivos técnicos, mas por motivos de luta. Embora a importância deste movimento deva ser entendida no contexto do seu tempo, mostra a possibilidade de aqueles assalariados se firmarem como sujeitos na busca de “melhores dias *para suas vidas e de condições mais dignas de trabalho*”. Estas são palavras registradas em meio a cobertura da greve que, pela primeira vez, paralisou as atividades de um órgão de comunicação de massas no Estado. Trata-se da greve da TV Antena 10. O *Jornal Retranca*, em sua edição de 1º a 10 de junho de 1989, assim anuncia o movimento paredista:

Os funcionários da TV Antena 10, que repete o sinal da Rede Manchete, em Teresina, entraram em greve por tempo indeterminado por melhores condições de trabalho e melhoria salarial. A greve atinge setores de operação, produção e jornalismo, deixando a TV sem a programação local, já que nenhum dos telejornais da emissora estão indo ao ar.

Os funcionários estão reivindicando o cumprimento de um acordo salarial proposto pelos servidores da empresa, ainda em março deste ano e até agora não atendido pela direção²²⁸

A greve, por si só, embora ocorrendo em uma única empresa, deve ser entendida em seus desdobramentos para a categoria de jornalistas, na tentativa de se autorreconstruírem enquanto profissionais da notícia. Se anteriormente, pleiteava-se a imagem do jornalista que não se expõe, de linguagem asseada e/ou votado para outras questões, que não só trabalhistas, nesse período de enfrentamento, o polimento da linguagem é colocado de quarentena. A linguagem polida soa como algo que contamina o momento. O vazio toma conta do tubo de imagem da cidade. Os jornalistas são chamados a se expor em consequência da situação difícil por que passam, para, enfim, poderem sobreviver frente aos baixos salários, num momento de explosão inflacionária.

Os discursos e as práticas discursivas em construção desde o início da década de 1980 são postos à prova em favor do “bom combate”. Uma linguagem pouco usada, mas em se tratando de aplicá-la como instrumental a avançar nas conquistas, os seus usos ganham fórum de legitimidade. A. Tito Filho definia o “jornalista autêntico” como aquele que usa uma linguagem asseada, e jornalista não ataca confrade. Mas o *Retranca* parece, através de seus cronistas, trazer de volta a linguagem sem aquela esperada assepsia. Até mesmo companheiros

²²⁸ RETRANCA, ano III, n. 9, Teresina, 1º a 10 de junho, 1989, p. 1.

de profissão não escapavam do alvo. Trata-se de uma luta que se consagrava como valor identitário do ator coletivo em construção. O que estaria por trás deste tipo de linguagem pouco usual? Antes de dar sequência à análise, observe-se:

Uma lição deve ser tirada do movimento de paralização dos companheiros da TV Antena 10. Tem profissional que não sabe o seu valor e nem ainda o seu devido lugar. Alguns, infelizmente, preferem ficar do lado dos patrões ajudando-os a massacrar os seus colegas de profissão. Alegam que possuem cargo de direção, como se isso servisse para justificar tal atitude; vergonhosa sob todos os pontos. É necessário que tomemos consciência de que não podemos mais contemporizar com tais elementos. Empregado é empregado patrão é patrão. Vamos construir uma categoria forte e combativa. Aos pelegos o lixo da história.²²⁹

Os signos companheiros, profissional, patrões, consciência, empregado, passam a habitar os lugares dos discursos que marcam aquele momento histórico. Os discursos que carregam as lutas dos jornalistas já se difundiam nos movimentos sociais desde o final da década de 1970. Os vasos comunicantes, propiciados pelos contatos com outras categorias de profissionais, durante encontros das federações nacionais de trabalhadores, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), encontros estaduais de jornalistas, movimentos sociais que eclodiam por toda Teresina²³⁰ alimentavam de forma instituinte as novas práticas dos artesões da notícia.²³¹ A categoria vai se firmando no pós-regime autoritário, mesmo sob restrições de suas liberdades individuais e coletivas.

O surgimento das agências de controle externo começa a se dar conta de que os jornalistas avançavam em territórios até então não conquistados. Começam a surgir os concursos de melhores reportagens que tentam sintonizar práticas e representações jornalísticas com os discursos das empresas de jornais. Estas, ademais, procuravam treinar, motivar e familiarizar as novas gerações com viés liberal e globalizante em curso na economia mundial.

5.3.2 A greve de 1992: O dia em que a terra parou

A expressão “O dia em que a Terra parou” não se trata de um pretense juízo de valor da nossa parte, mas sim de uma chamada para significar o que aquele acontecimento passou a representar para os jornalistas, visto que a paralização de 1992 se constituiu num marco

²²⁹ RETRANCA, ano III, n. 9, Teresina, 1º a 10 de junho, 1989, p. 2.

²³⁰ Cf.: LIMA, Antônia Jesuíta de. **As multifaces da pobreza**: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003. p. 39-91.

²³¹ Roberto John costumava citar Abramo por este reconhecer um ponto comum entre o marceneiro e o jornalista: um é tão cidadão quanto o outro.

histórico para aqueles piauienses. Esta importância justifica-se, tendo em vista que os cinco principais Diários da capital tiveram suas atividades paralisadas durante quinze dias do mês de fevereiro do referido ano.

Entender a greve de 1992 torna-se um desafio a nossa narrativa, uma vez que a força da interpretação a ser dada tem como foco apreender os sentidos advindos daquele grupo de atores, e não inicialmente aquela da nossa parte. Castoriadis insiste em nos levar a compreender os atores sociais como aqueles capazes de agir e criar a partir de suas próprias representações sociais e instituições, constituindo-se então um imaginário impregnado de peculiaridades, singularidades e de pertencimento ao grupo.²³²

Este tipo de empreitada histórica nos foi possibilitada em grande parte pelas consultas às publicações do *Jornal Retranca* e das Atas de reuniões do Sindicato dos Jornalistas do Piauí – SINDJOR-PI. Outras fontes se inserem como auxiliares na tentativa de articulação de uma configuração social dotada de diversas constelações de significados. Os vários sentidos históricos possíveis vão se revelando à medida que seus atores vão se apropriando dos discursos, que, uma vez apropriados e ressignificados, têm como resultante as saídas e caminhos viáveis, com os ônus e os bônus daquelas escolhas (Figura 7).

Figura 7 - Greve de 1992



Fonte: **Retranca**, Teresina, quinta-feira, 20 fev. 1992, p. 6-7.

Algumas questões e respostas alcançadas até então, para que certas regularidades discursivas sejam entendidas, foram surgindo, entre as quais: — Por que apenas a greve de 1992 fora retida na memória dos jornalistas? Por que a greve na TV Antena 10, ocorrida em 1989,

²³² Cf.: CORNELIUS, Castoriadis. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 385-413; e SADER, Eder. **Quando os novos sujeitos sociais entram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980**. p. 25-57.

não ficou registrada na memória das gerações posteriores, ou seus contemporâneos? (Figura 8).²³³

Figura 8 - Greve na TV Antena 10



Fonte: **Retranca**, Teresina, 1-10 abr. 1992, p. 4.

Com a década de 1980 deflagra-se uma época em que se faz matriz das lutas, conquistas e constelações de significados a *posteriori*. Se houve avanços, estes se deram por desdobramentos e ocupações de todas as frentes possíveis de ações alcançáveis.

A nossa compreensão tenta evitar a todo custo a busca de um *status* fundacional da História como o mito da origem. Se as escolhas feitas por aqueles atores sociais que trouxeram para si a luta por transformações e mudanças, isso não implica a existência da imprevisibilidade da História. Esta não pode se ancorar no princípio do previsível e da inevitabilidade. As incertezas fazem parte da sua natureza, somando-se a esta homens e mulheres que a fazem cotidianamente e aqueles que a constroem como disciplina do conhecimento.

Com a greve de 1992, os jornalistas conseguiram piso salarial e data-base com um movimento paredista que atingiu quase cem por cento da categoria até mesmo diretores e demais ocupantes de funções gratificadas participaram do movimento. Além de retomar a discussão da data-base que se encontrava em devoluto há dois anos, eles obtiveram, também, o piso salarial de Cr\$ 270 mil. Estes valores passavam a ser corrigidos pela política salarial do governo, com antecipações bimestrais corrigidos pelo NPC/IBGE.

²³³ Cf.: POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudo históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-220, 1992; e NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História** e do Depto. de História da PUC- SP, São Paulo, 1985. p. 7-28.

O *Jornal Retranca* fez questão de anunciar que o acordo havia sido assinado com *O Dia*, *O Estado*, *Diário do Povo* e *Jornal da Manhã*. Antecipando a referência aos Diários citados, o periódico faz questão de enunciar o vocábulo *empresa*. Então, a palavra *empresa* passa a se constituir elemento regular dos enunciados discursivos para o grupo de atores do Jornalismo da cidade.

O confronto entre discursos da antiga e da nova geração se dava em razão do incômodo que a expressão *empresa jornalística* causava. O Jornalismo local – por abrigar em seu berço literatos, a crônica como arte, principalmente entre a antiga geração, e pouco menos entre os novos jornalistas – não assimilava facilmente a ideia da redação do jornal como departamento serial da produção de notícias. Esta cada vez mais associada ao mercado, como mecanismo de azeitamento da circulação dos bens de consumo.

As cidades medievais e modernas e seus vínculos umbilicais ao mercado mostraram historicamente seus (des)caminhos nas sociedades capitalistas. Desde estas primeiras experiências cidadinas da modernidade, vêm à tona os dilemas mercantis e seus [dis]sabores, como bem analisa Jacques Le Goff em *Por amor às Cidades*.²³⁴

A nova geração põe termo a uma “crise de identidade”, no entanto, o mercado não cedeu à sua fome voraz do lucro e da acumulação. De crise em crise, o capitalismo deixa de saia justa aqueles que um dia com ele se contemporizaram: o mal-estar volta sem pedir licença a uma geração que um dia resolveu ousar.

Zózimo Tavares, Kenard Krueel e Roberto John representam, entre os novos atores jornalistas, aqueles que indubitavelmente foram atingidos por este mal-estar dos tempos modernos do capitalismo. Suas lideranças se firmaram por representar atores que mediarão essa transição. Se estão tão abertos aos novos tempos, suas identidades não se incompatibilizam em conviver mediando com atores como José Vieira Chaves, A. Tito Filho, e Carlos Said. Este era um ícone na invenção e reinvenção da cidade de Teresina, no que concerne aos desportos, com destaque para a legitimação da construção do Albertão como *locus* discursivo da Teresina moderna, bem como das justificativas das intervenções urbanas na *cidade progressista*.

5.3.3 A “censura” na democracia e a luta pela sobrevivência

Falar da existência ou não de censura nos meios de comunicação na cidade, como fator controlador do trabalho do jornalista, merece maiores reflexões da nossa parte, visto que a

²³⁴ LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 25-67.

década de 1980, no seu conjunto, trata-se de um período que ficou conhecido como de transição democrática. Como o próprio termo demonstra, consiste em um período dentro do outro, que pode se aplicar a imagem de um período atravessado por tempos históricos distintos.

Também se faz interessante agregar a esta discussão alguns conceitos ou compreensões, suas várias acepções até mesmo de qual grupo esteja significando o que seja censura. Um jornalista que tenha ocupado papel de destaque na década de 1970 faz uso de tal sentido, conforme um conjunto de valores agregados ao termo, que pode não condizer com o sentido discursivo em jogo na década de 1980 por outro grupo de jornalistas.

Pode parecer confuso um ex-prefeito de Teresina, que fez carreira política no auge do regime militar, afirmar que sofre censura pelos órgãos de comunicação em sua cidade.²³⁵ Esta assertiva é confirmada por um debatedor durante o IV Encontro Estadual de Jornalistas do Piauí. Da mesma forma, o presidente da CUT-PI, Evaldo Ciríaco, denuncia práticas de censura, por causa do veto a seu nome, por parte de empresas jornalísticas. Vale lembrar que o líder sindical “denunciou o abuso da censura nos meios de comunicação, dizendo inclusive que ele estava proibido de conceder entrevista para os quatro canais de televisão do Piauí”.²³⁶

Fica a pergunta: — havia ou não censura? A lógica de tempos históricos atravessados é passível de se sustentar, desde que venha acompanhada de práticas sociais em uso para o contexto histórico a que se refere. Prosseguindo com a reconstituição histórica da qual se acredita, pergunta-se: — Por que os sindicatos dos jornalistas no seu congresso anual incluiriam um debate sobre *Censura na imprensa do Piauí*? Por ser o mesmo tipo de censura da década anterior, os indícios de comprovação vão se somando.

As constatações supracitadas, em torno das práticas de censura, são indícios cabais de sua existência. Trata-se de uma revelação anunciada em um encontro de jornalistas com mais de 150 participantes. O evento contava com a presença de secretários de governos, vice-presidente da FENAJ, presidente dos sindicatos de outros Estados do Brasil, instituições de ensino superior, como a UFPI, entre professores e alunos de comunicação.²³⁷

Ressalte-se o que se vai discernir como autocensura, para entender o que há na diversidade de significados em torno do termo.

Richard & Lago compreendem que, por existirem dois tipos de *censura*, a *prévia* e a *autocensura*, a primeira foi praticada principalmente entre jornais de grande circulação

²³⁵ Trata-se do deputado estadual constituinte Robert Freitas, ao afirmar que existe uma determinação nas redes de TVs, rádios e jornais, proibindo-os de conceder entrevistas.

²³⁶ RETRANCA, Teresina, 1989, p. 1.

²³⁷ Quanto a certas continuidades do regime autoritário que vigorou entre 1964 e 1985, consultar: TELLES, Edson & SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

nacional, entre eles *Folha de São Paulo*, *O Estadão*, e, por pouco tempo, a *Revista Veja*. Matérias sobre determinados temas eram censuradas por um inspetor presente ao departamento de edição desses periódicos. Havia uma listagem de temas, para o caso de o jornal versar sobre esses. Nesse caso, deveria passar pela triagem da inspetoria do Governo. Já a autocensura não contava com a presença do censor, posto que se tratava de matérias sobre determinados temas que deviam ser encaminhados ao departamento de censura do governo militar para serem aprovados ou não. Estes são frutos da engenharia política autoritária do Estado empreendido pelo regime militar de 1964.

Chico Castro, em entrevista à Rádio FM Cultura de Teresina, afirma que existia um censor dentro do *Jornal o Dia*.²³⁸ Este é um tipo de censura tipicamente dos regimes políticos de exceção.²³⁹

Por outro lado, com a abertura democrática, há de se convir que haja uma ampliação dos direitos de livre expressão; afinal, 1988 foi o ano da promulgação da nova Carta Constitucional que aboliu a censura política nos meios de comunicações, fato comemorado com muito apreço pela maioria da imprensa e jornalistas brasileiros.

Torain critica a modernidade clássica, e seus prolongamentos racionalistas utilitários, e não poupa críticas a sociedade moderna de feitiço consumista, a qual se apresenta na contemporaneidade.²⁴⁰

A nosso ver esta crítica cabe à mercantilização da notícia, vítima da força voraz da competição de mercado, este com fins voltados ao mercado financeiro onipotente, centralizador das decisões em tempo de globalização econômica.²⁴¹

O raciocínio acima nos auxilia a compreender um novo tipo de censura que se reinventou em tempos de democracia política. Em razão de o jornal haver se tornado em parte *uma fábrica de notícias* a ser produzido para o consumidor-alvo, a notícia passava por um tipo de operacionalização racional a ter no consumidor e patrocinador centros da sua edição e razão

²³⁸ Chico Castro jornalista, poeta e cronista, em entrevista à Rádio Cultura, programa apresentado por Gilson Caland, afirma ter presenciado agentes do regime militar nas redações de um dos jornais de Teresina (Rádio Cultura, programa apresentado sábado, 14 de março de 2014, entre 8:00h e 9:30h da manhã).

²³⁹ TELLES, Edson & SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 129-135. Por outro lado, com a abertura democrática há de se imaginar uma ampliação dos direitos de livre expressão, afinal trata-se neste momento de um ano após a publicação da constituição que aboliu a censura política nos meios de comunicações, fato comemorado com esperanças renovadas pela maioria da imprensa e jornalistas brasileiros.

²⁴⁰ TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 213-240.

²⁴¹ Mesmo sem seguirmos literalmente a percepção da centralidade econômica, como entende Zygmunt Bauman, percebe-se uma vinculação direta entre notícia, *merchandising* e mercado. Estes entendidos numa relação direta com as flutuações dos mercados internacionais. A cidade sente insegurança e medo. BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

de ser. Ribeiro se diz consciente desta realidade em Teresina, e não vê outra saída para o jornalista assalariado senão assimilar esta nova realidade: “A relação mais imediata do jornalista é com o leitor”.²⁴²

Nesta teia de encadeamentos, surge aí o patrocinador da notícia que desfruta de certa liberdade de escolha para anunciar o seu produto, daí também deriva o entendimento de negar-se a manter-se, pelo sim ou pelo não, com determinada empresa de comunicação. O jornalista Paulo Chaves, em livro biográfico, sobre um dos jornalistas mais influentes das décadas de 1960, 1970 e 1980, no Piauí, José Vieira Chaves, faz a seguinte consideração:

Os veículos de comunicação eram unidos, a tal ponto que criaram uma associação, Associação Piauiense das Empresas de Comunicação, que zelava pelos interesses empresariais do segmento, deliberando sobre tabela de preços, especialmente do que era cobrado do governo; rateio de publicidade oficial; e formação de um bloco unísono, porque como se sabe desde que o mundo é mundo, a união faz a força.

A princípio, representavam as empresas junto à Associação os seguintes cidadãos: Jornais - José Jesus Trabulo de Sousa (O Dia), Helder Feitosa Cavalcante (O Estado), José Oliveira (Jornal da Manhã), Paulo Henrique Araújo Lima (A Hora), e José Vieira Chaves (Jornal do Piauí); Rádios/TV - Otevaldo Soares do Nascimento (Pioneira); José Lopes dos Santos (Difusora), e Segisnando Ferreira Alencar (Rádio e TV Clube). Com o surgimento de novas emissoras, como a que mais tarde se transformou em TV Cidade, e a Antena 10, além das rádios FM – O Dia e Poty, as empresas entraram em processo de aguerrida disputa e a Associação perdeu sua razão de ser, que era o freio na competição, a força junto ao governo e a capacidade coletiva de faturar os órgãos públicos. O certo é que entre 1975, mais ou menos, e 1983, a Associação foi decisiva na consolidação financeira dos veículos da imprensa local.²⁴³

O mercado de notícia começa a mostrar sua face seletiva, para uma relação duradoura com o anunciante e publicador, previa-se cumplicidade para se garantir a sobrevivência e seu sucesso. Nesta “parceria *feedback*”, um zelava pela imagem do outro. Dispensa-se aqui qualquer comentário mais aprofundado das técnicas de jornalismo de merchandising, bem como na organização da diagramação, do *press release* de cada periódico.

Da situação supramencionada deduz-se a preocupação constante da relação complicada, debatida dolorosamente pelos profissionais do Jornalismo: verdade, objetividade e a ética, pois a democracia se ampliava; entretanto, o poder público continuava como agência de fundamental

²⁴² Com este contexto, a notícia foca o seu consumidor e a empregabilidade, porque não dizer a manutenção da saúde financeira da empresa, surgem as supostas tábuas de salvação: apelo por um código de ética condizente com a nova realidade, profissionalização da carreira de jornalista, fiscalização das atividades jornalísticas pelos sindicatos e associações, maior controle da sociedade sobre os meios de comunicação; Cf.: Jornalismo Não Tem Função Social. Teresina, RETRANCA, ano III, n. 5, abril de 1989, p. 4-5.

²⁴³ CHAVES, P., op. cit., 2013, p. 79-80.

estaca de sustentação da produção jornalística. Acrescente-se ainda que os meios de comunicações que cresciam de forma exuberante eram absorvidos pelos maiores grupos econômicos locais, na sua totalidade detentores também do poder político partidário.

A sobrevivência dos novos jornalistas mostrava-se, em meio a essa rede, imbricada de disputas por espaços mercadológicos e de poder. Em parte, experiências vividas por alguns jornalistas das gerações passadas. No entanto, entram em cena novos ingredientes, novos atores. Um país silenciado desde 1964 ressentia-se da imposição do silêncio forçado de duas décadas, agora teria de se reinventar em meio a uma cidade com novos desafios. No entanto, outra pedra se pôs no caminho: A sobrevivência sob uma sociedade regida pelo mercado em meio a fortes desigualdades sociais. A força voraz da “cidade progressista” dos anos 1970 é substituída pela força voraz da “cidade mercado”.

5.4 Instituições jornalísticas: ação, promoção e assistência /dependência

5.4.1 As novas formas de regulação e o rearranjo das instituições públicas e privadas em torno das práticas dos jornalistas

Se os anos 1980, por um lado, se revelavam não só uma década de redefinição da categoria de jornalistas, por outro lado, surgiram também novas formas de confrontos e alinhamentos entre jornalistas e “novo jornalismo”. Novos tipos de relacionamentos passam a ser instituídos seja no campo da esfera pública, seja no campo da iniciativa privada. Novos arranjos institucionais e instituições externas e internas ao jornalismo são acionados, no sentido de se adequarem aos novos tempos. No entanto, se a repressão e a censura existiam nas décadas de 1960 e 1970, os anos que as sucedem passam a dispor de outros mecanismos de controle, visto que os “tempos modernos” requeriam novas formas de monitoramento que correspondessem à democracia que tentava se consolidar.

As portas da democracia estavam abertas ao grupo. Os jornais, como afirma A. Tito Filho, eram peças diretas das contendidas partidárias na década de 1950. Os jornais, desde a década de 1970, haviam sido transformados em empresas. Diga-se empresas sob o regime autoritário que restringia a liberdade de pensamento. Aos novos jornalistas cabia adequar-se à nova fase da liberdade de expressão e da imprensa. O curioso é que o *Jornal Retranca* continuou até mesmo na década de 1990 a reclamar da falta de liberdade dos jornalistas. — Como se pode analisar esse tipo de contestação e insatisfação dos jornalistas? Teriam fundamento reclamações e insatisfações entre os profissionais da notícia?

Procurando compreender esse mal-estar, provocado pela intensa indignação entre pares da notícia, observava-se que os donos dos produtos anunciados, as empresas, os partidos, os governos, sentiam também os sinais e reverses dos novos tempos. Os jornais de partidos ou folhetos de divulgação de governos não mais tinham a mesma repercussão do passado.²⁴⁴ Na tentativa de se estribar na “Era do Jornalismo Empresa”, as agências públicas e privadas dependentes do produto da promoção de suas ideias, através da notícia, começam a estreitar laços aproximativos com o “artesão da notícia”, o jornalista, com novas estratégias de controle, que vão sendo construídas sem tanta premeditação, mas também como fruto dos desdobramentos históricos imprevistos. Jornalistas das frentes das barricadas dos embates dos anos 1980, nos primeiros anos do século XXI já tomavam posição de destaque, ou a frente de empresas de publicidade, partidos políticos ou mesmo se tornado empresários.

Os novos arranjos da boa relação ou novas formas de alinhamentos e sociabilidades passam a ser aplicados e instituídos à luz do sol, com editais convidativos, e com o aval do Sindicato dos Jornalistas do Piauí; como também editais de concursos de reportagem de Jornalismo, com concursos instituídos legalmente, nos moldes do Estado de Direito, com edital público para a sua realização e de quem desejasse participar, desde que jornalista profissional (Figuras 9 e 10).

Figura 9 - Concurso de Reportagens



Fonte: *Jornal Retranca*, 1º a 19 jun. 1989.

Figura 10 - Concurso de Reportagens



Fonte: *Jornal Retranca*, abr. 1992.

Embora sejam dotados de toda esta clareza, com o pressuposto do livre-arbítrio, de quem escreve os artigos na cidade, com temas sobre a cidade, o edital, a partir daí, mostra o seu caráter

²⁴⁴ Pasquins como “O Pirralho”, e outros citados por A. Tito Filho dão conta do efeito “desse tipo de imprensa” no varejo dos pequenos Jornais.

seletivo. O chamamento circunscreve a fala do candidato jornalista. Os critérios são claros, os prêmios são atrativos, sendo que o dia das premiações ocorrem no dia ou na semana em que se celebra o aniversário de Teresina. Tratava-se de uma seleção de artigos escritos durante o ano entre o presente concurso e aquele que o antecedeu.

O jornalista está em meio a um mundo em que ele é dono de sua força de trabalho, o mercado impera definido esta força por uma teia complexa de variáveis, em que a notícia, posta como mercadoria, vê-se condicionada pelo processo de mercantilização penetrante e constante, cada vez mais ocupando os campos das vidas privada e pública. O jornalista parece perder o domínio consciente do processo produção da notícia.²⁴⁵ Na realidade se vê submetido a cadeias produtivas em rede, sendo a empresa de jornalismo em que trabalha peça fundamental do jogo. Cansaço, *stress*, sensação de superexploração, a rotatividade de emprego, de jornal em jornal, tudo se configura em clara e (in)evitável luta pela sobrevivência.

A palavra “comunidade” passa a ter uma circularidade, a ser considerada nos novos arranjos discursivos em torno da cidade de Teresina.²⁴⁶ Não seria exagero se afirmar sobre a existência de uma “Era das comunidades”.²⁴⁷ Esta palavra, ao tempo em que tem um efeito aglutinador dentro do SINDJOR-PI, aparece como ponto de divergência durante o IV Encontro Estadual de Jornalistas, num embate entre os jornalistas Roberto John e Efrém Ribeiro.²⁴⁸

Os movimentos sociais eclodiam no cenário urbano teresinense nas décadas de 1980 e 1990, inclusive com a primeira greve geral dos jornalistas em Teresina, comandada pela liderança do jornalista Zózimo Tavares.²⁴⁹

²⁴⁵ A. Tito Filho afirma que escrever em jornal era diletantismo e prazeroso. No entanto, diz: “Hoje não”. **Retranca**, Teresina, n. 6, 28-30 abr. 1989.

²⁴⁶ Cf.: LIMA, Antônia Jesuíta. **As multifaces da pobreza**: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003.

²⁴⁷ Cf.: O cristianismo das comunidades de base. In: **Quando os novos personagens sociais entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo - 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 146-166; Clubes de mães da periferia sul. In: op. cit., 1978, p. 199-224; LIMA, Antônia Jesuíta. **As multifaces da pobreza** – formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003.

²⁴⁸ Efrém Ribeiro, tendo como alvo o jornalismo “comunitário”, se mostra contrário a um tipo de imprensa que tenha fins “humanitários”, querendo referir-se a um jornalismo distante sem tanto altruísmo. O jornalista vai à procura da fonte e não tem de resolver o problema da fonte. **Retranca**, Teresina, n. 6, 28-30 abr. 1989.

²⁴⁹ Zózimo agrega para a sua biografia publicações de livros na área do humor, como: Falem Mal, mas Falem de Mim – 1989; Para seu Governo – 1991; O Pulo do Gato – 1994; Meus Senhores, Minhas Senhoras – 1997; Filosofia Barata – 1999; O Velho Jequitibá – 2002. Na Área de cordel: Vote Lá que eu Voto Cá – 1986; Céu da Terra – Roteiro Turístico do Piauí em Versos (1990 - 1ª e 2ª edições; 1997 – espanhol); Fique Lá Que Eu fico Cá – 1992; O Voto É Inseticida Contra Praga de Ladrão (Guia Eleitoral) – 1994; Zé da Prata – Poeta da Sátira – 1995 e 2006; Sonetos de Cantadores – 1997. Na área de jornalismo: O Piauí no Século 20 – 100 fatos que marcaram o Estado entre 1900 e 2000 – quatro edições: 2000, 2001, 2002 e 2003. Na área de Literatura: Sociedade dos Poetas Trágicos – duas edições: 2004 e 2006. Biografias: Atentai bem! Assim falou Mão Santa – 2009; Petrônio Portella – Uma biografia – 2012.

Mesmo emergindo essas novas formas de contestação e conquistas, percebe-se que os novos arranjos vão surgindo e se restabelecendo controles, não mais sob a opressão do Estado, mas sob a pressão do mercado. As matérias sobre os movimentos sociais, ou comunidades passam a ser dependentes dessa nova forma de poder, que tem como centro a lógica de mercado.

Jornalistas, empresários da comunicação e governos podem até ser cômicos das demandas comunitárias cidadãs.

O emprego, a empregabilidade e crédito profissional passavam de fato pelo aval dos discursos, por estarem à disposição dos jornalistas, restando-lhes seu uso e/ou abusos na luta pela sobrevivência.

Cada vez mais se estabelecem elos. Havia interdependência entre clientela do Jornalismo, imprensa, jornalistas e cidade. Estes novos arranjos se dão na arena da democracia. Mas tendo que se dispor a engrenar nos novos arranjos e configurações²⁵⁰ emergentes.

A cidade se reinventa, no jogo das circularidades e apreensões; cultiva-se a ideia de liberdade e livre-arbítrio, no entanto, cada um dos jornalistas aqui analisados, embora entendidos como atores dotados de subjetividades diferentes, tentam zelar e manter sua individualidade. Aqui os trazemos à sua condição de sujeitos coletivos, representados por suas atuações no espaço do SINDJOR-PI.

Assim se apropriam dos discursos dados objetivamente pelas rédeas do poder econômico; este volta à carga e estabelece sentidos norteadores da produção do discurso. Os congressos dos jornalistas abrem espaço para possibilidades de se discutir a questão dessa mercantilização da notícia. O debate torna os jornalistas cômicos das vertentes distintas. A década de 1990 é o momento no Brasil em que o mercado é tido como vencedor. A globalização com a abertura de mercado proporcionada nos dois governos Fernando Henrique se sobrepõe com uma visão de crença na superioridade do mercado como regulador fundamental da economia “nacional” e global.

A comunidade aqui referida significa uma ideia-força discursiva, como forma de compreender o jornalista na cidade, sem que o nosso interesse esteja diretamente em dar enfoque a este espaço e ou território. Não estariam os jornalistas influenciados pela ideia de comunidade, ou de novo movimento social? Percebe-se nas páginas de o *Retranca* a clara tentativa de refazer uma identidade adequada aos “novos tempos”.

²⁵⁰ HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.

Três concursos de Jornalismo “Paulo de Tarso de Reportagem”, “Prêmio Piemtur de jornalismo” e o “Prêmio Meio Norte de Melhor Reportagem” são exemplos dos rearranjos para o estabelecimento dos novos “laços de interdependência”, os que reorganizam jornalistas e a cidade, esta objeto dos olhares da imprensa. Nessa reinvenção das relações, leia-se no anúncio de um dos prêmios de reportagem: “O prefeito de Teresina, Heráclito Fortes, objetivando incentivar o Jornalismo piauiense, valorizando os profissionais da cidade, torna público o regulamento do III Concurso de Reportagem ‘Paulo de Tarso Moraes’ que se realiza anualmente com colaboração do Sindicato de Jornalistas do Estado do Piauí”.²⁵¹

Assinale-se que já se tratava do terceiro concurso realizado desde a gestão do ex-prefeito Raimundo Wall Ferraz. Este gestor teve como uma de suas marcas a publicidade de governo com discurso voltado à aproximação com as *comunidades*, com logotipo administrativo sublinhado pela frase “a cidade é o povo”.

Heráclito foi eleito com o crédito e apoio do político Wall Ferraz que o apoiou na eleição para chefe do Executivo municipal. Desta forma, a década de 1980 inaugura um tipo de governo de feitiço popular na cidade. As imagens dessas gestões são atreladas às peças publicitárias governamentais, com apelo popular e de aproximação com as comunidades. Medir o grau de autenticidade ou não destes governos quanto a serem ou não populares não é objetivo da pesquisa. Trazer à tona estas peças publicitárias tem o fiel objetivo de situar os movimentos dos jornalistas e a sua autoafirmação na cidade, que tem como suporte as linhas discursivas disponíveis aqui já elencadas, seja através dos discursos oficiais seja das práticas discursivas ou de outras alternativas.

O IV Encontro Estadual de jornalistas é uma imagem espelhar de um “novo tempo” em que se procuram reconstruir consciências. A palavra “social” além de ser recorrente nas falas dos jornalistas, através do *Retranca*, se faz reproduzir nas instâncias institucionais como o SINDJOR-PI, que divulgava ações e práticas entre os profissionais da notícia.

Veem-se claramente confrontos entre discursos instituídos e instituintes.²⁵² O SINDJORPI-PI mostra claramente como uma instituição em transe é reinstituída, mesmo sua fundação tendo ocorrido no ano de 1959.

²⁵¹ Este concurso foi instituído pelo Decreto 911 de 27 de janeiro de 1987, na gestão do então prefeito de Teresina Raimundo Wall Ferraz.

²⁵² Cf.: A instituição e o imaginário. In: CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.139-200.

Entre os objetivos a serem atingidos, um deles é “aprimorar a conscientização do jornalista da capital e do interior”.²⁵³ Neste encontro causa repercussão no grupo a palestra: “O papel social do jornalista”.²⁵⁴ A expressão “incentivar o jornalismo piauiense” consiste em uma assertiva que, mesmo aparentemente solta, por si só demonstra que o Jornalismo de alguma forma sofria de algum tipo de trava, ou imobilidade para a nova geração de jornalistas. Seriam dificuldades financeiras, dificuldades que os jornalistas tinham de tratar sobre certos assuntos na redação do periódico? Alguma forma de censura? O verbo ação é claro: “incentivar”.

Enquanto os congressos de jornalistas eram realizados em Teresina, os concursos de jornalismo colocavam como tema do artigo vencedor tema focando a cidade de Teresina. Somente poderiam “concorrer jornalistas militantes na *imprensa de Teresina*” (grifo nosso).²⁵⁵

A análise do espaço circunscrito à cidade de Teresina, feita no presente estudo, consiste de um sentido mais amplo observado entre estas práticas.²⁵⁶

5.4.2 Formação profissional, instituições e jornalistas

À medida que esta pesquisa avançava, uma pergunta inquietava: — quando e como se passou a pensar em uma formação profissional em Jornalismo em Teresina? A bibliografia consultada sempre indicava respostas e explicações muito parecidas. Os primeiros jornalistas com curso superior tinham se formado na Faculdade de Filosofia (FAFI), outros em Faculdades do Rio de Janeiro e Recife. Depois, na universidade Federal do Piauí, a partir de 1970. Diga-se, sem formação específica em Jornalismo, pois a Universidade Federal só viria a oferecer o curso em Comunicação Social a partir de 1984.

Em setembro de 1999, o *Jornal Retranca* classifica o jornalista e acadêmico Paulo Nunes como “um atento e rigoroso crítico da história literária piauiense”, festeja com entusiasmo a publicação do então crítico em literatura, com matéria intitulada “História da

²⁵³ Esta conscientização tem foco bem definido, tendo como campo de observação os três temas que marcaram a programação, e que a nosso ver é imagem espelhar do momento histórico enfrentado pelo grupo de jornalistas da capital. Primeiro tema: História do Sindicato dos Jornalistas; segundo: O papel social do jornalista; terceiro: Liberdade de imprensa no Piauí.

²⁵⁴ RETRANCA, Teresina, 1989, p. 2.

²⁵⁵ Artigo 3º do Regulamento do Concurso “Paulo de Tarso Moraes” – Retranca, Teresina, 1989, p. 2.

²⁵⁶ Durante a realização deste trabalho, tivemos a oportunidade de perceber que as comemorações do aniversário da Capital se converteram em grande espetáculo, transformando-se em *locus* das linhas discursivas em uso. A capital passou a ser não só o centro administrativo mais importante, mas também a ser território privilegiado da formação dos maiores líderes eleitorais da cidade e do Estado. Ser um prefeito notório e exemplar de Teresina significava peça fundamental para pretensos voos políticos mais altos. Assim qualquer ocupante do cargo de prefeito da capital tinha um pé no Palácio da Cidade, e outro no Palácio de Karnak. Freitas Neto, Bona Medeiros, Alberto Silva, Wall Ferraz, Heráclito Fortes todos se enquadram neste perfil de análise.

Imprensa Piauiense”, e, mesmo assim, o acadêmico não tratava de indícios com aquela necessidade em formar profissionais do Jornalismo.

Ata de reunião realizada em 9 de novembro de 1976 registra que, na Conferência Nacional dos Jornalistas realizada em Teresina, no ano de 1969, a reunião reclamava a falta de uma escola de formação em Jornalismo em Teresina. Percebe-se que se trata de um tema pouco abordado, até então, pois lemos dezenas de atas das reuniões da antiga Associação Piauiense de Jornalistas, bem como aquelas de 1959 em diante, sem manifestação do sindicato em tal vazão. Não se vê menção a este tipo de preocupação por parte da categoria. Daí a surpresa de ver-se pela primeira vez o sindicato tocar em uma questão tal qual já sinalizavam os avanços e desenvoltura da imprensa em nível nacional: a necessidade da formação dos profissionais de Jornalismo.

Durante a gestão de Luiz Pinto de Albuquerque Bello (período 30/12/1980 a 30/12/1981), registra-se a fala do jornalista Herculano de Moraes sobre a possibilidade de realizar-se um segundo *II Curso Convênio PUC/UFPI* em busca do aprimoramento dos profissionais da imprensa, duração dois anos.

Em 1 de fevereiro de 1980, Roberto John Gonçalves da Silva entra com pedido de registro de jornalista no SINDJOR-PI, com outro destaque da nova geração Arimathéa Azevedo. Dava-se início assim a uma trajetória que marcou o Jornalismo em Teresina. Muito jovem Roberto John já havia colhido experiência como radialista na Rádio Difusora. No entanto, com a filiação ao sindicato, tornou-se um jornalista ativo durante toda a década de 1980, influenciando fortemente bandeiras e lutas do sindicato, mostrando-se claramente ativista entre os “novos movimentos sociais e sindicais”. Com a filiação em 1983 do SINDJOR-PI à CUT as divergências internas afluem ao sindicato. Começa a formação de uma geração de jornalistas influenciados pelo “novo sindicalismo”.²⁵⁷

Entre ausências, oportunidades e escolhas, revelava-se uma rede interligada de instituições que, de certa forma, contribuíam para a complexa montagem das representações do Jornalismo e do jornalista na cidade de Teresina. Isto é sintomático ao se entrecruzar os objetivos a serem alcançados com a profissão de jornalista, as preocupações com a ética, os problemas que afetam a cidade e o cotidiano da sua população.

Em instituições como a Universidade Federal do Piauí – através do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Associações Jornalísticas, Sindicatos através

²⁵⁷ SADER, Eder. De estruturas as experiências. In SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências de lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

do SINDJOR-PI, Associação de Repórteres Fotográficos (ARFOC-PI), a Federação Nacional de Jornalista (FENAJ),²⁵⁸ Concursos periódicos de Jornalismo, Dia da Imprensa²⁵⁹ – são disseminadoras de sociabilidades que contribuem também para a formação profissional, lutas pela regulamentação da profissão. São fontes que contribuíram para o perfil e escolhas a serem aqui debatidas, porque estas eram as preocupações fundamentais do exercício daqueles profissionais.

Com a Reforma Curricular do Curso de Jornalismo, realizada em 2004, ano em que completa vinte anos de existência, faz-se o balanço sobre a formação do profissional de Jornalismo. Foca como uma de suas maiores preocupações os desafios enfrentados pela capital do Estado onde se concentra o maior número de órgãos de comunicação do Estado. Assim, o “*processo de urbanização*” é destaque para a matriz curricular do Curso de Jornalismo da UFPI quando se refere Estado do Piauí nos seguintes termos:

Na última década, o referido Estado, seguindo tendência verificada em todo Brasil, apresenta acelerado processo de urbanização, obrigando e imprimindo às cidades receptoras a adotar novas dinâmicas no seu(s) contextos(s) e no fluxo de reações, como meio de se adequar à nova configuração

O referido desempenho vincula-se ao fato de, desde de 1980, Teresina ter iniciado um intenso processo de modernização²⁶⁰

Dá-se a entender que essas instituições ao tempo em que contribuem para a formação do jornalista são também parte constituinte de seus olhares sobre a cidade, passando a agregar valores ao acervo de suas práticas e representações.

Com relação a essas instituições, cita-se aqui o *Jornal da Manhã*, no qual um de seus colaboradores, Kenard Krueel, dirigia o *Caderno de Cultura*, em 1980. Seu vínculo resumia-se muito mais às artes do que propriamente ao sindicalismo; a não ser quando de sua passagem como presidente do SINDJOR-PI. Apresenta-se para a década de 1980 como agitador cultural, reunindo em torno de si vários jovens admiradores da literatura. Muitos de caráter contestador,

²⁵⁸ É importante se reconhecer o papel que a FENAJ exerceu entre os jornalistas nas décadas de 1980 e 1990 do século XX. Esta instituição se destacou nos movimentos da sociedade brasileira em prol da redemocratização política do Brasil. O periódico do SINDJOR-PI, RETRANCA, em suas publicações no referido período dá, em parte, o norteamento e mapeamento das preocupações fundamentais dos jornalistas locais, mostrando uma forte sintonia com as demandas nacionais da classe jornalística.

²⁵⁹ JORNAL RETRANCA, Teresina, jun. 1993, s/p.

²⁶⁰ Projeto Pedagógico - Curso de Comunicação Social - Universidade Federal do Piauí - Habilitação em Jornalismo. Teresina, 2005. p. 10.

e reformador. Todos vinham na sua maioria dos contatos de Kruel, em razão de este dirigir a página do supracitado jornal.²⁶¹

5.4.3 Poder público enquanto externalidades

Em razão de todas as tentativas de compreensões até aqui empreendidas, o Quadro 3, a seguir, revela o poder de influência das assessorias de comunicação. Para os governos Hugo Napoleão e da gestão do prefeito Freitas Neto pode-se diagnosticar como as suas assessorias de imprensa atuavam na promoção da gestão pública através de uma publicidade intensa e massiva.

A forte presença do poder das assessorias de imprensa nas redações dos jornais são por demais criticadas nas edições diárias do *Jornal Retranca*. Tais práticas recebiam críticas em eventos da categoria dos jornalistas, daqueles profissionais mais combatentes, gerando um mal-estar entre jornalistas.

Chama a atenção como manchetes e pequenas chamadas de notícias circulam nos três periódicos, dotados às vezes do mesmo conteúdo. Seria uma repetição além do que mostrava a própria literalidade do texto? As denúncias, incômodos e contestações apareciam também nos encontros que se estendiam por todo o território nacional, desde o Encontro Estadual de Jornalistas do Piauí ao monumental Encontro da Federação Nacional dos Jornalistas.

As peças do quebra-cabeças, uma vez montadas, demonstram em seu conjunto como o poder público interfere na confecção e nos rumos de como a cidade é noticiada.

Boanerges Lopes, ao estabelecer critérios de como um jornalista deve elaborar um eficiente release, começa por afirmar:

O release é como a primeira página de um jornal. Ou consegue prender o leitor de imediato ou é deixado de lado, de imediato, quando o concorrente consegue ser mais atraente, tanto pelo visual quanto pelo conteúdo.

Cada jornal de grande porte recebe em média cem textos por dia de empresas dos mais remotos lugares do País. São informações que anunciam a posse de novos secretários, ministros e diretores de estatais ou multinacionais, inauguração de obra de uma prefeitura, shows artísticos, lançamentos de peças e novos filmes, planos econômicos, aumentos diversos, novos projetos mirabolantes e a listagem é interminável.²⁶²

²⁶¹ Kenard Kruel, formado em Letras, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), dirigia a página de *Cultura* do Jornal da Manhã, mas ao longo do tempo, perde o lugar de fala, ou seja, o lugar de construção do capital simbólico, por interesses pessoais.

²⁶² LOPES, Boanerges. **O que é assessoria de imprensa**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 11-12.

Quadro 3 - Pauta comparada

| CONTROLE DA PAUTA JORNALÍSTICA - JORNAIS O DIA, JORNAL DA MANHÃ E O ESTADO | | | |
|---|--|---|---|
| DIA DE CIRCULAÇÃO | O DIA | JORNAL DA MANHÃ | O ESTADO |
| 03 de março 1985 | “HUGO NAPOLEÃO: ‘A SAÚDE COMO UMA DAS PRIORIDADES DO MEU GOVERNO’” ²⁶³ 03 de março de 1985 | “HUGO NAPOLEÃO: ‘A SAÚDE COMO UMA DAS PRIORIDADES DO MEU GOVERNO’” 03 de março de 1985 | |
| 05 de março 1985 | “Uma ‘nova casa do estudante’” ²⁶⁴ s/d de março 1985 | “ESTUDANTES DO PIAUÍ DE CASA NOVA” ²⁶⁵ 05 de março de 1985 | |
| 06 de março 1985 | “Léa Leal recebe hoje título de cidadania” 06 de março de 1985 | | “Presidente da LBA chega ao Piauí para receber título” 06 de março de 1985 |
| 08 de março 1985 | “Freitas Neto autoriza reforma do Estádio L. Monteiro” 08 de março de 1985 | | “Prefeito anuncia restauração do Lindolfo Monteiro” ²⁶⁶ 08 de março de 1985 |
| 13 de março 1985 | | O prefeito Freitas Neto, o aniversariante em destaque. | EM DESTAQUE ²⁶⁷ 08 de março de 1985 |
| 14 março 1985 | PREFEITO INAUGURA MAIS UMA PRAÇA ²⁶⁸ 14 de marca de 1985 | | PREFEITO INAUGUARA UMA PRAÇA 14 de marca de 1985 |
| 14 março 1985 | BATALHA DO JENIPAPO É COMEMORADA 14 de marca de 1985 | BATALHA DO GENIPAPO 13 de março de 1985 | HUGO PARTICIPA DA FESTA DE 162 ANOS DE JENIPAPO 14 de março de 1985 |
| 21 março de 1985 | “FEIRANTES SÃO ISENTOS DE TAXAS” 21 de marca de 1985 | “FREITAS NETO ISENTA 1500 FEIRANTES DA TAXA DE LICENÇA” 21 de marca de 1985 | “FREITAS NETO ANUNCIA FEIRANTE NÃO PAGA TAXA” 21 de março de 1986 |

Fonte: Elaboração do Autor (2016).

²⁶³ As fotografias reproduzidas pelos jornais *O Dia* e *O Estado* são as mesmas, registrando a forte utilização do *press release*, entre as quais a reforma do Hospital Areolino de Abreu na cidade de Teresina.

²⁶⁴ Entregue pelo jornalista e Secretário do Trabalho e Assistência Social Jesus Elias Tajra.

²⁶⁵ Ao fundo da fotografia reproduzida, que ilustra a matéria, uma foto do jornalista Jesus Elias Tajra ao lado do governador Hugo Napoleão. Jesus Tajra mostrou-se atuante no Sindicato dos Jornalistas, participando de gestões do sindicato, principalmente vinculados à antiga geração que começara a atuar na década de 1960. Ata de reunião mostra sua filiação que consta inclusive com carteira de profissional regularmente atualizada.

²⁶⁶ O prefeito aparece ladeado de jornalistas do desporto Teresinense, entre eles Carlos Said com várias passagens pelas gestões do SINDJOR-PI, como presidente interino do sindicato, atuando também no departamento de esporte do Sindicato dos Jornalistas; entusiasta da construção do Estádio de Futebol Albertão na década de 1970; escreve várias crônicas sobre a cidade de Teresina, com especial atenção ao processo civilizador, progressista e de modernização da cidade.

²⁶⁷ Destaca o aniversário do prefeito da cidade Antônio Almendra Freitas Neto.

²⁶⁸ É interessante perceber nesta fotografia como o prefeito se mostra entre populares. A fotografia constrói a imagem de um gestor “ladeado pelo povo”.

Os governos, tanto municipal quanto estadual, exercia influência de forma onipresente as edições diárias dos periódicos que circulavam pela cidade. Roberto John e Zózimo Tavares são críticos à época de tais práticas. Ambos se mostram incomodados com estes tentáculos dos poderes públicos sobre as edições dos jornais que circulam pela cidade.

Anteriormente, neste estudo, comentou-se sobre os concursos jornalísticos como peça sutil de monitoramento das notícias que retratam, falam e produzem as matrizes do que venha a ser a cidade de Teresina, deste modo, vamos além e podemos sustentar: as notícias publicadas diariamente naqueles periódicos se multiplicam, instituindo de forma seletiva parte significativa do imaginário da cidade e das vozes que alimentam conversas e diálogos norteadores dos destinos da urbe.

“Press release” é como se expressam os múltiplos sentidos que se circunscrevem às práticas da assessoria de imprensa, sejam de órgãos públicos ou de grandes grupos econômicos que também se utilizam destes procedimentos para verem suas ideias e produtos ocuparem a cena e os desejos de seus potenciais consumidores.

Essa via de construção da notícia foi revelada ao longo desta pesquisa, como sendo uma ponte de caminhos sinuosos entre o poder e a mídia. Crônicas, charges e cartuns, palestras, seminários, e a própria reconstituição da trajetória da notícia forjada no birô da repartição pública, ou da grande empresa, termina por regular as condições para se estabelecer uma “cidade pautada” entre os jogos da parcialidade dos interesses em jogo.

O exposto evidencia que exercer a profissão de jornalista na cidade de Teresina se constitui *uma luta pela sobrevivência*. Entre manter-se no posto de trabalho do qual depende o jornalista e estar atento a uma vasta lista de clientes que pautam a edição do jornal. Ao observar o *press release*, entende-se o porquê de vários vestígios de sentimentos, ressentimentos, tensões e angústias nas passarelas do periódico *Retranca*. A globalização traz consigo um turbilhão com as marcas de uma sociedade compulsoriamente cingida pela sede de consumo; para uns com este paradigma a notícia se libertaria das teias da política partidária; para outros, a notícia perde o seu encanto, a sua poesia, o sentido de informar com uma solidariedade que se fez perder: a notícia coisificada e de natureza mercantil.

E as escolhas, entre nossos vários atores jornalistas, e aqueles com quem dialogamos, que, fora da nossa arena Teresina, estariam ilesos das injunções do tempo? Os casos de Arimathéa Tito Filho e Gilberto Freire podem ser julgados como intelectuais que se deixariam levar pelo sabor das ondas da História? A nossa escolha temporal, 1950-2000, revela algo mais sobre os intelectuais que tiveram o desafio de estar entre o fogo cruzado dos tempos modernos:

modernidade, moderno e modernização? Estamos hoje livres desses campos de batalha? “Somos quem podemos ser”, como no verso de Humberto Gessinger que ecoava dos acordes e Rock²⁶⁹ das novas gerações dos anos 1980?

5.4.4 Mulheres, cidade e cotidiano – a pluralidade nas novas gerações de jornalistas

A cidade me deu medo
medo de suas luzes, de seu barulho
do mistério que existe
dentro de cada pessoa

me deu medo à janela
e lá fiquei
pra não me aventurar no asfalto
e terminar esquecida entre faróis
(Jornalista – Glória Sandes)²⁷⁰

.....

Se não podemos eliminar todos os sofrimentos, conseguimos, contudo, eliminar alguns e atenuar poucos. O fato é que sempre vale a pena tentar e tentar novamente (Zygmunt Bauman).²⁷¹

As cidades modernas, enunciadas como sinônimo da emancipação e das liberdades, também não se deixam escapar das mudanças que são forças intrínsecas e indissociáveis da modernidade. Esta, desde o início, tem-se revelado inseparável das demandas reprimidas e das transformações urbanas da contemporaneidade.

A produção jornalística de Glória Sandes²⁷² se revela uma oportunidade ímpar de se ver revelados enunciados discursivos da vida cotidiana de cidadã(o)s e de atores individuais, que veem cidade e trabalho a se complementarem de forma impessoal e solidária. Com a poética e

²⁶⁹ Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão / Um dia me disseram que os ventos às vezes erram a direção / E tudo ficou tão claro, um intervalo na escuridão / Uma estrela de brilho raro, um disparo pra um coração / A vida imita o vídeo, garotos inventam um novo inglês / Vivendo num país sedento um momento de embriaguez / Nós somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter / um dia me disseram quem eram os donos da situação / Sem querer eles me deram as chaves que abrem esta prisão / E tudo ficou tão claro, o que era raro ficou comum / Como um dia depois do outro, como um dia, um dia comum / Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão / Um dia me disseram que os ventos, às vezes, erram a direção / Quem ocupa o trono tem culpa / Quem oculta o crime também / Quem duvida da vida tem culpa / Quem evita a dúvida também tem / Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter. Consultar: “Somos quem podemos ser – Warner Chappell). Humberto Gessinger, Acústico (MTV), gravado em agosto de 2004, São Paulo, 2004. Engenheiros do Hawaii.

²⁷⁰ SANDES, Glória. Medo. In: **Para repelir amarras**. Teresina, CPM, 1998. p. 8.

²⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 14.

²⁷² Natural de Teresina, nascida em 7 de outubro de 1947. Poetisa, jornalista, e militante do movimento de mulheres. Foi uma das coordenadoras da “Mostra Arte Comunicação Mulher”. Conselheira da *Revista Carta Cepró*. Publicou poemas nas revistas *Cirandinha*, *Cadernos de Teresina* e *Presença*. Fez parte do livro de Poesia Teresinense Hoje, publicado em 1988.

a crônica jornalística de Glória, a relação família e trabalho não pode se ver dissociada. A distância entre trabalho e vida pessoal se distanciam cada vez mais, o trabalhador se afastando do seu “eu”. A exploração do trabalho, assim, exacerbava-se.

Se uma vez já demonstrado neste trabalho, a influência do jornal empresa na elaboração da notícia, sem esquecer-se de focar os jornalistas na sua organização enquanto profissionais, expressa nos discursos do *Jornal Retranca*, cabe nesse momento ressaltar o papel das mulheres no Jornalismo de Teresina.

Mulher-menina
 aprendendo a ser frágil
 mulher-adolescente
 prisioneira de
 imposição e limites
 de esquemas sociais
 sufocantes
 mulher-adulta
 impedida de ser
 vetada como cidadã
 mulher-idosa
 lições de vida
 (mulher, quedê teu lugar?)²⁷³

Portela, ao citar Giddens, chama a atenção para o fato de “a divisão sexual do trabalho permanecer substancialmente intacta; em casa e no trabalho, na maioria dos contextos das sociedades modernas, os homens em sua maioria não desejam soltar as rédeas do poder”.²⁷⁴ É perceptível a relação direta entre jornalismo e poesia em Sandes. No dia 8 de março, consagrado à mulher, a jornalista torna-se referencial, visto que a sua fala não se restringe ao jornal do Sindicato, mas se faz presente em outros órgãos de comunicação que circulam pela cidade. Veja-se a seguir:

Lembro-me de que há 15 anos, no Brasil (e até em países ditos desenvolvidos), quando se falava em mulher violentada, a ideia generalizada era a de que a mulher facilitava(...), por estar usando roupa curta ou ‘escandalosa’(...), enfim, porque ‘provocou o homem e depois quis se safar’. A vítima passava a ser réu²⁷⁵.

As jornalistas que trafegam na grande imprensa local, ao mesmo tempo, escrevem e são motivos de matérias publicadas no jornal do sindicato – o *Retranca*.

²⁷³ SANDES, op. cit., 1998, p. 17.

²⁷⁴ PORTELA, Cristiane. Mulher na mídia: a construção da identidade feminina na revista Veja. Teresina: Edufpi, 2016. p. 67.

²⁷⁵ SANDES, Glória. Mudamos sim! **Retranca**, Teresina, mar. 2000, p. 12.

Passada a década de 1980, e iniciado o novo decênio, as jornalistas Tereza Val²⁷⁶ e Glória Sandes marcam presença que merece reflexão. A primeira, por presidir o SINDJOR-PI por dois mandatos como presidente do Sindicato, algo até então não alcançado por nenhuma mulher desde a fundação da Entidade em 1959. A segunda, por sua atuação nas lutas sociais da cidade, entre as quais o Movimento de Ação Popular da Mulher. Há de se ressaltar a sua veia poética, que viu na literatura um instrumento de promover as liberdades femininas. Atuou ainda em jornais, como O Estado, notabilizando-se através do caderno de cultura, “Estado Interessante”. A sua poesia é crível de revelar o cotidiano das mulheres jornalistas em Teresina, expondo os seus encantos pelas conquistas, às vezes desencantos pelos revezes nos campos de batalhas. A cidade vai se revelando, pulsando e se recriando entre seus registros poéticos e jornalísticos.

5.4.5 Mulheres jornalistas: novo tema ou novas atrizes?

Vê-se configurar um cenário contraditório e complexo de se compreender. Entre os novos temas na imprensa de final de século, surge a luta pelas “conquistas e direitos das mulheres”. A década de 1990 é tomada nas páginas de jornais por uma pluralidade avassaladora de novas temáticas, entendidas como aquelas que davam sentido aos novos tempos do jornalismo em findar de século (XX).

A gestão Teresa Val (1993 – 1996 / 2000 – 2003) traz novos eixos das linhas discursivas enunciadas pelo jornal da categoria: Terceirização no processo produtivo; Avanços da informática;²⁷⁷ Meio Ambiente;²⁷⁸ Direitos dos Povos Indígenas; Minorias Raciais; Reforma Agrária; Reforma dos Solos Urbanos; Democratização de Acesso aos meios de comunicação; Defesa dos Conselhos Comunitários e Direitos das Mulheres.²⁷⁹ Estes direitos vêm coroar aquilo que foi historicamente defendido por jornalistas da década anterior. Quanto às conquistas, uma vez consagradas com a constituição de 1988, a imprensa tinha o desafio de entendê-los e divulgá-los sob novo olhar, surgia assim, uma “nova cidade”. Teresina passa a ser espaço privilegiado da aplicabilidade ou não daquelas conquistas da modernidade.

²⁷⁶ Natural de Buriti dos Lopes. Aos 16 anos foi estudar no Rio de Janeiro, onde cursou Comunicação Social. Trabalhou na TV Clube, Árvore e Propaganda, TV Piauí e Revista Conexão. Presidiu por duas vezes o Sindicato dos Jornalistas.

²⁷⁷ Ser Digital. Um novo desafio para o jornalismo. Teresina, **Retranca**, abr. 2000, p. 6.

²⁷⁸ Arrastão destrói fauna marinha no Litoral. Teresina, **Retranca**, jul. 2001, p. 9.

²⁷⁹ Pela diversidade cultural do planeta. Teresina, **Retranca**, abr. 2000, p. 10.

Quiçá há de se distinguir os novos temas que se tornaram exponenciais na imprensa, pois, mantidas as diferenças, o nosso foco neste momento, persiste em dar abordagem especial, dentre esses a temática mulher jornalista, sem perder o fio condutor da cotidianidade.

Percebe-se, então, que as profissionais da notícia atuam em frentes de combates as mais diversas. O que caracterizaria uma jornalista atualizada? Exige-se ter domínio das novas tendências da cidade, como: as poluições dos rios Parnaíba e Poti, das mulheres vítimas da violência doméstica,²⁸⁰ das reivindicações das associações de moradores de bairros da periferia, e sensibilidade para denunciar abusos contra as minorias cidadinas. Mas em redor das questões de ordem, como as de condições de trabalho, vêm a se estabelecer os novos conceitos de administração empresarial, discutidas intensamente entre jornalistas.

5.4.6 Eficácia, terceirização e maximização dos lucros

A prática da terceirização de serviços é comum hoje no mercado econômico brasileiro. Cada vez mais as empresas dos diversos ramos estão adotando esse sistema como forma de economizar dinheiro e ganhar tempo, agilidade e qualidade nos serviços oferecidos ao público consumidor.

Com os meios de comunicação não é diferente. Essa nova visão de mercado vem conquistando também empresários da mídia, sobretudo dos meios eletrônicos como rádio e televisão.²⁸¹

O artigo de o *Retranca* oferece esta epígrafe acima que sintetiza os ideais de uma imprensa moderna nos moldes produtivos já implementados por outras empresas jornalísticas, inclusive o jornalismo impresso. No entanto, se os possíveis lucros deixavam empresas e padrões animados com os rumos da modernização dos jornais locais, o mesmo não se pode afirmar sobre os assalariados da notícia. A jornalista Cláudia Brandão, assim se manifesta em relação ao assunto, conforme o *Retranca*: “Ela disse que terceirizar é mais uma perspectiva de trabalho para o profissional de comunicação, contudo, do ponto de vista empresarial, não vê a prática com bons olhos”.²⁸²

O que seria este olhar da jornalista, restritivo à prática da terceirização? Segundo a jornalista, havia o risco da perda de controle editorial, ou seja, como se detectar e pôr em prática um viés jornalístico em que a notícia está submetida a uma subdivisão do seu processo

²⁸⁰ A jornalista Glória Sandes destacou-se como feminista à frente do Centro Popular da Mulher. O dia 8 de março, dia dedicado à mulher, a jornalista tradicionalmente invertia os papéis, pois os periódicos de Teresina procuravam-na como militante e memória da luta contra a violência à mulher. Sandes constituiu-se como articuladora e reivindicadora pela criação da Delegacia da Mulher em Teresina.

²⁸¹ Terceirização da mídia em debate. Teresina, **Retranca**, abr. 2000, p. 3.

²⁸² Id. *ibid.*

produtivo? Daí, não se têm dúvida, a notícia está diagnosticada como mercadoria. Como ficaria o controle da ética no Jornalismo? Essa descentralização seria no mínimo muito preocupante.

Na mesma matéria, analisada acima, o jornalista Amadeus Campos demonstra uma “flexibilidade” maior no seu olhar:

‘Quem terceiriza tem mais condição e agilidade para produzir programas’, afirmou o diretor de jornalismo da TV Cidade Verde, Amadeus Campos, salientando que a tendência é surgirem cada vez mais produções independentes. Quanto às vantagens e desvantagens dessa prática, ele acha que só o tempo dirá.²⁸³

Por sua vez, o jornalista Val Moraes manifesta-se preocupado com outra questão: a falta de controle sobre o exercício da profissão, visto que a apreensão de Moraes recai sobre o fato de as empresas terceirizadas poderem driblar o código de ética, bem como a lei de regulação profissional dos jornalistas.²⁸⁴

A concorrência do mercado de vendas passa a ocupar objeto de especial atenção da empresa jornalística. Vender significa baratear custos que envolvia encolher salários e diminuir quadro de pessoal.

A década de 1990, mesmo com toda inovação tecnológica, pois novos trabalhadores do Jornalismo deveriam assumir novos postos de trabalhos que demandavam novas técnicas e novas habilidades, não deixava de se constituir como peça dos novos discursos no campo administrativo, que quanto menos gastar, menos riscos para a empresa. Eis a questão, implementa-se uma política de educação continuada, por reaproveitamento de quadros dos jornalistas já empregados, ou contrata-se a mão de obra já pronta e qualificada?

Somando-se a esta eficácia e agilidade nos processos de mudanças, havia ainda o medo da supressão da mão de obra humana em substituição pelo computador, técnica esta em franca e avassaladora ascensão no final do século XX. Uma análise das charges e cartuns do jornalista Paulo Moura podem ser objeto de estudo e análise para uma história a partir de fontes, como gravuras e imagens. Este trabalho ousa através desta iconografia expressar os tipos de resistências, lutas e formas de sobrevivências dos jornalistas.

Em 1996, com base na matéria publicada em o *Retranca*, pôde-se deduzir em que condições de trabalho se encontram as mulheres jornalistas em nível local. Há uma dificuldade em diagnosticar como se encontram estatisticamente. Mas juntando-se as peças, como num jogo de xadrez, pode-se sinalizar que as condições não eram tão favoráveis.

²⁸³ Terceirização da mídia em debate. Teresina, **Retranca**, abr. 2000, p. 3.

²⁸⁴ Uma prática ilegal. Teresina, **Retranca**, abr. 2000, p. 3.

Pesquisa do DIEESE, publicada em (1996) demonstra a seguinte situação: existiam no País 27.012 jornalistas; os homens ocupando 69,17%(18.685) do total, enquanto as mulheres ocupavam 30,38%(8.327); São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais detinham 49,99% do total de jornalistas sindicalizados no país.²⁸⁵

Um importante dado para esta pesquisa pode ser revelado nos dados do DIEESE. Na década de noventa as empresas privadas de assessorias de imprensa passam a influir nos índices de empregabilidade e de satisfação ou não na classe jornalística.

Entre 1993-1996, ao se avaliar os números de admissões e demissões, as empresas privadas de assessoria de imprensa geraram 1925 vagas de trabalho. Naquele triênio a cifra em demissões atingiu 27.548 jornalistas, enquanto as admissões estacionaram nos 25.623.

Em entrevista, a esta pesquisa, o presidente do SINDJOR-PI, Olímpio Castro, faz críticas a este tipo de assessoria de imprensa. A mão de obra por elas admitidas é subvalorizada, muitas vezes se constituindo em mecanismo de precarização da força de trabalho dos jornalistas. Por exemplo, um único assessor de imprensa de um órgão público (ex.: secretarias de Comunicação de Governo, entre outras secretarias setorializadas) dispõem de um único assessor de imprensa. Este, na maioria das vezes, exercendo cargo comissionado, desempenha papel de contratar empresas privadas de assessoria para elaborarem a publicidade das realizações de governos.²⁸⁶ O mercado de notícias, na década de 1990 dá claros sinais que o identificam apto a tornar-se cada vez mais mercantilizado sob condições de concorrências precárias.

Nelson Kengo Sato (DIEESE) conclui, em matéria publicada por o *Retranca*, em respeito a estas terceirizadas, que “as novas empresas rebaixam seus orçamentos ao máximo, para conquistar clientela e concorrer com as empresas de maior tradição no mercado. Mas esta estratégia de dumping não dá certo muito tempo”.²⁸⁷

Este quadro de exploração fica claramente comprovado. Para a mulher vai se revelar duplicado em razão de uma jornada dupla de trabalho, pois além de trabalhar na empresa, sob um regime de trabalho pressionado pela concorrência e maximização dos lucros, pode-se detectar como as reações são configuradas na cotidianidade das mulheres jornalistas. Glória Sandes revela, na sua produção poética e literária, o seu inconformismo e indignação com a

²⁸⁵ Onde estão os jornalistas brasileiros? Teresina, **Retranca**, ago. 1996, p. 15.

²⁸⁶ José Olímpio de Castro. Teresina, Depoimento concedido em 26 jan. 2017 (09:30 às 10:20 h), local Sede do SINDJOR-PI, Teresina.

²⁸⁷ Onde estão os jornalistas brasileiros? Teresina, **Retranca**, agosto de 1996, p. 15.

condição de trabalho e da vida doméstica que sobrecarrega a mulher, por vezes retratando a situação no limite do desespero.

Dados estatísticos locais precisam ser melhor levantados, no entanto números do *Retranca* dão conta da existência das práticas acima relatadas:

O número de jornalistas desempregados aumentou muito nos últimos dois anos. Em Teresina levantamento feito pelo SINDJOR, mostra que apenas 196 profissionais estão no batente, sendo que desse total 70 atuam em assessoria de comunicação, na iniciativa privada e no setor público. A grande maioria está desempregada.²⁸⁸

Esta situação é reproduzida na vida cotidiana, a ponto de o jornal realizar campanha sistemática de como deve(ria) ser o dia a dia do jornalista, para se obter hábitos cotidianos que venham a refletir positivamente em qualidade de vida:

7h – acordar, tomar café da manhã com calma;
 7:30h – examinar as principais manchetes de pelo menos um jornal;
 8h – sair para o trabalho normalmente;
 12h – almoçar tranquilamente;
 14h – voltar e seguir com naturalidade até o final da tarde;
 18h – escolher um lazer ou mesmo voltar para casa são e salvo;
 Aí está o dia que poucos jornalistas conseguem ter. Talvez nenhum.²⁸⁹

A matéria educativa e de alerta vista logo acima traz situações facilmente comprovadas nas páginas de o *Retranca*. Os congressos estaduais de Jornalismo denunciam tal situação. A poesia de Sandes pode contribuir para que tal quadro de exploração possa ser construído historicamente, com um detalhe, mostrando-se com mais intensidade entre mulheres jornalistas.

Há denúncias de que jovens entram na profissão acreditando que a vida será muito emocionante, movimentada e sem rotina. Visualiza-se assim que os jornalistas sentem que o corre-corre diário faz parte do Jornalismo, muito mais do que de outras profissões. Quanto a este cotidiano, ele está marcado pelo corre-corre. Comenta-se ainda:

Com ele, entretanto, vêm os problemas de saúde que, invariavelmente, nos atingem. Você nem percebeu que aquela dor nas costas no final da tarde pode ter piorado? Que a sua mão dói quando movimentada o “mouse”? Que deve parar com o cafezinho e o cigarro por causa de um início de gastrite?²⁹⁰

²⁸⁸ O fantasma do desemprego. Teresina, **Retranca**, jun. 2004, p. 12.

²⁸⁹ Saúde, jornalista!!! Todo cuidado é pouco. Teresina, **Retranca**, jul. 1999, p. 5.

²⁹⁰ Id. *ibid.*

O periódico continua alertando que perguntas não devem ser evitadas, de como está a saúde do jornalista no cotidiano, por exemplo. Afirma que são muitas as perguntas que os profissionais evitam. E nem por isso deixa-se de sofrer as consequências do exercício profissional. Justamente pensando nessa situação é que o artigo elabora aquela cartilha com apoio da Escola de Jornalismo da FENAJ. Registram-se, assim, as preocupações pertinentes ao dia a dia de trabalho com práticas – muitas vezes negativas – no conjunto de suas vidas, nas relações comuns que vitimam o profissional. Há, inclusive, dicas para que se percebam os sintomas. O *Retranca* nesta matéria aconselha ao jornalista a exigir mudanças no seu local de trabalho, e conclui: Saúde, jornalista!

Como alerta Agner Heller, não há situação do cotidiano que não afete o homem e a mulher no seu mundo universal e do genérico. Neste sentido, a vida cotidiana na cidade é como uma teia de relações imbricadas, em que não há como se dissociar as práticas coletivas do indivíduo, trata-se de um encadeamento de várias constelações de significados entrelaçadas. A cidade de Teresina não pode ser vista e analisada desvincilhada dessa cadeia de conexões, onde se deve levar em conta um ator privilegiado, inventor das imagens que alimentam a cidade por meio de suas pautas.

5.4.7 As mulheres entre as tiranias do tempo: indignações arrebatadas em casa, no trabalho e na cidade

Vou fazer piquete lá em casa
 não deixo ninguém entrar
 educação, saúde, higiene
 saneamento
 nada vai funcionar
 o lixo vai-se acumular
 os deveres das crianças
 vão-se empilhar
 ninguém vai tomar
 neosaldina
 os enxaquecados vão
 ficar putos
 mas não abro mão
 não abro mesmo

Vou fazer piquete lá em casa
 e ninguém entra
 só se negociar
 só se atender
 minha pauta de
 reivindicações
 só se me amar
 se me respeitar
 se me compreender

só se me derem trégua
só se me derem sossego

só se juntarem os pedacinhos
do meu coração
só se me olharem como gente
só se me enxergarem como cidadã.²⁹¹

Para os protagonistas de desejos saciados, visto que a “cidade Metr pole” aos seus olhos se concretizara, a cidade que havia sido construída nos anos 1970, obras realizadas e decantadas como símbolos da cidade moderna, espalhou-se um adágio popular “com Alberto Silva Teresina entrou para o mapa”.²⁹² Sem dar descontos para às várias obras inacabadas, estas se constituem em muni o para opositores do ex-governador. Já aqueles afetados por aquela onda da moderniza o verticalizada e autoritária manifestam-se, estrategicamente, com um contradiscurso, com dispositivos alternativos no viés da política tradicional; outras armas são acionadas, entre elas a literatura.

Estudos mais recentes sobre a evolu o urbana de Teresina não deixam dúvida das consequências, também negativas, que foram e continuam sendo tão monumentais, quanto às dimensões que ficaram simbolizadas da moderniza o imposta a cidade na segunda metade do século XX.

Com as discussões realizadas nos capítulos I e III desta pesquisa, dispensa-se maior detalhamento sobre os rumos e as consequências para a cidade em decorrência da expansão de sua malha urbana. Esta literatura   denunciante de ausência de planejamento urbano. Ademais, Teresina passou a apresentar níveis tit nicos na carência de equipamentos urbanos, necessários ao atendimento dos imigrantes advindos pelo chamamento da cidade ímã “modernizada”, representada na imagética da “Cidade Metr pole e Progressista”.

Enquanto Lima, em *As Multifaces da Pobreza: formas de vida e representa es dos pobres urbanos em Teresina*,²⁹³ registra e analisa, para os anos 1990, os problemas graves resultantes daquele processo de crescimento desorganizado, seguiremos nossos estudos, mantendo um recorte mais restrito, construindo as práticas e representa es das mulheres jornalistas que tinham o desafio de sobreviver em uma cidade que um dia sonhou obter graus de civilidade e de modernidade antecipada.

Assinale-se que Teresina, na justificativa de seu retardamento capitalista na visão de certos setores de suas elites, se nos apresenta com um olhar pautado na “ideia-força” de

²⁹¹ SANDES, op. cit., 1998, p. 14.

²⁹² Esta afirma o se manifesta entre populares nos últimos quarenta anos no imaginário social e política da cidade.

²⁹³ LIMA, A. J. de, op. cit., 2003.

civilização, ancorada e estereotipada em visão de cidade industrial. Ao mesmo tempo, ergue-se atrativa e fetichizada na sua arquitetura urbana, à imagem e semelhança de outros grandes centros urbanos modernos do Brasil, uma cidade ao revés, começada por um encontro em primazia com o concreto de cimento armado. Deixa em segundo plano “cidadãos” que poderiam desfrutar a sombra de suas colunas em concreto armado, um sombreamento em plano oblíquo e dependente das forças “indomáveis da natureza”. Teresina herda os mesmos graves problemas engendrados e advindos em parte daquele modelo de modernização autoritária.

A distância, o piquete, arraigados na poesia da líder feminista Glória Sandes entre outros versos, encontra-se uma relação metafórica; mas aquelas imagens têm fonte certa: a cidade “selvática”, a cidade dos protestos, a cidade estressante onde se vê acender o aumento das drogas oficiais (remédios).

Se naquela produção poética da cidade se revela o tenso e o sombrio, por outro lado, Glória Sandes sinaliza com uma outra possibilidade, a cidade liberta e sensual, expressa na autonomia das individualidades mais reprimidas: a da mulher. Observe-se:

Nada sei sobre o poema
 só sei que brota
 que vem, que flui
 que torna meus gestos
 mais fortes
 minha voz mais viva
 nada mais sei sobre o poema
 só sei que ele flui
 com meus pensamentos
 consumindo a noite
 e clareando o dia
 não me pergunte mais
 sobre o poema
 só sei que no encanto do poema
 me entrego e me encontro²⁹⁴

²⁹⁴ SANDES, op. cit., 1998, p. 5.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornalistas piauienses reclamam muito dos baixos salários e das condições de trabalho e costumam responsabilizar o Sindicato por essa situação, mas não participam das atividades sindicais, das assembleias, das mesas de negociação do acordo coletivo, enfim, não encaram a luta para mudar esse quadro, como aconteceu em 1992 (Pires de Saboia, 2015).

As décadas de 1970 e 1980 dão margem a pautas jornalísticas que focaram massivamente os contornos modernizadores da cidade de Teresina, em que o jogo dos contrários configura-se em torno das próprias transformações pelas quais passava a cidade. Enquanto um grupo se posicionava em oposição à superação de alguns hábitos que tornavam a cidade pitoresca, romântica e acolhedora, outros se deixavam levar pela onda avassaladora do progresso e da modernização. Mas há de se ressaltar que, por traz desses embates, existiam os interesses dos clichês jornalísticos que primavam pela geração de polêmicas na distribuição da pauta, esta distribuída de forma estratégica e pensada na diagramação dos jornais. Romancine, Abreu e Kucinski (1991), na obra *Jornalistas e revolucionários*, não deixam margem de dúvida quanto a essas práticas vivenciadas nas redações, distribuição de matéria e diagramação dos jornais.

Arimathéa Tito e José de Abreu já dão como certas a profissionalização e maior qualidade do produto final – o jornal, na cidade de Teresina, no final da década de 1960 e início da década de 1970. Zózimo Tavares (2015), quando militante da imprensa alternativa, ainda estudante na sua Terra natal, Água Branca, confessa-se leitor assíduo da Revista *O Cruzeiro* e do *Jornal do Brasil*. Afirma também haver recebido influência do metiê desses periódicos. Ressalte-se ainda que, em 1959, a antiga Associação de Jornalistas do Piauí, presidida vários anos por A. Tito Filho, dissolve-se e é transformada em Sindicato dos Jornalistas do Piauí. Os anos de sua existência para os anos que se seguem após a implantação do golpe civil-militar se restringem aos hábitos de viés burocrático, mudando esta postura apenas na década de 1980.

A década de 1990 projeta para o leitor uma possível democratização, levando em conta a pluralização da pauta, bem como da diagramação; no entanto, isto pode se converter numa aparente abertura para os mais variados temas que, em tese, valorizariam os interesses da maioria social. Mas há tamanha ampliação de temas, que pauta pode se transformar em “problemas sociais e da cidade em migalhas” em que a fragmentação pode levar a uma dissolução de outros problemas relevantes da cidade que poderiam estar na pauta do dia.

Os jornais, seguindo o modelo da imprensa americana, em abandono ao antigo modelo francês, tornam-se empresas. O foco “jornal opinião” é deixado e alçado ao panteão do noticiário e dá lugar ao “jornal informativo”. Esta mudança implicava outras, em geral, da postura do jornalista, da redação, e, por conseguinte, o seu objeto de análise, no nosso caso a cidade. A notícia passa a andar como irmã siamesa da publicidade e do mercado, aos quais está submetida e destinada.

Não obstante a suposta pluralização da pauta diária, dos cadernos de editorias, de jornalistas especializados em investigação, meio ambiente, automobilismo, culinária, saúde etc., agregados ao jornal, além das já tradicionais folhas de economia, política e crimes, este feito das décadas de 1960 e de 1970 talvez não tenha democratizado a imprensa. Tudo pode não passar de uma aparente liberdade de imprensa, em que se confunde múltiplo com democracia.

Ao longo deste trabalho, observa-se que a década de 1990 consolida-se como o momento do jornalismo transformado em empresa. O jornalista torna-se definitivamente um assalariado dependente do mercado de trabalho. O jornal que chega às bancas tem custos que devem ser compensados com a sua comercialização.

Tudo isso traz implicações: quem publica quer que seu produto seja visto; quem escreve flutua sobre as ondas oscilatórias do mercado de trabalho; quem investe quer retorno. Embora se vejam inúmeras formas de abordagens e temas os mais variados, inclusive ampliando-se o número de reportagem em torno de matérias como a exclusão social, a diagramação surge como tática de venda, espaço calculado em valores monetários.

Os jornais passam a contar com departamentos exclusivos de venda, publicidade e marketing. No caso de Teresina, a imprensa se faz dependente do poder público. Como bem definiram Zózimo e Roberto John, com a famosa cota governamental. Deste modo, os jornais são marcados massivamente por noticiários econômicos, comerciais e políticos.

Por isso, tratar da cidade em momentos dos ventos fortes do milagre econômico brasileiro (1969-1973), da cidade na abertura democrática (1979-1988/89) e da cidade em era da globalização (1990-2000) é estar sintonizado com uma empiria documental, em que a cidade se inscreve econômica, política e mercadologicamente, tudo isso crível da crítica que se fizer necessária (ROLNICK, 1988).

A geração com os pés sob a década de 1950 ocupa espaços nas calçadas e bancos de praças, parte deste cotidiano das relações próximas para uma cidade que se traduzia utópica: uma cidade grande a perder-se de vista, como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Já a ocupação

das praças nos anos 1980 partia de uma cidade que se havia perdido, se dissolvido, numa paisagem sem fim. Teresina entra em crise com seus atores jornalistas. Ramsés Ramos e Kenard Krueel veem na ocupação dos espaços perdidos a possibilidade de se reinventar uma cidade em que o “eu” não seja dissociado de um diálogo com as possíveis constelações de significados que a rodeiam. Não se trata de se reconstituir uma Teresina provinciana, mas de humanizá-la reservando à arte um papel a se destacar.

Para nós, entre 1980 e 1992, com os movimentos culturais que invadiam a cidade de Teresina, configura-se uma cidade com índices de indignação, em tempos possíveis de registros da história da cidade.

No entanto, na década de 1980, atores da cidade se dão o direito de ocupá-la e reinventá-la. Acreditava-se na mobilização, nas lutas e na materialização dos sonhos almejados, mesmo não sendo realizados em sua plenitude. Já são muitos os registros dos movimentos sociais que aplacaram a cidade em busca de melhorias sanitárias entre outros equipamentos urbanos. Na década de 1980, chega-se a extrapolar o tão só desejado consumo compulsório, percebe-se um viés de sonhos de uma cidadania cultura e/ou cidadania política, esta é uma especificidade dos anos 1980, em que a movimentação jornalística registrada no *Retranca* demonstra claramente tais atitudes. Mesmo com toda a força da globalização econômico/financeira que sinalizava terem chegado as políticas do governo Fernando Henrique Cardoso, os desejos dos jornalistas dos anos 1980 se mostravam ainda embebidos de algo que não se restringia, ou se definia cidadania definida pelos níveis de consumo. O período das lutas pela redemocratização animou não só o campo da política, mas outros desejos.

A cidade mostra-se claramente polifônica, os jornalistas seguiam certos acordes, versos e vozes que se tornaram comuns a todas as canções reivindicatórias: “a luta por direito a ter direitos”. O leque das reivindicações era plural, abria-se ao diverso. Neste, incluíam-se cultura, lazer e pão – canção que se generalizava entre grupos os mais variados entre os quais os jornalistas.

Saboia e Olímpio não sinalizam em seus desencantos o pano de fundo das outras motivações que animaram as greves passadas, pois não se tratava só de ir ao sindicato, ou lutar por salários. A geração de 1980 monta um cenário “complexo” de instigação à luta, com criatividade, humor e arte.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ABREU, I. G. de. O crescimento da zona leste de Teresina – um caso de segregação? 1983. Dissertação (Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.
- AFONSO, A. & FEITOSA, N. **Documentação da Arquitetura: Teresina 160 anos**. Teresina, EDUFPI, 2013.
- _____. **Documentos de arquitetura moderna**. Teresina: Halley, 2010.
- ALBUQUERQUE JR. D. M. de. História: a arte de inventar o passado. In: **Caderno de História**. Natal: UFRN, v. 2, n. 1, 1995.
- ALMEIDA, J. D. de. **Resistência e rebeldia em busca da cidadania: 15 anos de DCE livre na UFPI**. Teresina: EDUFPI, 1995.
- ALVES, M. H. M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ARAÚJO, M. M. B. de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.
- BANDEIRA, W. J. O Piauí e a divisão regional do trabalho no Brasil. **Carta Ceipro**, Teresina, v. 9, n. 1, p. 31-50, jun./dez. 1983.
- BANDEIRA, W. J. (Coord.). **Análise do processo de urbanização no Piauí**. Teresina: CEPRO, 1985.
- BARREIROS, E.; SÓ, P. **O ano em que o Brasil recomeçou**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

BRANDIM, A. C. M. de S. **Fragmentos, restos e paisagens**: uma análise entre lugar e memória em Teresina. Fortaleza: UFC, 2005. p. 241-249.

BRESCIANNI, S.; NAXARA, M. (Org.). **Memória (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: UNICAMP, 2001.

_____. História e historiografia das cidades. In: **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 237-258.

BURKE, P. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UEP, 1992.

CALVINO, Í. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 12. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, J. M. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra. 6. ed. 1999.

_____. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3. ed. 1983.

CASTELO BRANCO, E. de A. **Tristeresina**: um lugar triste e lindo, capaz de nos ensinar que as cidades existem em sua forma invisível. Fortaleza: UFC, 2005.p. 162-174.

CASTELO BRANCO, E. de A. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CASTRO, J. O. L. de. **Wall Ferraz**: a trajetória do mito. Teresina: Aliança, 2009.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 2. ed. Petrópolis (RJ): 2. ed. Vozes, 1990.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril - cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- CHAVES, M. **Teresina: subsídios para a história do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- CHAVES, P. **O homem e o jornalista: José Jornal Vieira do Piauí Chaves**. Teresina: Copyright by Paulo Chaves, 2013.
- CRISTIANE, P. **Mulher na mídia: a construção da identidade feminina na Revista Veja**. Teresina: EDUFPI, 2016.
- CURADO, O. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DELEUZE, G. Caráter secundário da memória. In: **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1987.
- DIAS, C. C. **Piauí: obras que desafiam**. Teresina: Nova Expansão, 2012.
- _____. **Obras que desafiam**. Teresina. 1. ed. 2011.
- _____. **Piauí projetos estruturantes**. Teresina: Nova Expansão, 2006.
- _____. **Piauí: projetos estruturantes**. Teresina: Alínea, 2006.
- ELISEO, V. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix / USP, 1980.
- FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da sociedade**. 1998. Dissertação (Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, 1988.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2016.
- FENELON, D. R. (Org.). **Cidades: pesquisas em história**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- FERREIRA, J.; REIS, D. A. **Revolução e democracia (1964...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FERREIRA, M. de M. **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.1-13.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 2005.
- FIGUEIREDO, A. C. C. M. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- FONTENELLE, S. **DCE livre 30 anos**. Teresina: Fundação Quixote / Coordenadoria de Comunicação do Governo do Estado do Piauí (CCOM), 2009.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

- _____. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Teatro filosófico: Nietzsche, Freud e Marx**. São Paulo: Princípio, 1990.
- GARCIA, J. R. **Imagens da cidade verde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2000.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOMES, A. L. Z.; 1963. **Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild / Oboré, 2007.
- _____. **Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas**. São Paulo: OBORÉ, 2007.
- GOMES, J. A. G. **Teresina ontem e hoje**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992.
- GONÇALVES, W. C. **Teresina - pesquisas históricas**. Teresina: G. & E. Júnior, 1991.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF, 2002.
- HALL, P. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no séc. XX**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARDMAN, F. F. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Schwarcz, 1988.
- HARVEY, D. O pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano. In: **Condição pós-moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IBIAPINA, F. **Palha de Arroz**. 4. ed. Teresina: Corisco, 2011.
- INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Os múltiplos territórios do discurso**. Porto Alegre: Sagra, 1999.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo perdido**. São Paulo: Ática, 1996.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia /SP: Ateliê, 2002.
- KRUEL, K. **Escritos insurgentes: Eurípedes de Aguiar**. Teresina: Zodíaco, 2011.
- _____. **Torquato Neto ou a carne seca é servida**. Teresina: Zodíaco, 2008.
- _____. **Djalma Veloso: o político e a sua época**. Teresina: Zodíaco, 2006.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scrita, 1991.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **História e memória**. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LEI 972/69. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/dele972.htm>. Casa Civil, Presidência da República.

LIMA, A. J. de. **As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos**. Teresina: Halley, 2003.

LIMA, N. C. **Relações de poder e práticas jornalísticas em “O Dia”, a cidade e jornal do Piauí (1951 a 1954)**. Tese de Doutorado (História) – Universidade do Rio dos Sinos. São Leopoldo (RS), 2014.

LIMA, R.; FERNANDES, R. C. **O imaginário da cidade**. Brasília: UNB, 2000.

LOPES, B. **O que é assessoria de imprensa**. São Paulo: Brasiliense, [19??].

LOSNAK, C. J. **Polifonia urbana: imagens e representações – Bauru 1950-1980**. São Paulo: EDUSC, 2004.

MEDEIROS, A. J. **1968 uma geração contra a ditadura**. Teresina: Quimera/Instituto presente, 2014.

_____. **Ideias práticas da cidadania**. Teresina: CERMO, 2002.

MELO, J. M. de. **Transformações do jornalismo brasileiro ética e técnica**. São Paulo: INTERCOM, 1994.

MELO, V. A. de. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MENESES, R. S. de. **Teresina vista do Céu**. Teresina: Robert Meneses, 2009.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTEIRO, O. **Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos**. Fortaleza: Ioci, 1987.

MOURA, F. M. de. **Os estigmas**. Teresina: Cirandinhas, 2014.

MUNFORD, L. **A cidade na história**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, F. A. do. **Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214. 2007.

_____. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Halley, 2002.

_____. Em busca de uma cidade perdida. **História Oral**, São Paulo: v. 5, p. 171-172, jun. 2002.

NASCIMENTO, E. P. & BARREIRA, I. A. F. **Brasil urbano**: cenários da ordem e da desordem. Rio de Janeiro: Notrya; Fortaleza, CE: SUDENE / Universidade Federal do Ceará, 1993.

NAXARA, M.; BRESCIANI, M. S. **Memória e (res) sentimento – indagações sobre uma questão sensível**. Campinas SP: Unicamp, 2001.

NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu & A educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NORMAN, F. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: UnB, 2016,

NUNES, O. A mudança da capital-Teresina e seu desenvolvimento no império. In: **Pesquisas para a história do Piauí**. 2. ed. vol. IV. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

_____. **Súmula de história do Piauí**. Teresina: Cultura, 1963.

OLGA, C. **A notícia na TV**: O dia a dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

OLIVEIRA, M. **Contra a foice e o Martelo**: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969 – uma análise do jornal “O DIA”. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

PARRY, R. **A ascensão da mídia**: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PERFIL DE TERESINA: **Econômico, social, físico e demográfico**. Raimundo Leôncio Ferraz Fortes, Coord. Teresina: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo – SEMDEC. 2010.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris. 2. ed. Rio de Janeiro: Porto Alegre [s. n.], 2002.

POLLACK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas e Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. **A importância da borracha de maníoba na economia do Piauí (1900-1920)**. Teresina: UFPI, 1994.

RAMINELLI, R. História Urbana. In: CARDOSO, F. & VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios da história e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RÊGO, A. R. **Imprensa**: perfis e contextos. São Paulo: All Print, 2012.

REZENDE, A. P. **O Recife**: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

_____. As trilhas do labirinto. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH / Humanitas, 2000. v. 20.

ROGER, C. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

ROLNIK, R. 1. ed. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROMANCINE, R. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SAID, G. F. **Mídia, poder e história na era pós-moderna**. Teresina: EDUFPI, 1998.

SANTANA, R. M. de. **Evolução histórica da economia piauiense**. Teresina: Cultura, 1964.

SANTOS, José Lopes dos. **A vida e seus caminhos**. Teresina: Autor, 2004.

_____. **Templos católicos de Teresina**: Reportagem comemorativa do 140º aniversário de Teresina. Teresina: Fundação cultural Monsenhor Chaves, 1992.

_____. **Política e políticos**. Teresina: Ed. do Autor, 1986.

_____. **Perfil dos municípios**: Piauí - 1977/1978. Teresina: Segol, 1977.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, A. Imaginários urbanos. In: SAFATLER, T. E. **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

SINGER, P. A. **Economia política da urbanização**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A crise do “milagre”**: interpretação crítica da economia brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SINOPSE ESTATÍSTICA DO PIAUÍ. Ministério do Planejamento e Coordenação Geral Fundação IBGE. Rio de Janeiro: GB Brasil. 1970.

SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SUSSEKIND, F. **Cinematógrafo de Letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TAVARES, Z. **100 fatos do Piauí no século 20**. 3. ed. Teresina, 2001.

_____. **Aprendiz de feiticeiro**: de como o PT chegou ao Governo do Piauí e, uma vez poder, meteu os pés pelas mãos. Teresina: Bienal, 2013.

_____. **Pra seu governo**. Teresina: G. Ed. Júnior, 1991.

TELES, E.; SAFARLE, V. **O que resta da ditadura**: exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

TITO FILHO, A. **Sermões aos peixes**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

_____. **Crônica da cidade amada**. Teresina: COMEPI, 1977.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VAINFAS, R. Caminhos e descaminhos da história. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 441-449.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEYNE, P. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WEBER, E. **França Fin-de-Siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso**. São Paulo: EDUSP, 1994.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- FONTES

- Arquivos, Bibliotecas e Núcleos

ARQUIVO Público do Estado do Piauí

BIBLIOTECA da Universidade Federal de Pernambuco

BIBLIOTECA Cromwell de Carvalho do Estado do Piauí

BIBLIOTECA do Sindicato dos Jornalistas do Piauí

NÚCLEO de Documentação e Memória do Piauí – CCHL/UFPI

NÚCLEO de História Oral – NHÔ – CCHL/UFPI

- OBRAS PUBLICADAS À ÉPOCA

Periódicos / Jornais

ACORDO coletivo: sindicato versus patrão. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 5.

A FAMÍLIA Jofre Castelo Branco”. **O Dia**, Teresina, 20 dez. 1968, p. 5.

A IMPORTÂNCIA da poesia piauiense. **Retranca**, Teresina, maio/jun. 2002, p. 14.

ALBERTO Silva é o pai dos utopistas no Piauí. Na literatura somos nós. Teresina, **Reporthier**, 31 mar. 1995, p. 10.

A LUTA é de todos. **Retranca**, 2 a 14 de maio de 1989, S/P.

- A MAIOR vergonha. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 2.
- ANTONIO José Medeiros. Teresina, **Retranca**, 11 jan. a 13 fev. 1995, p. 3-13.
- A PRIMEIRA viagem do trem locomotiva. **O Dia**, 6 dez. 1968, p. 1; 4.
- ACESSO à Nova Ponte Timon-Teresina. **O Dia**, Teresina, 3 set., p. 1.
- ASSESSOR de Imprensa. **Retranca**, Teresina, 2-14 de maio 1989, s/p.
- AS CALAMIDADES do Nordeste. **O Dia**, Teresina, 2 abr. 1985, p. 4.
- ADMINISTRAÇÃO Wall Ferraz. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975, p. 7.
- APOIO das entidades é decisivo. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 6.
- A. TITO Filho: relator do código de ética. **Retranca**, Teresina, 2 e 14 de maio 1989, s/p.
- ATO pela nova lei de imprensa. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 2.
- AUTOMÓVEIS em Teresina. **O Dia**, Teresina, 30 ago. 1972, p. 1.
- AVENIDA Frei Serafim. **O Dia**, Teresina, 9 ago.1972, p. 1.
- AVENIDAS de integração. **O Dia**, Teresina, 16 jul. 1974, s/p.
- AVE Wall Ferraz! Teresina, **Reportther**, 31 mar. 1995, p. 2.
- A TITO Filho no Caderno de comunicação. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 2.
- BAIRRO Cristo Rei: Ação Cultural. **O Dia**, Teresina, 20 ago. 1972, p. 3.
- BAIRRO Poty Velho: problemas e história. **O Dia**, Teresina, 21 dez. 1968, s/p.
- BAIRRO Socopo: Joel Ribeiro inaugura obras. 13 ago. 1974, s/p.
- BAIRRO Vermelha com gang da erva. **O Dia**, Teresina, 19 ago. 1972, p. 3.
- BAIROS problemáticos: Três Andares, Cidade Nova, Monte Castelo **O Dia**, Teresina, 22 ago. 1974, p. 2.
- BANCO do Brasil homenageia Teresina. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975.
- BNH: Banco Nacional de Habitação. **O Dia**, Teresina, [s/d], dez. 1968, s/p.
- CÂMARA terá o seu comitê de imprensa. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. s/p.
- CÂMARA faz sessão solene para apoiar jornalistas. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 4.
- CASAS Populares e as mensalidades. **O Dia**, Teresina, 4 ago. 1972, p. 3.
- CASA de anciã desaba após uma forte chuva. **O Dia**, Teresina, 2 abr. 1985 p. 4.

- CASEBRES substituídos e destruídos. **O Dia**, Teresina, 23 jul. 1974, p. 2.
- CARTA aberta de Teresina. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 3.
- CENTRO de Formação de Atletas. **O Dia**, Teresina, 3 ago. 1972, p. 1.
- CLASSES Produtoras e seus associados. **O Dia**, Teresina, 19 dez.1968, s/p.
- CLUBE da imprensa é meta do sindicato. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 3.
- COMPLEXO Urbanístico prédio da Cepisa. **O Dia**, Teresina, 13 ago. 1974 (Caderno 2), s/p.
- COMUNICAÇÃO é poder. **Retranca**, Teresina, mar. 2000, p. 9.
- COMUNICAR exige responsabilidade. Teresina, maio/jun. 2003, p. 7.
- COMISSÃO de ética analisará novos pedidos de registros. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 3.
- CONSTITUINTE termina com censura no país. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 11.
- CONQUISTADO 1º acordo coletivo. **Retranca**, Teresina, 11 jun. a 25 abr. 1989, p. 6.
- CONSCIÊNCIA Comunitária. **O Dia**, Teresina, 28 jul.1970, p. 1.
- CONCURSO PT de Reportagem tem comissão. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 6.
- CONCURSO Paulo de Tarso terá novos prêmios. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 3.
- CONSTRUÇÃO da ponte da Tabuleta. **O Dia**, Teresina,12 ago. 1970, p. 1.
- CONSTRUÇÃO de novas avenidas. **O Dia**, Teresina, 20 jul. 1974, p. 5.
- CONSTRUÇÃO do Terminal de Petróleo\automóveis. **O Dia**, Teresina,10 jul. 1974, p. s/p.
- CONVERSAÇÃO na Praça. **O Dia**, Teresina, 11 ago. 1972, p. s/p.
- COPLAN. **O Dia**, Teresina, 6 dez. 1968, p. 2.
- CORRIDA de Bicicletas. **O Dia**, Teresina, 5 set. 1972, p. 7.
- CRIAÇÃO do Distrito Industrial de Teresina **O Dia**, Teresina, 19 jul. 1969, p. 10.
- CRUZAMENTO da Frei Serafim. **O Dia**, Teresina, 18 jul. 1974, p. 12.
- CULTURA no jornalismo – ascensão e queda. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 3.
- DETRAN e novas avenidas. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975, p. 9.
- DECLARE seu amor por Teresina. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 6.
- DEBATE democrático. **Retranca**, Teresina, maio 1997, p. 12.

- DEFESA civil fará vacinação em massa nas áreas alagadas. **O Dia**, Teresina, 2 abr. 1985, p. 6.
- DEMOCRATIZAR a TV, um sonho a mais? **O Dia**, Teresina, 7 abr. 1985 p. 10.
- DESABRIGADOS reclama de desconforto nas barracas. **O Dia**, Teresina, 6 abr. 1985, p. 2.
- DESABRIGADOS vão receber donativos da Cruz Vermelha. **O Dia**, Teresina, 7 abr. 1985, p. 2.
- DIA da Imprensa. **Retranca**, Teresina, 28 a 30 abr. 1989, p. 3.
- DIA da imprensa. **Retranca**, Teresina, abr. 1991, p. 8.
- DIA da imprensa começou com livro de Dimenstein. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 10.
- DIA Nacional da Imprensa. Qual a data comemorativa? **Retranca**, Teresina, set. 1999, p. 1.
- DISCURSO de Heráclito Fortes. **Retranca**, Teresina, 11 25 jun./abr. 1989, p. 5.
- EDIFÍCIO da Receita Federal/Marcas do progresso. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1974, p. 1.
- EDITORES lançam nota de apoio. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 6.
- EDIFÍCIO Otávio Miranda. **O Dia**, Teresina, dez. 1968, p. 4.
- ENCHENTES já desabrigam mais de 20 mil no Piauí. **O Dia**, Teresina, 2 abr. 1985, p. 2.
- ENTREVISTA: A Tito Filho. **Retranca**, Teresina, 28 a 30 abr. 1989, p. 4-5.
- ENTREVISTA com o prefeito Aroldo Borges. **O Dia**, Teresina, 2 ago.1970, p. 1.
- ESTÁDIO Futebol Albertão: inauguração em 20 meses. **O Dia**, Teresina, 11 ago. 1972, p. 12.
- ESSA é pra escrever no rádio. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 2.
- EXPANSÃO imobiliária – loteamento Bairro dos Noivos. **O Dia**, Teresina, 29 jul. 1970.
- EXPOSIÇÃO fotográfica. **O Dia**, Teresina, 20 jul. 1974, s/p.
- FALEM mal, mas falem de mim. **Retranca**, Teresina, 11 25 jun./abr. 1989, p. 5.
- FALTA Lazer no Bairro Poty Velho. **O Dia**, Teresina, dez. 1968, S/P.
- FAVELA Bananeiras tem dias contados para seu final. **O Dia**, Teresina, 13 set. 1975, S/P.
- FELAP defende ação. Teresina, maio/jun. 1996, p. 11.
- FUNDAÇÃO de Teresina. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975, p. 3.
- FUNDO de Greve. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 6.

- GINCANA automobilística, 12 dez. Teresina, 1968, p. 4.
- GOVERNO pede ajuda do povo para desabrigados. **O Dia**, Teresina, abr. 1985, p. 10.
- GREVE para a TV Antena 10. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 2-3.
- GREVE Recupera data base. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 3.
- GRUPO Claudino do telex ao sindicato. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 5.
- HISTÓRIA da imprensa no Piauí. **Retranca**, Teresina, set. 1999, p. 6.
- HOMENAGEM da Cepisa aos 120 anos de Teresina. **O Dia**, Teresina, 15 ago. 1972, p. 4.
- ILUMINAÇÃO `vapor de Mercúrio na Av. Miguel Rosa. **O Dia**, Teresina, 21 jul. 1974, S/P.
- IMOBILIÁRIA Terra e progresso. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1971, s/p.
- IMPrensa competente. **Retranca**, Teresina, maio 1997, p. 12.
- IMPrensa piauiense: que o povo se orgulhe da nossa história. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 6-7.
- IMPrensa. **Retranca**, Teresina, 11 jun./25 abr. 1989, p. 7.
- RETRANCA, Teresina, 28 a 30 abr. 1989, p. 3.
- INAUGURAÇÃO do posto ESSO. **O Dia**, Teresina, 1 ago. 1970.
- INAUGURAÇÃO do Teresina Hotel. **O Dia**, Teresina, 7 ago. 1974, p. 5.
- INDUSTRIALIZAÇÃO. **O Dia**, Teresina, 20 dez. 1968, s/p.
- JORNAL homenageia empresários. **O Dia**, Teresina, 1 ago. 1970, p. 1.
- JORNALISMO no Serviço Público. **Retranca**, Teresina, abr./maio 1993, p. 8.
- JORNALISTAS aceitam desafio – entram no 10º dia de greve. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 6-7.
- JORNALISTAS em greve. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 6-7.
- JORNALISTAS saem na frente. **Retranca**, Teresina, 11 jun. 25 abr. 1989, p. 10.
- JORNALISTAS criam Fundação Carlos Castelo Branco no PI. **Retranca**, Teresina, abr./maio de 1993, p. 11.
- JORNALISMO 1. **Retranca**, Teresina, dez.88 / jan.89, p. 4.
- JORNALISMO 2. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 7.
- JORNALISMO, 3. **Retranca**, 2 a 14 maio 1989, s/p.

- JORNALISTAS aprovam nova regulamentação profissional. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 8.
- JORNALISTA anuncia livro de memórias. Teresina, ago. 1996, p. 4.
- JORNALISTAS participam da Constituinte Estadual. **Retranca**, Teresina, 28 a 30 abr. 1989, s/p.
- JORNALISTA volta a luta por salário. **Retranca**, Teresina, abr. de 1991, p. 8.
- NORDESTE debate jornalismo. **Retranca**, Teresina, abr. de 1991, p. 8.
- NOSSA delegada de base. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun.1989, p. 5.
- MAIS de 31 mil pessoas desabrigadas. **O Dia**, Teresina, 11 abr. 1985, p. 2.
- MATAGAL cresce nas ruas. **O Dia**, Teresina, 30 ago. 1972, p. 1.
- MEMÓRIAS de moradores: Bairros Nova Brasília. Água Mineral, Porenquanto e Poty Velho. **O Dia**, Teresina, 6 ago. 1974, p. 3.
- MEMÓRIAS de Teresina – José Auto de Abreu. **O Dia**, Teresina, 13 ago.1971, s/p.
- MEMÓRIAS de Teresina. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1971, p. 3.
- MENSAGEM da Câmara Municipal. **O Dia**, Teresina, 15 ago. 1972, p. 8.
- MENSAGEM do Prefeito Joel Ribeiro. **O Dia**, Teresina, 17 ago. 1972, p. 5.
- MORREM quatro irmãos na cheia do Poti. **O Dia**, Teresina, 17 mar. 1985, p. 12.
- MULHER Pobre da Cidade. **O Dia**, Teresina, 18 ago. 1972, p. 1.
- NÃO podemos deixar cair a peteca. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 2.
- NÃO há censura no Piauí, garante Efrém Ribeiro. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 4-5.
- NEPOTISMO e Oligarquia. **Retranca**, Teresina, jun. 2004, p. 2.
- O CÓDIGO da COPLAN. **O Dia**, Teresina, 17 dez. 1968, p. 8.
- O ESTADO trinta dias de agonia. Teresina, **Reportther**, 31 mar. 1995, p. 22.
- O FANTASMA do desemprego. **Retranca**, Teresina, jun. 2004, p. 12.
- O FIM da Favela Mói de Varas. **O Dia**, Teresina, 7 jul. 1974, p. 1-5.
- O MORRO da Esperança ainda espera por tudo. **O Dia**, Teresina, 1 ago. 1972, p. 1.
- O MELHOR papo da cidade é nos Diários. **Retranca**, Teresina, 1 jan./13 fev. 1995, p. 16.
- “O OUTRO lado da história” é uma ameaça. **Retranca**, Teresina, ago. 1991 p. 7.

- O PIAUÍ na corrida ao computador. Teresina, **Reportther**, 31 mar. 1995, p. 20.
- O PAPEL social do jornalista. **Retranca**, Teresina, 28 a 30 abr. 1989, p. 7.
- O PIAUÍ no Quadro brasileiro e a SUDENE. **O Dia**, Teresina, 23 dez. 1968, p. 3.
- OS PRIMEIROS passos da imprensa alternativa. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 2.
- O BLOCO dos filhos PaUTA dá seu grito de guerra dia 21 de agosto, com feijoada, no clube da Adufpi. **Retranca**, Teresina, jul. 1999, p. 2.
- OSÓRIO, Jr. **Retranca**, Teresina, 11 a 25 jun.1989, p. 3.
- LIBERDADE de comunicação. Teresina, maio/jun. 2003, p. 2.
- MANTIDA obrigatoriedade do diploma. Teresina, ago. 1996, p. 3.
- PALÁCIO governamental. **Retranca**, Teresina, abr. 1991, p. 5.
- PALÁCIO de Karnak Reformado. **O Dia**, Teresina, 3 set. 1972, p. 3.
- PAULO Moura. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, s/p.
- PARNAÍBA e Poti repetem enchente de 74. **O Dia**, Teresina, 17 mar. 1985, p. 4.
- PARQUE Piauí enfrenta problemas, 13 ago. 1974, p. 2.
- PLANO de Habitação. **O Dia**, Teresina, 19 dez. 1968, s/p.
- PLANO Integrado Urbano e o Serviço de ônibus. **O Dia**, Teresina, 7 dez. 1968.
- POLÊMICA com o Cruzeiro da São Benedito. **O Dia**, Teresina, 23 ago. 1972, p. 1.
- POR um sindicato mais cultural. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 11.
- POR TABELA mostramos quanto ganhamos no PI. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 3.
- PRAÇA da Liberdade / Praça São Raimundo, 12 jul. 1974, p. 3.
- PRAÇA perde finalidade. **O Dia**, Teresina, 29 ago. 1972, p. 8.
- PRAÇAS de Teresina estão “órfãs”. **Retranca**, Teresina, 20 fev. 1992, p. 9.
- PRÉ-SINDICALIZAR é preciso. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p.10.
- PREFEITO inaugura novos calçamentos. **O Dia**, Teresina, 15 ago. 1972, p. 8.
- PREFEITURA abre inscrições para o concurso de reportagem Paulo de Tarso Moraes. Teresina, maio/jun. 1996, p. 7.
- PRÊMIO Piemtur de Jornalismo. **Retranca**, Teresina, 11 a 25 jun. 1989, p. 4.

- PROBLEMAS de saneamento / Bairros Zona Sul. **O Dia**, Teresina, 11 jul. 1974, p. 5.
- 1º DE DEZEMBRO novo dia da imprensa. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 5.
- PUBLICAR foto dá cadeia. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 7.
- IV ENCNTRO Estadual a todo vapor. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 3.
- V ENCONTRO dos Jornalistas alcança o sucesso esperado. **Retranca**, Teresina, abr./maio 1993, Capa.
- 40 ANOS de Jornalismo. **Retranca**, Teresina, jul. 1999, p. 6.
- 40 ANOS de Jornalismo. **Retranca**, Teresina, abr./maio 1993, p. 4.
- QUANDO a imprensa se encontra. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 5.
- QUANTO Custa Urbanizar o Nordeste. **O Dia**, Teresina, 30 ago. 1975, p. 12.
- QUEM foi que disse que é preciso navegar? **O Dia**, Teresina, 11 abr. 1985, p. 4.
- REFORMA da Praça da Bandeira. **O Dia**, Teresina, 7 de set. 1972, p. 1.
- REFORMA da Praça Marechal Deodoro. **O Dia**, Teresina, 25 ago. 1972, s/p.
- REFORMA do Palácio de Karnak. **O Dia**, Teresina, 25 ago. 1972, p. 1.
- REFORMA: Praça da Bandeira é cercada. **O Dia**, Teresina, 4 ago. 1972, p. 3.
- ROLEMBERG, abre encontro de jornalistas em Teresina. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, s/p.
- RECONHECIDO o curso de comunicação. **Retranca**, Teresina, 20 de fev. 1992, p. 5.
- REFLETINDO a imprensa do Piauí. Teresina, **Retranca**, 11 ago./13 fev./1995, p. 24.
- REGULAMENTAÇÃO do Imposto Predial Urbano. **O Dia**, Teresina, 8 dez. 1968, s/p.
- REGULAMENTO. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 6.
- RELATÓRIO, de atividades de 1988. **Retranca**, Teresina, 11 jun./25 abr. 1989, p.8.
- REPORTAGENS sobre Teresina dão prêmios a três jornalistas. **Retranca**, Teresina, abr. 1991, p. 2.
- RIOS transbordam e deixam mais famílias ao desabrigo. **O Dia**, Teresina, 17 mar. 1985, p. 2.
- REVISTA sindical. **Retranca**, Teresina, abr. 1991, p. 7.
- RUA Área Leão. **O Dia**, Teresina, 9 ago. 1974, p. 2.
- RUI Barbosa: imprensa e o dever da verdade. **Retranca**, 2 a 14 de maio de 1989, s/p.

- RUMOS da administração Wall Ferraz. **O Dia**, Teresina, 6 ago.1975, p. 4-5.
- SINDICATO dos jornalistas segue orientação da CUT. **Retranca**, Teresina, 5 abr. 1989, p. 7.
Retranca, Teresina, 5 abr. 1989, p. 7.
- SINDICATO promove fotopress. **Retranca**, Teresina, 11 jun./25 abr. 1989, p. 4.
- SINDICATO pede punição de policiais torturadores. **Retranca**, Teresina, maio 1997, p. 12.
- SINDICATO convoca provisionados com registros vencidos. Teresina, ago. 1996, p. 3.
- SÓ dói quando se perde o emprego. **Retranca**, Teresina, jan./set. 1988, p. 9.
- SOLUÇÃO de Problemas: Sudene e Linhas Férreas. **O Dia**, Teresina,12 dez. 1968, p. 3.
- SPRINGER, refrigeração, modernização. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1971. p. 5.
- TELEPISA homenageia Teresina. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975. p. 5.
- TÉORICOS e práticos. **Retranca**, Teresina, 11 a 25 jun. 1989, p. 2.
- TERESINA Cidade-moça: Edifício Otávio Miranda. **O Dia**, Teresina,15 dez. 1968, s/p.
- TERESINA e as grandes cidades. **O Dia**, Teresina, 8 ago. 1974, s/p.
- TERESINA e o Sesquicentenário. **O Dia**, Teresina, 7 set. 1972, s/p.
- TERESINA mais alta. **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1971, s/p.
- TERESINA vista de cima. **O Dia**, Teresina, 15 ago. 1972, p. 1.
- TRAGÉDIA no Poti - corpos de vítimas ainda desaparecidos. **O Dia**, Teresina, 2 abr. 1985, s/p.
- TERESINA vida que segue! **Retranca**, Teresina, ago. 1996, p. 2.
- VALEU a greve. **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 2.
- VITOR: jornalismo por amor. **Retranca**, Teresina, 11 jun. 25 abr. 1989, p. 7.
- VEMOSA, avenidas e automóveis. **O Dia**, Teresina, 2 ago. 1970, p. 7.
- VOZES da Cidade: administração Joel Ribeiro. **O Dia**, Teresina, 20 ago. 1972, p. 3.
- VOZES da cidade: Teresina das Serestas. **O Dia**, Teresina, 6 set. 1972, p. 7.
- VOZES da Cidade: Uma comemoração planejada. **O Dia**, Teresina, 3 ago. 1972, p. s/p.
- UMA lição nota 10. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 2.
- UMA campanha de emergência. **Retranca**, Teresina, 1 a 10 junho 1989, p. 2.
- UNIR para lutar mais. **Retranca**, 2 a 14 de maio de 1989, S/P.

WALL anuncia enquadramento profissional na prefeitura. **Retranca**, Teresina, abr./maio 1993, p. 5.

- DOCUMENTOS ORAIS

Carlos Said. Depoimento concedido em 2004. Teresina, História Oral\NUPEM-UFPI, 2004.

João Nunes. Entrevista concedida em 2005. Teresina, História Oral/NUPEM-UFPI, 2005.

José Gaudêncio da Cunha. Depoimento concedido em 2004. Teresina, História Oral\NUPEM-UFPI, 2004.

Mensagens de Governo - Arquivo Público do Estado do Piauí

PIAUI. Governador, 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1972. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1972.

PIAUI. Governador, 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1973. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1973.

PIAUI. Governador, 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1974. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1974.

PIAUI. Governador, 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1974. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1974.

PIAUI. Governador, 1983-1986 (Hugo Napoleão do Rego Neto). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Hugo Napoleão do Rego Neto, em 1º de março de 1986. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1986.

PIAUI. Governador, 1987-1990 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1987. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1987.

PIAUI. Governador, 1987-1990 (Alberto Tavares Silva). Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmº Sr. Governador do Estado, Alberto Tavares Silva, em 1º de março de 1988. **Livro de atos dos poderes Executivo e Legislativo**. Teresina: Tipografia do Piauí, 1988.

Atas de Reuniões - (Arquivo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí)

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 08 de março de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 05 de abril de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 10 de maio de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 15 de outubro de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 18 de outubro de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 25 de outubro de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 01 de novembro de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 06 de dezembro de 1975. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 11 de setembro de 1976. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 18 de setembro de 1977. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 24 de setembro de 1977. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 02 de setembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 14 de setembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 18 de setembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 25 de novembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 27 de novembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 25 de dezembro de 1978. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 01 de maio de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 15 de junho de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 25 de junho de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 28 de junho de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 07 de julho de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 17 de novembro de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 04 de dezembro de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 04 de dezembro de 1979. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 02 de janeiro de 1980. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 08 de março de 1980. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 15 de julho de 1980. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

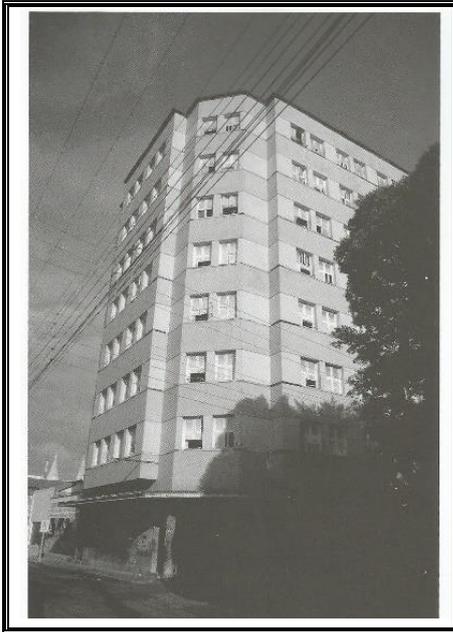
SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 13 de setembro de 1980. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

SINDJOR-PI. Ata da Reunião da Assembleia Geral dos Jornalistas profissionais do Piauí, 15 de novembro de 1980. Fundo do Acervo do Sindicato dos Jornalistas do Piauí.

ANEXOS

Anexo a – Ilustrações

Figuras 1 e 2 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 38.



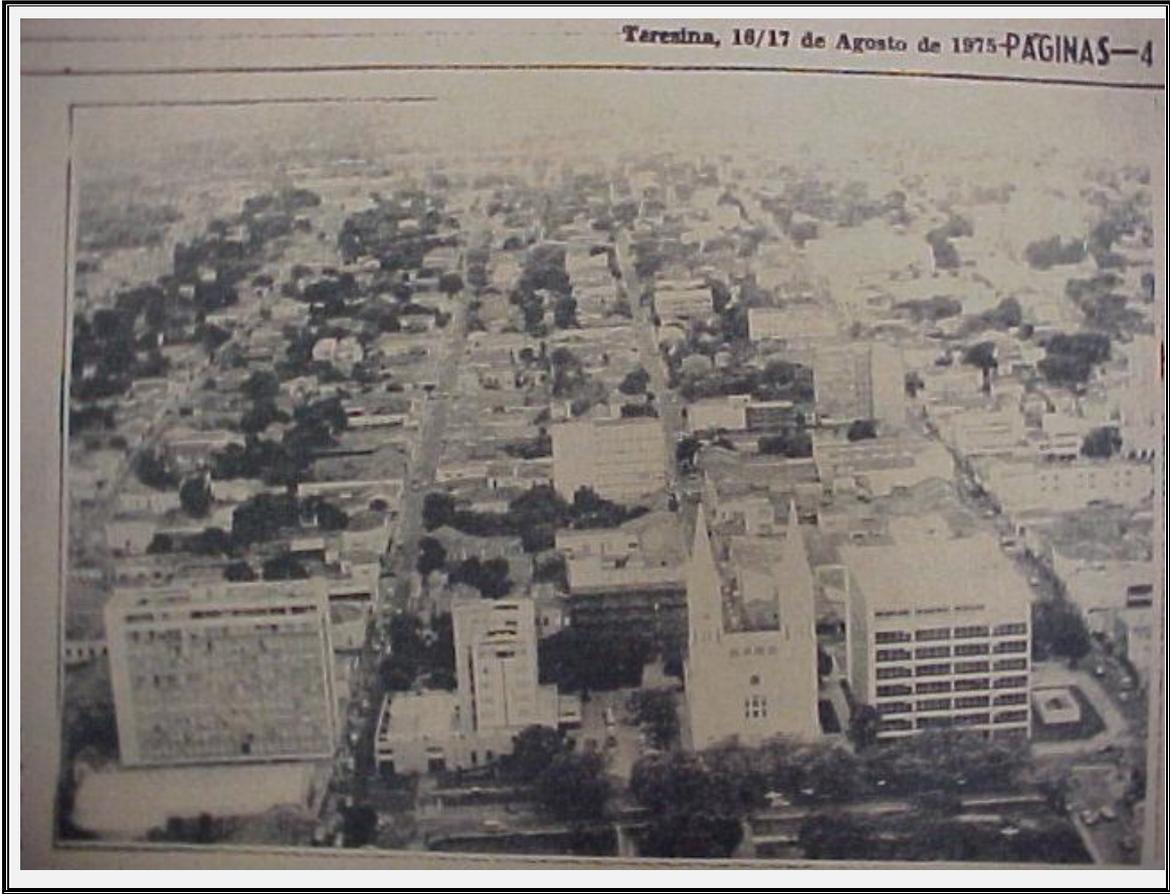
Fonte: AFONSO & FEITOSA, Teresina, 2010. p. 38, p. 39.

Figura 3 - Concurso de Reportagens



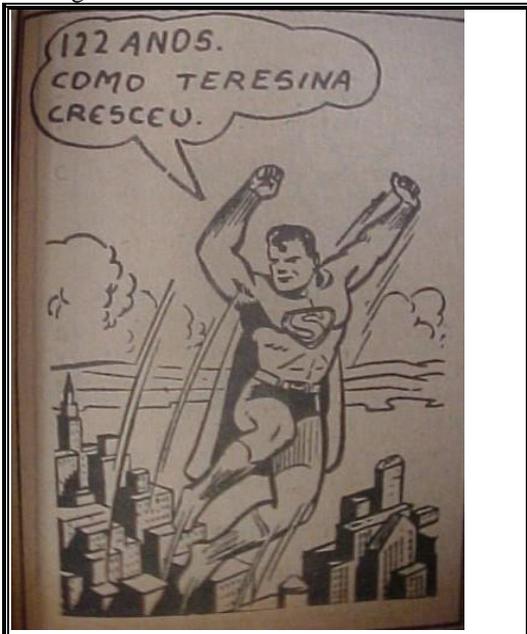
Fonte: O Dia, Teresina, 25 fev. 1954, p. 4.

Figura 4 - Vista panorâmica de Teresina, 16-17 ago. 1975



Fonte: **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975, p. 4.

Figura 5 - Encarte Folha da Mãe Ana



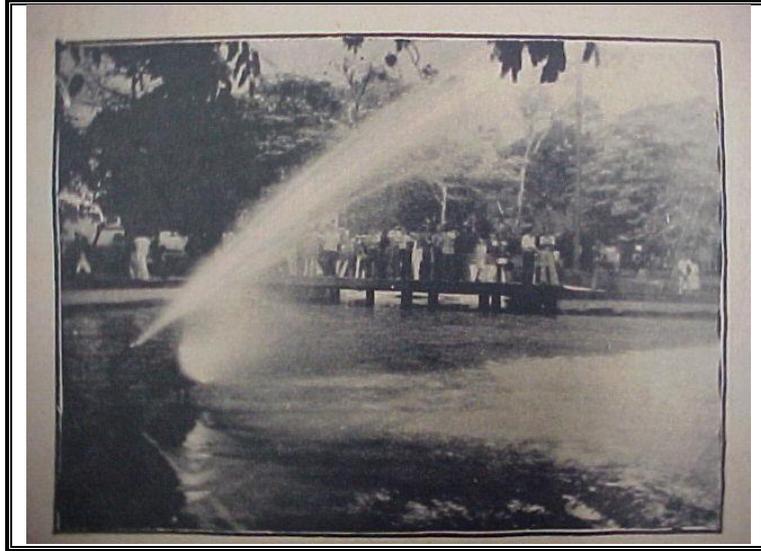
Fonte: **O Dia**, Teresina, 18 ago. 1975, p. 1.

Figura 6 - Visão aérea da Praça Da Costa e Silva



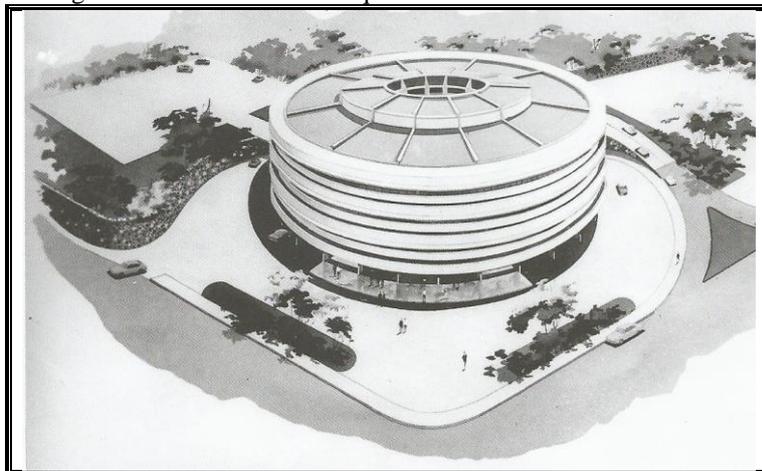
Fonte: **O Dia**, Teresina, 16 ago. 1975, p. s/p.

Figura 7 - Chafarizes da Praça Da Costa e Silva



Fonte: O Dia, Teresina, 16 ago. 1975, s/p.

Figura 8 - Documentos de arquitetura moderna



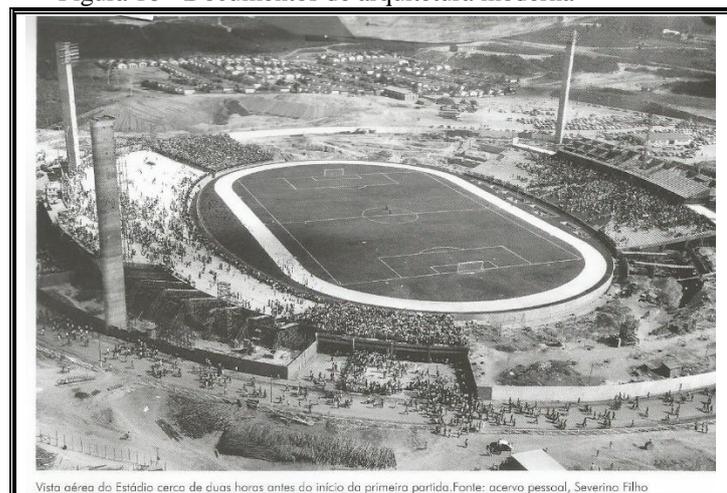
Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010. p. 242. Planta original da Praça da Costa e Silva.

Figura 9 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: Afonso, & Feitosa, Teresina: Halley, 2010. p. 105.

Figura 10 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 106.

Figura 11 - Documentos de arquitetura moderna



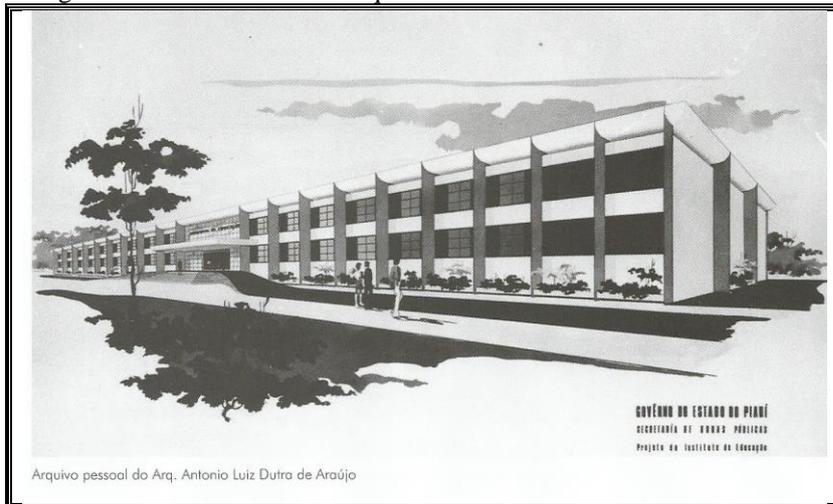
Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 231.

Figura 12 - Documentos de arquitetura moderna



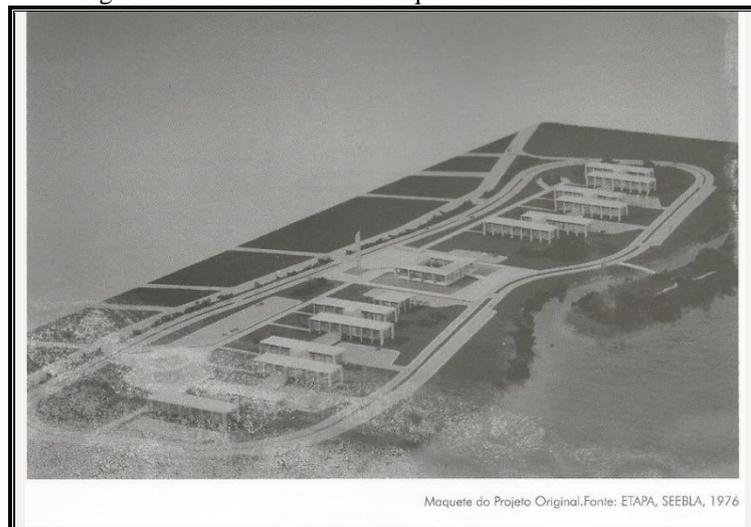
Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 231.

Figuras 13 - Documentos de arquitetura moderna



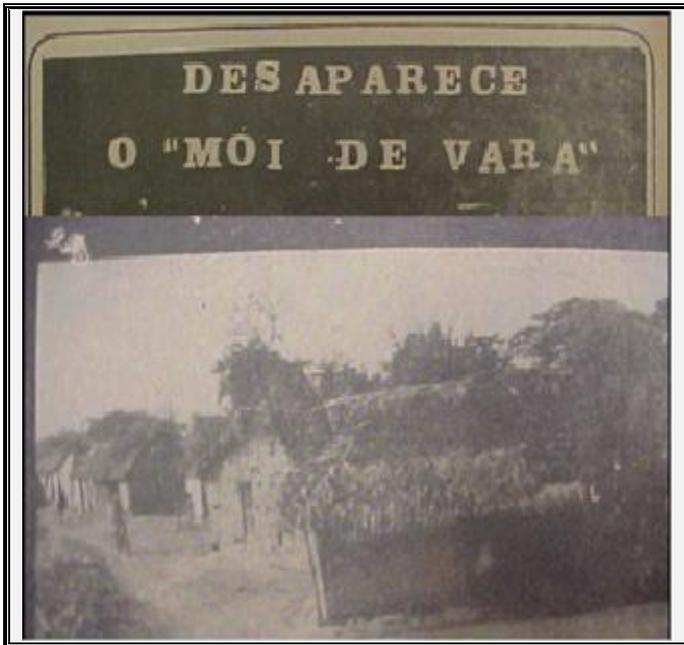
Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 268.

Figuras 14 - Documentos de arquitetura moderna



Fonte: Afonso & Feitosa, Teresina, 2010, p. 127.

Figura 15 - Desaparece o "Mói de Vara"



Fonte: **O Dia**, Teresina, 30 jul. 1974, p. 3.

Figura 16 - Elaborado o Programa do Aniversário da Cidade



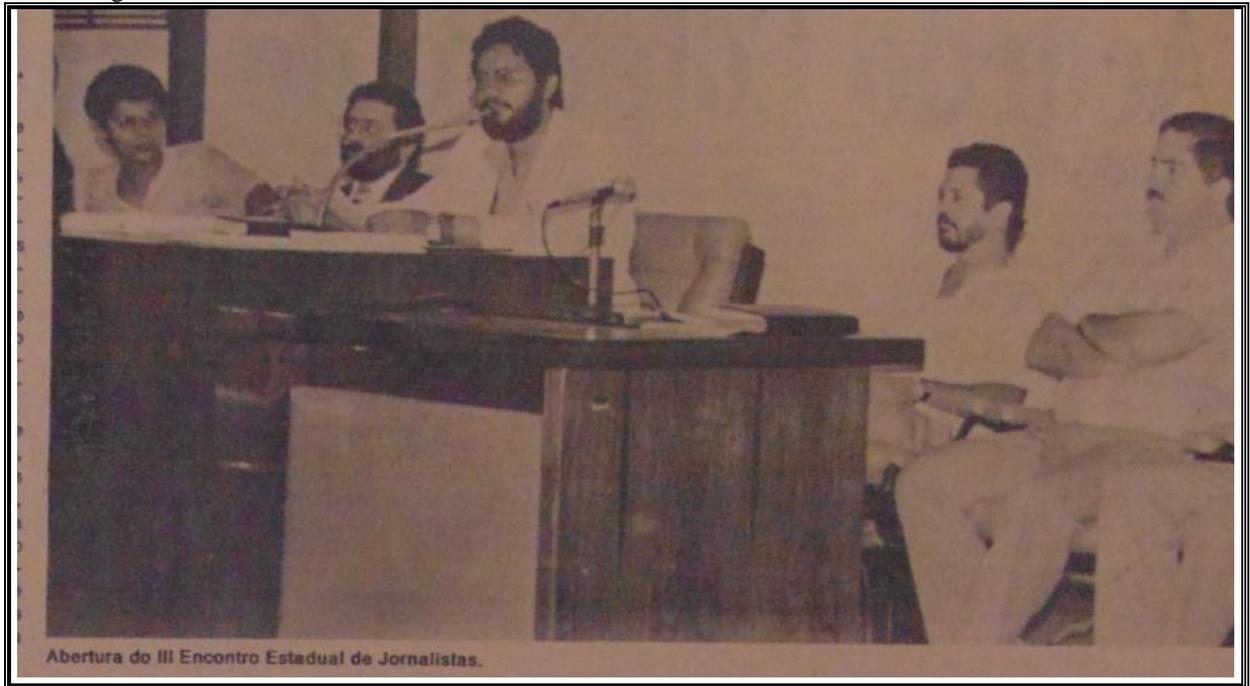
Fonte: **O Dia**, Teresina, 30 ago. 1974, p. 5.

Figura 17 - Abertura do Terceiro Encontro de Jornalistas do Piauí



Fonte: Teresina, **Retranca**, jan./set. 1988, capa.

Figura 18 - Abertura do III Encontro de Jornalistas do Piauí



Fonte: Teresina, **Retranca**, jan./set. 1988, capa.

Figura 19 - IV Encontro de Jornalistas do Piauí.



Fonte: **Retranca**, Teresina, 1989, p. 7.

Figura 20 - Humor e Economia - Paulo Moura



Fonte: **Retranca**. Teresina, 1 a 10 jun. 1989, p. 2.

Figura 21 - Greve da TV Antena 10



Fonte: **Retranca**, Teresina, 1 a 10 jun. 1989. Capa.

Figura 22 - Resultado da Greve



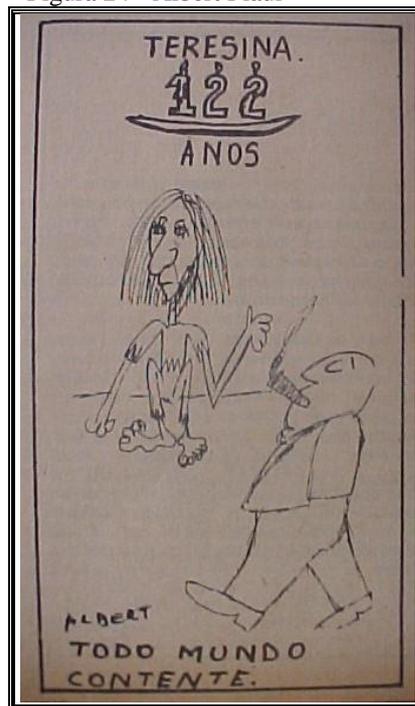
Fonte: **Retranca**, Teresina, 1 a 10 abr. 1992, p. 4.

Figura 23 - Paulo Moura



Fonte: Retranca, Teresina, 1 a 10 jun. 1989, ano III, n. 9.

Figura 24 - Albert Piauí



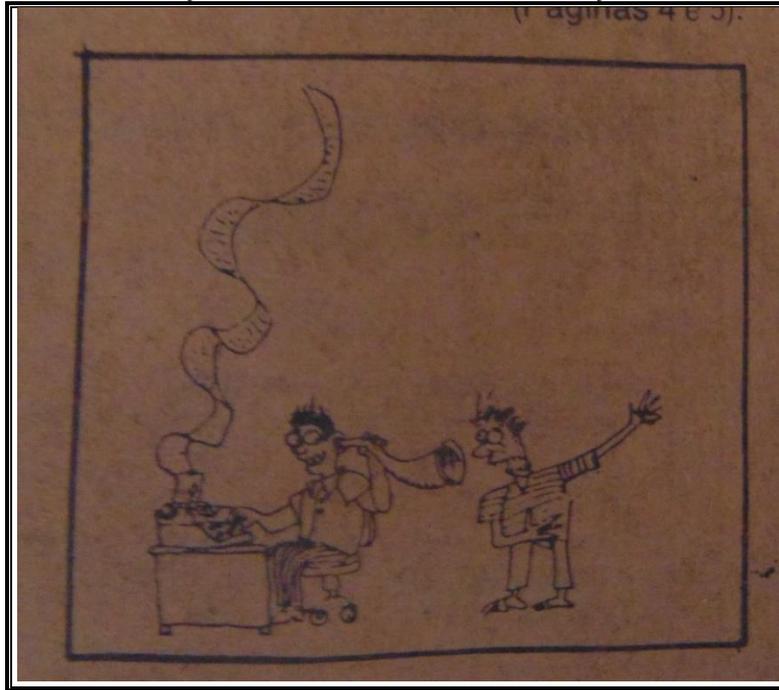
Fonte: **O Dia**,
Teresina, 18 ago. 1974, p. 1.

Figura 25 - Opções Culturais para Teresina



Fonte: **Retranca**, Teresina, dez. 1988 / jan. 1989, n. 3, p. 10.

Figura 26 - Paulo Moura ilustra chefe de redação atormentando o jornalista, invadindo a autonomia dos jornalistas



Fonte: **Retranca**, Teresina, ano III, n. 3, jan./set. 1988, p. 4-5.

Figura 27 - Paulo Moura



Fonte: **Retranca**, Teresina, 1-25, jun. 1989, n. 10, p. 3.

Figura 28 - Capa do Jornal Retranca



Fonte: **Retranca**, Teresina, abr. 1992.

Figura 29 – Assembleia-Geral discute contrapropostas das empresas



Fonte: **Retranca**, Teresina, abr. 1992, p. 4.